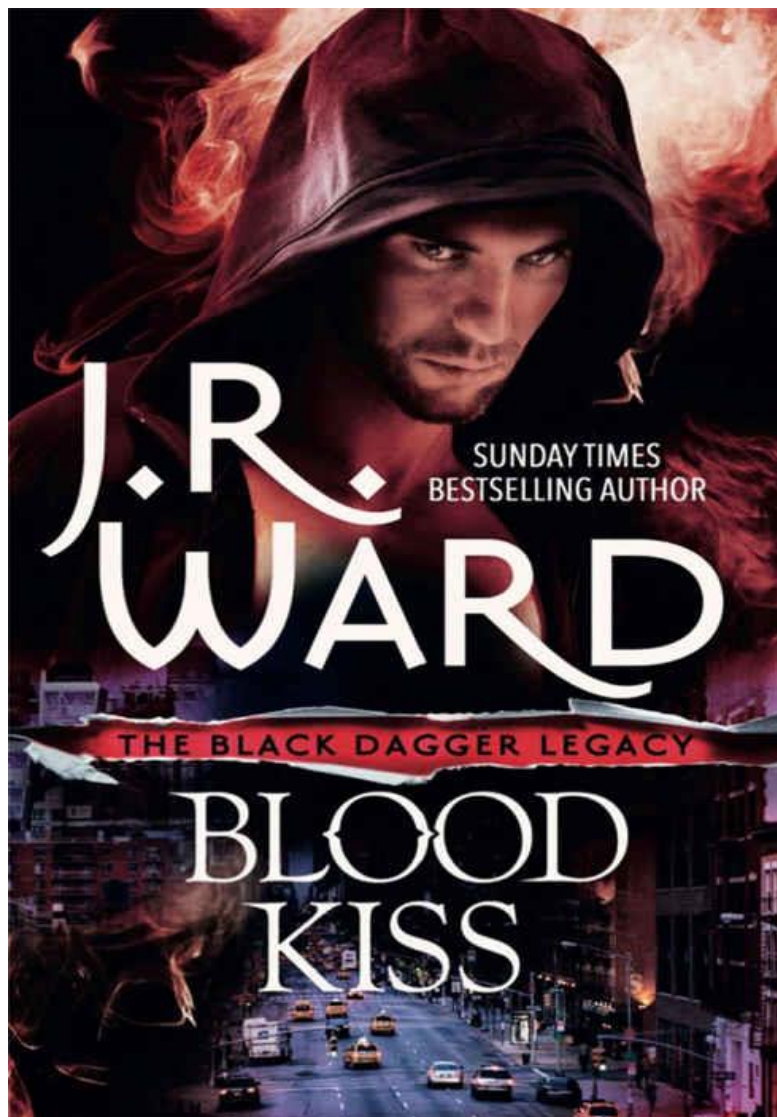


J. R. Ward - The Black Dagger Legacy 01 - Beijo de Sangue





Paradise, a filha de sangue do Primeiro Conselheiro do Rei, está pronta para se libertar da vida restritiva de uma fêmea da aristocracia. Sua estratégia? Juntar-se ao Programa do Centro de Treinamento da Irmandade da Adaga Negra e aprender a lutar por si mesma... ser ela mesma. Este é um bom plano, até que tudo dá errado. A escola é incomensuravelmente difícil, os outros recrutas parecem muito mais inimigos que aliados, e está muito claro que o Irmão em comando, Butch O'Neal, também conhecido como O Dhestroyer, está tendo sérios problemas em sua própria vida.

E isso é antes que ela se apaixone por um colega de classe. Craeg, um civil comum, não é nada que seu pai um dia iria querer para ela, mas tudo que poderia pedir em um macho. Enquanto um ato de violência ameaça dividir o programa inteiro e a atração sexual entre eles cresce até se tornar irresistível, Paradise é testada de maneiras que ela nunca antecipou — e ficou se perguntando se era forte o suficiente para reivindicar seu próprio poder... no campo e fora dele.

CAPÍTULO UM

Casa de Audiências do Rei, Caldwell, NY

Algumas formaturas aconteciam em particular.

Alguns destes marcos importantes, que assinalavam o próximo estágio da vida, não exigiam beca, capelo ou orquestras tocando a humana “Pompa e Circunstância”. Não havia palco a atravessar ou diploma a pendurar na parede. Também não havia testemunhas.

Algumas formaturas são marcadas pelo simples e pelo cotidiano, aquele ato nada especial — tipo uma pessoa estendendo a mão para apertar o botãozinho azul no canto inferior direito da tela do computador. Uma ação tão mundana, feitas tantas vezes no decorrer de uma semana, um mês, um ano — no entanto, em um particular momento, ocorria uma grande divisão entre antes e o depois.

Ao se sentar na cadeira de escritório, Paradise, filha de sangue de Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, Rei dos vampiros, encarou a — tela agora escura — à sua frente. Incrível. A noite pela qual tinha esperado tanto estava quase chegando.

Pela maior parte das últimas oito semanas o tempo tinha se arrastado, mas nas duas últimas noites as coisas tinham se acelerado. De repente, depois de sofrer pela espera de sete mil horas até a lua nascer, sentiu vontade de desacelerar tudo de novo.

Agora, seu primeiro emprego era coisa do passado.

Olhando para além da mesa, moveu alguns centímetros o telefone do escritório — então moveu o aparelho de volta para onde estivera antes. Endireitou a cúpula de vidro colorido do abajur da Tiffany. Verificou se as canetas azuis estavam em um porta-canetas separado das vermelhas. Passou a mão sobre o mata-borrão limpo e no topo do monitor.

A sala de espera estava vazia, as cadeiras de seda desocupadas, as revistas organizadas nas mesinhas laterais, as bebidas servidas pelos *doggen* àqueles que tinham vindo, tudo foi limpo.

O último civil saíra há cerca de trinta minutos. O amanhecer seria em mais ou menos duas horas. No final das contas, era um final normal para uma noite de trabalho duro, a hora em que ela e o pai voltariam à propriedade da família para desfrutar de uma ceia cheia de conversas, planos e respeito mútuo.

Paradise se inclinou para frente e olhou pela arcada do salão. Do outro lado do vestíbulo, as portas duplas que levavam ao que, antigamente, era a sala de jantar formal da mansão, estavam fechadas.

É, apenas uma noite normal exceto pela muito anormal reunião que se desenrolava lá: assim que a última audiência tinha acabado, seu pai foi chamado à câmara de audiências e aquelas portas se fecharam totalmente.

Ele estava lá com o Rei e dois membros da Irmandade da Adaga Negra.

— Não faça isto comigo — disse ela. — Não tire isto de mim.

Paradise se levantou e começou a perambular voltando a endireitar revistas, afofando almofadas que não precisavam ser afofadas, parando na frente da pintura a óleo de um rei francês.

Dirigindo-se à arcada, olhou para as portas fechadas da sala de jantar e ouviu o martelar do próprio coração.

Erguendo as mãos, tateou os calos em suas palmas. Não eram devido a seu trabalho aqui para seu pai e a Irmandade pelos últimos meses, organizando e registrando problemas, soluções e atualizações. Não, pela primeira vez em sua vida ela andara malhando. Puxando ferro. Correndo em esteiras. Fazendo StairMaster. Flexões, abdominais, agachamentos. Aparelhos ergométricos.

Antes ela não sabia nem o que aparelhos ergométricos eram.

E tudo em preparação para a noite de amanhã.

Desde que aquele grupo de machos, na sala de audiências do Rei, não estivesse tirando aquilo dela.

Amanhã à meia-noite ela devia se juntar à, sabe a Virgem Escriba quantos, machos e fêmeas em um local secreto — onde ela ingressaria no programa de treinamento para soldados da Irmandade da Adaga Negra.

Era um bom plano — algo que ela tinha decidido lutar para obter, uma chance de ser independente, chutar alguns traseiros e provar para si mesma que era mais do que somente bem-nascida. O problema? Filhas de puro-sangue da *glymera*, especialmente frutos de uma das Famílias Fundadoras, não treinavam para se tornar soldados. Não manuseavam facas ou armas. Não aprendiam a lutar ou a se defender. Nem mesmo sabiam o que era um *lesser*.

Elas nem mesmo se *associavam* a soldados.

Filhas como ela eram treinadas em bordado, música clássica e canto, etiqueta e na administração de enormes mansões cheias de *doggen*. Delas era esperado conhecer o complicado calendário social e os ciclos de festivais, manter-se atualizadas em relação à última moda em roupas e saber a diferença entre Van Cleef & Arpels, Boucheron e Cartier. Elas deviam ser enclausuradas, protegidas e apreciadas como joias.

A coisa mais perigosa que lhes era permitido? Procriar. Com um *hellren* escolhido pela família para assegurar a santidade da linhagem.

Era um milagre que seu pai tivesse lhe permitido tomar parte nisto.

Evidentemente, ele não tinha apoiado quando ela inicialmente decidira lhe mostrar o formulário — mas mudara de opinião e deixou-a se inscrever no programa: os ataques de alguns anos antes, quando tantos vampiros foram mortos pela Sociedade Lessening, provara que Caldwell, Nova York, podia ser um lugar muito perigoso. E ela dissera a ele que não queria sair às ruas para lutar na guerra. Só queria aprender a se defender.

Seu pai tinha mudado de ideia quando ela deixou bem claro que faria de tudo para se manter em segurança.

A verdade era que só queria algo que fosse dela. Uma identidade que viesse de outro lugar além do direito de nascença que foi forçado a ela.

Além do mais, Peyton disse que ela não conseguiria.

Por ser uma fêmea.

Foda-se.

Paradise olhou novamente para aquelas portas fechadas.

— Vamos lá...

Andando em círculos, eventualmente chegou até o vestibulo, não querendo chegar muito perto do local onde os machos estavam reunidos — como se isso pudesse trazer má sorte.

Deus, do que tanto falavam?

Geralmente o Rei ia embora assim que acabava a última audiência da noite. Se ele e a Irmandade tivessem algum assunto específico ou coisas sobre a guerra para lidar, seria discutido na residência da Primeira Família, um local tão secreto que nem mesmo o seu pai jamais foi convidado a ir até lá.

Então sim, isto tinha de ser sobre ela.

De volta à área de espera, voltou à mesa e contou as horas em que havia se sentado ali. Só estava no emprego há alguns meses, mas gostava do serviço — até certo ponto. Em sua ausência, desde que conseguisse entrar no programa de treinamento da IAN, uma prima assumiria, e ela passara as últimas sete noites mostrando as tarefas à garota, esclarecendo procedimentos que a própria Paradise havia instituído, certificando-se de que a transição ocorresse de forma tranquila.

Sentando-se novamente na cadeira, abriu a gaveta do meio e pegou o formulário de inscrição — como se aquilo pudesse, de alguma forma, garantir que tudo aquilo ainda iria acontecer.

Com o papel nas mãos, perguntou-se quem mais estaria na orientação amanhã... E se lembrou do macho que tinha aparecido na casa de audiências buscando por uma versão impressa do formulário.

Alto, ombros largos, voz profunda. Usava um boné de beisebol do Syracuse e calças jeans muito gastas do que parecia ser trabalho árduo.

A comunidade de vampiros era pequena e ela nunca o tinha visto — mas talvez ele fosse só um civil? Outra mudança no programa de treinamento. Antes somente machos da aristocracia eram convidados para trabalhar com a Irmandade.

Ele dissera seu nome, mas não apertara sua mão.

Craeg. Era só o que sabia.

Mas ele não fora rude. De fato, ele demonstrara apoio ao saber que ela também se inscreveria.

Ele também fora... cativante de um jeito que a deixou meio chocada — a ponto de ter esperado semanas para ver se ele voltaria para entregar o formulário preenchido. Ele não voltara. Talvez tivesse enviado uma cópia digitalizada via internet mesmo.

Ou talvez tivesse decidido, no final das contas, não tentar o programa.

Parecia loucura sentir-se decepcionada por talvez jamais voltar a vê-lo.

Quando seu celular tocou com um ruído, ela pulou e pegou a coisa. Peyton. De novo.

Ela devia encontrá-lo na orientação amanhã à noite — e não estava com a menor vontade. Depois da briga a respeito dela se juntar ao programa, deu um basta naquela amizade.

Mas também, e se a Irmandade estivesse criando empecilhos lá com o seu pai? Aquela indignação justa que sentiu a respeito do cara passaria a ser discutível. Mas vamos lá, eles permitiram às fêmeas que se inscrevessem.

O problema era que ela não era uma fêmea “normal”.

Puta que o pariu, não sabia o que faria se seu pai desse pra trás agora. Claro que a Irmandade não esperaria até o último minuto para lhe negar a chance.

Certo?

Do outro lado da cidade, Marissa, *shellan* emparelhada do Irmão *Dhestroyer* da Irmandade da Adaga Negra, também conhecido por Butch O’Neal, sentou-se na cadeira de seu escritório no Lugar Seguro. Quando a coisa soltou um rangido, batucou a caneta Bic no mata-borrão calendário e mudou o receptor do telefone para o outro ouvido.

Cortando o fluxo interminável de verborragia, ela disse.

— Bem, aprecio de verdade o convite, mas não posso...

A fêmea do outro lado não se deu por vencida. Apenas continuou a falar, sua entonação aristocrática sugando toda a banda — até que se fosse de estranhar que o código postal inteiro não entrasse em sobrecarga.

—... e você pode entender por que precisamos de sua ajuda. Este é o primeiro Baile do Festival do Décimo-Segundo Mês que é organizado desde os ataques. Como a *shellan* de um Irmão e membro de uma das Famílias Fundadoras, você seria a anfitriã perfeita para o evento...

Dando outra chance ao seu *não*, Marissa cortou.

— Não sei se a senhora sabe, mas eu trabalho em tempo integral como diretora do Lugar Seguro e...

—... e seu irmão disse que você seria uma boa opção.

Marissa se calou.

Seu primeiro pensamento foi achar altamente improvável que Havers, médico da raça e seu parente mais próximo muito, muito, muito distante, tivesse dado alguma recomendação sobre ela para algo além que uma morte precoce. O segundo foi mais na linha de um cálculo... Quanto tempo fazia que não falava com ele? Dois anos? Três? Não desde que ele a expulsou de casa, cinco minutos antes de um amanhecer qualquer, ao descobrir que ela estava envolvida com um reles humano.

Que na realidade tinha acabado por se provar ser primo de Wrath e a encarnação da lenda do *Dhestroyer*.

E que tal lhe pareço agora? ela ouviu em sua mente.

— Então você simplesmente *precisa* presidir o evento — concluiu a fêmea. Como se encerrasse a negociação.

— Perdoe-me — Marissa pigarreou. — Mas meu irmão não está em posição de proferir meu nome para nada, já que não nos falamos mais.

Quando não houve resposta além de um pesado silêncio pela conexão, decidiu que devia ter começado a lavar a roupa suja da família há mais de dez minutos atrás: membros da *glymera* deviam observar rígidos códigos de conduta — e expor a rachadura colossal em uma linhagem, mesmo que fosse pública e notória, era algo que simplesmente não se devia fazer.

Era muito mais apropriado e aceitável que se fofocasse a respeito pelas costas dos envolvidos.

Infelizmente, a fêmea se recuperou e mudou de tática.

— Em todo caso, é de importância vital para todos os membros de nossa classe que retomemos os festivais...

Uma batida na porta de sua sala atraiu o olhar de Marissa.

— Sim?

Ao telefone, a fêmea disse.

— Maravilha! Venha à minha casa...

— Não, não. Estão me chamando aqui — ela falou mais alto. — Entre.

No momento em que viu a expressão no rosto de Mary, praguejou. Não eram boas notícias. A *shellan* de Rhage era uma perfeita profissional, então para que tivesse aquela expressão? Devia ser um problema e tanto...

Aquilo era *sangue* na blusa dela?

Marissa abaixou a voz e largou a polidez de lado.

— Minha resposta é não. Meu emprego exige atenção em tempo integral. Além disto, se a senhora está assim tão dedicada ao projeto, devia assumir o posto. Adeus.

Pondo o telefone de volta no receptor, ela se levantou.

— O que aconteceu?

— Temos uma recém-chegada que necessita cuidados médicos urgentes. Não consigo falar com a Dra. Jane, nem Ehlena. Não sei o que fazer.

Marissa rodeou a mesa, correndo.

— Onde ela está?

— Lá embaixo.

As duas correram até a escada, Marissa na frente.

— Como ela chegou?

— Não sei. Uma das câmeras de segurança filmou-a no gramado se arrastando.

— *O que?*

— Soou um sinal de alerta no meu celular e corri pra lá com Rhym. Nós a carregamos até o saguão.

Dobrando o corredor de baixo, Marissa tropeçou nos tapetes estendidos...

E congelou no lugar.

Ao ver a condição da fêmea no sofá, levou uma mão à boca.

— Oh, santo Deus... — sussurrou.

Sangue. Havia sangue por todos os lados, em gotas no chão, ensopando toalhas brancas que estavam sendo pressionadas sobre os ferimentos, empoçando embaixo de um dos pés da fêmea no carpete.

A garota foi tão violentamente espancada que não tinha como identificá-la, suas feições estavam tão inchadas que, se não tivesse cabelos longos e vestisse uma saia rasgada, não daria pra reconhecer seu sexo. Um braço estava claramente deslocado, o membro pendurado dolorosamente do ombro... E ela só trazia um sapato alto calçado, as meias-finas em farrapos.

A respiração estava difícil, muito difícil. Nada além de chiados em seu peito, como se estivesse se afogando no próprio sangue.

Rhym, a supervisora de admissão, ergueu os olhos do local de onde ela se encolheu no sofá. Através das lágrimas em seus olhos, ela sussurrou.

— Não acho que ela vá sobreviver. Como poderia...?

Marissa teve de se controlar. Era a única opção.

— A Dra. Jane e Ehlena estão indisponíveis? — disse ela em uma voz rouca.

— Tentei a mansão — replicou Mary. — Na clínica. Nos celulares. Duas vezes em cada um.

Por uma fração de segundo, Marissa temeu sobre o que aquilo significava para sua própria vida. Será que os Irmãos estavam em alguma emergência médica? Será que Butch estava bem?

Aquilo só durou um momento.

— Dê-me seu celular... e leve as residentes para o anexo Wellsie. Quero todo mundo lá caso tenha de trazer um macho para cá.

Mary jogou-lhe seu celular e anuiu.

— Deixa comigo.

Lugar Seguro era exatamente isso — um lugar seguro para fêmeas vítimas de violência doméstica que vinham com seus filhos para abrigo e reabilitação. E depois de Marissa passar incontáveis e inúteis séculos na *glymera* sendo nada além da prometida não assumida do Rei, tinha encontrado sua verdadeira vocação ali, ao servir àqueles que foram, na melhor das hipóteses, verbalmente abusados, e na pior, horivelmente tratados.

Não era permitida a entrada de machos.

Mas para salvar a vida desta fêmea quebraria aquela regra.

Atenda ao telefone, Manny, pensou quando soou o primeiro toque. Atenda o maldito telefone...

CAPÍTULO DOIS

Não era a Irmandade da Adaga Negra inteira.

De fato, só estavam ali dois Irmãos com o Rei.

Quando Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, entrou na sala de audiências para postar-se diante de seu governante, tornou-se agudamente consciente dos outros machos.

Nunca viu nenhum destes guerreiros serem nada além de protetores e civilizados, mas considerando que estava a ponto de entregar sua única filha a eles, seus atributos mais óbvios eram como gritos na noite.

O Irmão Vishous encarava-o com olhos diamantinos que não piscavam, aquelas tatuagens em sua têmpora esquerda parecendo apropriadamente sinistras, e seu corpo musculoso vestido em couro e cheio de armas. Ao seu lado estava Butch, vulgo o *Dhestroyer* — um ex-humano com sotaque de Boston que foi infectado pelo Ômega e deixado pra morrer — só para se tornar um dos poucos a sobreviver a uma transição forçada.

Os dois raramente se separavam e era tentador vê-los nos papéis de policial bonzinho X policial malvado. Mas neste exato momento, o paradigma havia mudado. Butch, o macho com maior tendência a sorrir e se comunicar com as pessoas, estava parecendo aquele a quem seria melhor evitar em um beco escuro: seus olhos cor de avelã estavam focados e inabaláveis.

— Sim? — Abalone perguntou ao Rei. — Em que posso servi-lo?

Wrath acariciou a cabeça loura do seu cão-guia, George.

— Meus garotos aqui querem falar com você.

Ah, pensou Abalone. E ele suspeitava sobre o que seria.

Butch sorriu por uma fração de segundo. Como se quisesse antecipadamente suavizar o que estava prestes a sair de sua boca.

— Queremos ter certeza de que você sabe o que envolve o programa de treinamento.

Abalone pigarreou.

— Eu sei que é muito importante para Paradise. E estou esperando que ela aprenda lições de defesa pessoal. Gostaria que ela estivesse... segura.

Aquele benefício em potencial foi a única coisa que o tinha amparado na briga entre o que esperava para ela e sua vida, e o que ela parecia estar escolhendo fazer.

Quando não houve resposta, Abalone olhou de um Irmão para o outro, várias vezes.

— O que não estão me contando?

Vishous abriu a boca, mas o Irmão Butch ergueu a mão e o calou.

— Seu papel aqui com Wrath vem em primeiro lugar.

Abalone recuou.

— Está dizendo que Paradise não pode participar por causa da minha posição aqui? Querida Virgem Escriba, por que não disseram...

— Precisamos que entenda que o que vai acontecer não é só aprendizado teórico. Vai ser preparação para a guerra.

— Mas os candidatos não necessariamente precisam ir a campo durante o programa, certo?

— O que nos preocupa é aqui — o Irmão indicou a sala. — Não podemos permitir que nada afete sua relação com Wrath e o que você faz para o Rei. Paradise é tão bem-vinda quanto qualquer um no programa, mas não se o prospecto dela não passar nos testes, ou ser cortada puder criar tensão entre nós.

Abalone exalou, aliviado.

— Não se preocupem com isto. Ela vai ser bem sucedida ou falhar de acordo com seus próprios méritos. Não espero nenhum tratamento especial para ela... E se não conseguir? Então deverá ser dispensada.

De fato, embora ele jamais tenha dito em voz alta, meio que reazava e esperava que fosse isto acontecesse. Não que estivesse ansioso para ver Paradise se decepcionar consigo mesma em seus esforços,

mas... A última coisa que queria para a filha era que se expusesse a qualquer coisa feia... Ou, Deus não permita, que realmente tentasse lutar nesta guerra.

Este último, não podia nem mesmo imaginar.

— Não se preocupe — ele reiterou olhando para os Irmãos e para o Rei. — Todos ficaremos bem.

O Irmão Butch encarou Vishous. Então voltou o olhar.

— Você leu o formulário, certo?

— Ela o preencheu.

— Então você não leu.

— Isto é algo que ela está fazendo de forma independente... Como pai e *ghardian* dela, eu devia ter assinado?

Vishous acendeu um cigarro enrolado à mão.

— É melhor você se preparar, ok?

Abalone anuiu.

— Estou preparado. Juro que estou.

Paradise era uma fêmea gentilmente criada dentro das tradições apropriadas da aristocracia. Ela vinha trabalhando em seu condicionamento físico pelos últimos dois meses — com bastante diligência, na verdade — e podia sentir a excitação que exalava dela enquanto ensinava suas tarefas aqui e preparava tudo para repassar sua posição. Havia, no entanto, uma chance muito boa de que depois da orientação da noite de amanhã, quando o trabalho de verdade começasse, ela acabasse desistindo... ou que fosse dispensada.

la matá-lo vê-la falhar.

Mas era melhor do que vê-la morrer em campo só pra provar que era mais do que seu status aristocrático ditava.

Quando a dupla de Irmãos continuou a encará-lo, Abalone abaixou a cabeça.

— Eu sei que isto não vai ser fácil para ela. Estou mais do que preparado. Não sou ingênuo.

Depois de um momento, Butch disse.

— Está bem. Justo.

— Mais alguma coisa, meu senhor? — Abalone perguntou ao Rei.

Quando Wrath negou com a cabeça, Abalone fez uma reverência a cada um deles.

— Agradeço a preocupação de vocês. Paradise é o que tenho de mais precioso... Tudo o que me resta de minha adorada *shellan*. Eu sei que estará em mãos justas e capazes amanhã.

Quando ele se virou para sair, os Irmãos permaneceram sombrios, mas então não era totalmente ignorante ao que vinha acontecendo na guerra — e sempre havia algo. As lutas e estratégias não eram nada com o que tivesse de se envolver antes, e por isto era grato.

Do mesmo jeito que seria se Paradise deixasse o programa.

Na verdade, desejava que a *mahmen* dela ainda estivesse viva. Talvez tudo isto pudesse ser discutido se sua *shellan* estivesse presente para botar algum senso na cabeça da garota.

Abrindo as portas duplas, ouviu um batuque na área de espera.

— Paradise?

Ele atravessou o saguão e, enquanto dobrava o corredor do vestíbulo, sua filha se endireitou do ato de pegar canetas vermelhas espalhadas pela mesa.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Os olhos dela prenderam os dele.

— Está? Ainda vai me deixar ir amanhã?

Abalone sorriu — e tentou manter a tristeza fora de seu olhar, de sua voz.

— É claro. Você está no programa, isto foi decidido há meses.

Ela correu para abraçá-lo apertando forte, como se estivesse convencida de que lhe seria negado o que tanto queria.

Abraçando sua filha, Abalone tomou vaga consciência dos Irmãos e o Rei saindo pela porta da frente. Mas não lhes prestou atenção.

Estava ocupado demais desejando que pudesse salvar sua filha de toda e qualquer decepção. Mas isto não estava entre as habilidades filiais que lhe foram atribuídas com o nascimento dela.

Oh, como queria que sua *shellan* estivesse aqui com eles, ao invés de no Fade.

Ela teria lidado com tudo isto de forma tão melhor.

Na frente daquela fêmea tão horivelmente ferida, Marissa fechou os olhos ao ouvir a caixa postal de Manny pela terceira vez. Que *diabos* estava acontecendo na clínica?

Bem quando estava pensando em rediscar, seu celular começou a tocar.

— Graças à Deus, Manny? Manny?

Algo no tom da voz dela fez a fêmea ferida se mexer, seu rosto ensanguentado se movendo contra as almofadas do sofá. Deus, o som daquela respiração rascante era suficiente para fazer o coração falhar uma batida.

— Não, é Ehlena — disse a voz em seu ouvido. — Manny e Jane estão fazendo uma cirurgia de emergência em Tohr. Ele teve uma fratura exposta no fêmur e tenho que voltar pra sala de cirurgia. Há algo errado?

— Quanto tempo vai levar? — perguntou ela.

— Acabaram de começar.

Marissa fechou os olhos.

— Está bem. Por favor, peça para eles me liguem quando puderem? Tenho uma... — virou e abaixou a voz. — Tenho um caso de trauma que acabou de chegar aqui. Não sei se temos muito tempo.

Ehlena praguejou.

— Não podemos dispensar ninguém aqui. Pode ligar para o Vishous? Com o treinamento médico dele pode ser que consiga estabilizar as coisas.

Marissa tentou imaginar aquele Irmão andando pela casa. Não seria sua primeira escolha, e não por não confiar no macho. O melhor amigo de seu *hellren* era um vampiro exemplar em todos os aspectos.

Só sua aparência era aterrorizante.

Mas se todo mundo estava no Anexo Wellsie...

— Boa ideia. Obrigada.

— Eu peço para eles liguem assim que terminarem.

— Por favor.

Cortando a ligação, discou o número de V e ouviu a maldita da porra da caixa postal.

— *Merda!*

Rhym falou de onde estava pressionando uma toalha naquele corte que jorrava sangue no ombro da fêmea.

— Quando eles virão?

Já estava chegando ao fim da noite. V podia estar em trânsito entre os becos do centro de Caldwell e a mansão. Ou... podia estar preso lutando contra quem quer que tenha ferido Tohr daquele jeito.

Quando a fêmea no sofá começou a tossir e estremecer, o cálculo foi feito numa fração de segundo. A última coisa que queria era apelar para o irmão, mas não poderia viver consigo mesma se seus problemas pessoais custassem a vida de alguém.

Marissa discou para o número do celular de Havers que sabia de cor, e esperou que ele não tivesse mudado. Um toque, dois toques...

— Alô? — respondeu a voz dele.

— Sou eu — antes que houvesse algum tipo de silêncio constrangedor ou saudação, ela disse: — Temos uma emergência médica aqui no Lugar Seguro. Preciso que venha imediatamente... ou que mande alguém. Os médicos da Irmandade estão em cirurgia e não resta muito tempo.

Houve uma curta pausa, como se o médico principal da raça estivesse mudando de uma abordagem pessoal para a profissional.

— Chego em um instante. É uma situação de trauma?

— Sim — Marissa abaixou a voz de novo. — Ela foi brutalmente espancada e... brutalizada. Há muito sangue. Eu não sei...

— Vou levar uma enfermeira. Você isola as outras residentes?

— Já estão isoladas.

— Destranque a porta da frente.

— Te encontro lá.

E foi assim.

Provavelmente o universo estava determinado a colocar seu irmão na tela de seu radar esta noite. Primeiro aquela chamada idiota com a socialite, agora...

Marissa anuiu a Rhym.

— A ajuda está a caminho.

Através do olho que não fechava de tão inchado, a fêmea ferida pareceu tentar focar a atenção.

Marissa se inclinou e segurou uma mão ensanguentada.

— Meu irmão vai cuidar bem de você.

Por uma fração de segundo, ela se preocupou se devia dizer ou não o fato de que um macho iria tratá-la. Mas a fêmea não pareceu compreender.

Querida Virgem Escriba, e se ela morresse antes que ele chegasse lá?

Marissa se agachou, prendendo o cabelo atrás da orelha.

— Você está a salvo, tudo vai ficar bem — aquele único olho varreu seu rosto. — Tem algum parente a quem queira chamar? Tem alguém que possamos buscar pra você?

A cabeça da fêmea moveu-se de um lado para outro.

— Não? Tem certeza? — o olho fechou. — Pode me dizer quem fez isto?

Aquele rosto virou-se para o outro lado.

Merda.

Recuando, Marissa atravessou o pequeno vestíbulo na frente da casa. Havia grandes e estreitas janelas em ambos os lados da porta e ela olhou para o gramado. As árvores que estavam tão brilhantemente coloridas há meras semanas antes, perderam suas folhas espetacularmente vermelhas, douradas e amarelas, os galhos finos por baixo revelavam-se como os ossos de um cão demasiado magro.

Era impossível não olhar para o espelho perto da porta e verificar se seu cabelo estava arrumado e se a maquiagem se mantinha após um dia de dez horas.

Na época em que vivia com o irmão, usava vestidos de seda e joias pesadas, e seu cabelo em elaborados penteados no alto da cabeça. Agora? Vestia calças Ann Taylor, uma blusa com colarinho alto e em seus pés um par de sapatos Cole Haan por que eram confortáveis. Nenhuma joia além de uma pequena cruz dourada que usava por que o Deus de Butch era importante para ele, e seu *hellren* havia lhe dado a correntinha no último Natal. Oh, e ela tinha um par de brincos de pérolas nas orelhas.

Apesar da transição de Butch ter sido provocada, e de seu status como Irmão e parente do Rei, seu macho continuava fundamentalmente humano, tudo, de seu sistema de crença católico a seu gosto em livros e filmes, a suas opiniões sobre o que queria em uma “esposa”, era um produto de sua criação entre os Homo Sapiens.

Tocando a corrente dourada em seu pescoço, franziu o cenho ao combater o impulso de arrancar a coisa fora por que seu irmão poderia não aprovar.

Mas vamos lá, estivesse o símbolo de seu emparelhamento em seu pescoço ou fora dele, não era como se mudasse qualquer coisa. Aos olhos do irmão, ela se casou com um rato sem cauda e aquela heresia jamais seria perdoada.

Algumas frações de segundo depois, duas sombras se materializaram na calçada: uma mais alta e masculina usando um jaleco branco, a outra menor e feminina em um uniforme tradicional de enfermeira.

Quando se aproximaram e foram iluminados pelas luzes de segurança, Marissa esfregou as mãos suadas na calça. Havers parecia exatamente o mesmo que sempre fora, da gravata borboleta e óculos de aro de chifre aos cabelos escuros repartidos para o lado e mantidos em ordem ao estilo *Mad Men*.

No último minuto, Marissa virou a cruz para a nuca e abriu a porta. Tentando não soar nervosa, anunciou.

— Ela está no saguão.

Nenhum “Olá, como vai?” ou “Ei, já parou de ser um escroto preconceituoso?” — mas, este não era um encontro social e sim uma emergência médica.

— Marissa — disse o irmão, meneando a cabeça e passando por ela. — Esta é Cannest, minha enfermeira chefe.

— Prazer em conhecê-la — a enfermeira murmurou.

Marissa acenou para a fêmea.

— Por aqui.

Suas pernas estavam rígidas ao guiá-los mais profundamente na casa modesta com móveis comuns, e por alguma razão absurda ela se imaginou como um flamingo, os joelhos virados para o lado errado. Enquanto isto, toda espécie de lembranças fervilhavam sob a superfície de sua mente consciente, só o peso psíquico da tragédia que se desdobrava no outro cômodo mantinha suas emoções sob rédeas.

Seu irmão parou na arcada do saguão e entregou sua maleta de médico à sua assistente.

— Minha enfermeira vai fazer a triagem e me porá a par da condição dela. É melhor do que um macho proceder os exames.

Marissa olhou dentro dos olhos de Havers pela primeira vez e notou que seu olhar ainda era do mesmo tom de azul que o dela. Mas também, como ela achava que isto fosse mudar?

— Isto é muito gentil de sua parte — disse antes de olhar para a enfermeira. — Venha comigo.

No saguão, a enfermeira foi diretamente para o sofá e foi gentil com Rhym ao tomar seu lugar. A vítima agitou-se como se reconhecendo que havia uma nova presença diante dela, e então gemeu quando seu pulso e pressão sanguínea foram tomados.

Marissa afastou-se para o lado, cruzando os braços sobre o peito e levando a mão à boca. Movimentar-se era bom, disse a si mesma. Significava que a pobre garota ainda estava viva.

— Tenha cuidado — ela murmurou quando aquela enfermeira apalpou o braço e lágrimas misturadas ao sangue naquele rosto golpeado.

Santo Deus, quem fez isto? Tinha de ser um membro de sua espécie — não conseguia captar o cheiro de nada humano sobre ela.

Marissa teve de abaixar os olhos quando o exame se tornou mais íntimo e fez um gesto para Rhym ir com ela para a arcada, como se para respeitar a privacidade que o irmão já estava protegendo.

Depois do que pareceu uma eternidade, a enfermeira falou baixinho com a fêmea e então voltou a recuar, anuindo para Marissa segui-la até onde Havers estava em pé com as mãos cruzadas às costas. Ele abaixou a cabeça enquanto ouvia a enfermeira falar em um tom baixo.

— Ela tem extensos ferimentos internos — reportou a fêmea. — Terá de ser operada imediatamente se quiser sobreviver. O braço é o menor dos problemas.

Havers anuiu e olhou para Marissa.

— Tomei a liberdade de arranjar transporte. Vai chegar em quinze minutos.

— Vou com ela — Marissa estava pronta para a briga. — Até alguém de seu sangue aparecer, eu serei sua *ghardian*.

— É claro.

— E assumo os custos do tratamento.

— Isto não é necessário.

— É muito necessário. Deixe-me pegar minhas coisas.

Deixando-os, ela falou com Rhym, então correu para o escritório e pegou o celular, a bolsa e o casaco.

Pensou em ligar para Butch, para avisá-lo da possibilidade de não voltar para casa naquele dia, mas ainda não tinha certeza disto. E infelizmente, se ligasse para seu *hellren* cada vez que tivesse uma crise no trabalho? Desgastaria os botões do celular.

A meio caminho da escada, percebeu que havia outra razão pela qual não estava querendo falar com ele naquele momento.

Era muito parecido com o que havia acontecido à irmã dele.

E havia uma possibilidade de que as coisas se tornassem exatamente iguais se esta fêmea morresse devido aos ferimentos.

Não, ela pensou ao retornar para o primeiro andar. Ele tinha o suficiente com o que lidar sem ter estes velhos gatilhos disparados no seu cérebro no momento.

— Estou pronta — disse ela ao irmão, como se o desafiando a mudar de ideia.

— A ambulância chega em dois minutos. Eu também vou precisar estar nela... Ela vai precisar se alimentar para ter alguma chance de sobrevivência.

Havers fez uma curta reverência e refez seu trajeto na porta frontal. Quando virou a esquina, Marissa balançou a cabeça.

A ideia de que ele daria o próprio sangue para ajudar a uma fêmea desconhecida, que provavelmente não passava de uma civil, era tanto surpreendente... quanto uma fonte de frustração.

Que o macho pudesse ser tão gentil com seus pacientes e tão cruel com ela, pessoalmente, parecia como uma insuportável contradição.

Mas aquilo era típico da *glymera*, dois pesos e milhares de medidas.

Que tipicamente eram usados para foder com a vida de filhas, irmãs e mães.

CAPÍTULO TRÊS

Ao chegar ao multicolorido saguão da mansão da IAN, Butch franziu o cenho e olhou para o celular. Ele tinha conferido as horas em seu relógio Audemars Piguet há cerca de três minutos, mas achou que talvez seu Samsung versão-sei-lá-qual pudesse lhe dar uma resposta com a qual pudesse viver melhor.

Negativo.

E sua sétima chamada para Marissa tinha acabado de não ser atendida. Igual às seis anteriores.

À distância, soavam conversas e ruídos da Última Refeição sendo consumida vindos da sala de jantar.

Sem nenhum motivo em especial, lembrou-se da primeira noite em que tinha ouvido aqueles sons. Tinha sido onde agora era a casa de audiências. Na época, ele era um detetive da Homicídios fora de controle e buscando por uma fonte de total destruição para poder acabar com sua vida.

E daí veio à toca do coelho.

Beth tinha caído primeiro, sua herança mista meio humana, meio vampira a fez ser sugada. A entrada de Butch foi bem diferente.

Se for sangrar o humano, se importa de fazer isto nos fundos?

— Ainda não conseguiu falar com ela?

Butch fechou os olhos ante a familiar voz do macho. Mesmo que não fosse nem parcialmente verdade, às vezes sentia como se os murmúrios mordazes de Vishous tivessem sempre feito parte da sua vida.

— Não.

Quando o Irmão se aproximou, o cheiro de tabaco turco o precedeu e Butch inalou profundamente. Talvez fosse uma premonição, talvez fosse a presença dominante do bastardo, mas o volume do alarme de pânico em seus ouvidos aumentou um pouco.

— Tentou o escritório do Lugar? — V perguntou, exalando.

— Caixa de mensagem. E liguei para Mary também. Nada.

— Filha da puta...

O sutil ruído do monitor de segurança fez sua cabeça girar. Quando viu a imagem na tela, correu para a porta do vestibulo quase arrancando o peso massivo das dobradiças.

— Oh, Deus, onde você esteve...?

Ele caiu duramente em cima de Marissa, o resto do blablabla sem sentido que saiu de sua boca se perdeu ao abraçá-la contra si.

— Sinto muito — disse ela com a voz abafada. — Eu estava lidando com um caso. Não liguei por que não tinha hora pra voltar.

Recuando, ele espalmou o rosto dela, olhando-a.

— Você está bem?

— Absolutamente. E sinto muito...

Ele a beijou, estremecendo quando as mãos dela subiram pelas suas costas.

— Não, não. Não sinta. Só o que interessa é que esteja bem.

Putá merda, aquele sol era uma coisa terrível. Um vampiro pego ao amanhecer não passaria de uma fogueira dentro das roupas — e embora Marissa estivesse protegida no Lugar Seguro, merda sempre podia acontecer: humanos eram imprevisíveis idiotas e os *lessers* eram letais.

Separando-se dele, ela sorriu.

— Estou bem. Bem.

Sim, certo, pensou ele ao vê-la desviar o olhar.

Ele pegou seu braço.

— Venha comigo.

— Mas a Última Refeição está na mesa...

— Quem liga?

Arrastando-a para a sala de jogos, ele teria trancado a porta, caso existissem portas a serem fechadas.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

Ela perambulou um pouquinho ao redor, o corpo incrível tornando aquelas roupas simples em algo digno de alta costura.

— Infelizmente, nada que você não tenha visto antes.

Butch fechou os olhos. Às vezes odiava o trabalho dela; realmente odiava. Quanto mais difícil se tornava, mais ela lutava — e embora às vezes doesse vê-la exausta, aborrecida e desanimada, ele a respeitava imensamente pelo que fazia pela raça. E não era de todo ruim. Quando as pessoas a quem ela ajudava voltavam a ter uma vida independente, sua *shellan* brilhava como o sol.

Tomando sua mão, recuou com ela até uma das mesas de bilhar e encaixou-a entre suas pernas.

— Conte mesmo assim.

Os olhos dela vagaram pela sala, mas ele se manteve concentrado nela. E Jesus, mesmo depois de uma longa e árdua noite, ela lhe tirava o fôlego. Sua beleza era lendária entre a raça, algo comentado há gerações e ainda reverenciado, e o motivo era óbvio. O rosto dela era uma junção de ângulos perfeitos, a pele tão suave e luminosa quanto uma pérola, os olhos azuis da cor de uma manhã gloriosa, aqueles lábios tão róseos e suaves. Além disto, tinha os cabelos louros que caíam pelos ombros, e sim, aquele corpo que era o tipo de coisa que deixava os machos de quatro.

Frequentemente, não conseguia acreditar que ela estava com ele. Ele. Um cara do sul, com o dente da frente quebrado, um histórico de vida ruim e um anfitrião para hábitos ruins que não tinha conseguido superar até conhecê-la.

Sem falar de toda aquela merda do Ômega.

Ainda assim, sua *shellan* o amava por alguma razão completamente desconhecida.

— Você não está falando — sussurrou, afastando o cabelo dela e acariciando seu pescoço, os ombros estreitos, os braços tensos. — Sabe que odeio quando não sei o que está havendo.

Quando um coral de risadas ecoou vindo do outro lado da casa, Marissa se aconchegou a ele, os quadris acionando todo tipo de terminações nervosas em estado hora-de-brincar.

E, quem diria, a ereção dele foi instantânea, o pau enrijeceu e alongou por trás do zíper de suas calças de couro.

Enlaçando o pescoço dele com os braços, ela se inclinou e esfregou os seios no peito dele.

— Não está com fome?

Grunhindo do fundo da garganta, estendeu as mãos e espalmou o traseiro dela. Uma mão cheia de cada lado, nada mais, firmes como o de uma ginasta — oh, Deus, ele estava começando a suar.

Só que ele fez sinal de não com a cabeça.

— Isto não vai funcionar. Você não vai me distrair...

A próxima coisa que viu foi Marissa entreabrir os lábios e expor as presas. Aproximando-se, ela correu um dos caninos pelo lábio inferior dele, a sensação das pontas afiadas se movendo sobre sua carne arrancou-lhe um gemido.

— Você parece estar precisando de algo — ela sussurrou contra a boca dele. — Quer me dizer o que é? — estendeu a língua e lambeu o caminho até a dele. — O que é, Butch? Diga o que precisa...

— Você — gemeu ele. — Preciso de você.

Depois da sua transição, quando seu corpo tinha se desenvolvido e se tornado essa coisa enorme e poderosa, ele tinha se acostumado a demonstrações físicas de força — e também a esta fraqueza ressonante no que se referia a sua fêmea e ao sexo. Antigamente, quando era humano, tinha precisado de mulheres de vez em quando, mas aquilo não era nada comparado a esta gritante luxúria que Marissa lhe

causava sem muito esforço. Um olhar, um toque... uma frase ou duas... às vezes era só o cheiro limpo de oceano que ela emanava...

Bum! Como se alguém estourasse seu cérebro.

— *Marissa...*

A pélvis dela ondulou contra sua ereção e então ela se afastou.

— Venha aqui.

Ela podia tê-lo mandado fazer várias coisas — plantar bananeira, raspar as sobrancelhas, arrancar o braço — e ele teria feito qualquer uma dessas coisas num piscar de olhos. Segui-la? Com a possibilidade de lhe dar um orgasmo, ou seis?

Sim, por favor, obrigado, madame, como posso servi-la?

Marissa o guiou para trás do bar e empurrou-o contra as prateleiras de garrafas de bebidas. Com mãos rápidas buscou o zíper dele e, Deus o ajudasse, ele agarrou a beirada do balcão de granito a observando abrir os botões um a um, a ponta de sua ereção repuxando a coisa assim que ela se abaixou.

E então ela o agarrou.

— Pooooorra... — a cabeça dele queria ir para trás, mas queria observá-la.

Seu corpo inteiro cambaleou quando a mão dela acariciou sua ereção.

— Gosta de me ver fazendo isto? — ela trabalhou gentil e lentamente, para cima e para baixo. — Gosta, Butch?

— Sim — sussurrou ele, puxando a palavra. — Eu gosto... de ver... suas mãos em mim...

— E que tal minha boca?

As bolas dele se contraíram e um orgasmo disparou para a cabeça de seu pau, pronto para explodir — e isto foi antes dela ficar de joelhos na frente dele, desaparecendo atrás da cobertura da seção frontal do bar.

Ele não ia durar muito, mas foda-se, queria aquela sensação, aquela sugada cálida e úmida, mesmo que por apenas um segundo — mas sem observar. Ele tinha de fechar os olhos. Se a visse naquele momento de boca aberta, os cabelos bonitos espalhados sobre as coxas cobertas de couro dele, aquele brilho azul do seu olhar olhando para cima, para ele, como se gostasse de seu sabor...

O que, é claro, não podia ser verdade. Mas era uma mentira que não ia discutir por ela manter...

Quando o nome dela reverberou pela sua garganta, aquela sucção era exatamente o que ele precisava, tão úmida e suave, tão quente que seus olhos flamejaram abertos. Com a cabeça nivelada, teve um breve relance dos sofás de couro, as mesas de bilhar, a arcada para o saguão. Se alguém por acaso entrasse — o que era improvável, já que era hora da Última Refeição — só iriam vê-lo com cara de pornô. Marissa estava escondida atrás da tela do balcão alto e grande. E melhor ainda? A essência de

emparelhamento dele estava por todo o canto ali, as especiarias escuras tão espessas que serviria como um aviso de que tipo de merda estava rolando ali, e deixaria bem evidente que precisavam de um pouco de privacidade.

Marissa acariciou a cabeça e a extensão com a boca, trabalhando-o como ele gostava, e fechou os olhos de novo — pensando nos Patriots jogando contra os Giants... no que estava sendo servido na sala de jantar... se Lassiter ia fazê-los assistir ao *The Bachelor* ou se ia ser a porra da Rachael Ray e aquela merda de EVOO.

A imagem daquela pequena chef mandona foi o filtro que funcionou melhor, bloqueando um pouco da sensação — ou ao menos o suficiente para que não gozasse em cima de sua *shellan* toda.

Na verdade, seu medo de fazer aquilo funcionou ainda melhor.

Put a merda, o horror que sentiria se gozasse na boca dela, ou Deus, na cara dela...

Não, não, não ia acontecer.

Destravando suas mãos em garras do balcão atrás de si, estendeu a mão e gentilmente empurrou-a pelo ombro.

— Pare... — ele arfou. — Precisa parar agora.

As sensações abaixo de sua cintura estavam ficando intensas como uma detonação — até que, mesmo com distrações e preocupação, estavam a ponto de tomar controle dele, submergindo-o em ondas de êxtase aditivado.

Cerrando os dentes, ele insistiu.

— Hora de parar... hora de...

No último momento possível, forçou a cabeça dela para trás, jogando os quadris para o lado, e ejaculou em cima dos armários onde as grandes caixas de biscoitos Pepperidge Farm Goldfish eram mantidas. Enquanto gozava, ela lutava contra seu agarre como se quisesse voltar para sua ereção, mas ele não a soltaria até que seus quadris parassem de ter espasmos e seu corpo relaxasse.

— Você devia me deixar terminar — ela disse baixinho. — Você nunca me deixa terminar com você.

Voltando a se concentrar na companheira, puxou-a contra seu corpo, o pau ainda duro golpeando contra seus seios, o estômago, as coxas...

O som da campainha da porta do vestíbulo fez com que virassem a cabeça — e Butch engoliu um xingamento. Jesus, como tinha deixado isto acontecer em um local tão público? Tinha parecido uma ideia perfeitamente aceitável no calor da paixão, mas ali não era lugar para uma dama como ela cair de boca em um sujeitinho como ele, mesmo que fossem emparelhados.

Butch rapidamente acariciou os cabelos de Marissa e então começou a fechar o zíper.

— Temos de retomar isto em casa.

— Foi divertido.

— Não.

Quando Fritz deixou Xhex e Trez entrar, Butch forçou-se de volta à realidade.

—... me deve uma — Xhex estava dizendo ao entrar.

— Devo mesmo! — Butch gritou para ela. — Chame quando quiser.

Xhex lhe deu um aceno, então apontou um dedo em riste.

— Estou contando com isto.

— Deveria.

Butch teve de sorrir, mas então voltou a se concentrar em sua *shellan*.

— Deixe-me alimentá-la. E então vamos para a cama, pelados.

— Bom — ela lhe deu um beijo e então se virou para limpar o que ele tinha...

— Não — Butch a impediu de chegar até as toalhas de papel. — Deixa que eu limpo.

Ao afastá-la do caminho, podia senti-la encarando-o, mas ignorou. De onde ele vinha havia dois tipos de mulher, e sua companheira estava na categoria da adoração.

Ele devia saber. Teve mais do que sua cota de vagabundas.

A última coisa que queria seria desrespeitar sua Marissa. Seria como incendiar uma igreja, enfiar uma faca na Mona Lisa e dirigir um 918 para um precipício sem motivo algum.

Então não, ela não ia limpar a sujeira que ele deixara para trás.

Marissa tinha outro peixe pra fritar.

Quando Butch insistiu em limpar tudo sozinho com as toalhas de papel, ela saiu de seu caminho e balançou a cabeça. Nunca tinha entendido as manias dele no sexo, mas as aceitava. O que mais podia fazer? Ele não conversava com ela sobre isto... Sempre que trazia à tona o assunto dele afastar sua boca quando estava perto de gozar, ele mudava de assunto.

Além disto, neste momento aquele assunto antigo deles podia esperar.

Aquela fêmea horivelmente ferida mal sobrevivera à operação — e Marissa só veio pra casa por que não tinha mais nada a fazer além de se sentar do lado de fora daquela UTI e esperar pela notícia de que os órgãos dela tinham parado. Ou começado a trabalhar sozinhos. Deus, a cirurgia tinha parecido tão complicada quando a enfermeira explicou a ela, mas parar a hemorragia interna e remover seu baço não tinha levado mais do que uma hora.

Infelizmente, ela tinha perdido muito sangue e, mesmo depois de Havers lhe dar de sua veia, seus sinais vitais estavam totalmente irregulares.

Quando seu irmão saiu da sala de operação, tinha olhado para Marissa bem nos olhos e disse que tinha feito o melhor que podia.

E, tirando de lado as questões pessoais, ela acreditou nele.

A parte triste de tudo isto, e de fato havia quase tragédia demais para aguentar neste caso, era que eles ainda não tinham um nome para a fêmea e ninguém tinha telefonado em busca dela — Abalone, o Primeiro Conselheiro do Rei, tinha verificado a caixa de e-mail pública e a caixa postal da casa de audiências a pedido de Marissa. Também ninguém tinha perguntado por ela na clínica ou no Lugar Seguro.

A garota era praticamente um fantasma... a caminho de possivelmente se tornar um literal.

— Vamos? — Butch atraiu sua atenção ao oferecer o braço.

Marissa se forçou a voltar a se concentrar nele e sorriu para seu companheiro.

— Sim, por favor.

Seguindo-o, ela caminhou ao seu lado pelo saguão e entrou a sala de jantar formal. Após a intimidade que acabaram de dividir, toda a conversa, risadas e ruídos criava uma zona social e temporal diferente, e ela se pegou sentindo-se um pouco sobrecarregada. Cheia até o pescoço. Mesmo que o pé direito do cômodo fosse alto e o chão mais espaçoso do que uma pista de boliche, com a grande mesa de dois metros e quarenta no centro atulhada de Irmãos, suas *shellans*, e outros guerreiros e membros da equipe, havia uma congestão de alegria em tudo aquilo.

Dois lugares estavam vazios na ponta e eles rodearam a mesa para chegar até eles, Butch ajudou-a a sentar na cadeira.

Quando ele se sentou ao seu lado, inclinou-se e beijou-a na boca.

— Coma rápido.

— Pode apostar — disse ela, mesmo que não estivesse com um pinga de fome.

E, triste admitir, também não estava com grande pressa de voltar para o Pit. A verdade é que o provocou somente por que sabia que era a única maneira de fazer o companheiro desistir de se preocupar com ela.

Quando um prato cheio de filé mignon foi posto a frente deles por um *doggen*, Marissa remexeu na comida, cortando a carne que não provou, remexendo o purê de batatas, espetando ervilhas verdes. E então pegou sua taça de vinho *cabernet sauvignon* e recostou-se observando as pessoas, ouvindo suas histórias.

—... vai querer que eu faça?

Focando em seu companheiro enquanto falava, ela o observou se inclinar para John Matthew e fazer a pergunta para Xhex.

A fêmea riu.

— Você devia ter medo de mim.

— Qualquer um que não tenha é um idiota.

— Você diz as coisas mais doces. E não tenho pressa nenhuma em saldar esta dívida. É bom ter um macho como você me devendo uma.

Sem nenhuma razão em específico, Marissa notou como o corpo de Xhex era poderoso, os ombros e torso cheios de músculos destacados pela camisa justa da marca Under Armour que ela usava por dentro das calças de couro pretas. Entre os cabelos escuros cortados bem curtos e seu penetrante olhar cinzento, ela era definitivamente alguém a ser levado a sério.

Enquanto isto, Marissa ostentava sua calças de escritório e enfadonha blusa básica.

Quando Butch estendeu a mão para um cumprimento no alto, Xhex correspondeu e o ruído foi tão alto na sala que foi notado, mesmo com todo o ruído de fundo.

— É disso que estou falando — Butch disse ao se sentar de volta na cadeira. — Incrível.

— O que? — perguntou Marissa.

— Xhex estava... bem, na verdade, primeiro, eu estava no beco... Ah, deixa eu voltar mais — ele varreu o ar com a mão. — Na verdade é demais para explicar. Resumindo, eu estava entre a cruz e a espada, acuado contra dois *lessers*, e Xhex estava com o telefone de J.M. quando enviei a mensagem pedindo reforços. Ela apareceu de imediato e... — Butch parou de repente e meneou a cabeça. — Enfim...

Marissa esperou que ele continuasse.

— Enfim... O que aconteceu?

Butch pigarreou e deu um gole no Lagavulin em sua taça.

— Não tem importância. É só... coisas.

— Você estava em apuros, não é?

Ele bebeu de novo.

— Deu tudo certo no final.

— Graças à Xhex.

— Você ainda não comeu nada.

Ela olhou para o prato.

— Oh, é. Não, eu comi antes de sair do Lugar Seguro.

Ambos caíram em silêncio.

Enquanto as brincadeiras cresciam entre os Irmãos, Marissa sentiu-se recendendo, recuando até se ver por trás de uma tela invisível que abafava os sons e os sentidos.

— Está pronta para ir? — Butch perguntou um pouco mais tarde quando as pessoas começaram a se levantar da mesa.

— Claro. Sim. Obrigada.

A caminho da arcada, Butch parou para conversar com V, os dois aproximando as cabeças e murmurando. Enquanto isto, Xhex se afastava da mesa com o marido, a mão de John Matthew ao expor as presas — dela abaixo naquelas calças, apertando, puxando-a para perto dele. Ele só tinha olhos para sua companheira, seu corpo de guerreiro claramente necessitando liberar um pouco de pressão.

A resposta?

Xhex soltou um grunhido, os olhos da fêmea se travaram nos de John Matthew ao expor as presas — como uma leoa preparando o palco para o que seria uma maratona sexual.

Claramente, ela tinha uma falta que intencionava suprir com seu *hellren* também.

— Está tudo combinado para amanhã então, certo? — V disse ao oferecer a mão para Butch.

— Com certeza — Butch tocou a mão com o Irmão, as duas cabeças se aproximando ainda mais, as vozes abaixando até que ela só ouviu partes da conversa: — Sim. Certo. Uh-huh. Te vejo no Pit?

— Pode crer.

Butch deu ao ombro enorme de Vishous um apertão antes de se voltar para Marissa.

— Está bem?

— Mm-hmm — ela disse.

Quando Marissa começou a caminhar ao seu lado, percebeu que ainda estava com a taça de vinho na mão.

— Deixe-me colocar isso na mesa, espere um pouco.

Indo contra o fluxo, sorriu para Autumn e Tohr, acenou para Payne e Manny — acenou à distância para Bella e Nalla. Inclinando-se sobre seu prato ainda cheio, mas totalmente bagunçado, colocou a taça de volta e torceu para que Fritz e a equipe tivessem ajuda para tirar a mesa.

Quando se virou, estacou.

Butch estava parado na arcada, pernas envoltas em seus couros, sobrancelhas bem cerradas. Nada daquilo era incomum. Mas ele estava com a enorme cruz de ouro que sempre usava debaixo da camisa e estava brincando com ela, ondulando o grande peso entre os dedos.

Uma estranha sensação de presságio a assaltou.

— Marissa? — disse uma voz feminina.

Sobressaltada, voltou à atenção e sorriu para Bella.

— Ei, eu as estava observando na mesa. Cadê o bebê? — ela deu à bochecha de Nalla uma pequena carícia. — Achou, bebê... achou.

— Ela está pesada para carregar agora — Bella se inclinou e colocou a criança em pé sobre as pernas agora firmes. — Estou investindo em tênis.

— Pra você ou pra ela?

Nalla saiu em uma corrida desabalada, mas do outro lado o pai estava com ela, vigiando de perto aqueles passinhos. Mesmo que parecesse um monstro ameaçador com o rosto cheio de cicatrizes, cabelos raspados e tatuagens de escravo, Nalla ria deliciada, olhando para trás e sorrindo para o pai enquanto corria, corria, corria ao redor da mesa e se desviava dos *doggen* que faziam a limpeza.

— Preciso de Nikes para nós duas — sorriu Bella. — Ouça, quero te perguntar. Ouvi rumores de que você presidirá o Baile do Festival do Décimo Mês...

— *O que?*

Bela franziu o cenho.

— Espere, eu pensei... Será que ouvi errado?

— Não, tudo bem — *Ótimo*. — O que você ia dizer?

— Eu só queria te dizer que quero ajudar em tudo o que for preciso. Fiquei surpresa em ouvir que você aceitou, mas entendi os motivos. Precisamos... Não sei, acho que é hora da raça reestabelecer as tradições que funcionavam. Um monte delas não funcionava, mas os festivais são importantes...

Um choramingo infeliz chegou à sala de jantar agora vazia quando Nalla tropeçou e foi pega pelo pai bem a tempo.

— Merda, tenho de ir — disse Bella. — Ela está tendo um doloroso estirão de crescimento. Tem sido dias longos, acredite. Só lembre, se precisar de mim é só falar, está bem?

Bella correu para sua família alcançando Nalla, que por sua vez estendeu um bracinho para sua *mahmen*. O outro continuava no pai... Então os três ficaram assim unidos.

Sim, Marissa pensou. Estirões de crescimento eram difíceis, pelo menos era o que falavam. Por alguma razão, crianças vampiros lutavam com estirões de intenso crescimento, tão opostas à longa, lenta e regular rota à altura adulta que os humanos desenvolviam.

Só mais uma particularidade curiosa de sua espécie.

Como seus festivais.

Marissa esfregou as têmporas ao voltar para Butch.

— Deus, minha cabeça está explodindo.

— Está? — disse ele. — Vamos para a cama.

— Boa ideia. Acho que preciso dormir.

— É. É, você parece cansada.

— Estou.

Eeeee este foi mais ou menos o fim da noite: dez minutos depois ela estava na cama de olhos fechados, imagens das últimas poucas horas piscando como luzes estroboscópicas pela sua cabeça.

Butch voltou a sair do quarto para sentar-se na sala de estar do Pit.

Sozinho.

CAPÍTULO QUATRO

Na noite seguinte, Paradise pegou o ônibus para a escola.

Por assim dizer.

Havia na verdade dois “ônibus”, cada um levava cerca de trinta pessoas, e quaisquer similaridades com os obsequiosos minitransportadores amarelos humanos acabavam no nome. Os veículos que a Irmandade usavam para levar os candidatos ao centro de treinamento eram como algo tirado de *White House Down*, completamente pretos por dentro, com espessas janelas escuras que deviam ser a prova de balas, pneus grandes como os de um limpa-neves e lataria que lembrava um T. Rex.

Como todo mundo, ela tinha desmaterializado para uma faixa de terra vazia a oeste dos subúrbios de Caldwell. Seu pai quis acompanhá-la, mas lhe parecera importante começar do jeito que queria continuar. Esta era sua decisão independente; precisava fazer o que todo mundo fazia — e tinha quase certeza de que ninguém levaria um acompanhante.

Especialmente não um acompanhante que, só por acaso, era o Primeiro Conselheiro do Rei.

Deparar-se com quase sessenta desconhecidos foi uma surpresa. Mas também, as inscrições tinham deixado claro que qualquer um poderia se inscrever no programa, então tinham muitos civis. Na verdade, parecia que todos os civis e a proporção macho/fêmea era tipo, dez pra um.

Mas pelo menos seu gênero era permitido.

Voltando a se concentrar, Paradise mudou de posição em seu lugar e certificou-se de que seu cotovelo não perturbava o macho que tinha se sentado ao seu lado. Além trocarem nomes — o dele era Axe — eles não disseram mais nada um ao outro, e o silêncio meditativo dele se encaixava bem com sua

figura: o macho praticamente tinha “assassino” escrito em toda sua figura, com cabelos escuros espetados, *piercings* pretos em um lado do rosto e a tatuagem de algo maléfico percorrendo verticalmente metade de seu pescoço.

Se seu pai soubesse que ela estava tão perto de um macho destes? Teriam de colocar Abalone na UTI.

E era exatamente por isto que ela tinha se juntado ao programa. Era hora de quebrar as restrições de seu status — e acabar com aquela merda de flor de estufa. Se trabalhar com o Rei tinha lhe ensinado alguma coisa, era que não importava de que classe você fosse, a tragédia não discriminava, a justiça sempre poderia ser feita e ninguém saía vivo desta vida.

— Então, você realmente vai levar isto adiante.

Paradise olhou para o vidro escuro da janela ao seu lado. Refletido na superfície espelhada, Princeps Peyton, filho primogênito de Peythone, estava do jeitinho que ela lembrava: atraente de forma clássica, com aqueles intensos olhos azuis e seus espessos cabelos louros escovados para trás da testa. Usava seus característicos óculos escuros sem armação de lentes azul-safira para esconder o fato de que provavelmente estava chapado, e suas roupas estilo *acabei-de-sair-do-iate-do-papai* eram feitas por alfaiates sob medida para o corpo musculoso. Com uma voz aristocrática que tinha um tom rouco e um cérebro que era, sabe-se lá como, capaz de contrariar todo aquele THC, era considerado um dos solteiros mais desejáveis na *glymera*, parte Grande Gatsby, parte Jack Sparrow.

Ao respirar, ela pôde sentir o cheiro da colônia dele e um toque de fumaça.

— Como vai, Peyton? — ela murmurou.

— Você saberia se atendesse o maldito telefone.

Paradise revirou os olhos. Mesmo que os dois sempre tivessem sido só amigos, o bastardo era totalmente irresistível às fêmeas. E um de seus problemas, entre muitos, era o fato de que ele tinha consciência disto.

— Olá? — ele exigiu.

Paradise virou o rosto para encará-lo.

— Eu não tenho muito para te dizer. O que, considerando que você me reduziu a nada além de um par de ovários para procriação, não devia ser uma grande surpresa. Não tenho muito a oferecer além disto, certo?

— Pode nos dar licença? — ele disse ao macho sentado ao seu lado.

— Absolutamente — Axe, o cara durão, escapou como se desviasse de uma bomba de fedor. Ou de uma fêmea barulhenta vestida de laços e fitas cor-de-rosa.

Peyton sentou-se.

— Eu pedi desculpas. Pelo menos para o seu telefone. O que mais quer que eu faça?

Ela meneou a cabeça, pensando naquele primeiro ano depois dos ataques. Muitos de sua espécie foram mortos pela Sociedade *Lessening* durante aquele período horrível para a raça, e aqueles que tiveram sorte o bastante para sobreviver tinham deixado Caldwell, recolhendo-se a casas seguras fora da cidade, fora do estado, fora da Nova Inglaterra.

Peyton foi para o sul com os parentes. Ela foi para oeste com o pai. E os dois passaram incontáveis dias insones conversando ao telefone só para manter a sanidade e processar o medo, a tristeza, o horror e as perdas. Com o tempo, ele tinha se tornado alguém com quem ela falava, não só uma vez por noite, mas por todo o ciclo infinito de dias, semanas, meses.

Ele tinha se tornado família para ela.

É claro, se os tempos fossem ao menos remotamente normais, não teriam se aproximado tanto — especialmente não se o contato fosse pessoalmente. Como uma fêmea não emparelhada nascida dentro de uma das Famílias Fundadoras, a ela não teria sido permitido confraternizar tão livremente com um macho não emparelhado sem um acompanhante.

— Você sabe todas aquelas horas que passamos ao telefone? — disse ela.

— Sim.

— Sinto como se você tivesse sido um apoio pra mim. Você não me julgava se eu estava com medo ou fraca, ou nervosa. Você só era... esta voz do outro lado da linha que me mantinha sã. Você era, às vezes, a única razão que me fazia chegar ao anoitecer — ela meneou a cabeça. — E então acontece isso, e você me golpeia com toda a baboseira da *glymera*...

— Agora espere um pouco...

— Você fez. Você riu de mim e me disse que eu não ia conseguir — ela levou uma mão à boca dele, impedindo-o de falar. — Cale a boca, está bem? Deixe-me falar. Agora, você pode ter razão: pode ser que eu falhe no programa. Tudo bem, vou dar com os burros n'água... Mas me permito estar aqui neste ônibus e tenho as mesmas chances que todo mundo. E você, dentre todas as pessoas, que tirava sarro de cada uma das fêmeas da sociedade com quem sua família tentava te arranjar, que me disse que achava que os festivais eram estúpidos, que havia rejeitado as expectativas profissionais que seu pai despejava sobre você... Você era a *última* pessoa no mundo que eu iria achar que ia dar uma de careta comigo.

Ele sentou-se de volta e encarou-a através daquelas lentes azuis.

— Acabou? Já desabafou?

— Pra sua informação, ser um espertinho não vai *realmente* te ajudar aqui.

— Eu só quero saber se está disposta a botar esta merda feminista de lado e me ouvir de verdade.

— Está *brincando* comigo?

— Você não me deu nenhuma chance de explicar. Está ocupada demais em interpretar meu papel nessa coisa, com toda essa merda de *queimem-os-sutiãs*. Por que se importar de deixar outra pessoa entrar na conversa quando se diverte tanto sendo julgadora e superior? Nunca pensei que você fosse assim.

Bem-vindo ao universo paralelo, pensou Paradise.

Antes que pudesse se impedir, ela rosnou.

— E eu aqui pensando que você não passava de um maconheiro. Não sabia que além disto era misógino.

Peyton meneou a cabeça e ficou em pé.

— Sabe o que mais, Parry? Você e eu precisamos mesmo dar um tempo.

— Concordo totalmente.

Ele abaixou o olhar para olhá-la de sua altura.

— Eu que me foda por achar que você poderia precisar de um amigo nisso tudo.

— Alguém que quer que você fracasse não é um amigo.

— Eu jamais disse isso. Nunca.

Quando ele virou as costas Paradise quase gritou com ele, mas deixou-o ir. Não era como se a conversa fosse levá-los a algum lugar. Ao invés disto, o que tinha acontecido? Quase todo mundo neste ônibus estava olhando para eles.

Cara, as coisas estavam começando *tão* bem.

Uma hora após o escurecer, Marissa desmaterializou-se para um bosque no extremo do Rio Hudson. O vento frio que soprava através dos pinheiros lhe causavam tremores, e ela puxou seu casaco Burberry de lã mais para junto de seu corpo. Ao respirar, suas narinas ardiam pela falta de umidade e pelo ar fantasticamente limpo do sistema de alta pressão que estava soprando do norte.

Olhando ao redor, achou que havia algo fundamentalmente morto sobre Novembro. As folhas coloridas do Outono estavam no chão e farfalhavam ao redor, a grama e arbustos estavam murchas e cinzas, e as alegres e falsamente confortáveis neves de inverno ainda tinham de cobrir tudo de branco.

Esta era a transição vazia entre uma versão de fabuloso e a próxima.

Não era nada além de frio e vazio.

Girando ao redor, sua visão aguda focou em uma estrutura de concreto totalmente comum cerca de quarenta e cinco metros adiante. Um único andar, sem janelas e só uma porta azul escuro, parecia algo que a cidade de Caldwell tinha construído para o propósito de tratamento de água e tinha então abandonado.

Ao dar um passo à frente, um galho se quebrou sob seu sapato — e ela congelou com o som, olhando para trás para ter certeza de que não tinha ninguém atrás dela. Maldição, devia ter dito a Butch onde estava indo. Mas ele andava meio ocupado preparando tudo para a orientação dos novos recrutas, ela não queria incomodá-lo.

Estava tudo bem, disse a si mesma. Sempre havia a Última Refeição.

Ela falaria com ele então.

Cruzando a distância até a porta, suas mãos começaram a suar dentro das luvas e o peito se contraiu tanto que sentiu como se estivesse usando um espartilho.

Deus, ela não tinha um desses há quanto tempo?

Quando tentou fazer a matemática, pensou em sua vida antes de conhecer Butch. Ela tinha todo o status e nenhuma posição que alguém da *glymera* podia ter pedido. Como a pretendida não declarada de Wrath, filho de Wrath, ela era uma lenda cautelosa, uma bela maldição que fora lastimada e evitada nos eventos da aristocracia e festivais.

Mas seu irmão sempre tinha cuidado dela, uma grande, embora silenciosa, fonte de conforto. Wrath sempre a ignorava, exceto quando precisava se alimentar — e no final, aquele ódio tinha levado o irmão a tentar matar o Rei.

Um dos muitos atentados contra a vida de Wrath, como acabou se provando.

Ela então tinha sofrido e se arrastado ao longo de seu período infeliz sem esperar mais nada, mas desejando uma vida adequada para si mesma... Foi quando conheceu Butch uma noite na antiga casa de Darius. Seu destino tinha mudado para sempre ao ver, o então humano, em pé naquele saguão, o destino lhe dando o amor que sempre buscara, mas jamais tivera. Mas houve consequências. Talvez como parte do ditado de equilíbrio da Virgem Escriba, em relação a todo o bem vir a um grande custo: seu irmão tinha acabado por expulsá-la de sua casa e de sua vida, poucos momentos antes do nascer do sol.

O que era o que acontecia quando você era filha de uma das Famílias Fundadoras e começava a sair com o que então se assumia ser um reles humano.

Deu-se que havia muito mais em relação a Butch do que supunham, é claro, mas seu irmão não tinha ficado por perto tempo suficiente para descobrir — e Marissa não se importava. Ela teria aceitado o macho de qualquer forma que viesse a ela.

Exceto por ter encontrado com Havers em uma reunião do Conselho, não tinha realmente visto o irmão desde então.

Isto é, até a última noite.

Engraçado, não passava mais tempo olhando para trás do jeito que fazia antes, onde esteve, como vivia. Ela tinha se libertado de tudo o que acontecera antes de seu emparelhamento, vivendo somente para o presente e futuro.

Mas agora, ao caminhar para a soleira da porta da clínica nova e repaginada do irmão, percebeu que aquela coisa do libertar-se foi uma ilusão. Só seguir adiante não significava que tinha se desfeito de sua história pessoal como uma mala de roupas.

Seu passado era o mesmo que sua pele: estava com você para a vida toda, tanto as proverbiais marcas da beleza... quanto as feias cicatrizes.

Em grande parte as cicatrizes, no caso dela.

Está bem, cadê a campainha? A câmera? Na noite passada, eles chegaram de ambulância através de uma entrada diferente — mas Havers disse a ela para entrar por ali se viesse através de desmaterialização.

— Está aqui para uma consulta com o doutor? — uma voz feminina incorpórea disse por um alto falante.

Assustando-se, jogou o cabelo para trás e tentou achar a câmera de segurança.

— Ah, na verdade não tenho hora marcada. Estou aqui para visitar...

— Está tudo bem, querida. Entre.

Houve um ruído e uma barra de empurrar foi revelada na superfície da porta. Empurrando-a, ela emergiu em um espaço aberto de cerca de vinte por vinte. Com luzes embutidas no teto e paredes de concreto pintadas de branco, era como uma cela de prisão.

Olhando ao redor, ela se perguntou...

O feixe de laser vermelho era grande como uma mão, mas fino como um fio de cabelo, e só o notou por causa do calor, não por seus olhos terem imediatamente registrado-os. Viajando em um círculo lento e regular de seus pés até a cabeça, ele emanava do canto superior à direita de um casulo escuro montado com parafusos no teto.

— Por favor, prossiga — a voz feminina disse através de outro alto falante escondido.

Antes de Marissa poder se dar conta do fato de que não havia lugar algum a ir, a parede à sua frente se dividiu ao meio e abriu, desaparecendo para revelar um elevador que se abriu silenciosamente.

— Chique — murmurou ela baixinho ao entrar.

A descida durou mais do que um só andar, então imaginou que a instalação não era só nominalmente subterrânea.

Quando o elevador finalmente parou, a porta se abriu de novo e...

Correria, correria, correria, ela pensou ao sair.

Parecia haver pessoas a todo o redor, sentadas em cadeiras ao redor de uma TV de tela plana à esquerda, fazendo *check-in* em uma mesa de recepção à direita, correndo e conversando pelo centro do cômodo amplo em jalecos ou uniformes de enfermagem.

— Oi! A senhora tem hora marcada?

Levou um minuto para perceber que a fêmea de uniforme branco atrás da mesa frontal estava falando com ela.

— Oh, sinto muito, não — ela se aproximou e abaixou a voz. — Eu sou a *ghardian* nominal da fêmea que foi transferida do Lugar Seguro a noite passada. Vim ver como ela está.

Instantaneamente a recepcionista congelou. E então seus olhos olharam Marissa de cima a baixo, mais ou menos como o feixe de raio laser tinha feito no térreo.

Marissa sabia exatamente a narrativa que se desenrolava na mente da fêmea. A prometida não declarada de Wrath, agora emparelhada ao *Dhestroyer*, e mais do que tudo, a irmã deserdada de Havers.

— Pode, por favor, avisar a meu irmão que estou aqui?

— Já estou sabendo de sua chegada — Havers disse por trás dela. — Eu te vi nas câmeras de segurança.

Marissa fechou os olhos por um breve segundo. E então se virou para encará-lo.

— Como está a paciente?

Ele fez uma breve reverência. O que foi uma surpresa.

— Nada bem... Por favor, venha por aqui.

Ao seguir o jaleco branco na direção de um par de pesadas portas fechadas, ela se tornou muito consciente da quantidade de olhares sobre eles.

Reuniões familiares eram boa diversão. Especialmente em público.

Depois de Havers passar o crachá por um leitor, os painéis de metal se abriram para revelar um espaço médico tão sofisticado e intenso quanto algo que Shonda Rhimes pudesse ter pensado: consultórios cheios de equipamentos médicos caros alinhavam-se ao redor de uma central administrativa cheia de enfermeiras, computadores e vários outros tipos de suportes, enquanto três corredores levavam a diferentes direções ao que ela achava que eram unidades de especialidades.

E o irmão dela construiu tudo aquilo sozinho.

Se ela não soubesse do que ele era capaz, era capaz de sentir admiração.

— Tem uma instalação e tanto aqui — declarou, enquanto caminhavam lado a lado.

— Levou um ano para planejar, mais tempo para construir — ele pigarreou. — O Rei foi bastante generoso.

Marissa lançou-lhe um olhar.

— Wrath? — Como se houvesse outro governante? Dãã — Digo...

— Eu presto serviço essencial à raça.

Ela foi poupada de mais conversa quando ele parou perto de uma unidade envidraçada com as cortinas puxadas ao longo de todo o interior.

— É melhor se preparar.

Marissa encarou o irmão.

— Como se eu não tivesse visto antes o resultado da violência.

A ideia de que ele podia querer protegê-la de qualquer coisa àquela altura chegava a ser ofensiva.

Havers inclinou a cabeça de forma esquisita.

— Mas é claro.

Com um varrer dos braços, ele abriu a porta de vidro e então afastou as cortinas verdes claras.

O coração de Marissa afundou nas entranhas e ela teve de lutar contra uma onda de tontura. Tantos tubos e máquinas entravam e saíam da fêmea que parecia algo saído de um filme de ficção científica, a mortalidade vital na cama sobrepujada por funções mecânicas.

— Ela está respirando sozinha — Havers disse ao se aproximar e verificar a leitura de um equipamento. — Tiramos o tubo de traqueostomia há cerca de cinco horas.

Marissa estremeceu e forçou os pés a se aproximarem da cama. Havers tinha razão ao avisá-la... Mas o que ela esperava? Tinha visto os ferimentos em primeira mão.

— Ela está... — Marissa fitou o rosto machucado da fêmea. Os hematomas descoloriam a pele ainda mais, grandes faixas roxas e vermelhas marcavam as bochechas inchadas, olhos e mandíbula. — Ela... ah... Algum familiar dela veio procurá-la?

— Não. E ela não ficou consciente o suficiente para nos revelar seu nome.

Marissa foi à cabeceira da cama. O bip baixinho e demais ruídos dos equipamentos pareciam muito altos, e sua visão estava clara demais ao olhar para a bolsa de fluidos intravenosos com seu gotejar constante, o modo como o cabelo castanho da fêmea estava embaraçado sobre o travesseiro branco e a textura do cobertor de lã azul sobre as cobertas.

Curativos por todos os lados, ela pensou. E só na parte que dava para ver, braços e ombros.

A mão fina e pálida da fêmea repousava aberta ao lado de seus quadris e Marissa estendeu a mão para tocar sua palma. Fria demais, pensou. A pele estava fria demais e da cor errada... Estava de um branco acinzentado, ao invés do saudável marrom dourado.

— Está conosco?

Marissa franziu o cenho ante o comentário do irmão — e então percebeu que os olhos da fêmea estavam tremulando, os cílios espessos batiam pra cima e pra baixo.

Inclinando, Marissa disse.

— Você está bem. Meu irm... Você está na clínica da raça. Está segura.

Um gemido rasgado a fez piscar. E então houve uma série de murmúrios.

— O que? — perguntou Marissa. — O que está tentando dizer?

As sílabas foram repetidas com pausas nos mesmos lugares e Marissa tentou achar o padrão, destravar as séries de palavras, captar o significado.

— Diga de novo...

De repente, aquele bip ao fundo acelerou a um ritmo alarmante. E então Havers abriu as cortinas, a porta e gritou algo para o corredor.

— O que? — Marissa disse se abaixando para se aproximar mais. — O que está dizendo?

As enfermeiras vieram correndo trazendo um carrinho. Alguém se colocou entre ela e a paciente, Marissa queria dizer a eles para pararem... Mas então se deu conta da mudança no quarto.

— Não temos pulsação — Havers disse ao pressionar o estetoscópio no peito agora nu da fêmea.

A conexão entre Marissa e a paciente foi quebrada, as mãos separadas... E ainda assim, os olhos da fêmea continuaram fixos nos de Marissa, mesmo enquanto as pessoas e mais equipamentos entravam no caminho.

— Comecem as compressões torácicas — Havers disse quando uma enfermeira se inclinou sobre a cama. — Carregar.

Marissa deu um passo atrás e manteve o contato visual.

— Eu vou encontrá-lo — viu-se dizendo acima do ruído. — Eu prometo...

— Todo mundo... afastem-se — Havers comandou. Quando a equipe recuou, ele apertou um botão e a caixa torácica da fêmea sacudiu para cima.

O coração de Marissa martelava como se tentasse compensar o déficit naquela cama.

— Eu vou descobrir quem fez isto com você! — gritou ela. — Fique conosco! Nos ajude!

— Sem pulsação — anunciou Havers. — Vamos de novo. Afastem-se!

— Não! — Marissa gritou quando os olhos da fêmea reviraram para dentro. — *Não...!*

CAPÍTULO CINCO

Era... um coquetel?

Ao entrar em um ginásio que parecia tão grande quanto uma arena de futebol profissional, Paradise se surpreendeu ao ver *doggens* uniformizados segurando bandejas de prata cheias de canapés nas mãos com luvas brancas, um bar montado sobre uma mesa coberta de tecido adamascado com música clássica tocando ao fundo.

As sonatas de violino de Mozart.

As que seu pai ouvia em frente à lareira após a Última Refeição.

Mais distante à esquerda havia uma estação de *check-in*, e depois de um pouco de muvuca, todos os sessenta formaram uma fila na frente de uma *doggen* com sorriso feliz e um laptop. Sem querer parecer esperar tratamento especial, Paradise postou-se em algum lugar no meio da fila e aguardou pacientemente para dar seu nome, confirmar o endereço e tirar uma foto, para só então pegar a fila ao lado, onde estavam sendo distribuídas sacolas esportivas e uniformes.

— Gostaria de um canapé? — um *doggen* perguntou a ela.

— Oh, obrigada não, mas aprecio a gentileza.

O *doggen* fez uma reverência e se aproximou do macho atrás dela na fila. Olhando por cima do ombro, acenou para seu colega candidato — e reconheceu-o dos festivais que a *glymera* costumava organizar antes dos ataques. Como todos os membros da aristocracia, eles eram primos distantes, embora ela não fosse próxima a ele ou seus parentes.

Seu nome era Anslam se não estava enganada.

Depois de acenar de volta, ele enfiou um canapé na boca.

Olhando ao redor, Paradise verificou todo o equipamento atlético que foi montado no espaço aberto. Barras paralelas, barras de flexão, tatames para lutas, um cavalo com alças, equipamentos de pernas... Ah bom, eles tinham uma máquina ergométrica.

Pelo menos uma coisa na qual ela não iria falhar.

Olhando por cima do ombro, viu que muitos dos recrutas estavam rechaçando os *doggen* com as bandejas como se nunca tivessem tratado com serviçais antes. Peyton estava atacando os salgadinhos — o que não era surpresa. E Axe, o projeto de serial killer, observava tudo à distância com os braços cruzados no peito, olhos avaliando a paisagem, como se talvez escolhesse vítimas.

Por que metade dele era tatuada? Ela se perguntou. E os piercings?

Enfim...

E sim, uau, parece que só havia mais uma fêmea até o momento. E dada a expressão dura como pedra daquele rosto magro além dos ombros largos, provavelmente era mais adequada ao programa do que muitos dos machos ali.

Esfregando as mãos suadas nas coxas, Paradise livrou-se de uma sensação de decepção: aquele macho, Craeg, que tinha aparecido para pegar um formulário de inscrição na casa de audiências não estava no grupo.

Mas vamos lá, isto provavelmente era bom. Ele foi uma distração total no segundo em que se aproximou da mesa dela... E ela ia precisar de toda a concentração do mundo para passar por tudo aquilo.

Assumindo que esta noite fosse algo mais, além de uma confraternização de boas-vindas.

Onde estavam os Irmãos? Ela se perguntou...

Captou um movimento rápido com o canto do olho e virou a cabeça. Um dos machos tinha pulado no cavalo com alças e girava lentamente a parte inferior do corpo em largos círculos, enquanto seus braços massivos sustentavam elevados o seu peso. O ruído das mãos dele impactando no couro estofado formava uma batida que gradualmente aumentava conforme a velocidade dele também aumentava.

— Nada mau... — murmurou quando o torso dele incrivelmente forte atirou as pernas ao redor em um borrão.

Ele não hesitou nem um momento. Nem uma vez. E quanto mais girava, mais ela se convencia de que devia ter passado os últimos oito anos no ginásio ao invés de somente oito semanas. Se o resto dos candidatos fossem como este cara? Estava ferrada.

Mas ela não parecia ser a única a se sentir intimidada. A classe inteira tinha parado de falar e o encarava, transfixada pela excelência pura da performance que se desenrolava na, de outra forma vazia, extensão do ginásio.

Clank.

O som de uma porta fechando a fez olhar por cima do ombro — e arfou antes de poder se conter.

Lá estava ele, aquele que ela esperava, o que ela tivera esperanças de ver de novo.

Paradise passou a mão pelo seu rabo de cavalo sentindo algum receptor ligado ao estrogênio surtar como uma colegial de dezesseis anos, enquanto o macho se aproximava da estação de *check-in*.

Mais alto. Ele era tão mais alto do que ela se lembrava. Mais largo também — os ombros dele esticavam um enorme moletom do Syracuse até a ponto de quase romper as costuras. Ele usava calças jeans de novo, diferentes da de antes, mas com o mesmo tipo de rasgos e desgastes que a outra apresentava. Calçava Nikes gastos e sujos. Sem boné de beisebol desta vez.

Cabelos escuros bem bonitos.

Aparentemente ele tinha cortado há pouco tempo, os lados tão curtos que dava para ver o couro cabeludo por baixo da sombra fina ao redor de suas orelhas e nuca, o topo curto o bastante para ficar arrepiado. O rosto dele era... Bem, provavelmente não era um empecilho para ninguém, o nariz um pouco grande demais, o queixo um pouco pronunciado demais, os olhos muito profundamente penetrantes para serem agradáveis. Mas para ela, ele era Clark Gable; era Marlon Brando; era The Rock; era Channing Tatum.

Era como sentir o barato da cerveja, sem a cerveja, ela achava... Alguma química nela o transformando em algo tão mais do que o que ele realmente parecia ser.

Respirando fundo, tentou captar o cheiro dele — e então sentiu-se uma *perseguidora*.

Bem, talvez por que ela *fosse* uma *perseguidora*.

Depois de tirar a foto, ele virou-se para a multidão, os olhos varrendo as pessoas amontoadas sem demonstrar reação alguma no rosto. Vagamente ela tinha consciência dos *doggen* que os recepcionaram

pegando suas coisas e partindo — junto com os serviçais das bandejas que provavelmente voltavam para recarregarem.

Mas isso importava?

Olhe para mim, ela pensou, na direção do macho. *Olhe para mim...*

E então ele olhou.

O olhar dele passou direto por ela — mas então voltou, para desta vez se fixar. Um jorro de eletricidade trespassou o corpo inteiro de Paradise, ela...

De repente, o ginásio ficou escuro.

Completamente.

Escuro.

Porra.

De volta à clínica subterrânea de Havers, não fosse pela parede de vidro na qual se apoiava, Marissa teria caído.

Especialmente ao ver o irmão puxar o lençol branco para cobrir a expressão congelada da fêmea.

Querida Virgem Escrita, não estava preparada para o silêncio da morte... Como quando Havers dera a hora da morte, tudo e todos tinham silenciado, o esforço extinto, a vida acabada. Ela também não estava preparada para a retirada dos equipamentos que tentavam manter a fêmea entre eles: um a um os tubos em seu peito, braços e seu estômago foram soltos e então os conectores do monitor cardíaco foram removidos. As últimas coisas a serem retiradas foram meias de compressão das pernas finas dela.

Marissa precisou piscar rapidamente diante das mãos gentis das enfermeiras. Elas demonstravam tanto cuidado na morte quanto demonstraram em vida.

Quando a equipe saiu, quis agradecer às fêmeas vestidas de branco em seus sapatos discretamente barulhentos. Apertar suas mãos. Abraçá-las.

Ao invés disto, ficou onde estava paralisada por uma sensação de que a morte que tinha ocorrido não era dela para testemunhar. A família devia estar ali, ela pensou com pesar. Deus, onde iria localizar a família?

— Sinto muito — disse Havers.

Marissa estava a ponto de perguntar por que ele estava se desculpando — quando percebeu que ele estava falando com a paciente: o irmão estava inclinado sobre a cama, uma das mãos pousadas no ombro imóvel por baixo do lençol, as sobranceiras profundamente cerradas sob os óculos de aro de chifre.

Quando ele se endireitou e recuou um passo, subiu aqueles óculos e pareceu enxugar os olhos — embora quando finalmente se virou para ela estivesse completamente composto.

— Vou fazer com que seus restos sejam devidamente cuidados.

— O que significa?

— Ela será cremada com um ritual adequado.

Marissa anuiu uma vez.

— Quero ficar com as cinzas dela temporariamente.

Quando Havers anuiu em concordância e fizeram os arranjos para a retirada dos restos na noite seguinte, Marissa estava bastante consciente de estar ficando sem tempo. Se não se afastasse do irmão, deste quarto, daquele corpo, da clínica... Ela ia surtar na frente dele.

E isto simplesmente não era uma opção.

— Com licença — ela cortou. — Tenho alguns assuntos a resolver no Lugar Seguro.

— Mas é claro.

Marissa lançou um olhar para a fêmea, notando ausentemente que o lençol estava manchado de vermelho em vários pontos, sem dúvida dos locais de onde os tubos foram removidos.

— Marissa, eu...

— O que? — ela disse, em voz cansada.

No silêncio tenso que se seguiu, pensou no tempo que passara estando brava com ele, odiando-o — mas naquele momento não conseguia reviver nenhuma daquelas emoções. Ela só ficou ali na frente de seu irmão esperando em uma posição nem de força, nem de fraqueza.

A porta abriu e as cortinas foram afastadas. Uma enfermeira, uma que não estivera envolvida na morte, colocou a cabeça para dentro.

— Doutor, estamos prontos na sala quatro.

Havers anuiu.

— Obrigado. — quando a enfermeira se retirou, ele disse. — Pode me dar licença? Tenho que...

— Cuidar de seus pacientes. A qualquer custo. É o que você faz de melhor, e você é bom no que faz.

Marissa saiu do quarto, e depois de uma fração de segundo de desorientação se lembrou de ir pela esquerda. Era mais fácil se recompor fora do quarto e manter a máscara no lugar enquanto caminhava até a área da recepção — e todos os olhos estavam fixados nela ao partir, como se os boatos de sua presença tivessem se espalhado entre a equipe. Estranho que não reconhecia o rosto de ninguém — a fazia perceber de novo quanta gente foi morta nos ataques e quanto tempo fazia que não ia ao trabalho do irmão.

Como os dois, apesar dos laços de sangue, eram essencialmente estranhos.

Pegando o elevador para a superfície, emergiu na pré-construção em forma de cela e batalhou seu caminho para a floresta.

Ao contrário da noite anterior, nesta noite a lua brilhava intensamente iluminando a floresta... e absolutamente nenhuma estrada nela. Ocorreu-lhe que havia realmente múltiplas entradas para o complexo subterrâneo, algumas para entregas, outras para pacientes que podiam se desmaterializar e então aquela para as ambulâncias.

Tudo isto logicamente pensado, sem dúvida graças ao esforço e influência de seu irmão.

Por que Wrath não tinha lhe contado que estava ajudando Havers com isto?

Mas também, aquilo não era assunto seu, era?

Será que Butch sabia? Ela se perguntou.

Eu sinto muito.

Ao ouvir a voz do irmão dentro de sua cabeça, Marissa sentiu a raiva voltar multiplicada por dez, a ponto de ter de esfregar uma sensação de ardência sobre o coração, em seu esterno.

— Águas passadas — disse a si mesma. — Hora de voltar ao trabalho.

E ainda assim, não parecia conseguir partir. De fato, a ideia de seguir para o Lugar Seguro a fazia querer correr para a direção contrária: não conseguiria contar para equipe de lá o que tinha acabado de acontecer aqui. A morte da fêmea era como uma negação de tudo que eles tentavam fazer sob aquele teto: acolher, proteger, educar, capacitar.

Não. Ela não conseguiria suportar ir até lá naquele momento.

O problema era... não fazia ideia de onde ir.

CAPÍTULO SEIS

Na escuridão tão densa quanto a de um túmulo, Paradise só conseguia ouvir seu próprio coração martelando por trás das costelas. Semicerrando os olhos, tentou fazer os olhos se adaptarem, mas não havia nenhuma fonte de luz — nenhum brilho penetrava por baixo das portas, nenhum sinal luminoso vermelho indicava “Saída”, nenhuma luz de emergência. O vazio era completamente aterrorizante e parecia desafiar as leis da gravidade, a sensação de que talvez estivesse flutuando acima do chão, mesmo que seu peso continuasse sobre os pés, confundindo-a, nauseando-a.

A música clássica também tinha parado.

Mas as coisas estavam longe de estarem silenciosas. Ao forçar sua audição a repriorizar os sons externos, ao invés de seu próprio organismo sobrecarregado, podia ouvir os murmúrios, as respirações, os xingamentos. Alguns poucos deviam estar se movendo, pois ouvia o farfalhar de roupas, passos e conversas de fundo para mais proeminentes ruídos vocais.

Eles não podem nos machucar, disse a si mesma. De jeito nenhum que a Irmandade machucaria de verdade qualquer um deles: sim, ela tinha assinado uma autorização e um formulário de anuência no verso da inscrição — não que tivesse realmente lido a impressão com muito interesse —, mas em qualquer caso, assassinato era assassinato.

Não era possível assinar abrindo mão do direito de continuar respirando.

Isto devia ser só a Irmandade fazendo sua grande entrada. A qualquer momento agora. Sim, eles iam emergir iluminados por alguma porta, delineados como super-heróis contra uma ondulante névoa branca, com as incríveis armas dependuradas de seus corpos *maiores-que-a-vida*.

Ahã.

A qualquer momento agora...

Quando a escuridão apenas continuou, seu medo estocou novamente e foi difícil não ceder e sair correndo. Mas para onde iria? Tinha alguma vaga ideia de onde as portas estavam, onde as barras estavam, onde a mesa de *check-in* estava antes. Também achava se lembrar de onde aquele macho, Craeg estava — não, espere, ele tinha se movido. Ele estava se movendo.

Por alguma razão, podia senti-lo dentre todos os outros, como se ele fosse um tipo de farol...

Uma brisa atingiu seu corpo, fazendo-a se sobressaltar. Mas era só ar frio. Ar frio e fresco.

Bem, excluía-se a possibilidade de um curto circuito elétrico já que o sistema de ar-condicionado ainda estava funcionando.

Está bem, isto era ridículo.

E claramente, ela não era a única pessoa frustrada ali. Outras pessoas praguejavam mais, moviam-se mais, batiam os pés.

— Prepare-se.

Paradise soltou um grito na escuridão, então se acalmou ao reconhecer a voz de Craeg, o aroma, a presença.

— O que? — sussurrou.

— Fique preparada. Este vai ser o primeiro teste... Eles abriram um caminho, a pergunta é como vão nos fazer ir na direção dele.

Ela queria parecer tão esperta quanto ele era, tão calma quanto ele.

— Por que não voltamos pela porta pela qual entramos?

— Não é uma boa ideia.

Neste momento, houve um movimento coordenado em direção ao caminho pelo qual tinham vindo como se um grupo tivesse se reunido, concordado com uma estratégia e passado a colocar um plano em ação.

Foi quando ouviu o primeiro dos gritos na noite.

Alto, estridente e, obviamente, de dor e não somente alarme, os sons horríveis eram acompanhados por um zumbido ao qual não compreendia.

Às cegas — literalmente — esticou a mão e agarrou a mão de Craeg... Só que não, aquela extensão lisa e dura era o estômago dele, não o braço.

— Oh, Deus, desculpe, eu...

— Eles eletrificaram as portas — disse ele, sem tomar conhecimento de sua gafe, nem das desculpas. — Não podemos supor que qualquer coisa seja seguro aqui. Você bebeu algo do que serviram? Comeu alguma daquelas coisas nas bandejas?

— Ah... Não, não, eu...

Da esquerda, o inconfundível som de alguém tendo ânsia cortou o caos. E dois segundos depois, como um pássaro respondendo ao chamado da espécie, alguém começou a vomitar.

— Eles não podem envenenar as pessoas — ela protestou. — Espere, isto é... isto é um curso! Eles não podem...

— Isto é sobrevivência — disse o macho de forma sombria. — Não se deixe enganar. Não confie em ninguém, especialmente em um suposto professor. E não espere conseguir passar por isto... Não por ser uma mulher, mas por que os Irmãos vão colocar os objetivos tão altos que somente um em cada dez terá uma chance de ainda estar de pé no final desta noite. Se muito.

— Você não está falando sério.

— Ouça — disse ele. — Ouve isto?

— Os vômitos? — o estômago dela embrulhou em simpatia. — É difícil não sentir.

Difícil cheirar também.

— Não, o tique-taque.

— Do que está...? — e então ela também ouviu... Ao fundo, como o equivalente auditivo de alguém se movendo por trás de uma cortina, havia um som regular de estalidos. — O que é isto?

— Não nos resta muito tempo. Os intervalos entre os bips estão diminuindo cada vez mais. Boa sorte.

— Aonde vai? — Não me deixe, ela queria dizer. — Onde estão...

— Vou rastrear o ar fresco. É para onde todo mundo vai ser guiado. Não toque em nenhum dos equipamentos de exercício. Como eu disse, boa sorte.

— Espere! — Mas ele já tinha ido, um fantasma desaparecendo na escuridão.

Subitamente, Paradise ficou completamente aterrorizada, seu corpo estremeceu de forma incontrolável, as mãos e pés entorpeceram, um suor gelado porejou por cada centímetro quadrado de sua pele.

Meu pai tinha razão, ela pensou, não vou conseguir fazer isto. O que me deu na cabeça...

E foi quando o inferno irrompeu.

De cima e ao redor, explosões se ergueram como se o ginásio tivesse sido programado para detonar, os sons tão altos que foram registrados pelos ouvidos como dor, não barulho, os flashes de luz tão brilhantes que ela passou de uma versão de cegueira para outra.

Gritando no turbilhão, ergueu as mãos para os lados da cabeça e se abaixou no chão em busca de abrigo.

À sua frente, viu pessoas caídas no chão, alguns encurvados de forma defensiva como ela, outros ainda vomitando, um número ainda maior perto das portas se contorcendo e curvando os braços apertados como se a dor fosse grande demais para que permanecessem em pé.

Só havia uma pessoa em pé e se movendo.

Craeg.

Em flashes intermitentes, rastreou o movimento dele até a extremidade da área. Realmente parecia haver uma abertura, uma porta oferecendo nada além de mais escuridão — mas aquilo ainda devia ser melhor do que morrer em uma explosão.

Deu alguns passos à frente e então percebeu que era besteira. Correr. Ela precisava correr — não havia nada que a impedisse e não queria ser atingida pelo desabamento.

Não toque nos equipamentos de exercícios.

Considerando o que aconteceu quando aquelas pessoas tentaram sair pelas portas de metal? Não brinca.

Era um grande alívio correr para frente, mas reteve sua velocidade, pois sua visão não estava boa; tinha de esperar pelos flashes. Era a única maneira de manter-se a salvo.

Pense numa corrida feia. Cambaleante, trôpega, deslizante, ela começou a vencer seu caminho através do barulho e luz penetrantes, a ameaça a sua vida, o terror que a agarrava.

Ela tinha acabado de entrar no labirinto de equipamentos atléticos quando se deparou com a primeira pessoa no chão. Era um macho que gemia e agarrava o estômago. Seu instinto dizia para tentar ajudá-lo, mas se conteve.

Isto é sobrevivência.

Algo passou zumbindo próximo ao seu ouvido... uma bala? Eles estavam *atirando* neles?

Jogando-se no chão, arrastou-se pela superfície escorregadia de barriga para baixo, e então de joelhos através do caos arrebatador.

Ela estava bem até se aproximar do próximo macho no chão se contorcendo com os braços abraçando o abdômen.

Era Peyton.

Continue em frente, disse a si mesma. *Salve-se.*

Quando soou outra explosão bem perto da sua cabeça, caiu de barriga no chão e gritou para o turbilhão.

— Merda!

Quando Craeg, filho de Brael, o mais Jovem, começou a atravessar o ginásio, surpreendeu-se com o fato de que a ideia de deixar aquela fêmea para trás o incomodasse tanto. Ele nem a conhecia; não devia nada a ela — era Paradise, a recepcionista da casa de audiências do Rei, aquela que lhe dera um formulário impresso há algumas semanas.

O qual ele precisava por que era pobre demais para ter acesso a Internet, computador ou impressora.

Aquele dia ela parecera deslumbrante demais para se olhar. E quando ouviu sobre sua vontade de ingressar no programa? A única coisa que lhe passou pela cabeça era o que humanos poderiam fazer com ela se a pegassem. Ou *lessers*. Ou o tipo errado de vampiro macho.

Alguém tão linda quanto ela não estava a salvo neste mundo.

Ainda assim, parecera ingênua demais a respeito daquele teste que estavam passando como recrutas. Os Irmãos planejaram cada parte deste ambiente. Nada foi negligenciado e nada trabalharia a favor dos candidatos. Dizer a ela o que já devia saber pareceu a única maneira de ajudá-la — mas ele não podia gastar nem mesmo um momento se perguntando o que teria lhe acontecido.

Precisava se concentrar nos flashes.

Embora na superfície parecessem aleatórios, de fato havia neles um padrão sutil e, igual aos bips de antes, o intervalo entre as luzes e barulhos estava ficando cada vez menor — de forma que estavam novamente ficando sem tempo.

Ele não fazia ideia do que se trataria a segunda fase, mas sabia que era melhor estar preparado.

Pelo menos nenhum deles iria morrer.

Apesar da atmosfera de perigo, tinha a sensação de que a Irmandade não os machucaria de verdade. As “explosões” não passavam de um bocado de sons e luzes; não havia destroços, queda de estruturas, cheiro de fumaça. Da mesma forma, seja lá o que tivesse feito aquelas pessoas vomitarem, não poderia ser nada fatal. Os caras caídos no chão do ginásio não estavam em seus momentos mais felizes, é claro — mas entre os clarões de iluminação, viu alguns dos primeiros a cair se preparando para ficarem de pé.

Aquilo era um teste, um elaborado teste de duração ignorada — e do jeito que as coisas iam, o índice de aprovação do programa poderia ser até menor do que ele disse a Paradise.

Craeg parou e olhou para trás por uma fração de segundo. Não conseguiu evitar.

Mas não tinha como saber onde ela estava. Não havia luz suficiente e tinha corpos demais no chão.

Apenas siga em frente, disse a si mesmo.

Já tinha feito isto antes, vai fazer de novo esta noite.

Empurrando, abriu caminho pela lateral dos equipamentos de exercícios. Não era mesmo uma boa ideia buscar abrigo atrás ou embaixo de nenhum deles. De vez em quando, via pelo canto dos olhos alguma pobre alma tomar um choque — só para parecer estar sendo eletrocutados, os corpos se retorcendo em todos os ângulos enquanto golpeavam para trás, giravam e caíam.

Esperava de verdade que ela tivesse seguido seu conselho.

Erguendo a cabeça e se movendo rápido, eventualmente chegou à porta aberta do outro lado. O cheiro de ar fresco era intoxicante, uma pausa que carregava seu corpo com força adicional. Mas não podia ver o que havia do outro lado — e praguejou consigo mesmo por não ter obedecido ao impulso de trazer uma lanterna.

Está bem, mas então não esperava que as coisas ficassem tão malditamente intensas.

— É por aqui que devemos ir.

Ao som de uma voz baixa, olhou para trás — e assustou-se ao ver uma fêmea perto dele. Não a adorável loura, nem perto disto. De fato, esta parecia sugerir que o termo *sexo frágil* era um erro crasso: era quase tão alta quanto ele, musculosa embaixo das roupas atléticas e, do jeito que olhava para ele diretamente em seus olhos, soube de imediato que era ainda mais esperta do que forte.

— Eu sou Craeg — disse ele estendendo a mão.

— Novo.

Obviamente, o aperto de mão dela era forte e curto.

— É por aqui — ela meneou a cabeça na direção da escuridão. — Por que diabos eu não trouxe uma lanterna?

— Eu estava me perguntando justamente isto...

— Por aqui! — alguém berrou. — O caminho é por aqui!

Sob as luzes estroboscópicas, Craeg viu um grupo de três machos correndo na direção da porta aberta, liderados por um cara forte que trazia no rosto uma expressão de triunfo antecipado que Craeg tinha certeza pra cacete que não permaneceria muito tempo no lugar.

Craeg balançou a cabeça e recuou. Qualquer que fosse a forma de entrar ali, não deveria ser de forma direta e em corrida desabalada. Pelo que eles já tinham visto...

Um... dois... três... o trio passou por ele e a fêmea, que também deu um passo para o lado.

Em seguida a porta bateu com um ruído alto. E então ouviram gritos vindos do outro lado.

Craeg olhou ao redor. Talvez algo mais fosse abrir? Ou não estava olhando o suficiente? Era possível que houvesse outra resposta...

Naquele momento, viu um par de cordas pendurados do teto a cerca de 9 metros. Ele juraria que não estavam ali antes... Quem sabe?

— Lá está a outra opção — disse ele.

— Vamos lá.

Os dois correram contornando o equipamento de exercício, dirigindo-se às cordas antes de qualquer outro. Não havia como dizer para onde as cordas levavam — não dava para ver muito acima — mas as luzes espocavam com intensidade maior e não havia outras opções.

— Pedra, papel ou tesoura para quem escolhe primeiro — disse ela, estendendo a mão.

Ele fez o mesmo.

— Um, dois, três.

Craeg jogou pedra, ela jogou papel.

— Você escolhe.

— Certo.

Craeg agarrou a da esquerda e puxou com tanta força que suas mãos arderam. Pareceu firme o bastante. Mas, e se estivesse errado? Seria uma longa queda e não havia nada embaixo para amortecê-la.

Ele e a fêmea subiram mão a mão, agarrando, impulsionando para cima, usando os pés para enroilhar na corda balançante que deixavam para trás conforme subiam. Ela era quase tão rápida quanto ele, não que tivesse passado muito tempo comparando seu progresso. Para cima, para cima, para cima... Até que os altos falantes, de onde vinham aqueles sons de explosão, estivessem diretamente acima de sua cabeça e os spots de luz que geravam a iluminação irregular ferisse sua visão de algum ponto logo adiante.

— E agora? — resmungou a cerca de dois metros do teto.

— Andaime — ela gritou de volta, mudando a mão que segurava para apontar.

De fato, havia um tipo de passarela suspensa de cabos de metal. Olhando rapidamente para baixo, rezou de novo para que a plataforma fosse forte o bastante para sustentar seu peso.

— Vou primeiro.

— Pedra, papel, tesoura — ela berrou. — Um, dois, três.

Ele jogou tesoura; ela jogou papel.

— Eu primeiro — anunciou ele.

Só que a passarela estava distante mesmo quando ele chegou à sua altura. Segurando a corda grossa, usou a parte inferior de seu corpo para criar um movimento de pêndulo... que aumentou para um giro amplo. Ia requerer uma sincronia perfeita acertar o movimento... teria de soltar as mãos por uns bons metro e meio sem proteção alguma. E só a merda sabia o que ia encontrar quando pousasse.

Mais metal atravessado por uma corrente elétrica?

Craeg impulsionou a pélvis mais uma vez, trouxe os joelhos para cima e enviou seu peso para longe do andaime; então quando o impulso o trouxe novamente para frente, arqueou as costas e chutou os pés pra frente ao máximo.

No momento exato soltou a corda, abrindo mão de seu apoio.

Pelo menos... Esperava que tivesse sido no momento exato.

CAPÍTULO SETE

— Levante-se! Peyton, levante-se... Agora!

Enquanto Paradise perdia a luta contra seu instinto de sobrevivência e rolava o amigo... ou nêmesis, ou que infernos ele fosse agora... até ele ficar de costas. Ela praguejou contra ele, contra ela, contra os Irmãos, contra praticamente tudo o que fosse um substantivo.

Ele não conseguiu ficar muito tempo naquela posição. Quando começou a enjoar de novo, ela o empurrou de lado para que não engasgasse.

Olhando ao redor, viu... muitos no chão. Como se fosse um campo de batalha.

— Eu vou morrer — gemeu Peyton.

No fundo de sua mente, Paradise notou que, embora o barulho estivesse quase tão calamitoso quanto antes, havia mais iluminação, os flashes se tornavam mais rápidos e permaneciam acesos por mais tempo.

— Vamos lá — ela puxou o braço dele. — Não podemos ficar aqui.

— Me deixe... só me deixe...

Quando Peyton vomitou de novo e quase nada saiu, ela olhou para o outro lado do ginásio. Havia algumas pessoas em pé perto da abertura escura indicada por Craeg.

— Peyton...

— Vamos todos morrer...

— Não, não vamos.

E foi um choque perceber que realmente acreditava nisto... Não era só uma frase para oferecer um falso conforto para o *Sr. Suave do Estômago Sensível*. A coisa era, todo este barulho e luzes não estavam realmente produzindo nenhum destroço, fumaça ou poeira, nenhuma estrutura balançava, nenhum tipo de impacto real no espaço ou nas pessoas nele. Era um show de luz e som, como uma tempestade ou uma produção teatral... E só.

Ela também tinha a sensação de que as luzes estavam mudando e aquilo devia significar alguma coisa.

Provavelmente nada bom.

— Peyton — agarrou o braço dele e puxou-o para deitá-lo de costas novamente. — Mexa esse traseiro e levante-se do chão. Temos de chegar ao outro lado.

— Não consigo... Está muito...

Sim, ela o estapeou. E não ficou orgulhosa ou sentiu qualquer satisfação pelo contato brusco.

— *Levante-se!*

Os olhos dele arregalaram.

— Parry?

— Quem diabos você achou que era? Taylor Swift? — Ela puxou a parte superior do corpo dele do chão do ginásio. — Em pé, vamos.

— Eu vou acabar vomitando em você.

— Como se não tivéssemos problemas maiores? Já deu uma olhada neste lugar?

Peyton começou a balbuciar e foi quando ela decidiu que já bastava. Montando-o, segurou-o pelas axilas e usou sua força recém-adquirida para andar pra trás e forçá-lo a ficar de pé sobre seu par de Adidas.

— Paradise, eu vou...

Oh, fantástico.

Caiu a sua frente.

E ele cambaleava tão forte que andar em linha reta seria um desafio. Correr? De jeito nenhum.

— Foda-se — murmurou, agarrando-o pela cintura e erguendo-o do chão em um impulso.

Pesado. Realmente pesado em seu ombro.

Agora era ela quem estava tonta: era como tentar equilibrar um piano ali em cima... Pior, pelo fato de que o peso estava brigando com ela ... e vomitando pela sua perna direita.

Paradise correu ignorando tudo, exceto o objetivo de chegar àquela maldita porta do outro lado. Sua cabeça estava inclinada para o lado, o pescoço tão tenso que ardia; o ombro estava ficando entorpecido pela falta de circulação e as coxas já estavam tremendo de tanta força.

A tentação de se livrar de todas aquelas sensações físicas era forte, especialmente quando cresceram ainda mais e mais insistentes. Mas ela queria... bem, queria chegar àquela porta, ao ar fresco, ao fim daquele negócio de choque e pavor. Então poderia respirar profundamente, colocar o peso choraminguento de Peyton no chão e sentar-se em uma sala de aula agradável e limpa.

Talvez até chegasse a rir com a Irmandade pelo fato de ter atravessado a pior parte, e de que agora o treinamento teórico e de defesa pessoal poderia enfim começar.

Para manter-se indo, tentou se lembrar das salas de aula que viu quando os recrutas passaram pela área de estacionamento até o ginásio. Elas tinham luzes fluorescentes e fileiras de carteiras com cadeiras ordenadas de frente para a lousa.

— Pare — disse Peyton. — Eu vou morrer.

— Dá para calar a boca e parar de se mexer? — disse ela com um grunhido.

— Eu vou...

Oh, pelo amor de Deus, ela pensou quando ele se descontrolou de novo.

Conforme ia avançando arfando pelo esforço, o labirinto de equipamentos atléticos era um pé no saco, as várias estações parecendo ter sido espaçadas e em ângulo de tal forma que tornava inacreditavelmente difícil atravessar ou contornar.

Especialmente com Peyton em cima dela.

E então tinha as pessoas caídas no chão.

Cada vez que pisava em alguém ou tinha que erguer um pé sobre uma das mãos, pés, perna ou braço, ela queria parar, perguntar se estavam bem, chamar ajuda... Fazer algo. O fato de não poder salvar ninguém além dela mesma e Peyton a fazia gritar por dentro, os pulmões queimavam no peito, uma raiva estranha a motivava.

Ela continuava procurando por sinais de sangue. Obsessivamente.

Mas não havia sinal; nada de manchas vermelhas, roupas ou faixas vermelhas de pele, nem poças vermelhas ao longo do chão amarelado. Também não havia cheiro de sangue que pudesse detectar — apesar de haver muitos outros aromas, nenhum deles agradável.

Mas sem sangue. Aquilo devia ser bom, não é?

— Ahhh! — ela gritou quando um jorro branco e quente de dor a chocou.

Um carrinho de mão. Virado.

A dor em seu cotovelo esquerdo desestabilizou tudo, fazendo seu corpo agir como uma mesa dobrável com uma perna puxada — e igual a uma tigela de frutas em uma superfície antes plana, Peyton caiu no chão com os membros se espalhando como maçãs rolando.

— Oh, meu Deus — ela murmurou ao agarrar o próprio braço e massagear onde a corrente elétrica a tinha atingido.

Ela chegou perto demais de uma máquina de massagem peitoral. E ao medir a quantidade de equipamentos que ainda tinha que ultrapassar, pensou... *Não vou conseguir... Não vou... Não...*

— Pode ficar em pé? — disse ela.

Peyton respondeu de maneira não verbal sugerindo que *não*, mas enfaticamente anunciou que ainda era uma negativa.

Deus, como ele ainda podia ter alguma coisa no estômago?

— Não consigo fazer isto — ela gemeu ao olhar em volta e massagear o cotovelo.

Enquanto seus olhos iam e voltavam percebeu que estava buscando por ajuda, algum tipo de salvas, um salvador. Tinha de ter alguém a quem recorrer...

Pela segunda vez em sua vida rezou para a Virgem Escriba, apertando bem as pálpebras, tentando encontrar palavras adequadas contra o pano de fundo de ruídos, cheiros, visões e os espasmos agudos de adrenalina que sobrecarregavam seu organismo. De alguma forma, conseguiu pedir à deusa da raça para enviar alguém que fizesse aquilo parar, para cuidar de Peyton, resgatar todos os outros que estavam no chão, que tirasse todo mundo desse inferno...

Pare de perder tempo, uma voz interior ordenou.

Foi tal surpresa que olhou ao redor esperando ver alguém atrás dela. Não havia ninguém.

Talvez tivesse sido projetado do alto?

Pare de perder tempo. Vá!

— Não consigo levá-lo de novo!

É melhor descobrir um jeito!

— Não consigo.

É melhor conseguir, porra!

— Está bem, está certo, está certo, está bem...

Ela murmurou aquelas palavras repetidamente ao voltar a levantar Peyton e jogá-lo sobre os ombros de novo. A segunda parte do percurso foi ainda mais descoordenada do que a primeira, seu corpo parecia frouxo em lugares que real e totalmente não ajudava — mas Peyton pareceu estar recuperando forças, as mãos dele agarrando os quadris dela e segurando.

Ao passar pelos obstáculos estava quase sem energia, e executou um cálculo rápido da distância até a porta — daí adicionou fatores auxiliares como o quanto seu ombro estava deformado sob aquele peso, e o fato de que, inconvenientemente, precisava tanto fazer xixi que sentia como se alguém estivesse apunhalando seu baixo ventre.

Irrompendo em um galope trôpego, seus pés passaram pelo chão abençoadamente desobstruído, e quanto menos obstáculos, melhor para seu passageiro e para seu próprio corpo.

Só um minuto.

A porta estava fechada.

Quando se aproximou de seu destino, franziu o cenho e comandou os olhos para focar através das luzes ofuscantes. Merda, a porta estava *fechada*. Mas não viu pessoas ao redor da abertura há apenas alguns momentos?

Aproximando-se do painel, deixou Peyton escorregar de suas costas e mal lançou um olhar para ele quando caiu esparramado no chão.

O que aconteceu à merda da porta?

Não havia maçaneta, nem fechadura. Nem ferrolhos. Nem vidro que pudesse ser quebrado.

Girando sobre os calcanhares, avaliou — Jesus, havia cordas de ginástica penduradas a nove metros de distância. As extensões grossas apareceram do teto, e duas pessoas as escalavam com o tipo de velocidade que a fazia querer sentar e desistir ali mesmo onde estava.

— Peyton? — disse enquanto inclinava a cabeça para observar o par subir. — Não vou conseguir subir com você nas costas.

Inferno, não achava que conseguiria suportar seu próprio peso naquelas cordas.

Onde aqueles dois estavam indo, perguntou a si mesma quando desapareceram de sua vista.

— Peyton, vamos precisar...

Uma após a outra, ambas as cordas caíram no chão, a queda das voltas de cordas grossas soou acima de todos os outros ruídos.

Para onde aquelas pessoas foram?

Esfregando os olhos, quis gritar. Ao invés disto, murmurou entredentes.

— Que inferno vamos fazer...

Um sopro de ar fresco e limpo a fez virar a cabeça. A porta se abriu de novo, revelando um vazio denso e escuro.

Como se tivesse consumido os outros recrutas que entraram e estava agora pronta para outra refeição.

Peyton lutou para ficar em pé, as mãos trêmulas varrendo o rosto.

— Eu consigo andar.

— Graças a Deus.

Ele olhou para ela.

— Te devo uma.

— Vamos ver se entrar por ali vai nos levar a algum lugar primeiro.

— Vamos juntos — os olhos dele queimaram quando ofereceu a dobra do braço... como se estivessem indo a um salão de bailes cheio de vestidos de seda e smokings de gravatas brancas. — Não vou te deixar.

Paradise o encarou por um momento.

— Juntos.

Entrelaçando seu braço no dele, não se surpreendeu dele usá-la pra se apoiar. Ainda assim, era uma grande melhora em relação a seu estado anterior de *em-coma-exceto-pelas-ânsias-de-vômito*.

Eles entraram ao mesmo tempo, a abertura da porta larga o suficiente para acomodar os dois...

A porta fechou-se à passagem deles e cortou toda a luz — e ela abriu a boca para gritar, mas então abafou o som, segurando-o. Aquela sensação do chão deslizando debaixo de seus pés aconteceu de novo, como uma lição sobre o significado da visão e coisas como equilíbrio e orientação parcial dos membros e torso.

Ao lado dela Peyton arfava.

Do nada, mãos rudes agarraram seu cabelo, puxando com força. E ela gritou pra caralho quando o medo a fez se contorcer e lutar contra o agarre.

— Paradise!

Eles foram separados e algo foi colocado sobre sua cabeça e amarrado ao redor de seu pescoço. Forçada para o chão, suas pernas foram amarradas e então usadas para arrastá-la de costas. Contorcendo e girando, tentando chutar, respirar, ficar mesmo que parcialmente calma o suficiente para pensar, sentiu como se sufocasse.

Ela sentiu como se pudesse... estar morrendo.

Lá em cima no andaime, Craeg descobriu do pior jeito que era melhor se equilibrar — o choque elétrico que levava cada vez que seus braços resvalavam em algo de metal fazia seu coração acelerar e deixava sua mente em branco por uma fração de segundo que ele não podia dispor.

E naturalmente, a maldita plataforma era frágil como um idoso, balançando e ondulando como um taco de beisebol.

— Mantenha o ritmo! — gritou para Novo. — Pise onde eu piso!

Mãos fortes o agarraram pela cintura.

— Peguei.

Eles iniciaram uma caminhada rápida, mas cautelosa, balançando de lado a lado, o calor das luzes e da massa de corpos logo abaixo o fazendo suar. Esticando os braços, contrabalançou-se e a ela, e começou a ir ainda mais rápido na direção de Deus sabia o que...

De uma só vez o andaime ficou firme como uma rocha, e aquilo era má notícia. O que tinha funcionado em superfície instável não funcionava nada em uma estável e ambos receberam séries de choques elétricos que os fizeram cambalear, os corpos batendo um contra o outro e então batendo nos suportes de metal, só para levarem novos choques. Músculos começaram a ter câimbras que se recusavam a relaxar, os membros incapazes de seguir os comandos mentais.

— Porra! — Craeg rosnou ao tentar fazer seu corpo parar de reagir ao estímulo.

— Que caralho! — Novo berrou.

Ou algo assim.

Queda livre.

A próxima coisa que ele soube, foi que tinha caído por uma beirada que não tinha visto e entrou em uma queda livre que fez com que, mesmo ele, gritasse a plenos pulmões. Ao seu redor o ar rugia viajando pelas suas roupas, fazendo-as farfalhar, esvoaçando os cabelos e a pele de seu rosto, e ecoando em seus ouvidos com um som abafado. Ele ia quebrar as duas pernas se pousasse primeiro de pernas, mas não havia tempo e não havia distância... e não havia razão para sequer tentar uma posição que não fosse devastadora...

Splash!

Ele atingiu uma não antecipada piscina de água ao seu lado, seu corpo foi acolhido na segurança de um líquido frio e fresco. O alívio de não acabar com ambos os fêmures projetando-se por entre os ombros teve vida curta. Seus músculos, antes atingidos por tasers, torturados, superaquecidos, imediatamente entraram em câimbras de uma só vez, tudo congelou, sua falta de gordura corporal o tornou uma âncora, ao invés da boia que precisava.

O choque de inesperadamente atingir o líquido o fez automaticamente respirar absurdamente fundo, mas aquele suprimento de oxigênio não ia durar. Precisava voltar à superfície.

Com mãos cerradas e somente uma perna com alguma mobilidade, debateu-se e chutou o que esperava que fosse o caminho para cima. Ele não tinha orientação visual nenhuma, nada além de um abismo negro que ia consumi-lo se não se salvasse.

A superfície da piscina, poça, lago, seja o fosse aquilo, tinha chegado com a mesma inesperada e não anunciada surpresa com que ele foi ao fundo. Tossir e tentar aspirar ar eram atividades mutuamente exclusivas, e teve de forçar seu sentido primordial de sobrevivência a regular as respostas espasmódicas de seu diafragma.

Cloro. Estavam em uma piscina.

Não passou muito tempo pensando nisto. A dor em seus músculos tensos era inacreditável, como ter adagas enfiadas em suas coxas, traseiro e entranhas, e começou a afundar de novo antes de respirar o suficiente... E isto era inadmissível. Ele não ia morrer daquele jeito.

Lutando contra os impulsos de seu corpo, usou a mente para dominar seu sistema nervoso: com uma respiração enormemente profunda, bateu os braços para cima e para baixo, criando uma corrente artificial que varreu seu torso água acima. Então ele parou... porra... *de se mover*.

E deixou o ar em sua cavidade peitoral se tornar o colete salva-vidas que não vestia.

Não foi uma flutuada perfeita. Suas pernas continuavam a afundar e ele tinha de chutar de vez em quando para manter-se na superfície, mas era infernalmente melhor do que chegar ao fundo e afogar-se.

De vez em quando soltava o ar e voltava a inalar.

Ele não tinha certeza do quanto poderia durar assim. Mas ia descobrir.

Deus... Seus músculos contraídos eram uma tortura, e para se distrair reviveu estar lá em cima naquela plataforma. Os Irmãos eram brilhantes, concluiu. Passar daquele calor para este frio? Depois dos choques elétricos?

Era um ambiente engenhosamente garantido para deixar alguém do jeito exato em que ele estava: lutando contra as respostas naturais do corpo a certos estímulos e ambiente.

O que estava acontecendo ao resto do pessoal, ele se perguntou.

Onde estava a fêmea?

Não a que estava lá no alto com ele... mas a outra? Paradise?

Quando a água ondulou em seus ouvidos, foi como o show de luzes do ginásio, obscurecendo, e então deixando entrar um elemento sensorial. Ele ouviu ruído de água sendo espalhada, tanto perto quanto mais longe dele... Uma porção de gritos e ofegos de outros na piscina... Ecos — eles deviam estar em algum local grande com um teto relativamente baixo e uma porção de azulejos.

— É de “*Meu Malvado Favorito*” — o anjo comentou, como se estivesse sendo útil.

— Cala a boca — cortou V.

— Cala a boca — Butch lutou para manter a voz baixa. — Temos mais quatro minutos no ginásio. Eu vou avisar quando você puder...

— Estou perdendo ar aqui, sabe? — resmungou Lassiter. — Minha boia está murchando.

V amaldiçoou.

— É por que nem ela quer ficar perto de você, igual a mim.

— Se continuar a agir assim, vou achar que a antipatia que sinto por você é recíproca.

— Já não era sem tempo, porra.

Certo, Butch não tinha ainda terminado de retirar da piscina idiotas ensopados em pânico... Mas cara, ele estava feliz pra cacete por não estar nos fundos da casa com aqueles dois brigando.

— Aguenta aí, Lass — disse ele — Eu te aviso... e V, pelo amor de Deus, desligue a porra do microfone dele...

— Oh! Ei! Que caralho, V...

Eeeeeee tudo ficou abençoadamente silencioso.

Quando a dor de cabeça dele tentou arrombar a porta para seu crânio, Butch quis tirar os óculos noturnos e esfregar os olhos, mas não queria perder a visão dos candidatos nem por um momento. A última coisa que o programa precisava era alguém se ferindo seriamente, ou pior, acabar morto.

Além disto, estava distraído o suficiente sozinho mesmo com o equipamento de comunicação 20/20.

Algo estava errado com Marissa.

Deus sabia que ele tinha passado tempo suficiente sendo um zumbi ambulante antigamente, durante seus dias humanos, para reconhecer a preocupação entorpecida na qual ela vinha se perdendo.

O problema era, ela não estava dividindo nada com ele. Cada vez que perguntava no que estava pensando ou se estava bem, ela sorria e dava alguma desculpinha esfarrapada sobre as coisas estarem difíceis no Lugar Seguro.

Sem dúvida aquilo era verdade, mas é que sempre era este o caso. E ela nem sempre tinha a aparência da última noite e dia.

Talvez eles só precisassem de uma noite de folga — e não só em termos de não trabalhar. A mansão era um ótimo lugar para viver... A comida era boa e a companhia era ainda melhor. O problema era que não se tinha muita privacidade. Exceto ao se retirar para seus quartos, o que no caso deles era uma alcova do tamanho de uma caixa de sapatos no Pit, nunca se estava totalmente sozinho. Intromissões aconteciam

o tempo inteiro sem nenhum aviso, por alguém da equipe de empregados, outros Irmãos ou suas companheiras.

O garoto irlandês católico vindo de uma família grande adorava isto.

A parte *hellren* preocupada dele não se entusiasmava tanto.

Preciso planejar um encontro, ele pensou.

— Onde vamos? — V perguntou em seu ouvido.

Merda, ele tinha dito em voz alta.

— Não com você.

— Isso doeu. Doeu para caramba aqui — veio a resposta baixinha.

— Marissa e eu precisamos...

— Se o problema é sexual, eu podia jurar que vocês dois já tinham aprendido. A menos que aqueles sons que vocês dois fazem a noite seja só luta de travesseiro.

— Sério.

— Está dizendo que aquele merda é só origami? Jesus Cristo, papel corta... não dá nem pra imaginar, certo?

— Pare.

— Marissa nunca diz isso.

— Não tem sido este o caso recentemente — Butch retrucou.

— Está com problemas?

— Não sei.

Houve um longo período de silêncio.

— Tenho uma ideia.

— Aceito qualquer coisa...

— É o que ela disse! — Lassiter interrompeu.

— V, pensei que você tinha tirado o microfone dele... — os sons dos dois machos lutando o fez retirar o fone de ouvido e fazer uma careta.

Lassiter estava claramente levando a pior pela qual vinha implorando, e sob qualquer outra circunstância Butch teria ido ao encontro dos dois, e não pra botar panos quentes. Mas tinha coisas mais importantes para se preocupar.

Especialmente agora que tinha que receber dois novos visitantes neste novo round líquido da festa.

E quando V voltasse, talvez Butch pudesse receber algum bom conselho. Desde que seu melhor amigo pudesse pensar fora do mundo coleira de rebites/velas pretas derretidas/gramos de mamilos.

Merda.

Paradise se contorceu contra o aperto em seus tornozelos, ondulando o torso para frente e para trás no chão onde estava sendo arrastada tentando usar até as unhas pra parar. Dentro do saco ao redor de sua cabeça, sua respiração quente a sufocava — ou talvez só tivesse sugado todo o estoque de oxigênio.

Em resposta, o pânico invadiu seu corpo inteiro, fazendo-a seus músculos terem espasmos e transformando seu cérebro em uma super rodovia de pensamentos que não fazia nada para acalmá-la ou ajudá-la. Parte dela queria gritar chamando Peyton, mas ele não ia salvá-la. Ele também foi pego por eles. A outra parte estava extrapolando todo tipo de péssimos finais.

O que vem em seguida? O que vem em seguida? O que vem em seguida?...

O “em seguida” chegou com a mesma falta de aviso que tudo o mais: o impulso pra frente parou, uma segunda pessoa se aproximou e agarrou seus ombros, e ela foi retirada do chão.

Paradise gritou de novo dentro do saco e tentou se livrar das amarras. Impossível. Os grilhões estavam presos tão forte que ela parecia ter tornos mordendo sua pele e ossos...

Balanço...

Ela estava sendo balançada para a esquerda e para a direita, o impulso crescendo como se estivesse a ponto de ser arremessada.

— Não!

Quando foi liberada no topo do arco esquerdo, sua cabeça foi liberada do saco. Deu dois arquejos incríveis de ar — e então começou a cair, cair, cair pela escuridão marcada por sons estranhos...

Splaaaaaash!

Água por todo lado... invadindo seu nariz, boca, encapsulando seu corpo. O instinto assumiu controle, seus sentidos imediatamente calibraram que “para cima” era o caminho contrário do que ela estava tomando, afundando. Estendendo os braços e pernas, descobriu que as amarras de seus tornozelos foram soltas.

Ela subiu à superfície com tal força que seu torso empinou como uma rolha e tossiu com tanta violência que quase perdeu a consciência. Mas por entre os engasgos, conseguiu tomar ar... e então estava sugando grandes golfadas de oxigênio, o luxo simples de ser capaz de respirar a invadiu de uma gratidão que lhe trouxe lágrimas aos olhos. O que não durou. Ao redor, podia ouvir pessoas se debatendo na água, sons delas tossindo, respirando e se debatendo para permanecer flutuando.

Quantos?

Esta já era a segunda parte?

Tentando firmar o pé, quis chamar por Peyton, mas não tinha certeza se atrair atenção seria uma boa ideia. Pelo que sabia...

— Paradise!

O som da voz de Peyton estava próxima e à direita.

— Sim — ela tossiu. — Estou aqui... Você está bem?...

— Você está bem!

— Estou bem aqui — ela falou um pouquinho mais alto. — Estou bem...

A próxima coisa que viu foi uma mão forte agarrando seu braço e puxando-a pela água.

— Aqui dá pé para mim — disse Peyton. — Deixe-me te segurar.

— Não precisa...

— Você precisa conservar suas forças. Isto é só o começo.

Ele parecia razoável, como se o choque da água o tivesse deixado sóbrio. E suas mãos eram suaves na sua cintura quando a girou para que ficasse de costas para ele.

— Te peguei — sussurrou ele.

O braço dele travou ao redor dela e a sensação de seu corpo forte atrás dela a deixou tensa. Quando tudo o que ele fez foi respirar como se também estivesse se recuperando ela começou a relaxar um pouco, mesmo que não conseguisse ver nada e suas pernas continuamente esbarrassem nas dele.

Ela jamais esteve tão próxima assim de um macho.

Embora, dada a situação na qual estavam, agora dificilmente seria a hora de perder um segundo com aquela besteira; Peyton não tinha nada em mente além da sobrevivência.

Com um alívio tênue, cedeu ao toque dele, permitindo-se relaxar. Seus instintos continuavam em alerta, mas pelo menos seu corpo teve um breve descanso, seu ritmo cardíaco diminuiu, aquele ardor horrível em seus pulmões se extinguiu...

Splash! Splash!

Mais dois candidatos... ou vítimas... atingiram a água muito, muito longe, dando a ela o sentido exato do quão grande a piscina ou lago ou lagoa em que estavam devia ser. Exceto... não, não era um lago. A água tinha cloro.

Uma piscina. Eles estavam em uma piscina subterrânea... provavelmente não longe do ginásio, já que ela não foi arrastada por muito tempo.

— E agora? — disse ela.

— Não sei. Mas você e eu ficaremos juntos.

— Sim — estava chocada com o quanto a presença dele a acalmava... apesar de ainda não ter muito a ver e não fizesse ideia do que os atingiria em seguida...

Splash! Splash! Splash!

— Quantos têm aqui? — disse ela.

— Cinco acabaram de chegar. Então tem pelo menos sete de nós.

— De sessenta...? Tem de haver mais — como era possível ser uma entre um número tão pequeno dos que conseguiram chegar até ali? — Com certeza há...

Quatro mais chegaram... um caindo realmente perto deles, três outros surgindo do outro lado.

— Estou pesada demais para você? — ela perguntou.

— Ah, por favor.

Quando ele mudou a mão que a segurava, o corpo dela se moveu na água e as costas pressionaram contra a frente da pélvis dele. Ela não sentiu nada ali... mas não saberia dizer se haveria algum problema se ele estivesse excitado.

Outra pessoa caiu na piscina.

E então...

... por um longo período de tempo não houve mais nada. Na realidade, deviam ter sido somente alguns minutos, mas pareceram horas... dias.

Seu medo continuava à tona, mas com nada para alimentá-lo, a ansiedade começou a canibalizar seu lado racional, todos os tipos de loucura percorrendo sua mente. E se isto não fosse um programa de treinamento? E se isto fosse um tipo de... experimento social? Algo do tipo invasores de corpos... ou tentativa de... Deus, ela não sabia.

Uma onda de terror disparou dentro dela. Não podia ver nada e o rugido dentro de sua cabeça era abafado pelos sons da piscina, e seu corpo estava cansado demais para processar os tremores que a atravessavam.

— E agora? — gemeu ela.

— Eu...

Antes de Peyton conseguir responder, ela viu que algo mudou ao redor deles. Os outros também notaram, os corpos na água se imobilizando enquanto tentavam descobrir o que havia mudado.

O nível da água estava abaixando.

A superfície agitada esteve à altura dos ombros dela... mas agora estava em seu braço, e então cotovelos.

Seu coração acelerou de novo, uma tontura fez sua cabeça girar.

— O que vão fazer com a gente agora? — ela arquejou.

Mais baixo... e ainda mais baixo... até seus pés conseguirem se firmar no fundo, igual aos de Peyton. Mas permaneceu no círculo dos braços dele... pelo menos com o grande corpo atrás dela, sabia que suas costas estavam cobertas.

Eu só quero ver, ela pensou no vazio escuro. *Deus... por favor, deixe-me ver alguma coisa...*

No canto, uma luz brilhante e ofuscante apareceu.

Era tão intensa que ela ergueu um braço para proteger os olhos daquele brilho, e então viu que sim, estavam em uma piscina, uma que era bem limpa e tinha uma bela borda de azulejos azuis claros e verdes. E então lá estava Peyton, parecendo espremido atrás dela. E outros candidatos na água.

Afastando os cabelos encharcados, ela piscou e tentou focar...

Mas que...

— ... porra é esta? — Peyton terminou por ela.

Na extremidade da piscina que ainda esvaziava, um enorme macho de cabelos louros e pretos tinha entrado no espaço... e de início pensou que ele era a fonte de luz. De fato, seu corpo *era* a luz. Ele brilhava como se fosse uma lâmpada incandescente viva.

Mas o mais louco era... isto não era o maior choque.

Ele vestia uma máscara de mergulho e snorkel no rosto bonito... um par de pés de pato que faziam ruído sobre o chão escorregadio ao se aproximar da beira da piscina... uma sunga slinghot rosa neon... e uma boia infantil amarela ao redor da cintura.

Cada um dos semimortos ensopados na piscina o encararam como se ele fosse o segundo advento em um universo paralelo que misturasse Bob Esponja e Magic Mike.

Ruidosamente com aqueles pés-de-pato, ele caminhou até o trampolim, subiu, dificilmente arrumou um plugue nasal cor de pele no nariz e pigarreou.

Depois de alguns “me-me-me-mes”, como se estivesse se aquecendo para um solo vocal, ele respirou fundo e...

— Maneeeeeeirooo! — ele gritou e correu para o fim.

Impulsionando-se na beirada do trampolim, segurou a boia infantil no lugar enquanto executava uma cambalhota perfeita e atingia a água como uma bola de canhão que espirrou água até no teto.

Quando Paradise se encolheu para não ser atingida no rosto pelo tsunami, ela pensou... ponto para os Irmãos.

Dentre tudo o que ela esperava?

Definitivamente não era nada daquilo.

CAPÍTULO NOVE

Os tênis de Craeg alcançaram o fundo da piscina bem quando o... bem, era um macho, com certeza... atingiu a água com um impacto como se um sedã tivesse sido jogado ali. Depois que o dilúvio assentou, o ambiente se tornou regularmente iluminado, a luz emanando daquele corpo grande e ridiculamente trajado criando um brilho que transformou a piscina de tamanho olímpico praticamente um abajur.

O cara era tipo parte lutador de vale tudo, parte loja de brinquedo.

Mas Craeg não ia perder tempo tentando desvendar aquilo.

Secando o rosto, identificou primeiro as rotas de fuga... Havia quatro ou cinco portas, incluindo aquela pela qual aquele do espartilho inflável tinha entrado, mas podia apostar que todas estavam trancadas. Nada no teto. Nas paredes. No fundo da piscina.

Em seguida, tentou ver se não havia terceiros na mistura. Sim. Meio afastados, havia dois machos enormes vestidos de preto com capuz na cabeça e óculos de visão noturna. Usavam armas pesadas, mas as armas estavam nos coldres... e eles pareciam estar monitorando todo mundo na piscina como se buscando por sinais de fraqueza ou perigo.

Depois ele avaliou quem tinha conseguido chegar àquele estágio. Dez... não, doze... espere, treze pessoas estavam na piscina com ele, inclusive a fêmea que tinha caído daquela grande altura com ele.

E a recepcionista loura, Paradise.

Embora não estivesse sozinha.

Não, ela estava junto com um dos machos, a mão dela pousada no braço protetor que enlaçava sua cintura.

Não era uma surpresa. Fêmeas como ela nunca deixavam de ter por perto alguém do sexo oposto. Como mariposas atraídas pela luz, merda assim.

Craeg forçou os olhos a se desviarem do casal... o que funcionou por cerca de um minuto. Quando viu, estava avaliando o potencial de combate do cara, notando o tamanho do macho, a força dos ombros, a expressão do queixo.

Como se estivessem prestes a entrar em combate.

O que era insano, é claro.

Ele não tinha direito algum sobre aquela fêmea... e mais ainda, a única coisa que precisava se importar era a linha de chegada que o esperava no final de tudo isto...

Luzes convencionais surgiram ao redor da área cortando totalmente as sombras, expondo cantos e recantos que não ofereciam mais ameaça.

Mas ainda não achava que estava tudo acabado. Certamente não teria parado agora se ele fosse um dos Irmãos. Ainda havia gente demais em pé.

A porta no canto direito abriu-se como se tivesse sido chutada.

E foi quando a próxima onda surgiu.

Um a um, um grupo de quase doze guerreiros marchou para dentro — a Irmandade, pensou. Tinha de ser a Irmandade: seus corpos eram enormes, fazendo até mesmo ele parecer pequeno e, como os outros dois guardas, tinham máscaras sobre o rosto e couro preto cobrindo-os das botas às cabeças.

Ao contrário dos outros dois, tinham armas nas mãos.

Em um flash, aquele que fez a grande aparição com os acessórios infantis, levantou-se e desapareceu. E então o que restava da água gorgolejou para os ralos no fundo da piscina.

À sua volta, candidatos perambulavam em roupas ensopadas e relativa exaustão. Ele permaneceu imóvel... assim como Novo, que parecia sentir, como ele sentia, que as coisas só iam piorar.

Então era melhor conservar a energia até que tivessem algo válido a confrontar.

Aquelas armas, ele pensou, eram más notícias.

Em um clássico pensamento coletivo, os outros candidatos se congregaram juntos, pessoas na parte mais rasa recuaram quando os guerreiros caminharam ao longo da piscina e fizeram a volta para o conjunto de degraus escorregadios que não levavam a nada além de concreto e poças de água agora.

Então aqueles machos ameaçadores com as armas começaram a descer, as botas pisando como trovões, o balançar dos coldres fazendo sons ridentes. Quando pararam, era impossível saber precisamente quem estavam focando, já que suas cabeças estavam viradas para o grupo, mas os olhos cobertos.

Triangulando sua posição, Craeg decidiu que, por ora, ficar com o bando era melhor, então ele...

Um a um, os Irmãos ergueram as semiautomáticas, mirando diretamente os recrutas. E então o mais alto deles deu um passo à frente, girando o cano em um círculo lento e preguiçoso como se procurando o melhor alvo.

Pense em um estouro de boiada. Os candidatos enlouqueceram correndo para todos os lados, lutando para se esconder por trás dos outros, escorregando, caindo. Um par deles caiu de joelhos, balbuciando e implorando antes que houvesse qualquer disparo.

Craeg não ia fazer nada daquilo. Se os recrutas fossem ser atingidos com algum tiro, certamente não seria com nada letal. Houve muitas precauções até agora. E estava pronto para levar chumbo — se é isso o que o levaria ao próximo nível.

Que atirassem. Ele não tinha medo da dor.

Endireitando os ombros, enfrentou — e percebeu que provavelmente havia outra razão para ele ter parado. Mas se recusou a reconhecê-la.

Vamos, ele pensou. Aqui.

Aqui...

Mas eles não foram em direção a ele.

Não... foram na direção de outra pessoa.

Não ela, ele pensou. Merda, não Paradise.

— Ei — gritou ele. — Ei, cuzão!

Assim que aqueles machos vestidos de preto pisaram na área da piscina, Paradise reconheceu os Irmãos. Depois de passar tanto tempo trabalhando com eles, seus cheiros, suas auras eram bem familiares a ela... e tinha chegado a considerá-los como pais pseudoprotetores.

Aquele não era o caso esta noite.

Especialmente quando desceram até a piscina, agora vazia, ergueram as armas... e um deles a mirou como alvo.

Rhage. Era Rhage quem fixou a mira nela e começou a se aproximar. Sabia por que o corpo dele era bem maior do que o dos outros.

Não, não, ela pensou. Você não pode fazer isto. Meu pai...

Mas ele não hesitou. Veio direto para ela e Peyton, guiando com aquela arma de fogo, o dedo no gatilho.

— Ei! Cuzão!

Pelo canto do olho, viu um dos recrutas dar um passo a frente e abanar os braços.

Era seu macho... ou melhor, o macho. Craeg.

— Atira em mim! Ei! Filho da puta! Atira em mim ao invés dela.

E foi o que o Irmão fez.

Sem desviar o olhar dela, o braço de Rhage foi para o lado e ele apertou o gatilho, uma bala explodiu pelo cano.

Paradise gritou e se contorceu contra o aperto de Peyton quando caos se espalhou, vozes estridentes ecoavam ao redor como a algazarra em pânico de milhares de pássaros espantados.

— Não! Oh, meu Deus... não!

— Cala a boca — Peyton silvou ao mantê-la no lugar. — *Apenas cale a boca.*

De jeito nenhum. Quando Craig caiu, ela se libertou e atacou o Irmão. Foi como um inseto atingindo o para-brisa de um carro, mas não importava. Simplesmente não aguentava mais ver pessoas sendo feridas — especialmente não aquele macho. Estapeando, socando, agarrou o cano da arma e segurou-o com toda a força, tentando controlar a arma. Falhou. Antes de saber o que ocorria, estava de cara no chão no concreto úmido, presa pela nuca e pela parte mais baixa da coluna. Virando a cabeça, olhou freneticamente para o outro lado do fundo da piscina para ver se Craig ainda estava vivo.

O macho estava no nível dela se contorcendo enquanto apertava o que parecia ser a coxa. A única outra fêmea do grupo se agachou ao lado dele, forçou as mãos dele para longe, inspecionou o ferimento. Então em um puxão veloz, puxou a própria camisa para fora da cintura da calça e rasgou-a, expondo um torso musculoso e um sutiã esportivo. Com um puxão, rasgou toda a barra da camisa.

Ela amarrou um torniquete no alto da coxa dele como se tivesse treinamento.

— Solte-a — exigiu Peyton, de algum local atrás dela. — Solte-a, porra!

— Ou o que? — Veio uma voz distorcida dos falantes acima, como se alguém tivesse falado em um microfone com um equipamento sintetizador.

Foi quanto Peyton perdeu a cabeça. Lutando para virar a cabeça para o outro lado, ela captou a incrível visão dele em estado total de agressão, de punhos cerrados voando na direção de Rhage, pés chutando, presas expostas em um rosnado, enquanto tentava tirar o Irmão de cima dela. E subitamente ele não estava sozinho, o macho que tinha demonstrado tanta habilidade atlética no cavalo de mão se juntou a ele.

Pop! Pop!

Ambos foram afastados à bala por outro Irmão. Igual a outros dois machos que também tentaram se envolver. Enquanto isto, as pessoas escalavam as paredes, usando escadas de aço inoxidável para tentar sair da piscina... só para serem eletrocutadas e caírem de novo.

Uma porta se abriu.

Do alto, uma voz anunciou:

— Qualquer um que queira partir pode fazê-lo agora. Nenhum dano recairá sobre vocês. Isto tudo pode acabar... agora mesmo. Tudo o que têm de fazer é atravessar aquela porta.

Naquele momento, ela foi libertada e Rhage se afastou.

Ela cambaleou até Peyton, rolando-o para que ficasse deitado de costas de novo.

— Machucou muito? Onde?

— Meu braço... a porra do meu braço.

Paradise puxou a camisa para cima e seguiu o exemplo da outra fêmea, rasgando um pedaço com uma das presas, arrancou uma faixa e tentou amarrá-la acima do ferimento que sangrava no tríceps dele.

Ela levantou o olhar para os Irmãos.

— Vocês perderam a porra do juízo? Isto é uma aula, não guerra! Que caralho!

— Vocês podem ir embora agora — a voz vinda de cima trovejou. — Basta prosseguirem para as escadas na parte mais rasa da piscina e tudo estará acabado.

Um jorro agudo de raiva a fez ver tudo branco, e antes de perceber estava em pé em frente à fileira de Irmãos.

— Atirem em mim! Vamos! Façam isto, seu bando de covardes de merda!

Ela não fazia ideia do que diabos estava dizendo. O que diabos estava havendo. Nunca viu tantas armas antes, muito menos deliberadamente se colocado sob a mira livre de tais armas, mas tinha surtado e descobriu que uma fonte surpreendente de poder vinha junto com o descontrole.

Não que os Irmãos parecessem se importar. Eles só ficaram ali, imóveis e sem reação, como se contentassem em deixá-la gritar até esgotar toda energia.

Então ela se virou para os recrutas que estavam partindo.

— Onde estão indo? Precisam lutar! Isto está errado...

Com isso, as portas foram fechadas e o inquestionável som de uma barra sendo travada no lugar ricocheteou ao redor do local.

— Vocês agora deverão completar a Primeira Noite — a voz vinda do alto declarou. — A sessão final começa em três... dois...

— ... um.

E foi quando a iluminação passou de incandescente ao roxo-azulado da luz negra.

Foi também quando dos Irmãos abriram fogo contra eles.

CAPÍTULO DEZ

Tiros de balas de borracha doíam pra caralho.

Quando a primeira de incontáveis outras atingiu Craig no peito, ele virou as costas para proteger sua frente, mais vulnerável. Abaixo da cintura, o único ferimento de bala real era como uma queimadura em sua pele — mas como havia previsto, o tiro experiente não fez nada além de arranhar sua carne, de forma que aquele torniquete era desnecessário. Mas não havia tempo para arrancá-lo — agarrou a mão de Novo e puxou-a de barriga pra baixo no fundo da piscina. Mantendo as cabeças abaixadas, eles se arrastaram da barragem, dirigindo-se para cima e para além da depressão que levava até a saída de três metros.

Relanceando o olhar para trás, viu que os Irmãos, que se realinharam para bloquear os degraus na parte mais rasa da piscina, tinham começado a avançar como se estivessem pastoreando gado para o corredor do abatedouro. Puta merda — as escadas de metal montadas nas paredes da piscina ao lado do trampolim eram eletrificadas — e aqueles guerreiros pareciam ter um suprimento infinito daquelas fodidas balas de borracha. Mesmo que os impactos doessem só um pouco mais do que ferroadas de abelha através de suas roupas, com muitos deles o limite da dor seria engatilhado a ponto de se tornar incapacitante.

Encolhendo-se de novo, mediu o quão rápido os Irmãos se aproximavam deles.

Rápido o bastante para que lhe restasse sessenta segundos para descobrir como sair daquela.

— Desmaterialize-se — ele disse, tanto pra si mesmo quanto para outros que ouvissem. — É a única chance.

Congelando seu avanço, fechou os olhos e começou a respirar. A primeira visão que teve foi daquela fêmea loura e esguia atacando aquele Irmão impossivelmente enorme que tinha uma arma.

Para defendê-lo após ele ser baleado.

— Pare — silvou.

Controle. Precisava controlar a mente e as emoções, focar e desmaterializar-se para cima e para fora. Foco... *foco*.

Dor em seu corpo: na coxa, nos outros impactos ao longo de seus ombros, espinha e quadril. Sua cabeça latejava. Suas costelas estavam contraídas. Seu cotovelo ainda formigava daquele choque no andaime.

Ao redor as pessoas estavam em pânico, chorando, xingando. Tropeçando. Caindo.

E ainda aquelas balas o atingindo. Atingindo a todos.

Quanto mais tentava ignorar o medo e pânico, mais alto o coro de desconforto e distração se tornava.

Precisava fixar em uma imagem, um lugar para treinar seu cérebro.

Do nada, lembrou daquela recepcionista quando a viu pela primeira vez. Estava atrás de uma mesa arrumada em uma majestosa sala de espera. Tudo ali o tinha deixado intimidado — o papel de parede de seda, o tapete chique, o cheiro de limpeza... ela.

Mas ela não o tinha tratado como a escória que ele era. Ela olhou para ele com olhos que fizeram seu coração parar dentro do peito — e então disse o seu nome.

Paradise.

A voz dela era tão linda que ele nem tinha ouvido direito. E daí estragou completamente as coisas ao não apertar a mão que lhe estendeu. O problema era, seu cérebro tinha congelado por que ela era tão...

Seu corpo desmaterializou sem ele perceber. Em um momento estava sofrendo e preso em sua forma corpórea... no outro estava voando para fora da piscina. Sem destino em mente, moveu-se aos trambolhões pelo ar, como das primeiras vezes que tinha executado aquele truque após sua transição — e então conseguiu se controlar e projetar-se para a extremidade, contra a parede.

Quando retomou sua forma Novo já estava lá, preparada e atenta, mas massageando um dos ombros como se estivesse aliviando a dor ou avaliando se o maldito estava deslocado.

Um a um, quatro outros recrutas encharcados saíram da piscina: o macho atlético do cavalo de mão. Aquele que parecia um assassino, que tinha piercings e tatuagens em apenas um lado do rosto e pescoço. O cara que tinha o braço ao redor de Paradise. Outro macho que era alto e forte.

Não fazia ideia do que tinha acontecido com...

A recepcionista foi a última a retomar forma, e Craeg teve que se virar para não exibir uma emoção inaceitável. Para se distrair, tentou ver o que acontecia na piscina aos cinco outros que ficaram para trás...

Uma porta abriu bem ao lado deles e quando uma brisa fria e forte os alcançou, sentiu o cheiro do mundo exterior.

Seja lá o que tivesse do outro lado, era escuro.

— Quem vai primeiro? — Paradise perguntou.

— Eu vou — o macho dos piercings e estilo gótico respondeu. — Não tenho nada a perder.

Craeg franziu o cenho quando o súbito silêncio ao redor deles começou a parecer um mau presságio: os tiros pararam. O que podia significar que aquela parte do teste tinha acabado... ou que os Irmãos estavam recarregando as armas.

Não, eles tinham sumido — tudo o que restava na piscina eram alguns recrutas que tinham se quebrado, suas figuras de roupas ensopadas e soluçantes sentadas no concreto molhado com a cabeça entre as mãos ou os corpos em posição fetal.

Merda. Onde os Irmãos estavam agora?

— Eu vou com você — disse ao Gótico.

Os dois eram os maiores do grupo, a ponta da lança, por assim dizer — e embora tivesse entrado naquela com a intenção de uma sobrevivência solo, estava começando a reconsiderar aquela posição estridente. Pelo menos a curto prazo.

Se um ataque recaísse, dois era melhor do que um.

Novo falou.

— Vou na retaguarda.

O atleta se postou ao seu lado.

— Posso ajudar a cobrir a retaguarda também.

— Vocês três — Craeg ordenou à fêmea loura e seu... companheiro? E um cara que tinha boa aparência de um jeito menino-bonito. — No meio.

Pelo menos daquele jeito não se preocuparia com ela.

Não que estivesse preocupado.

— Movam-se — disse Craeg.

Ele e o macho barra pesada passaram juntos pelo umbral, os ombros lado a lado, quase preenchendo o que acabou se revelando um túnel — e uma vez lá, uma distante luz bruxuleante se tornou o guia para seu lento progresso.

— Qual o seu nome? — sussurrou o Gótico.

— Craeg.

— Sou Axe. Prazer da porra em conhecê-lo.

Paradise esperava que qualquer coisa acontecesse enquanto prosseguiam seu caminho pelo túnel, tensa, cheia de ansiedade, com movimentos lentos e exausta, esperava por outro sapato cair, algo pular na frente deles, cair em cima deles, nocauteá-los.

Quando simplesmente emergiram ao lado de uma fogueira, seus nervos agitados não souberam como processar a ausência de ataque.

E então seu cérebro realmente não conseguiu lidar com o fato de que havia uma mesa posta com garrafas de água, barras de cereal e pedaços de frutas.

Aquilo era o fim? Pensou ao olhar ao redor para pinheiros, arbustos, as estrelas no céu.

— Estou com uma puta sede — disse Peyton, aproximando-se das garrafas de água Poland Springs.

O macho que ela não conseguia evitar ficar encarando o impediu.

— Pode ser uma armadilha — disse Craeg, aproximando-se.

— Você está paranoico.

— Você provou a comida de antes? Gostou de vomitar?

Peyton abriu a boca. Fechou. Praguejou.

Craeg avaliou a mesa. Testou o chão com a ponta das botas úmidas. Moveu-se ao lado em uma posição abaixada. Quando chegou perto, abaixou-se e pôs os olhos do mesmo nível das garrafas ordenadas na mesa. Ergueu a toalha da mesa e olhou por baixo.

Então pegou uma das garrafas de Poland Springs lentamente.

O coração de Paradise martelava. Ela também estava desidratada... mesmo depois da sensação de ter engolido metade da água da piscina. Mas tinha medo de ser envenenada.

Deus, nunca estive em uma situação destas antes — consumida pela sede, com as bebidas a seu alcance, e ainda assim congelada em pensar em obter o que queria.

— Esta não está lacrada — anunciou Craeg.

Pegou outra. E outra. Na terceira, houve um *crack* quando liberou a tampa. Deu uma cheirada no gargalo aberto, provou um golinho.

— Esta está boa — passou-a para trás, sem olhar. E assim que Peyton pegou a coisa, Craeg continuou, inspecionando mais tampas, derramando as que não estavam lacradas. Peyton era quem distribuía entre o grupo até que todo mundo tivesse uma garrafa.

Craeg manteve uma garrafa para si mesmo, mas não bebeu muito, enfiando-a no cinto. Então, sem mais comentários, moveu-se para as barras de cereais, jogando as que apresentavam rasgos nas embalagens, dividindo as que estavam íntegras.

Paradise comeu mesmo sem estar com fome, por que não sabia quando parariam de novo ou quanto esforço teria de fazer neste próximo estágio — e comida era combustível. A barrinha era uma mistura desagradável de papelão, açúcar artificial e gosma, mas não importava. Ela ia precisar das calorias.

Nem que fosse para manter-se aquecida, pensou quando um tremor a atravessou. Noite de novembro e roupas molhadas. Não eram boas para a temperatura corporal se fosse ficar ali ao ar livre.

— O que fazemos agora? — perguntou a todos e ninguém ao mesmo tempo.

Atrás deles, a porta da instalação bateu e trancou-se.

O serial-killer, Axe, murmurou.

— Tudo bem, não estava muito ansioso para voltar lá para um repeteco da ação na piscina, de qualquer jeito.

— Há uma cerca ali — a outra fêmea disse, apontando para a esquerda.

— E ali — o atleta completou.

— Aposto que está eletrificada — murmurou Peyton. — Tudo o mais de metal estava.

A questão foi resolvida quando alguém pegou um galho e jogou na cerca — e a coisa torrou em uma chuva de fagulhas.

Com mais alguma exploração descobriram que estavam em um tipo de rampa, uma que lhes oferecia um único caminho de saída: diretamente à frente, na floresta escura.

— Vamos juntos — disse ela, olhando fixamente para além da luz alaranjada da fogueira. — De novo.

— Eu odeio trabalho em equipe — murmurou Axe.

— E estou *tão* feliz de fazer isto com você — Peyton retrucou.

Sem falar a respeito, o grupo reagrupou-se na ordem do túnel. E então saíram, movendo-se para a frente como uma unidade, cautelosamente evitando se aproximar do metal quando a cerca estreitava o caminho de ambos os lados.

Galhos estalavam sob seus sapatos molhados. Alguém espirrou. Uma brisa soprava de um lado congelando o braço de Paradise.

Mas tudo isto mal era registrado. Enquanto caminhava seu corpo era um fio desencapado, a energia corria pelas suas veias, seus instintos formigavam e se preparavam para um estímulo em algum lugar, em qualquer lugar: estava em uma vigília aguçada por qualquer coisa errada, um ruído no chão era alto demais, uma mudança estranha no corpo de Peyton ao seu lado, o estalar de um galho de árvore à esquerda... e isto que não podia imediatamente pôr de lado na categoria não ameaçadora fazia seus músculos formigarem e seu cérebro agitado querer parar para avaliar. Ou sair em corrida desabalada para escapar.

E ainda assim, continuou indo. E indo. E... *indo*.

O tempo está passando, pensou olhando para a posição das estrelas.

E ainda assim eles continuavam, o grupo desorganizado mantendo-se junto, arrastando-se pelo chão, mancando, cambaleando, todos feridos de alguma maneira, e ainda assim, em pé.

Muitos quilômetros depois — ou talvez fossem cem? — nada veio atacá-los.

Mas não se enganava.

Os Irmãos iriam voltar. Eles tinham um plano para tudo isto.

Ela só precisava ficar em pé, manter-se no grupo e...

Mais adiante, Craig e Axe pararam.

— O que foi? — perguntou enquanto agarrava o braço de Peyton.

Por que sentia cheiro de... fogo?

— Voltamos ao início — Craeg respondeu em voz baixa. — Foi aqui que começamos.

Quando ele apontou para o chão viu pegadas, as pegadas deles na terra remexida. Só que a mesa com a água e comida sumiu... e a fogueira foi apagada — o que explicava o cheiro... e a cerca foi movida para outra posição.

Tinha sido fechada para formar uma alça ou faixa.

— Eles nos fizeram andar em círculos? — reclamou Peyton. — Que porra?

— Por quê? — perguntou Paradise olhando para Craeg como se fosse o líder deles. — Por que fariam isto?

Graças a seus olhos terem se ajustado à escuridão, pode perceber as feições fortes quando franziu o cenho e olhou ao redor. Quando ele meneou a cabeça, o estômago dela se tornou um poço.

— O que? — ela disse.

Aquela única outra fêmea disse.

— Eles vão nos cansar. É por isso...

Os sons de tiro vieram da esquerda, outra rodada de caos se acendeu junto com aqueles canos flamejantes, enquanto o grupo trombava em si mesmo, corpos colidindo e causando jorros de dor a espocar no ombro e perna de Paradise.

— Andem! — gritou Craeg. — Apenas andem e vai parar!

E ele tinha razão. No instante em que começaram a se mover na direção de antes, tudo acalmou e silenciou de novo.

Não precisava ser um gênio para perceber que se parassem seriam atingidos com mais daquelas balas de borracha.

Paradise inalou uma respiração profunda. Não era tão ruim, disse a si mesma. O ritmo deles era lento e regular, e ela gostava de andar.

Melhor do que levar tiros, com certeza.

la ficar tudo bem.

Melhor do que na piscina. Melhor do que ser arrastada pelo chão, amarrada e com um saco na cabeça. Melhor do que as explosões no ginásio.

Tudo o que tinha de fazer era colocar um pé depois do outro.

Para passar o tempo, concentrou-se no que conseguia enxergar de Craeg logo a frente, os movimentos de seu grande corpo, dos ombros largos ao jeito que os quadris ondulavam a cada passo que ele dava. Quando o vento mudava a direção de vez em quando, captava o cheiro dele e pensava que era melhor do que qualquer perfume que já tinha sentido.

Quem era a família dele? Ela se perguntou. De onde era?

Ele tinha uma companheira?

Engraçado como este último pensamento a fazia sentir uma dor no peito. Então, depois de tudo que tinha enfrentado esta noite, não era de se admirar que sua mente e emoções estivessem uma bagunça...

Eles circularam e circularam, até ela começar a reconhecer árvores familiares e galhos específicos, até que seus passos cavaram uma trilha no chão, até a lenta monotonia começar a atingi-la: ninguém os agrediu, atirou nada neles, pulou pela cerca para aterrorizá-los.

Não significava que não pudesse acontecer... mas quanto mais nada acontecia, mais seu cérebro começava a canibalizar a si próprio, lançando pensamentos aleatórios sobre Craeg, pânico infundado, imagens de seu pai, até a... preocupar-se com o que viria depois.

Olhando para o céu, desejou conhecer o significado do alinhamento das estrelas. Ela não fazia ideia de quanto tempo tinha se passado desde que eles chegaram no ginásio ou mesmo de quando saíram para ali, aliás. Parecia uma vida inteira desde que fez check-in e tirou aquela foto no início da noite. Ainda mais tempo desde que ela e Peyton discutiram no ônibus. Mas isto não devia ser verdade.

Três horas? Não, muito pouco. Cinco ou seis, estimou.

O lado bom era que isto teria de parar ao amanhecer. O sol estava fora de cogitação até mesmo para os Irmãos — e claramente ninguém ia ser assassinado. Sim, aquela coisa das armas foi assustadora, mas as pessoas que foram atingidas com balas reais estavam de pé, os ferimentos obviamente superficiais — e o mesmo para todos que comeram ou beberam algo envenenado.

Tantos ficaram pelo caminho. Eles começaram com sessenta. Só restavam sete.

E estava estupefata de ainda estar ali. De fato, se soubesse que uma caminhada na floresta seria o fim de tudo aquilo? Tudo teria sido muito mais fácil.

Considerando o quão ruim poderia ter sido, aquilo era moleza.

CAPÍTULO ONZE

Um a um, todos caíram.

O primeiro a desistir foi o macho que ela reconheceu das festas da *glymera*, seu primo muito distante, Anslam: depois de um tempo ele começou a ficar lento, seu passo caindo para um manquejar que gradualmente ficou tão pronunciado, que seu corpo inteiro foi afetado. E então apenas parou.

O grupo ofereceu algumas palavras de encorajamento, mas ele apenas balançou a cabeça e sentou-se para soltar o cadarço de seu Nike esquerdo.

— Estou acabado. Que atirem. Para mim já chega.

Mesmo na escuridão, pôde ver sangue na meia branca.

— Vamos, Paradise — disse Peyton, guiando-a adiante. — Temos de continuar.

Olhando para a densa floresta, perguntou-se onde estariam os Irmãos. O que iria acontecer com ele.

Quando o grupo retomou a marcha, seguiu por que não queria desistir e também — mesmo que tivesse vergonha de admitir — por que jamais gostou muito do cara. Ele tinha má reputação entre as fêmeas.

Não demorou muito até que o próximo caísse. E então, um após o outro, todos desabaram. Os pés eram um motivo. Ou a coxa. Ou ombro. Um a um... todo mundo foi ao chão, para a trilha de terra, agora bem demarcada por passos que criaram incontáveis pegadas. E Paradise teve vontade de ajudar todo mundo, especialmente quando Peyton começou a cambalear ao seu lado... e então pisar em falso, como se não soubesse mais ao certo o que tinha à frente.

Para ele, era um efeito colateral de ter vomitado tanto. A água que tinha tomado se recusou a ficar dentro, e a desidratação o fazia delirar.

Com ele ela não podia deixar de insistir, e o puxou pelos braços, tentando erguê-lo dos joelhos, quando finalmente desabou.

—... para casa agora — ele balbuciou. — Vou para casa agora. Cama, preciso... comida... estou bem em minha casa, olhe.

Era aterrorizante observá-lo apontar para a frente, para a floresta, os olhos ardentes como se realmente estivesse vendo a mansão na qual vivia.

E foi quando soube que não devia forçá-lo.

— Vamos — a outra fêmea disse. — Se ainda está em pé, precisa continuar.

Paradise encarou um par de olhos azul ciano.

— Odeio isto.

— Nada vai acontecer com ele. Nenhum tiro, lembra... para nenhum dos outros que já pararam.

— Vá — disse Peyton com súbito foco. — Vou ficar bem.

No final, não podia realmente dizer o porquê de ter voltado a colocar um pé depois do outro, de novo. Talvez a falta de introspecção fosse um sintoma de sua exaustão. Talvez estivesse delirando a seu próprio modo e seguisse o que restava do grupo porque seu cérebro os confundia com algum tipo de “lar”.

Talvez seu corpo simplesmente estivesse em piloto automático.

E então eram duas.

Aquela outra fêmea, a de olhos azuis brilhantes, logo caiu no que Paradise agora reconhecia como um padrão. Primeiro desacelerou e começou a tropeçar; então parou. Quando não caiu ao chão, Paradise voltou pensando que ainda havia uma chance.

— Não — disse a fêmea, cortando a conversa. — Vou ficar aqui. Você continua.

Paradise relanceou para o único macho que ainda avançava: Craeg ainda estava à frente. Esteve lá o tempo todo.

Ele não tinha parado por ninguém.

Não ofereceu nenhuma palavra de encorajamento.

Ele apenas mantinha sua marcha, sem desvio ou distração.

— Não gaste tempo ou energia comigo — disse a fêmea — já me decidi. Não consigo mais sentir as pernas e acho que meu ombro está fraturado. Se conseguir se manter caminhando, precisa fazer isto. Está cansada demais para me carregar, mas mesmo que pudesse, eu me recuso a ser um fardo para os outros.

Os olhos de Paradise se encheram de lágrimas.

— Bem... merda.

A fêmea sorriu um pouco.

— Você vai vencer.

— O que?

— Apenas vá. Você já ganhou, garota.

Está beeeem, claramente outra pessoa estava delirando.

A fêmea deu um pequeno empurrão nela e acenou com a cabeça.

— Prove aos garotos que não somos só iguais, somos melhores do que eles. Não me decepcione.

Paradise negou com a cabeça. Se alguém podia vencer aquela guerra dos sexos, a melhor aposta seria a fêmea à sua frente.

— Vá. Você consegue.

Paradise estava praguejando pra si mesma ao virar as costas e voltar a andar. Loucura. Simples insanidade.

Ao voltar à trilha, agora bem demarcada, olhou novamente para o céu. As estrelas brilhavam mais forte do que nunca, o que dizia que o alvorecer ainda estava muito distante.

Há quanto tempo estavam andando? Ela se perguntou. E por quanto tempo mais...?

A esta altura, Craeg estava bem à frente. De tempos em tempos, captava o cheiro dele na brisa, mas era só um toque distante. Falando em vencedores? Era ele quem ficaria em primeiro lugar nisto: era o mais forte, o mais durão — e ela tinha de acreditar, mesmo se contra cada grama dos princípios que pessoalmente tinha, que aquele comprometimento inquebrantável e rígido consigo mesmo iria fazê-lo passar por aquilo tudo melhor do que o interesse e compaixão dela pelos outros.

Carregar peso, fosse física, mental ou emocionalmente te deixava mais lento.

E enquanto continuava em frente, através do vento frio que não mais percebia, sentia a perda de cada um dos membros de seu pequeno grupo — e todos os outros que sofreram antes, fosse no ginásio, na piscina...

Não, aquele macho à sua frente ia ser o último candidato em pé.

Ao dobrar uma esquina na trilha percebeu uma barreira em seu caminho. Estava a certa distância, mas definitivamente era um obstáculo no chão, no meio da trilha.

Não um obstáculo qualquer.

Era... Craeg.

Seu cérebro acelerou, ordenando que corresse até ele — no entanto seu corpo não conseguiu responder ao fluxo de adrenalina. Mesmo quando o cérebro pressionou todos os tipos de botões de alarme sua marcha não mudou, aquele alternar de pés e inclinação de seu torso superior, inalterados pelo pânico.

Ao se aproximar dele, viu que tinha caído de cara no chão, os braços abertos para os lados como se tivesse lhe faltado forças ou consciência para apoiar-se, evitando o impacto. As pernas dele pareciam relaxadas, os Nikes voltados para dentro.

— Craeg?

Ao tentar se abaixar, ela própria caiu por que os joelhos se recusaram a dobrar — e então tentou rolá-lo, mas as mãos escorregavam da roupa, ombros, braço dele.

Mas talvez aquilo fosse por ele pesar duas vezes mais do que Peyton.

Ela conseguiu virá-lo só um pouco, e Deus, estava tão pálido que seu rosto brilhava como o de um fantasma. Mas pelo menos estava respirando, e depois de um momento, os olhos se abriram em uma série de piscadas descoordenadas.

Era bizarro, mas o primeiro pensamento dela foi oferecer sua veia — que era algo que nunca tinha lhe ocorrido até aquele momento, mesmo quando Peyton caiu.

O impulso foi tão forte que chegou a levar o pulso à boca...

Ele a impediu, puxando seu braço para baixo.

— Não... — ele disse rispidamente.

— Você está sangrando — apontou para a grande mancha vermelha em seus jeans. — Precisa recuperar as forças.

Quando os olhos dele fixaram-se nos dela, um estranho tipo de visão afunilada reduziu o mundo inteiro a somente os dois: a floresta ao seu redor, a trilha encerrada sobre a qual estiveram batalhando, o fardo que ambos estavam enfrentando... tudo isto desapareceu junto com as dores e pontadas em seu corpo e cabeça.

O olhar dele a limpou. Renovou. Energizou.

— Me deixe aqui — ele murmurou, a cabeça balançando pra frente e pra trás no chão. — Vá em frente. Você é a última...

— Você consegue levantar. Pode continuar...

— Pare de perder tempo. Vá...

— Você precisa levantar.

Ele fechou os olhos e virou a cabeça para o outro lado, como se encerrando a conversa. Mas então disse.

— Isto é questão de sobrevivência. Sobrevivência significa você continuar a todo custo, não importa o sacrifício. Então pare de gastar seu fôlego, ponha-se de pé e vá em frente.

— Não quero deixá-lo aqui — também não queria investigar muito a fundo porque tinha conseguido se afastar de Peyton, mas parecia não conceber a possibilidade de deixar este completo estranho para trás. — Não vou te abandonar.

Os olhos dele reviraram e estavam furiosos.

— Que tal isto? Não preciso da ajuda de alguém como você... Não quero ser salvo por uma fêmea idiota... uma fêmea idiota, fraca e imbecil que nem devia ter sido admitida no programa, pra começo de conversa.

Paradise caiu para trás no chão da floresta, uma dor ardente disparando por seu peito. Só que balançou a cabeça.

— Você não acredita nisto de verdade. Não foi o que me disse na primeira noite em que nos encontramos. Você me disse para vir, mesmo quando meu pai me disse não.

— Eu menti.

— Está mentindo agora.

Ele fechou os olhos de novo.

— Você não me conhece.

Quando ele permaneceu em silêncio, ela sentiu uma onda de exaustão invadi-la.

— Não, não conheço.

Olhando além dele, para a trilha à sua frente, tentou se imaginar levantando e caminhando de novo... e não conseguiu. Em algum momento entre quando ela esteve em pé por último e este momento atual, de bunda no chão, tinha ganhado cinco toneladas de peso corporal — e não era só isto. Alguém tinha aparecido e esmagado seus dois pés com marretas. Sua cabeça também. E um de seus ombros.

Paradise olhou para trás, para onde eles tinham vindo. Tinha realmente pensado que uma caminhadinha não seria tão ruim?

— Você não pertence a este lugar — ela o ouviu dizer.

Paradise revirou os olhos.

— Estou farta desta linha de pensamento. Se realmente acreditasse nisso, não teria me dado aquele conselho no começo da noite.

— Senti pena de você. Senti dó.

— Então você tem coração.

— Não.

— Então como pode sentir pena de mim ou de qualquer pessoa? — Quando ele só resmungou, ela tomou consciência de que eram dois indivíduos pressionados além do limite, nenhum deles soava muito coerente. — Está bem, tirando eu. Você não tem coração, então por que testou as garrafas de água para todo mundo? As barrinhas de cereais? Aquilo não foi só para mim.

— Sim, foi.

Paradise congelou. A cabeça dele estava virada para o lado oposto, mas teve a estranha impressão de que ele foi sincero ali.

— E ainda assim, eu lhe sou completamente estranha — disse ela.

— Eu disse. Senti pena. Os outros podiam tomar conta de si mesmos e sempre há maior segurança em maior número.

— Então espere, qual é a verdade... um misógino com crise de consciência ou um companheiro de time mesmo que eu seja uma garota?... Você está alternando entre os dois papéis como um político em época de campanha!

Ele gemeu e ergueu um braço.

— Você faz minha cabeça doer.

— Acho que isso é culpa do teste, não minha.

— Pode ir embora? Um pouco mais dessa conversa e vou vomitar igual a seu namorado.

— Meu n... Peyton? Está falando de Peyton?

Está bem, eles estavam mesmo sentados aqui conversando como se não tivesse nada acontecendo?

Bem... *discutindo* como se não nada estivesse acontecendo?

— Me faça um favor — disse o macho. — Vê aquela rocha ali?

Ela olhou para a esquerda.

— Aquela? Do tamanho de um freezer?

— Sim. Poderia pegá-la e deixar cair na minha cabeça? Seria ótimo. Obrigado.

Paradise esfregou os olhos e então abaixou ambas as mãos, quando manter ambos os braços erguidos se tornou trabalhoso demais.

— Qual o seu nome inteiro? Se vou te ajudar em seu suicídio, preciso saber o que escrever em seu túmulo.

Aqueles olhos se voltaram para ela. Azuis da cor do céu. Eram de um chocante azul brilhante.

— Que tal combinarmos — murmurou ele. — Você só me deixa aqui para morrer sozinho então não tem de se preocupar com respingos de sangue em seus tênis... ou com o meu sobrenome.

Paradise desviou o olhar.

— É a terceira vez.

— O que?

Ela esperou que ele lhe revelasse sua linhagem. Quando não o fez, ela sentiu-se exausta... e teve certeza da ascendência civil dele.

— Dá para você ir embora agora? — ele murmurou. — Por mais que eu goste desta conversinha, estou a ponto de desmaiar... e tudo bem com isso. Preciso dormir.

— Você consegue... você pode continuar.

Ele não comentou isto, sequer ouviu... e estupidamente, ela sentiu como se ele estivesse rejeitando um presente que ela estava tentando lhe dar. E quão arrogante era isto?

— Então é verdade, huh — disse ela... praticamente para si mesma.

De novo ele não disse nada, mas não achava que ele tinha realmente desmaiado.

E então, do mesmo jeito que antes, ele falou quando ela não esperava.

— Está hora de você decidir quem você é. Acontece em momentos assim. Você é alguém que desiste... ou que segue em frente?

Mas eu sempre pararia para te ajudar, ela pensou consigo mesma. E ajudar outra pessoa não é desistir.

— Não quer descobrir quem você é?... Além de uma recepcionista?

Ela franziu o cenho.

— Há nobreza em todos os trabalhos.

— E talvez haja grandeza esperando por você... se apenas se levantar e continuar a andar.

Deus, ela não sabia... de coisa alguma àquela altura.

Com o calor da raiva se dissipando, ela foi deixada com um cansaço que ameaçava colapsar os ossos dentro de sua carne.

Quem sou eu? ela se perguntou.

Boa pergunta.

E não tinha ideia da resposta. O que ela era *claramente*? Paradise, filha de sangue de Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, o Rei Cego, não era o tipo de pessoa que ia se sentar perto de qualquer estranho que não a quera por perto e não estava querendo ajuda, enquanto houvesse sequer a possibilidade de dar mais um passo, mais um quilômetro ou dois neste desafio.

Ela abaixou o olhar para Craeg. Como ela, as roupas dele estavam arruinadas pelo sangue, suor e sujeira, o cabelo bagunçado por ter secado longe de um pente, o corpo um amontoado de ângulos tortos.

— Cuide-se — disse ela ao lutar para se levantar.

Ele não respondeu. Talvez tivesse finalmente desmaiado? Ou talvez simplesmente estivesse aliviado por ela ir embora. De qualquer jeito... não era problema dela.

Quando tentou mover a perna direita à frente, descobriu que tudo em sua forma corporal — de seu pescoço à espinha, às pernas e juntas no meio do caminho, estavam em uma desordem dolorida. Mas deu um passo adiante. E outro. E outro. E out...

Não fazia ideia do que a manteve em movimento. Não se importava em vencer. Não estava fazendo aquilo para provar a ninguém que estavam errados ou que as fêmeas eram capazes. Ela não sabia nem se estava tendo algum pensamento consciente.

Paradise só continuou a caminhar... por que era o que ela fazia.

Queimando.

Algum tempo depois, tudo o que conseguia sentir era ardor: nas pernas e pés... nas entranhas e pulmões... garganta abaixo — Deus, sua garganta estava em chamas... dentro de seu crânio... em seu rosto.

Havia fogo ao seu redor, dentro dela, através dela, como se suas veias tivessem gasolina acesa dentro delas e seus músculos estivessem carbonizando de dentro para fora.

Luzes brilhantes em seus olhos também.

Luzes tão brilhantes.

Brilhantes demais.

Só que não era o alvorecer. O céu continuava escuro... pelo menos achava que continuava.

Vagamente, um pensamento se projetou acima de toda agonia. Seria aquilo o Fade? Ela se perguntou. Esta luz, esta dor? O calor?

Será que tinha morrido?

Não se lembrava de morrer... será que percebíamos quando morríamos? Mas o que mais poderia explicar esta agonia ardente?

Caminhando... ainda estava caminhando. Ou talvez o mundo estivesse se movendo debaixo de seus pés e ela estivesse na verdade parada? Era difícil saber. Ela via tudo dobrado, as árvores se tornavam mais espessas em ambos os lados da cerca eletrificada, a trilha que seguia se bifurcava na distância, então ela continuava a sentir como se tivesse de escolher direita ou esquerda... só que quando olhava para baixo, só havia um caminho de novo.

Fogo... o Fade.

Não! Ela pensou confusamente. Deus, seu pai! Oh, isto era terrível... Abalone ia ficar totalmente sozinho agora sem ninguém mais naquela imensa mansão estilo Tudor, as duas fêmeas de sua vida no Fade...

Paradise parou.

O caminho à sua frente não estava mais claro.

Enquanto se concentrava na alta e sólida barreira à sua frente, sua visão dupla se tornou o que era uma representação mais acurada da realidade... e viu que estava diante de uma fileira alinhada de machos.

Havia... uns doze, talvez mais.

E todos estavam vestidos de preto com capuzes sobre o rosto e armas no corpo.

A Irmandade estaria de alguma forma a saudando no Fade?

Isto não fazia o menor sentido.

Quando ondulou sobre os pés, percebeu que eles se aproximavam em um grupo coeso de corpos impossivelmente grandes.

Corra! Uma voz interior ordenou. *Corra! Isto é outro teste!*

Só que não havia energia para isto. Nenhuma energia nem para manter aquele pânico por mais do que uma única explosão de pensamento orientado à ação.

Cambaleando, com fogo dentro e fora, pensou: *Foda-se*. Ela tinha violado o tempo limite, fracassado no módulo, foi reprovada no que quer que fosse essa parte do treinamento — e era fim de jogo para ela.

Não havia outra chance, nenhuma motivação disponível para ela, nem interna, nem externamente. Se eles atirassem nela e a fizessem em pedacinhos? Não tinha mais impulso de luta para oferecer.

Então isto era o fim, huh. Cara, seu pai ia ficar tão furioso quando eles a matassem.

Em uma pausa coordenada, como se funcionassem sob comando de um único cérebro, a Irmandade parou à sua frente e ergueu as mãos. Preparando-se para algo mais que lhe causaria dor, ela...

Eles começaram a aplaudir.

Um a um, juntaram as grandes mãos, aplaudindo enquanto a encaravam. E quando a rodada de aplausos simplesmente continuou, eles tiraram as máscaras, revelando-se para ela.

— O que? — murmurou ela. — Não entendo.

Ou melhor, era o que ela tentou dizer. Não lhe restava voz alguma, nada para carregar adiante as palavras que sua mente queria pronunciar.

Butch, aquele do sotaque de Boston se aproximou.

— Parabéns — disse de forma sombria. — Você é a *Primus*.

Paradise não sabia o que aquilo significava. E sem chance que ia pedir para repetir.

Como alguém desligando um computador... tudo escureceu entre uma batida de coração e a seguinte.

CAPÍTULO DOZE

Enquanto aguardava do lado de fora do consultório da Dra. Jane, Butch apoiou o traseiro na parede de concreto do corredor do centro de treinamento e deixou a cabeça cair para trás. De tempos em tempos, esfregava os olhos.

O que não ajudava muito.

Não ajudava nada, na verdade: a cada piscar de suas pálpebras, via Paradise cambaleando no meio daquela trilha que eles fizeram através da floresta para os recrutas parecendo saída de uma guerra, o cabelo todo emplastrado, o rosto sujo, as roupas em ruínas, sangue nas mãos. Quando ela finalmente viu os Irmãos, o olhar era vazio e inexpressivo como o de um crânio vazio, seu corpo um amontoado de membros frouxos e tortos, o espírito alquebrado.

Maldição, não conseguiu evitar lembrar dela na noite anterior quando estivera empacotando as coisas para seu pai na casa de audiências de Wrath. Impecável como sempre. Alerta, desperta, feliz, embora receosa de que sua inscrição pudesse ser revogada pelo pai, a Irmandade ou o Rei.

Fodido inferno, talvez eles deversem mesmo tê-la cortado.

Mas não teria sido justo.

Todo mundo que tinha chegado à trilha estava dentro.

Mas não podia dizer que estava tranquilo quanto a isto. Talvez se o último de pé tivesse sido um daqueles machos sólidos. Tipo aquele garoto Craeg, que era um líder nato, o tipo de cara que era perfeito para a vida de soldado... se ele tivesse vencido a todos, Butch tinha certeza de que não estaria tendo uma crise de consciência neste momento.

Não é que não acreditasse que fêmeas pudessem fazer coisas. Ele só...

A porta do consultório abriu e V emergiu. Enquanto acendia prontamente um cigarro enrolado a mão, Butch se perguntou se ele também não estava remoendo o que fizeram. Não que o fodão fosse admitir isto.

— Bem, foi divertido — o irmão disse, sombriamente. — Podemos fazer de novo amanhã?

— Ela está bem?

— Sim — V exalou ao afastar o isqueiro. — Desidratada. Pés em frangalhos. Escoriações. Ehelena está levando a maca dela para a sala de recuperação neste instante.

— Ela ainda está apagada? — Porra, isso era ruim. Muito ruim.

— Está indo e voltando. Não queremos que ela tropece e caia, certo?

— É.

Houve uma pausa.

— Qual o problema com você? Ouça, eu disse que ela vai ficar bem.

Butch só balançou a cabeça. Sem dúvida, dado o histórico sadomasô de V, o cara estava acostumado à ver fêmeas — e machos — destroçados e depois se recuperando perfeitamente bem. No entanto, como ex-detetive da Homicídios, Butch encarava essas coisas de forma ligeiramente diferente. Ele via vítimas.

Ele reviveu cenas de crimes onde corpos de fêmeas pareciam destroçados como carros em um acidente — e não, elas não se recuperavam perfeitamente bem daquilo, elas morriam.

Então, sim, as associações não eram as mesmas.

— Quer uma bebida? — V perguntou.

Entende-se: você está péssimo, certo?

Butch pegou seu celular. Tinha enviado uma mensagem de texto para Marissa assim que carregaram Paradise para dentro, mas não, nada de resposta. Aparentemente, sua companheira também estava tendo uma noite ocupada.

— Vai à igreja de novo?

Cara, o filho da puta o conhecia bem demais.

— Ainda restam duas horas até o nascer do sol — ele deu um tapinha no ombro do melhor amigo. — Te vejo na Última Refeição.

Ele estava a meio caminho do escritório, onde a entrada do túnel ficava, quando V chamou.

— Você não fez nada errado hoje.

Butch anuiu. Então olhou por cima do ombro.

— Não significa que eu esteja feliz por apresentar a guerra para um bando de garotos.

— Ou nós fazemos a apresentação ou a guerra irá encontrá-los em seus próprios termos.

— Sim, essa merda pode ter sido necessária... pode ter sido até para o bem deles. Mas não me caiu bem.

Ao sair, pôde sentir aqueles olhos diamantinos observando-o e ficou contente de estar se afastando do cara, ao invés de na direção dele. Vishous era bom demais em interpretá-lo, e queria manter toda a instabilidade que tinha encerrada em si mesmo.

E sim, era por isto que ia à igreja. Era o que garotos católicos bons e tementes a Deus faziam quando sofriam colapsos mentais deste tipo.

Paradise voltou a si em um espasmo, nem tanto vindo à superfície da consciência, mas catapultando-se subitamente, as mãos estapeando o que quer que lhe servia de cama, seu torso erguendo, os olhos arregalados.

Estava pronta para qualquer coisa.

Exceto pelo quarto limpo e bem iluminado que estava cheio de camas e completamente vazio de pessoas.

— Mas... que... ?

Quando olhou ao redor seu pescoço estalou, e aquilo abriu a porteira para todo tipo de coisas desagradáveis: seus pés latejavam, seus quadris a estavam matando, as coxas estavam em chamas, uma perna estava erguida e o estômago doía tanto que era como se tivesse levado socos.

Abaixando as pernas para o chão, descobriu que usava um pijama de hospital e um roupão macio.

— Não se preocupe, tanto o médico quanto a enfermeira são fêmeas.

Ela voltou-se para a porta.

— Peyton?

Seu amigo estava meio fora e meio dentro da porta, as roupas destruídas desapareceram, um roupão frouxo e com cinto as substituíram. Ele claramente tinha tomado banho, comido e bebido... estava perto da boa aparência de sempre, o sorriso sardônico, o olhar vivo.

— Pode me chamar de Papai Noel — seu amigo se aproximou e estendeu uma caneca. — Afinal, eu trouxe um presente pra você.

— Espere, espere... onde estamos? O que é...?

— Aqui, beba isto — Peyton sentou-se na cama ao seu lado. — E antes que pergunte, não há nada aqui além de duas colheres de açúcar e duas de creme. Eu me lembro de como gosta de seu café.

— Que horas são? — ela tomou o café só para agradar. — Oh, meu Deus... meu pai...

— Eu mesmo telefonei para ele. Estamos no centro de treinamento da Irmandade. Nós sete conseguimos entrar no programa... especialmente você. Parabéns, Parry. Você conseguiu.

Ela franziu o cenho e tomou um gole... então gemeu.

— Oh, cace... isto é a melhor coisa que já provei na vida.

Ele se levantou e foi até uma mesa lateral.

— Seu jantar, madame.

Quando ele trouxe uma bandeja cheia de pratos cobertos, teve de se forçar a não derrubar o café.

— Cadê todo mundo?

— Na lanchonete, sala de recreação logo ali fora. A maior parte deles está dormindo. Eu pedi à enfermeira para te trazer para cá por motivos óbvios.

— Óbvios... — oh, certo. — Obrigada.

— É, sem acompanhantes. Mas tenho vindo ver como você está a cada quinze minutos.

E depois de tudo que ela tinha passado durante as horas noturnas, sua virtude parecia a última coisa com a qual precisava se preocupar. Mas não dava para ignorar toda sua criação assim, de uma hora para outra.

— Coma — disse ele. — Tudo fica melhor depois de comer.

Ele colocou a bandeja perto dela na cama e começou a destampar os pratos. Uma olhada aos pedaços de carne assada com batatas e sentiu-se faminta.

Mas antes de atacar, teve de perguntar.

— Todos os sete? Do... você sabe... do grupo da caminhada? Todos?

— Axe, Boone, Novo, Anslam e Craeg.

Ela desviou o olhar ante o último nome.

— Então esta é nossa classe?

— É.

Erguendo o garfo e faca, ela gemeu ao se inclinar sobre o prato e suas costelas gritaram um estridente O QUE ESTÁ FAZENDO, SUA LOUCA.

— Bosta, não consigo me mexer sem...

— Advil. Vou pedir para alguém te trazer mais — Peyton se dirigiu à porta e parou. — Eu lhe devo desculpas.

— Pelo que?

— Por pensar que você não conseguiria fazer isto — olhou para ela. — Você estava certa em me esculhambar no ônibus. Provou que eu estava errado. Sinto muito.

Paradise suspirou.

— Obrigada. Isto significa muito para mim.

Ele anuiu.

— Saia quando estiver pronta. Estamos só passando o tempo.

— Ei, Peyton? — disse antes dele girar a maçaneta.

— Hmmm?

— Me faz um favor?

— Manda.

— Não conte a ninguém sobre... sabe, sobre quem eu sou. Não quero que me tratem de forma diferente. Só quero ser igual a todos.

— Anslam sabe. Mas posso falar com ele e lhe dar uma ordem de silêncio.

— Obrigada.

Peyton olhou para o chão por um momento.

— Qualquer coisa que precisar.

Depois dele sair, Paradise comeu o máximo que pode — o que acabou sendo tudo o que estava na bandeja, inclusive os rolinhos de vegetais e ervilhas. Terminou o café e bebeu as duas garrafas de água mineral que acompanhavam tudo. Então mancou até o banheiro.

O chuveiro estava tão quente que ficou surpresa por não derreter a tinta das paredes, mas oh, como seu corpo relaxou sob o jorro penetrante. As bolhas em seus pés doíam, assim como vários pontos

aleatórios, tipo seu cotovelo direito e seu joelho esquerdo, que estavam escoriados e o topo de ambos os ombros por alguma razão. Mas não importava. Era o paraíso.

Pendendo a cabeça, deixou o jato de água correr pela nuca.

Estava contente de Peyton ter ligado para seu pai. Era quase manhã e não queria que o macho se preocupasse, mas não se sentia preparada para falar sobre o que tinha acontecido. Precisava de tempo... para pensar, para reavaliar, para processar.

Passou xampu. Usou-o sem verificar o rótulo. O mesmo com o condicionador. E o sabonete.

Quando saiu, sentia-se mais como ela mesma... mas aquilo mudou quando olhou para o reflexo no espelho que ficava acima da pia.

Inclinando-se, observou o rosto como se fosse de outra pessoa... e pareceu-lhe estranho. Seu rosto parecia mais magro, e mesmo sem maquiagem, os grandes olhos pareciam enormes e destacados, como os de uma criança.

— Quem sou eu? — sussurrou para o reflexo.

CAPÍTULO TREZE

A Catedral de São Patrício, em Caldwell, era uma grandiosa dama idosa se erguendo do asfalto como um testamento tanto da misericórdia divina quanto da habilidade humana de empilhar e grudar tijolos e blocos de pedra. Ao estacionar seu novo Lexus, Bitch pensou que era meio engraçado que, de todas as características humanas que manteve ao sobreviver à sua transição a vampiro, a que mais se destacava era a fé.

Era um católico muito melhor agora do que jamais havia sido enquanto Homo Sapiens.

Abaixando mais a aba de seu boné dos Red Sox, entrou pela porta da frente que era maior do que a casa onde havia crescido no Sul.

A catedral estava sempre aberta, um Starbucks da espiritualidade, pronta para servir o que era preciso quando as almas se perdiam e cambaleavam.

Senhor, gostaria de uma porção de perdão esta noite, muito obrigado. E um bolinho que magicamente me diga que porra está errado com minha esposa.

O guarda de segurança sentado em uma cadeira no vestíbulo ergueu os olhos de seu *Sports Illustrated* e acenou para ele. O cara estava acostumado a vê-lo ali em horas tão tardias.

— Noite — disse o guarda.

— Tudo bem?

— Sim. Você?

— Também.

Sempre a mesma conversa, e agora a troca de seis palavras fazia parte do ritual.

Atravessando o espesso tapete vermelho, Butch respirou fundo e procurou obter calma do cheiro familiar de incenso, velas, do chão polido com cera de limão e flores verdadeiras. E ao empurrar as portas duplas entalhadas que levavam ao majestoso santuário, não gostou de manter o boné na cabeça, mas tinha de se manter disfarçado.

Sua mãe não aprovaria — assumindo que sua demência lhe permitisse tomar consciência de alguma coisa por alguns minutos.

O fato dela ter perdido a sanidade tinha tornado abandonar o mundo humano tão mais fácil — e de tempos em tempos ele e Marissa iam visitá-la, materializando-se no quarto dela na clínica em Massachusetts e visitando-a porque sabiam que ela não guardaria lembrança alguma deles...

Butch parou e inalou profundamente, seu sangue esquentando, a pele formigando. Virando-se, franziu o cenho ao ver uma figura solitária sentada nas últimas fileiras.

— Marissa?

Mesmo que sua voz não chegasse muito longe, sua companheira ergueu os olhos, registrando sua presença.

Apressando-se pelo piso, foi pela lateral e se enfiou na fileira onde ela estava, tentando não tropeçar nos apoios para oração.

— O que está fazendo aqui? — disse ao detectar lágrimas no cheiro dela.

Os olhos dela estavam úmidos quando ele se aproximou e ela tentou sorrir, mas não conseguiu muito bem.

— Estou bem, sério, estou...

Ele se sentou ao seu lado — praticamente se jogou — e tomou suas mãos. Ela ainda usava seu casaco Burberry e o cabelo estava meio embaraçado nas pontas, como se tivesse andado ao vento.

Butch meneou a cabeça, seu coração acelerando.

— Marissa, você precisa falar comigo. Está me matando de preocupação.

— Sinto muito.

Ela não disse nada mais, mas se inclinou para ele, permitindo que o corpo dele sustentasse seu peso — e aquilo era explicação mais do que suficiente: o que quer que fosse não era culpa dele.

Butch fechou os olhos e a abraçou, esfregando suas costas.

— O que está acontecendo?

A história veio cheia de pausas: uma mulher jovem... gramado do Lugar Seguro... brutalizada... Havers operou... morreu mesmo assim... sem nome, sem informações, sem família.

Deus, odiava que sua *shellan* preciosa estivesse exposta a tamanha violência. Oh, e a propósito, foda-se aquele irmão dela.

— E agora não sei o que fazer por ela — Marissa soltou um suspiro entrecortado. — Eu só... sinto que não fiz o suficiente para salvá-la quando estava viva, e agora que se foi... e sei que ela não passava de uma estranha, mas isto realmente é importante.

Butch manteve-se em silêncio por que queria dar à sua companheira a chance de continuar... e enquanto esperava, pensou, Merda, conhecia a sensação de responsabilização independente de vínculos. Antigamente, quando trabalhava na Homicídios para o Departamento de Polícia de Caldwell, sentia a mesma coisa com cada vítima em seus casos. É surpreendente o modo como estranhos podem se tornar uma espécie de família.

— É que foi tudo tão injusto para ela. A coisa toda — Marissa virou-se em busca da bolsa, tirou um lenço de papel e assoou o nariz. — E não quis contar nada por que sei que você anda muito ocupado...

— Errado — ele interrompeu. — Não há nada mais importante do que você.

— Mesmo assim...

Ele forçou-a a olhar para ele.

— Nada.

Quando ela voltou a chorar, ele secou suas lágrimas.

— Como pode duvidar disto?

— Eu não sei. Não estou pensando direito — ela pressionou o lenço no nariz. — E vim aqui por que é o que você sempre faz.

Está bem, aquilo aqueceu pra caralho o coração dele.

— E ajudou?

Ela sorriu um pouquinho.

— Bem, nos aproximou, não é?

Ajeitando-a ao seu lado, passou o braço ao redor dos ombros dela e encarou as fileiras de madeira brilhosa até o magnífico altar com a cruz dourada e a estátua de seis metros de Jesus na cruz. Graças às luzes externas de segurança, os vitrais brilhavam nas grandes janelas arqueadas que se erguiam até os pilares góticos suspensos bem no alto. E os oratórios honrando santos flamejavam com velas acesas por visitantes noturnos, as estátuas de mármore representando a Virgem Maria, João Batista e os arcanjos Gabriel e Miguel ofereciam graça a qualquer um que precisasse.

Não queria que sua companheira sofresse, mas também estava aliviado pra cacete por ela estar se abrindo com ele. Como um macho vinculado, seu primeiro instinto sempre seria proteger sua *shellan*, e aquele distanciamento dela, mesmo que durante somente um dia, foi tipo uma amputação.

— *Eeunãqueriadizerporcausadesuairmã.*

— O que? — murmurou beijando o alto de sua cabeça.

— Sua irmã...

Butch ficou tenso, não conseguiu evitar. Mas então, qualquer menção àquele pedaço de seu passado era suficiente para fazê-lo sentir-se como se alguém tivesse golpeando-o com a bateria de um carro.

— Tudo bem — disse ele.

Marissa se endireitou.

— Eu não queria te envolver nisso. Digo, você nunca fala de... bem, do que aconteceu com ela.

Ele abaixou os olhos para as mãos de sua fêmea. Estavam retorcendo e revirando no colo dela, torcendo o lenço que agora era uma bola.

— Você não tem de se preocupar comigo — ele prendeu parte do cabelo dela atrás de seu ombro, acariciando as madeixas suaves e bonitas. — Esta é a última coisa que preciso que faça.

— Posso perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa.

Quando ela não respondeu de imediato, ele moveu o rosto para a linha de visão dela.

— O que?

— Por que nunca fala sobre sua vida antes de me conhecer? Digo, sei de algumas coisas... mas você nunca fala de nada.

— Você é minha vida agora.

— Hmm.

— A que se refere?

Ela olhou para ele e deu de ombros.

— Eu não sei o que estou falando. Acho que estou balbuciando.

A bolsa dela soltou um *bing!* E ela colocou a coisa no colo. Ao tirar seu telefone, ele a estudou de uma distância mesmo que ela estivesse perto dele.

— É uma mensagem de texto de Havers — disse ela. — Os restos dela já estão prontos para serem retirados.

Butch ficou em pé.

— Vou com você.

Marissa olhou para ele.

— Tem certeza que tem tempo?

Tudo o que ele fez foi concordar com a cabeça.

— Vamos. Eu dirijo para o outro lado do rio. Ainda temos uma hora antes do amanhecer.

Ao se sentar em uma cadeira relativamente confortável com encosto e apoios para os braços acolchoados, tudo em Craig doía tanto que parecia que uma carga de atizadores de lareira tinha caído em cima dele. Parte disto era culpa sua. Depois de ser trazido para dentro em uma maca, tinha recusado os remédios para dor que lhe foram oferecidos após seu exame médico. Ele tinha, no entanto, aproveitado a comida, o banheiro e as bebidas.

Mas isso era praticamente tudo. Desde que os seis foram para a lanchonete/sala de recreação com seu dormitório colegial, decoração de concreto e tapetes, TV e cozinha pequena, ele se mantinha longe dos demais. Além de saber seus nomes, mantinha-se à parte do grupo, ouvindo a suas histórias sem oferecer nenhum detalhe da sua.

Não que houvesse muito a compartilhar. Era o único que restava de sua família e não tinha vontade nenhuma de divulgar suas lembranças pessoais dos ataques.

O que prestava mesmo atenção era na conversa daquele cara, Peyton. O filho da puta a toda hora se levantava do sofá, verificando o quarto a cada dez segundos.

Por que o cara não se limitava a ficar lá dentro...

Desta vez, quando Peyton enfiou a cabeça pela porta houve conversa. Então ele entrou e fechou a porta. Quando o macho saiu algum tempo depois, aproximou-se daquele chamado Anslam e sussurrou alguma coisa. Seja o que for, Anslam concordou com um gesto de cabeça e um levantar de ombro.

E então Peyton voltou a se sentar no meio da sala.

Não muito tempo depois disto, Paradise saiu do quarto — e no instante em que atravessou a porta, todo mundo olhou para ela, encerrando a conversa sobre *Tosh.O*.

Craig virou a cara para o outro lado, mais por ressentir-se do fato de sua pressão arterial e batimentos cardíacos terem se elevado ante a visão da fêmea.

Maldição, nenhuma dessas pessoas era problema dele. Especialmente ela.

— Senhoras e senhores — disse Peyton. — Temos nossa *Primus*.

— Não me chame disto — ela falou entredentes antes que qualquer tipo de aplauso pudesse acontecer. — Nunca.

— Por quê? — Novo desafiou. — Você superou a todos nós. Foi a que durou mais. Devia estar com um orgulho fodido por isto.

Está certo, *lá* estava a fêmea que devia ter ganhado — não que ele tivesse qualquer interesse sexual em qualquer um no momento. Ainda assim, Novo era seu tipo de garota — uma que sabia se safar dos obstáculos e era claramente do tipo que batia antes pra perguntar depois.

Novo também parecia bem demais naquelas camisetas frouxas Hanes e aquelas calças cirúrgicas que vestiu no lugar das roupas arruinadas.

Ele também não era o único a ter notado. Anslam, Axe e mesmo aquele fodido do Peyton andavam a secando disfarçadamente... não que ela parecesse perceber ou se importar.

A recepcionista, por outro lado, sem dúvida estava bem acostumada a ter todo mundo olhando para ela. Louras como ela nunca falhavam em chamar atenção.

Isto também podia torná-las alvos.

E sim, era o que andava pensando ao se aproximar da mesa dela e sugerir que entrasse no programa. Claro, uma fêmea como ela devia ser protegida pelos machos de sua família, mas aquilo nem sempre funcionava, não é?

Sua própria irmã estaria viva hoje se aquilo fosse verdade.

—... com a gente?

Craeg ergueu o olhar para Novo.

— O que?

— Vamos procurar mais alguma coisa pra comer. Acabamos com tudo o que tinha na geladeira e armários aqui. Quer vir com a gente?

— Não.

— Então vou trazer mais daqueles Oreos duplos pra você. Você comeu todos.

— Não precisa.

— Eu sei — ela disse ao se virar.

Cruzando os braços sobre o peito, estremeceu ao afundar o traseiro ainda mais na cadeira e esticar as pernas. Olhos fechados. Era o que ele precisava... e ao ouvir a porta fechar, ele exalou.

— Não está com fome?

Suas pálpebras se ergueram e ele virou a cabeça. Paradise ainda estava parada à porta do quarto e parecia tão relaxada quanto ele não se sentia mais, em pé com os braços em volta da cintura e as lapelas do roupão erguidas até a garganta.

— Não — ele disse secamente.

Merda, não havia razão para arrancar a cabeça dela.

— Digo... não... — Ótimo, ele soava um verdadeiro idiota.

— Como estão seus pés?

— Bem — houve uma pausa, como se esperasse que ele perguntasse o mesmo.

— Ouça, por que não vai com os outros...

— Você não pode me chutar daqui, sabe?

Ele abaixou as pálpebras.

— Você tem de superar esta coisa de ficar tentando puxar papo comigo.

— Por quê? O que foi que eu fiz...

Craig ergueu-se da cadeira e cruzou a distância entre eles. Invadindo o espaço pessoal dela, garantindo que tivesse tempo suficiente para medir exatamente o quão grande ele era.

— Você estava dizendo? — disse em voz baixa. — Ou está de saída?

Os olhos azuis dela arregalaram.

— Está me ameaçando?

— Só sugerindo uma realocação que será melhor para nós dois.

— Por que não sai *você*?

— Cheguei aqui primeiro.

— Por que fracassou... ceeeerto. Perdeu para uma garota... ceeeeeeerto.

Craig cerrou os dentes.

— Não me provoque, está bem? Minha noite foi tão longa quanto a sua.

— Foi você quem veio pra cima de mim como um búfalo furioso. E eu sairia... por que realmente não gosto de você tanto quanto pensei que gostava. A verdade é que meus pés doem tanto que não consigo realmente andar e tenho orgulho demais para pedir uma cadeira de rodas.

Cuzão.

Total.

E completo.

É, foi mais ou menos assim que se sentiu ao abaixar mais o olhar e ver os pés dela sem sapatos e sem meias, em toda a sua não-glória: hematomas vermelhos se espalhavam nas laterais e pelo topo, e o pé direito estava inchado, parecendo não pertencer à extremidade de seu tornozelo esguio.

Ele fechou os olhos por um momento. Afaste-se. Apenas volte para sua pequena cadeira, camarada, sente-se de novo, e deixe-a mancar para aquele sofá e se esticar ou... voltar ao quarto... ou criar asas e voar para longe de sua figura patética e nojenta.

Em vez disto, viu-se abaixando no chão. Seus dois joelhos estalaram tão alto que foi como quebrar um par de gravetos em uma sala silenciosa, e suas coxas e panturrilhas gritaram pela mudança de posição.

— Eles parecem péssimos — disse ele suavemente.

Não pretendia estender a mão e tocar a pele dela. Ele realmente não pretendia. Mas de alguma forma, sua mão se adiantou e acariciou o topo do pé esquerdo... onde só havia uma faixa de pele não vermelha.

Acima dele, ouviu-a inalar agudamente e, por alguma razão, não confiou em si mesmo para erguer o olhar para ela.

— Dói?

Ela levou um tempo para responder, quase sem voz.

— Não.

Ele correu seus dedos indicador e médio tão levemente pelo topo do pé dela que só pôde sentir o calor em sua pele.

O corpo de Craeg estremeceu. E sua voz não estava muito firme quando disse.

— Odeio ver estas marcas.

Ela provavelmente as tinha em outros lugares também. Contusões, hematomas, escoriações, locais em carne viva. Ele queria tocar todos.

Tocar outras partes dela também.

Isto era ruim, ele pensou. Querido Deus, isto era muito ruim...

Seu desejo sexual estava adormecido por tanto tempo e a última coisa que precisava neste momento era que despertasse, especialmente sob estas circunstâncias. Especialmente com uma fêmea como ela.

Não era preciso ser uma aristocrata para ser uma dama. Mesmo civis que trabalhavam duro podiam ter padrões elevados e se guardarem apropriadamente para um emparelhamento adequado.

O que não seria com um filho de instalador de assoalhos órfão.

Oh, e ela era, muito, muito, muito claramente uma virgem.

O jeito que se portava dizia isto. O jeito que Peyton, que claramente era um fanfarrão, respeitava o espaço dela lhe dizia isto.

Mas, mais do que tudo, sabia por causa daquele *não* estrangulado, de respiração presa.

Isto ia muuuuuuito mal.

CAPÍTULO QUATORZE

O coração de Paradise parecia algo tirado de um ensaio de bateria, e as ondas de calor que inundavam seu corpo eram grandes e brilhantes como um conjunto de címbalos.

Craeg estava no chão à sua frente, seu corpo enorme abaixado em uma estranha posição sentada, os músculos de seus ombros esticando a leve camiseta branca que vestia, sua cabeça escura curvada enquanto cuidadosamente corria as pontas dos dedos sobre o topo de seu pé.

Mesmo que estivesse exausta, sentia cada nuance de seu toque... e também se tornava dolorosamente consciente de estar nua sob aquele roupão e calça de pijama.

Cara... deixa para lá as dores e pontadas. Que agonia?

A única coisa que registrava de seu corpo era um grande e indefinido potencial que não compreendia totalmente, mas a que também não era totalmente ignorante.

Isto era... atração sexual. Luxúria. Desejo.

Bem aqui. Agora.

Repentina, indefensável, descompromissada atração química.

— Eu não devia estar te tocando assim — disse ele, suavemente.

Não, ela pensou. Não devia.

— Não pare.

A cabeça dele se voltou para cima e seus olhares se cruzaram.

— Isto não é uma boa ideia.

Definitivamente não era. Realmente, totalmente, definitivamente não era.

— Sinto-me bêbada.

Craeg fechou os olhos e estremeceu.

— Preciso parar.

Mas não parou. Só correu a ponta do dedo tornozelo acima e então até a panturrilha.

— Não estou vestindo roupa nenhuma — ela disse abruptamente.

Neste momento, ele abaixou a cabeça e esfregou o rosto com a mão que não a tocava.

— Por favor, não diga coisas assim.

— Desculpe, não sei o que estou dizendo.

— Percebi.

Quando o corpo dele pareceu tremer, ela sussurrou.

— É por isto que não gosta de mim? Por causa desta conexão?

— Sim.

— Então você também sentiu.

— Eu teria de estar morto para não sentir.

— É disto que eles falam, não é? Esta necessidade.

Ele gemeu e cambaleou, mesmo estando quase sentado no chão.

— Não...

— Não o que?

Craeg meneou a cabeça e forçou-se a afastar dela. Erguendo os joelhos, pousou os braços neles e pareceu tentar se controlar. Depois de um momento, mexeu na pélvis de forma estranha, como se algo estivesse travado ou incomodando ali.

— Não vou fazer isto com você — disse em voz baixa. — O programa de treinamento é tudo o que tenho. É o único futuro que tenho... então ficar aqui e me sair bem, pra mim não é questão de vaidade. Também não estou tentando provar nada a meus pais, e não é só vontade de sair e brigar com o mundo. Eu literalmente não tenho nada à minha espera. Então não vou deixar nada ficar no meu caminho.

— Não dá para ter as duas coisas? — disse ela, mesmo sem saber com certeza o que estava sugerindo.

Oh, mentira. Sabia *exatamente* o que estava sugerindo: com as mãos dele em seus tornozelos, queria saber como seria tê-las em seu corpo inteiro.

— Não — ele repetiu. — Não dá para ter as duas coisas.

Praguejando, ele se levantou com as mãos à frente dos quadris cobrindo alguma coisa, enquanto voltava ao lugar onde estava antes. Mas não se sentou na cadeira. Ficou em pé olhando para as almofadas com o corpo tenso.

— Você não precisa me proteger — disse ela.

Depois de um momento, ele olhou por cima do ombro na direção dela — e seu rosto estava sombrio:

— Foda-se, estou protegendo a mim mesmo.

Enquanto Butch os guiava para o rio no Lexus, Marissa olhava pela janela ao seu lado. Os suportes da ponte criavam um padrão que cortava a vista da água logo abaixo, fazendo-a pensar em limpadores de para-brisas em repetição lenta. Estavam tão alto que não dava para dizer se havia ondas na superfície. Provavelmente não. Era uma noite calma e de temperatura amena.

Por alguma razão, continuava a pensar na época em que tinham se apaixonado — provavelmente por que seu cérebro não podia lidar com o local onde estavam indo e então escapava parcialmente ao passado, cheio de encantamento, alegria e excitação.

Nada como aquele primeiro toque. Aquele primeiro beijo. Aquele momento em que se fazia sexo pela primeira vez e olhava para o rosto acima do seu e pensava, *Não acredito que estamos realmente fazendo isto!*

— No que está pensando? — Butch perguntou, apertando sua mão.

— Você se lembra de onde rolou nosso primeiro beijo?

Seu companheiro riu suavemente.

— Deus, claro. Foi na varanda do segundo andar na casa de Darius. Eu quebrei o braço daquela cadeira.

Ela sorriu e olhou para ele.

— Quebrou mesmo, não foi?

— Eu não esperava que fosse tão... forte.

À suave luz do painel, o rosto dele era tão sexy quanto sempre fora para ela, e pensou em como ele ficava quando estava excitado, os olhos castanhos ficando pesados, o rosto tão sério, o corpo se imobilizando antes de explodir.

— Quero fazer sexo com você quando voltarmos para casa — disse ela.

A cabeça dele virou para o lado tão rápido que o sedã desviou um pouco da linha reta.

— Bem, quem diria? Isto pode ser arranjado.

— Sinto-me culpada por isto.

— Não sinta — o olhar dele fixou-se no dela. — É muito natural. Querer sentir-se vivo diante da morte... não significa que você não esteja triste pela garota ou que não seja correto com ela. São coisas que não são mutuamente excludentes.

— Você é muito inteligente.

— Só tenho muita experiência em noites assim.

Recostando-se no assento luxuoso, ela deixou as sensações familiares e eróticas se espalharem pelo seu corpo... e se imaginou enfiando por baixo dos braços dele, chegando a seu zíper e chupando-o enquanto ele dirigia.

Mas ele nunca a deixaria fazer isto.

E, além disto, ao chegarem ao outro lado do Hudson, seu cérebro mudou de direção.

— Por favor, não o machuque.

— Quem? Seu irmão?

— Sim.

— Serei um perfeito cavalheiro.

Ela olhou para ele.

— Estou falando sério.

— Eu também — ele apertou sua mão. — Não tem nada com o que se preocupar. Eu não faria isto com você... e isto faz dele um cara de muita sorte.

Butch seguiu as indicações que lhe foram passadas ao pedir orientação de como chegar lá de carro, e cerca de quinze minutos depois estavam passando por uma estrada de terra floresta adentro. Desta vez o acesso à instalação se dava através de uma casa de fazenda de dois andares e havia alguns sedãs estacionados na entrada da garagem de cascalho. Ao saltarem do carro, foram para os fundos até algo que parecia ser uma garagem de tratores, mas que na verdade era o mesmo tipo de quiosque no qual ela esteve antes naquele mesmo dia.

Seguiu-se o mesmo procedimento: verificação, entrada, escaneamento a laser. E então uma parede de ferramentas foi deslocada e eles entraram em um elevador, entrando na terra.

— Deve ter custado muito dinheiro construir isto — ela murmurou enquanto ambos encaravam a piscante sequência de números acima das portas. — Quatro andares subterrâneos? Uau.

— Precisava ser feito.

Ela olhou para ele.

— Espera, então você sabia a respeito desta nova clínica? Por que não me disse?

Butch deu de ombros.

— Eu não queria aborrecê-la falando de seu irmão — ele olhou para ela mordazmente. — Diga que Havers se comportou bem quando esteve aqui mais cedo.

— Ele se comportou mesmo.

Seu companheiro anuiu e ajeitou as elegantes calças pretas. Como sempre, quando estava de folga seu *hellren* policial do sul se vestia com algo que poderia ter saído do catálogo da Neiman Marcus, sua camisa branca impecável e a jaqueta de camurça fina tão caras quanto pareciam. Ele cheirava bem também, embora isto fosse cortesia de sua essência de vinculação e não devido a qualquer colônia — e seu relógio Piaget e aquela grande cruz dourada que sempre usava eram sexy sem ser vulgar.

E ainda assim, ele tinha razão. Se quisesse podia ter matado o irmão com as próprias mãos — e ele provavelmente queria. Mas também acreditava nele quando dizia que nunca faria isto na frente dela.

— Ele é incrível com os pacientes — ela ouviu-se murmurando.

— Este nunca foi um problema para ele.

Não, nunca foi.

O elevador parou com um solavanco e emergiram em outra área de espera, menor e mais discreta do que a outra na qual ela estivera antes.

A recepcionista na mesa olhou primeiro para Butch — e então o secou dos pés à cabeça. Não que ele tenha notado.

— Bem vindos — disse ela. — O doutor já foi avisado de sua chegada. Querem café enquanto aguardam?

Ou talvez algo mais pessoal? Seu tom de voz sugeria.

— Estamos bem, obrigado — Butch tomou o cotovelo de Marissa e a guiou até as cadeiras alinhadas na parede oposta.

Ao se sentarem lado a lado, ficou feliz quando ele segurou sua mão.

— E então, como foi a primeira noite do programa? — perguntou tanto para preencher o tempo quanto por realmente se importar.

As sobrancelhas dele se juntaram.

— Foi bom... ninguém se feriu seriamente. Sete deles conseguiram. Vão passar o dia conosco... em grande parte por que não queremos que os pais os vejam naquelas condições. Mas também é uma boa oportunidade do grupo começar a se unir. Dou a primeira aula ao anoitecer e então eles poderão voltar para casa depois do treino.

— Que bom que tudo saiu bem.

— Vamos ver. Ei, sabe a filha do Abalone, Paradise? Aquela que ajuda a gente na casa de audiência?

— Oh, ela é adorável.

— Ela foi a que aguentou mais. Aquela garota é feita de aço.

— Abalone deve ficar orgulhoso.

— Ele vai ficar.

Eles silenciaram. Até ela falar de novo.

— Acho que vou passar mal.

Butch imediatamente começou a levantar, mas ela o segurou.

— Quero dizer, mais como uma expressão do que por verdadeira intenção.

— Quer voltar para o carro? Eu posso levar os restos dela para você.

Marissa negou com a cabeça.

— Não, ela é minha. Até encontrarmos a família de verdade, ela é minha.

Butch passou um braço ao redor de seus ombros e puxou-a para perto.

— Prepare-se para que isto não mude nem quando você devolvê-la à família.

— É assim que você... quando você trabalhava, é como se sentia?

— Com cada uma das vítimas — ele exalou longa e lentamente. — Pra mim, elas nunca iam embora. Mesmo agora, quando não consigo dormir vejo seus rostos no teto acima de nossa cama. Lembro-me da aparência delas quando vivas, e não consigo esquecer como ficaram após a morte. É uma mancha em meu cérebro.

Olhando para o perfil dele, aquele perfil lindo e imperfeito, sentiu todo o amor que tinha por ele.

— Por que não me acorda para conversar quando isto acontece?

O sorriso tenso dele era todo negativa.

— Você também tem um emprego.

— É, mas eu...

— Não importa. Isto é passado.

Não se ainda te mantém insone, não é? Ela pensou.

— Você e eu somos muito parecidos — murmurou ela. — Ambos engavetamos nossas vidas antigas.

— Você diz como se fosse uma coisa ruim.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a porta do outro lado abriu e uma enfermeira de uniforme branco entrou com uma caixa negra que absurda — e inapropriadamente — fez Marissa lembrar de um par de sapatos stilettos da Stuart Weitzman que foram entregues em sua casa uma noite dessas. Era do mesmo tamanho.

Esperava que o recipiente fosse maior. Menor. Diferente.

Deus, ela não sabia.

— Sentimos muito pela sua perda — a enfermeira disse ao oferecê-la a Butch.

Marissa deu um passo à frente e pegou a coisa. Pesava menos do que achou que pesaria. Mas também, continha somente cinzas, não é?

— Obrigada.

A fêmea corou diante da gafe, como Marissa era fêmea e descendente de uma das Famílias Fundadoras, assumiu que jamais tocaria em algo ligado à morte: no Velho Continente, tal contato era tido como de mau agouro, particularmente em caso de gravidez ou para mulheres em idade fértil.

Foda-se isto.

— Tinha algo mais nas coisas dela?

A enfermeira pigarreou como se tentasse engolir sua desaprovação e estivesse se engasgando.

— Na verdade, tem uma coisa — olhou para Butch como se esperasse que ele tomasse a dianteira e fizesse sua companheira ser razoável. — Ah...

A seu favor, Butch somente arqueou uma sobrancelha como se não soubesse do que infernos a fêmea estivesse falando.

A enfermeira pigarreou de novo.

— Bem, tinha uma outra coisa. Foi a única coisa pessoal que encontramos... estava enfiado em seu...

— Em seu o que? — Marissa exigiu.

— Em seu sutiã — a enfermeira enfiou a mão no bolso do uniforme e retirou uma extensão de algo preto com uma fita de tecido vermelho. — Tem certeza que quer...

Marissa arrancou a coisa da mão da enfermeira.

— Obrigada. Vamos embora agora.

Antes que qualquer coisa a mais pudesse ser dita, foi até o elevador e apertou o botão com a seta indicando subida na parede. Como se o elevador estivesse só esperando para ajudá-la a dar a porra do fora dali, as portas se abriram e ela entrou. Butch estava, como sempre, logo atrás dela.

Foi só quando estavam subindo de volta ao térreo que olhou para o que pegou da outra fêmea. Havia um pendão de seda vermelha dependurado de uma das extremidades, e na outra algo pontudo e entalhado, parecendo algo que poderia se encaixar em uma fechadura.

— É uma chave?

Butch tirou-o dela e examinou a coisa.

— Sabe, pode até ser...

CAPÍTULO QUINZE

Por volta do por do sol da noite seguinte, Peyton decidiu que não gostava de nenhum deles.

Olha, não era que se considerasse melhor do que os outros cinco alunos. É só que tinha alguma coisa errada com cada um deles.

Axe, aquele de aparência punk/gótica, *é-já-sacamos-que-você-tem-um-estilo-fodástico*? Óbvio. O bastardo estava a uma faca de distância de ser um serial killer. Boone, o Adônis musculoso? Uh-huh, sacamos que você consegue andar sobre as mãos e girar o traseiro como se estivesse preso à garganta com uma corda... mas quem se importa? Você está aqui pra lutar, não vestir uma saia tutu e tentar entrar no Cirque du Soleil. Anslam? Não passava de um perdedor na *glymera*, não vinha nem mesmo de uma das Famílias Fundadoras. Irrelevante e uma surpresa que tivesse chegado tão longe.

Mas o que realmente não gostava, era aquele chamado Craeg — embora fosse mais por conta do modo como todo mundo, mesmo Paradise, tratava-o como se fosse o líder eleito do grupo.

Não que Peyton estivesse cobiçando a posição, mas vamos lá. Ninguém teve uma chance em nada daquilo ainda. Não havia razão para ser posto em um pedestal tão cedo.

E esta não era a única coisa que o incomodava no cara. Havia algo mais no macho, algo que não podia realmente apontar. Um instinto, talvez? Uma sensação de algum tipo de ameaça?

Ele não sabia... mas tinha a maldita certeza de que ia descobrir.

E então tinha aquela fêmea, Novo.

Esticando-se em sua cadeira na sala de recreação, Peyton olhou disfarçadamente mais ou menos para a direção dela. Estava deitada no sofá à esquerda, suas longas, longas, longas pernas cruzadas no tornozelo, as mãos cruzadas sobre o estômago reto como se estivesse morta. O cabelo dela era preto, bem liso e trançado tão rigidamente quanto uma corda. Sua pele era da cor do mel, e ele nunca, jamais na porra da sua vida tinha visto uma fêmea com aqueles músculos.

Ele passou a maior parte do dia tentando evitar medir os seios dela — em grande parte por não saber ao certo se ela cortaria suas bolas, caso notasse.

Esfregando os olhos, queria tanto um baseado que se sentia até tremer.

Talvez Paradise tivesse razão sobre seu uso de drogas.

Mas também foi uma noite longa pra caralho seguida por um dia estranho pra caralho. Depois de se certificar que Paradise estava acordada e alimentada, o resto deles — exceto Craeg, o das Grandes Presas que era melhor do que os demais — saíram para andar pela instalação, encontrar um *doggen* e pedir mais

comida. Então voltaram para encontrar Paradise de novo no quarto dormindo e Craeg sentado em uma cadeira de olhos fechados.

Provavelmente contemplando o quão superior seu umbigo era, comparado a todo mundo.

Àquela altura, sem muita conversa, cada um escolheu um local no quarto não adornado e se dedicou a não dormir muito ou muito bem. Por mais que odiasse admitir sua fraqueza, ainda pulava a cada som repentino, sua glândula de adrenalina hiper alerta mesmo que a enfermeira que o examinou antes tivesse garantido que o teste tinha acabado e nada mais de natureza choque-elétrico/golpe na garganta iria recair sobre eles...

Sem aviso, Paradise enfiou a cabeça pela porta como se talvez temesse que tivessem ido embora e a deixado para trás.

Quando Peyton abriu a boca para dizer o nome dela, captou o olhar de Craeg na direção dela... e dando aquela secada da cabeça aos pés, típica dos machos que eram filhos da puta mulherengos.

Ele era perito nisto, pelo amor de Deus.

Antes que pudesse rosar para o cara sair daquela, a porta para o corredor externo se abriu e dois machos enormes entraram como se o lugar fosse deles.

Irmãos.

Falando em chamar atenção. Todos os seis alunos se levantaram como se alguém tivesse beliscado suas bundas. Perto da porta do quarto, Paradise endireitou-se e puxou as lapelas do roupão ainda mais para cima.

O Irmão à esquerda vestia jeans e uma camiseta preta — e era possivelmente a maior coisa viva depois do elefante. Também era bonito, era de se perguntar por que a Virgem Escriba tinha dado tanta beleza para um cara só — ao invés de dividi-la de forma mais igualitária para milhares de outros.

E perto dele estava um macho ligeiramente menor, que parecia um buldogue, bebendo café e usando um moletom do Boston Red Sox.

— A rainha do baile aqui ao meu lado é Rhage — o cara de moletom disse. — Eu sou Butch. E já sabemos quem caralho vocês são. Agora são seis da tarde. Vocês têm uma hora para tomar um banho no vestiário, vestir os uniformes que serão trazidos e voltar aqui pra comer. Depois disto, queremos vocês em fila no corredor. Aquele que se atrasar estará fora do programa.

Butch? Peyton se espantou. O nome daquele Irmão era *Butch*?

Como se fosse do mundo humano...?

Espere um minuto.

— Você é o *Dhestroyer* — Peyton ouviu-se dizer. — Puta merda, sei quem você é. Você é o companheiro de Marissa, filha de sangue de...

— Alguma pergunta? — Butch falou para ele. — Bom. Foi o que achei. Uma hora. É só o que têm.

Com aquela declaração, o macho se virou e saiu.

O Irmão Rhage deu um sorriso.

— Provem o contrafilé, é bom pra caralho. E o cordeiro também. Oh, e o purê de batatas. Pulem a salada. Salada não leva a nada. Até mais.

Pelo menos não pareceu ter vontade de matá-los, Peyton pensou, quando a porta se fechou de novo.

— Me pergunto como serão os uniformes — disse Paradise.

— Isso não é um desfile de moda — Craeg rosnou.

Peyton expôs as presas para o cara.

— Está querendo arrumar encrenca, cuzão? Por que posso dar um jeito nisto.

A cabeça de Craeg se voltou em sua direção.

— Eu não estava falando com você.

Peyton não teve a mínima ideia do que fez seus pés se moverem, mas antes de perceber estava nariz com nariz com o FDP.

— Vamos deixar as coisas bem claras. Não olhe pra ela. Não fale com ela. E você realmente, totalmente, *fodidamente* não a desrespeite. Entendeu?

O olhar do macho desviou para Paradise.

— Acho que seu garoto aqui está um pouco territorial. Se importa de chamá-lo antes que se machuque?

Eeeeeee foi isso.

Peyton não teve nenhum pensamento consciente de avançar para o filho da puta, mas quando viu estava em cima do macho como uma cobertura de tinta, os punhos socando, braços torcendo, pernas chutando.

Na verdade, jamais se meteu em uma briga antes, mas por alguma razão seu corpo parecia saber o que fazer — não que não tenha tomado uma puta surra. Craeg era maior e mais pesado, e seu alcance era como Stretch Armstron, aqueles golpes vindo de todas as direções, atingindo-o no rosto, no estômago, no peito.

Pessoas gritavam ao redor deles. Móveis foram atingidos e derrubados. Ele foi jogado contra uma parede — e então descontou girando Craeg e empurrando-o contra a porta do corredor com tanta violência que a madeira rachou, despedaçando enquanto os dois acabaram se engalfinhando no corredor.

E não pararam de lutar.

Para alguém que estava semimorto há doze horas, Peyton achou que estava com bastante energia.

Era como assistir algo saído de *Maury*.

Enquanto seguia a luta para o corredor, Paradise sentia-se como tendo uma experiência extracorpórea. Metade dela estava no drama, tentando agarrar um braço ou gritando na esperança de fazê-los parar. A outra metade estava na terra do OH MEU DEUS! — por que não podia acreditar que isto estava acontecendo na sua frente, por sua causa.

Peyton era uma porção de coisas, mas não era violento.

E Craig — bem, não sabia muito a seu respeito, mas ele parecia ter mais autocontrole do que isto.

— Vamos! — ela gritou. — Parem com isto!

Os corpos dos machos se chocaram contra a parede de concreto, um som horrível de algo se quebrando ecoou, sugerindo que algo tinha se quebrado em um deles — não, na verdade era um bloco de concreto. Enquanto isto, sangue voava do nariz de Peyton, espalhando-se brilhante vermelho sobre a tinta branca e a camiseta de Craig foi rasgada ao meio, desnudando seu...

Ok, UAU. O cara era magro, mas musculoso, grandes cordões de músculos se projetavam em ambos os lados de sua espinha, os ombros contraindo e relaxando com cada golpe que dava, sua cintura incrivelmente estreita...

Certo, isto era inapropriado.

Mas *caralho*.

Forçando-se a voltar à realidade, inclinou para a frente em outra tentativa de agarrar e desacelerar as coisas, e mirou o braço direito de Peyton por que toda aquela nudez era demais para lidar...

Novo a agarrou e puxou para trás bem a tempo de impedi-la de levar um soco na cara.

— Deixe eles — disse a fêmea.

— Alguém vai se machucar!

— Antes eles do que você — Novo revirou os olhos. — Machos são idiotas. Eles estão brigando por domínio. Pessoalmente, pouparia minha energia para o trabalho de verdade, ao invés desta baboseira de postura social.

Paradise arfou e praguejou.

— Eles vão acabar sendo expulsos.

— Se isto acontecer, problema deles.

Perto dos brigões, Anslam riu e bateu palmas.

— Acaba com essa cadela, Peyton!

Paradise olhou para o macho.

— Isso não é rinha de galo, sabia?

— O inferno que não é.

Adicionando o nome dele à sua crescente lista de Idiotas, Paradise olhou além do corredor. Ninguém tinha aparecido ainda, mas pelo numero de portas fechadas, aquilo não ia durar...

De repente Craeg mudou as posições, agarrando Peyton pelos ombros, girando-o ao redor e jogando-o contra a parede como se quisesse quebrar o concreto com o cara.

— Isto é loucura — uma voz masculina murmurou.

Olhando para trás, viu Axe apoiando-se no batente da porta da sala de recreação, os braços cruzados sobre o peito, a expressão neutra de alguém que observava a tinta secar.

Paradise estreitou os olhos para ele.

— Você precisa acabar com isto!

Uma das sobrancelhas pretas arqueou.

— Preciso?

— Sim! Eles vão ser expulsos.

— E isso é problema meu por quê?

Ela deliberadamente impediu-se de socar aquela expressão sardônica para fora daquele rosto cheio de piercings.

— Você gostaria que alguém te ajudasse.

— Eu não teria brigado por você. Sem ofensa, mas trepar com você seria como fazer sexo com um manequim de loja de departamento. Você é bonita, mas deve ser uma inútil na cama.

O queixo de Paradise caiu.

— Esta é a coisa mais rude que já me disseram.

— Então teve uma vida tão protegida quanto eu inicialmente pensei. E estando ofendida ou não, a verdade é essa.

Virando-se para Boone, ela abriu a boca — mas ele negou com a cabeça, gesto claro de *me-inclua-fora-desta*.

— Qual o problema de vocês? — ela gritou.

Pelo menos a briga estava desacelerando — oh, sim, não, ainda estava forte: Craeg agarrou Peyton pela cintura e o jogou no chão, os machos se agarravam agora, pés descalços guinchando no chão polido, mãos estapeando.

E foi quando Butch e Rhage chegaram correndo até o grupo.

Colocando a cabeça entre as mãos, esperou pela gritaria. Se isto fosse sequer ligeiramente parecido com o exército humano, eles provavelmente seriam punidos. Talvez ela também fosse expulsa por ser uma causadora de problemas, mesmo que não tivesse feito nada além de um comentário nervoso.

Talvez só Peyton e Craeg fossem castigados.

Depois que um deles, ou ambos, estivessem em pedaços.

Quando o combate só continuou, olhou por entre os dedos na direção dos Irmãos. Os dois estavam de lado assistindo à ação, conversando entre si. E então Rhage anuiu... e eles apertaram as mãos.

Paradise olhou ao redor para os outros alunos — e viu que todo mundo tinha desaparecido de volta para a sala de estar.

Foi algum tempo depois que Peyton finalmente perdeu.

Uma não planejada queda de cabeça o enviou de testa no chão de concreto. A tal ponto que houve um som horrível, como uma bola de boliche sendo derrubada em uma laje de pedras — e o corpo do cara relaxou como se seus ossos tivessem se liquefeito.

Craeg o empurrou para longe e ficou deitado de costas com a respiração difícil, tossindo, enxugando sangue dos olhos.

— Quanto foi? — Rhage perguntou a Butch.

— Cinco.

— Merda, achei que meu garoto ia se sair melhor — Rhage enfiou a mão no bolso e tirou uma carteira preta. Retirando uma nota, colocou-a na mão de Butch. — O dobro ou nada na próxima vez.

Paradise se encolheu quando eles se viraram e se afastaram como se absolutamente nada tivesse acontecido.

— Estão de brincadeira — disse baixinho.

Queria gritar com eles que Peyton ainda estava desmaiado — não, espere. Ele estava resmungando e rolando de costas.

Pelo menos estava vivo, pensou ao se aproximar dele.

— Que diabos está errado com você? — ela brigou. — Quer ser expulso?

Claro, aquela ameaça teria mais peso se aqueles dois professores tivessem feito algo mais além de uma aposta em quem ganharia a maldita briga.

Os dois machos ergueram o olhar para ela. Deus, pareciam tão mal quanto na noite passada — talvez ainda piores. Inferno, ambos estavam com olhos roxos e o lábio de Craeg estava cortado tão profundamente que provavelmente precisaria de pontos.

— Estou... bem — murmurou Peyton antes de cuspir sangue.

— É... — Craeg disse. — Incrivelmente bem.

O que saiu como algo tipo *Incrive-mente -em*.

— Diga — ela brigou — quantos dedos estou mostrando.

Erguendo o dedo do meio, ela deu aos dois cuzões uma chance de perceber o fato de estar mandando eles se foderem. E então marchou para longe a fim de achar alguém com um uniforme de enfermeira... jaleco de médico.

Ou um maldito uniforme de zelador.

Deus sabia que o corredor ia precisar de uma faxina — qualquer um com uma vassoura podia começar com aqueles dois montes de lixo que começaram a bagunça toda.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Vinte e cinco minutos depois, após dois pontos no lábio inferior e uma rápida Última Refeição, Craeg estava à frente e no centro do ginásio com outros seis membros da classe. Bem, não à frente e não ao centro de uma fila — estava mais para o final e um pouco recuado.

E também cambaleava.

A última coisa que seu corpo precisava era de mais luta corporal, mas não desistiria das aulas.

E quanto a Peyton, o vulgo “não namorado” de Paradise? Uh-huuh. Ceeeerto.

Fodido.

Ele, não ela.

O lado bom era que por pior que ele próprio estivesse, Peyton não conseguia nem ficar em pé. Ele tinha sido levado em uma maca como um pedaço de carne.

Eles o levaram empurrando.

Quem levou a melhor naquela, cadela?

Oh, e nenhum deles foi expulso. Aparentemente, os Irmãos não queriam se envolver, além daquela aposta...

Uma das portas do ginásio foi aberta e, desta vez, quando os Irmãos Butch e Rhage entraram, vestiam o mesmo tipo de calça de algodão folgada e camiseta que os demais.

O Irmão Butch não perdeu tempo ao se aproximar e parar na frente do grupo.

— Então, devido à este clima de luta do século que está rolando, vamos começar com combate corporal ao invés de teoria.

— Por favor notem — Rhage disse com um sorriso — que seus uniformes são brancos.

— É por que sabão em pó é danado de bom para tirar mancha de sangue, mas estamos preparados para usar água sanitária se for necessário.

Craeg engoliu uma maldição. Bem o que ele precisava.

— Vamos formar pares — Butch continuou — e avaliar o quanto cada um sabe. Já que um de vocês já está na horizontal, ninguém precisa se preocupar em lutar com o Hollywood ali.

— Pessoalmente, estou de coração partido — Rhage disse. — Então vamos colocar Novo com Boone, Axe fica com Anslam. Isto deixa Craeg e Paradise.

— Espere — disse Craeg. — Não posso... não vou fazer isto.

— Bater nela? Por quê? Por que não consegue erguer os braços? Não é problema meu.

Craeg se inclinou e abaixou a voz.

— Não vou bater nela.

Rhage deu de ombros.

— Tudo bem, então pode tomar outra surra.

Butch cortou.

— Na realidade ele venceu aquela briga, lembra? E tenho suas cinco pratas para provar isto.

— Só por que o garoto de ouro ali se arrebentou sozinho.

— Derrota é derrota — Butch voltou a atenção a Craeg. — Mas meu irmão tem razão. Ou você se defende ou vai voltar de novo aos cuidados da Dra. Jane. Sua escolha.

Com isto eles foram espalhados para diferentes cantos do enorme ginásio, e a maca de Peyton foi empurrada para o lado.

Craeg os observou ir, tentando pensar em um jeito de sair daquela. Engraçado, quando sugeriu a ela que entrasse no programa para aprender autodefesa, não tinha lhe ocorrido que um dia seria dele que ela precisaria se defender.

Mesmo em uma situação de aprendizado.

— Bem. — Paradise disse ao se aproximar dele. — Vamos com isto.

— Vou esperar até um dos machos terminar.

— Sério?

Ele abaixou o olhar para ela, de sua altura muito maior.

— Não quero te machucar.

— Não foi fácil derrotar Peyton — ela murmurou. — Levou tipo meia hora.

— Você está realmente se comparando a um macho adulto? A quem eu acabei deixando de cama?

— Oh, tem razão. Não seria justo. Por que comparada aos dois, sou um maldito gênio.

Quando colocou a mão nos quadris e o encarou, ele se perguntou o que diabo mais diria a ela? Ele não queria revelar a verdade nua e crua — que tinha tudo a ver com o fato de que ainda se lembrava da suavidade de sua pele... ainda podia ver o quão pequeno era o tornozelo dela comparado à sua mão... podia imaginar tantas coisas que queria fazer com ela, nenhuma das quais absolutamente envolvia violência de qualquer tipo.

Absolutamente tudo do que incluísse contato com a ponta dos dedos, os lábios... a língua.

Craig cruzou os braços no peito.

— Não vou lutar com você.

— Então se eu te atacar você vai ficar parado?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não estou preocupado com a possibilidade de você me nocautear.

— Oh, sério?

— Não. Além de você ser menor, não vai...

A próxima coisa que saiu de sua boca foi um grito estridente que fez todo mundo no ginásio girar a cabeça para ver o que diabos tinha acontecido.

E ele podia ter dito a eles... mas estava ocupado demais cobrindo as bolas com as duas mãos e dobrando a cintura.

Ela tinha acertado seu saco.

No saco. Com o joelho.

— Que caralho! — ele gemeu. — Por que fez isto?

Ela pareceu tão surpresa quanto todo mundo. Mas se recuperou rápido — agarrando a cabeça dele pelas laterais, erguendo aquele joelho de novo, e acertando-o com tanta força no rosto que ele viu mais estrelas do que luzes de uma árvore de natal.

Quando ele soltou outro rugido e inclinou para se equilibrar, ela juntou as duas mãos, estendeu os braços e girou em um círculo fechado como se estivesse atirando um disco — acertando-o na têmpora com força suficiente para derrubá-lo.

Bum! Lá foi ele para o tatame azul.

Todo mundo veio correndo quando ela se postou sobre ele, preparada para qualquer coisa que ele revidasse — enquanto ele beijava o chão.

Apoiando as mãos no tatame, ergueu a parte superior do corpo até uma posição vertical e olhou para ela.

— Você quer mesmo que eu faça isto.

— Você ainda não fez nada — alguém riu.

— Diga-me — outra pessoa ecoou — você mija sentado?

— Agora ele mija — alguém respondeu.

Paradise acompanhava atentamente cada movimento dele, cada contorção e respiração e desvio de olhar. Mas não fazia ideia do que estava fazendo. Ele podia dizer pelo jeito que as mãos dela tremiam, e pelo fato de que as costelas dela subiam e desciam com dificuldade, devido à atividade física que tinha acabado de fazer.

Ela também estava levemente excitada.

Está bem, aquilo era um problema. O cheiro do sexo dela desencadeou a parte mais masculina dele — e o fez querer que ela corresse só para poder persegui-la, apanhá-la e mantê-la embaixo dele para tomá-la de forma violenta. Queria as unhas dela arranhando suas costas quando gozasse... e as presas expostas logo antes que ela tomasse da veia em sua garganta.

O desejo era tão forte, que ele podia tê-la fodido mesmo com as pessoas olhando — e como se ela reconhecesse a mudança nele, deu um passo atrás.

E então, subitamente ninguém mais estava rindo ou fazendo piadas com ele.

Butch se interpôs entre eles.

— Calminha aí, garotão. Que tal olhar para mim?

O Irmão postou-se em posição de defesa, os punhos erguidos na frente do peito, os olhos estreitados.

Mas Craeg não estava interessado no macho. Olhou além daqueles ombros enormes para Paradise, que o encarava com uma expressão inescrutável no rosto.

Desta vez quando algo o golpeou Craig entrou em modo de briga total, algo que não tinha acontecido com Peyton. Com o outro aluno tinha dado cerca de sessenta por cento de sua capacidade, restando um pouco de sua força por temer matar o merdinha ou causar dano permanente — e, por conseguinte, ser chutado do programa. Agora? A lâmina afiada de sua excitação cortou por entre todas as restrições quando entrou em modo de luta corporal, levantando, jogando o próprio punho, recuando, atacando. O Irmão era perversamente rápido, inclementemente poderoso, eminentemente treinado.

Nada parecido com Peyton.

E enquanto a luta continuava, trocaram golpes, agarrões e recuos, até que havia uma multidão de dez, quinze... vinte pessoas no ginásio.

Quinze minutos depois alguém jogou adagas para eles.

As duas facas de punhos pretos e lâminas prateadas afiadas voaram pelo ar vindas de lugar nenhum. Butch pegou uma em pleno voo. Craig pegou a outra. E então começaram a fazer um círculo, buscando por um jeito de passar pela defesa, ondulando as armas para frente e para trás — atacando, recuando, o perigo agora muito maior.

Butch nem tinha a respiração alterada. Craig, por outro lado, estava arfando como um filho da puta — suando como um também.

A primeira gota de sangue correu quando Craig calculou mal um giro por um milímetro e foi ferido no rosto. Quando errou outro, começou a vazar no ombro. Errando um terceiro, foi ferido na coxa.

Foi quando percebeu que o Irmão estava lhe dando somente sessenta por cento do que o macho era capaz: a precisão dos cortes dizia a Craig que seu oponente sabia mais do que ele e estava preparado para trilhar seu caminho para a vitória baseado em crescente perda de sangue.

Mas Craig não ia desistir. Não, de jeito nenhum. Não até que não conseguisse mais se levantar, não pudesse mais ver, não pudesse mais se mover.

Seu orgulho não aceitaria nada menos que isso.

Paradise reconheceu imediatamente que aquela luta era diferente do quebra-pau louco e desajeitado que aconteceu mais cedo no corredor. De fato, com Peyton Craig tinha se contido por alguma razão; mas agora não fazia mais isso. Sua coordenação ao encarar Butch com os punhos e então — oh, Deus, aquelas adagas — diziam a ela, e a todo mundo mais no ginásio, que ele era um lutador incrível, capaz de grande força, equilíbrio, flexibilidade e poder.

Era o bastante para fazer seu corpo inteiro se acender como um painel.

E não, ela pensou, por mais que respeitasse a atitude de Novo, aquela de *fêmeas-podem-fazer-tudo-o-que-os-machos-fazem*, estava muito claro que não teria conseguido lidar com as coisas que Craig estava fazendo agora. Ele a teria nocauteado com apenas um soco. Ou teria arrancado sua cabeça da espinha. Ou quebrado suas pernas com um golpe fácil.

Não que ela não pudesse aprender defesas apropriadas e contra-ataques, só não os sabia agora — e ele tinha de fato se preparado para atacá-la: quando se abaixou e expôs as enormes presas, ela deu um passo trêmulo para trás — e, por alguma razão insana, não teve medo dele. O que era loucura, pura e simples. Ele pesava uns cinquenta quilos a mais do que ela e estava nervoso.

Então sim, o que era totalmente insano? Ela subitamente teve vontade de correr dele — mas não rápido demais. Ela teve o desejo de que ele viesse atrás dela, e que a pegasse e...

Bem, isso voltava ao momento que compartilharam quando estiveram sozinhos na sala de recreação.

Mas Jesus, não consigo lidar com ele, pensou ao observá-lo se mover. E não só em uma luta: qualquer fêmea que se fizesse de presa para um macho como aquele não receberia um beijinho doce no final da perseguição — não sairia daquilo com um aperto de mão e uma promessa sagrada de um emparelhamento oficial e uma conversa com seu pai onde seria adequadamente pedido permissão.

Este não era o tipo de macho refinado a quem se podia esperar entregar a virgindade na noite de núpcias diante da Virgem Escriba e sua família.

Não, ele era um animal com somente uma quantidade módica de racionalidade.

E o jeito que olhava para ela naquele momento sugeria que seu cérebro tinha totalmente saído do recinto.

Ela devia sentir medo, disse novamente a si mesma.

Ao invés disto, queria que ele a pegasse...

Ao redor, a multidão silvou quando Craeg levou outro golpe, desta vez bem no peito. Agora ele sangrava em vários lugares, seu uniforme de treino estava todo manchado de vermelho, o sangue pingava de seu queixo de um corte na bochecha, escorria de sua coxa pingando pelo seu peito.

— Pare — Paradise disse baixinho. — Pare de revidar.

Mas cada vez que a violenta lâmina do Irmão investia, Craeg voltava para mais, revidando repetidamente até que estava escorregando nas poças que fazia sobre o tatame, e seu uniforme estivesse manchado de vermelho e grudado a seu corpo.

Ele não desistia.

E Butch não dava folga, parecia pronto a matá-lo.

— Craeg! Pare! — ela gritou, sem poder se conter.

Colocou a mão sobre a boca, sentindo o coração voltar ao modo de pânico ao se perguntar se ele realmente seguiria em frente até que perdesse tanto sangue das veias que não haveria retorno.

— Craeg! Isto é loucura!

Mas ele continuou até começar a cair de joelhos e se arrastar ao invés de avançar, e cambalear quando recuava. Agora foi invadido por uma lassidão.

Deus, ele estava pálido demais.

— Pare!

De sua maca, Peyton sentou-se e gritou.

— Craeg! Vamos lá, cara... ele vai te matar.

Jorros de inquietude transpassaram os outros alunos, mas não atingiu os Irmãos que se aproximaram para assistir ao show. A equipe médica, ao contrário, também não parecia estar gostando... no entanto, quando a médica de cabelos louros ia dar um passo à frente, o Irmão Vishous meneou a cabeça e a fez ficar ao seu lado.

Craeg caiu pela última vez, quarenta e dois minutos e muitos, muitos litros de sangue perdidos mais tarde.

Ele só ruiu sobre os joelhos, ondulou por um momento... e então caiu de cara no chão em cima do seu próprio sangue. Exatamente como fez na trilha.

Paradise apressou-se adiante, mas Rhage a pegou e puxou de volta.

— Não. Permita-lhe esta honra.

— Do que está falando? — sibilou.

Rhage só meneou a cabeça na direção dos dois combatentes.

— Olhe.

Butch pairou sobre o macho caído por um momento, dando a Craeg a chance de voltar a se levantar. Quando não se levantou, o Irmão esperou que Craeg erguesse o olhar para ele.

Olhos sem foco lutaram naquele rosto acinzentado para se fixarem no Irmão. Mas quando finalmente se fixaram, Butch mudou a lâmina para a outra mão... e afundou profundamente a lâmina na palma da mão direita.

Quando Paradise arfou, o Irmão estendeu a mão a Craeg — que do nada subitamente encontrou força para estender a mão e aceitar o que lhe era oferecido.

O Irmão puxou Craeg em pé... e o abraçou.

— Bom trabalho, filho. Estou orgulhoso de você.

Craeg piscou os olhos rapidamente como se estivesse lacrimejando. Então pareceu desistir de lutar contra as emoções fechando as pálpebras, encostando a cabeça e se apoiando no braço do Irmão.

— E assim — Rhage disse em uma voz alta e aprovadora — é como se faz.

CAPÍTULO DEZESETE

Sentada em sua mesa no Lugar Seguro, Marissa tinha todo tipo de trabalho a fazer: prontuários de pacientes para ler, documentos de internação para aprovar, contas a lançar. Ao invés de atacar qualquer uma destas tarefas, só ficou sentada em sua cadeira, olhando para aquela faixa preta de metal com seu pendão vermelho.

Depois que ela e Butch chegaram em casa, mostrou o estranho objeto parecido com chave a alguns dos Irmãos e nenhum deles reconheceu ou conseguiu nomear apropriadamente a coisa. Então Vishous fez uma busca na internet por uma imagem dele — e não descobriu nada.

Quando ela e Butch foram para a cama, estava tão exausta que pegou no sono assim que a cabeça encostou no travesseiro.

Mas não continuou assim.

Seus olhos se abriram por volta das três da tarde e ela tinha permanecido deitada de costas encarando a escuridão, enquanto Butch roncava suavemente ao seu lado.

Era bem do jeito que seu *hellren* tinha dito. Imagens daquela fêmea brincaram pelo teto em uma montagem de fotos que trouxe lágrimas aos seus olhos. E a coisa mais triste era que a vontade de chorar tinha piorado ainda mais quando pensou nela e em Butch.

O que era loucura.

Não havia nada errado com eles. Ele não podia ter dado mais apoio, levando-a à clínica de Havers e ficando ao seu lado durante os esforços em descobrir sobre a chave, sendo compreensivo com tudo o que ela estava sentindo.

— Estou enlouquecendo — disse ela.

— É para isto que estou aqui.

Marissa ergueu a cabeça.

— Mary, oi... desculpe, estava falando sozinha. Estou meio preocupada.

A *shellan* de Rhage entrou e fechou a porta do escritório.

— É, percebi... tive de chamar seu nome três ou quatro vezes e você não ouviu.

Marissa recostou-se na cadeira, empurrou o cabelo para trás dos ombros e forçou-se a sorrir.

— O que posso fazer por você?

— Pode conversar comigo — a fêmea sentou-se na cadeira do outro lado da mesa. — Estou preocupada com você.

— Oh Deus, não precisa se preocupar com isto. Temos pessoas aqui que precisam muito mais seriamente de sua ajuda...

— Bons Samaritanos como você e eu temos problemas em fazer nosso serviço se não falarmos a respeito de nossos casos mais difíceis. É um fato. Eu também gostaria de acrescentar que sou sua amiga.

No silêncio que se seguiu, Marissa manteve silêncio sobre toda a documentação na qual não conseguiu se concentrar por que sua cabeça estava perturbada. E então continuou em silêncio sobre o dia que passou incapaz de dormir. E finalmente, não disse nada sobre a estranha distância entre ela e Butch...

— Não consigo tirá-la da cabeça — disse abruptamente.

Imediatamente as lágrimas surgiram e ela praguejou ao estender a mão em busca de um lenço de papel.

— Não quero falar disto.

— Eu sei — Mary disse gentilmente. — Acredite, tenho muita experiência pessoal com isso de não falar. Não é uma boa estratégia.

— Oh, vamos lá, você é a pessoa mais equilibrada que eu conheço. É nota dez numa escala de dez em racionalização.

— Você só conhece um pedacinho da minha vida, Marissa. Não me viu antes. E eu ainda luto, do mesmo jeito que tudo mundo.

Marissa enxugou os olhos e teve de combater uma onda de enjoo.

— Como consegue?

— Lutar? Eu converso com as pessoas. Converso com Rhage. Escrevo.

— Não... desconectar-se.

— Não entendi?

Marissa abanou o lenço de papel.

— Não estou falando coisa com coisa. Esqueça...

— Está se referindo ao fato de uma vida ter terminado e uma nova ter começado com Rhage?

Deus, seu coração estava martelando sem motivo algum.

— Sim. Exatamente isto.

Mary cruzou a perna e mordiscou o lábio inferior, e ao olhar para baixo para organizar os pensamentos, Marissa estudou seu rosto regular e seus cabelos castanhos recém-ondulados, sua aura de confiança tranquila.

Sim, Marissa pensou, Rhage estava certo. A fêmea era maravilhosa — não no estilo vistoso de rainha da beleza, toda ângulos, sem carne, estilo modelo anoréxica, e nem mesmo nos padrões “garota da casa ao lado”. Mary era como o brilho do fogo de uma lareira em um inverno profundo de rigoroso, cálida e confortadora, cativante e iluminada.

Não era de se espantar que o Irmão a adorasse.

Com uma exalação, Mary disse.

— Acho que foi diferente para mim por que eu estava morrendo... então eu sabia que estava partindo? Mesmo que não soubesse do câncer por um tempo, eu vinha me preparando para o dia em que me diriam que ele tinha voltado. Então eu estava me desligando. Empacotei minhas emoções e racionalizações, reservei minha passagem e estava pronta para ir. Digo, minha mãe tinha morrido, eu não tinha mais nenhuma ligação com ninguém no planeta... não havia nada para mim, então não tinha nada que eu estivesse deixando para trás, se é que isto faz sentido.

Marissa pensou na noite em que seu irmão a tinha expulsado por estar com Butch.

— Se eu entendi direito — disse Mary — este não foi o seu caso, foi?

Marissa desviou o olhar.

— Não, não foi. Eu voltei para a casa que eu e Havers dividíamos uma noite um pouco antes do amanhecer e ele... — agora suas lágrimas correram num jorro, uma após a outra, molhando sua blusa, suas calças. Ela as enxugou antes de continuar. — Todas as minhas coisas foram empacotadas. Ele me disse que não se importava para onde eu iria, só me queria fora de sua casa. Ele deixou dinheiro... — ela pigarreou — deixou dinheiro em uma das mesinhas. Como se não quisesse me tocar.

Fungando, ela pegou outro lenço e assoou o nariz.

— Eu peguei o dinheiro. Ainda tenho aquelas notas de cem dólares. Às vezes, quando as encontro na minha mesa eu penso, por que as guardei? Por que eu... pelo amor de deus — ela pegou um terceiro lenço. — Qual o meu problema? Aquela garota está morta e não consigo encontrar sua família ou quem a matou... e fico aqui choramingando sobre meu irmão estúpido, que é passado. Isto é ridículo.

— Isto é pós-trauma — Mary disse com calma.

— Estou irritando a mim mesma.

— Bom, você chegou a refletir sobre o que realmente aconteceu na noite passada?

— Está brincando? Não penso em mais nada há algumas horas.

— Não, digo, você *refletiu* sobre tudo isto?

— Se está se referindo a assistir a uma jovem morrer à minha frente e que a perda dela é um desperdício trágico de vida que eu, aparentemente, sou incapaz de consertar, sim, é claro que refleti.

Mary negou com a cabeça.

— Com todo o respeito, você não está me entendendo. Na noite passada, pela primeira vez desde que Havers rompeu contigo, você se viu forçada a buscar a ajuda dele. Você não podia salvar a garota, então teve de se voltar ao seu irmão e esperar e rezar para que ele fizesse a coisa certa por ela.

— E ele fez — Marissa soltou um xingamento violento. — Digo, ele foi incrível com ela.

— E como você se sentiu quanto a isto, considerando o quão mal ele te tratou?

Eeeeeeee, lá veio mais lágrimas.

— Eu pensei nisto. Quando fui visitá-la, um pouco antes dela morrer.

— Eis o que eu sei que é verdade. Nós podemos enterrar o passado o quanto quisermos. Podemos usar centenas de milhares de distrações, algumas saudáveis, outras não, para mantê-lo enterrado, mas quando algo não é devidamente processado, ele absoluta e positivamente voltará para nos morder na bunda. Você tinha uma vida difícil antes de se apaixonar por Butch e, sem dúvida, foi um enorme alívio deixar tudo isto para trás e começar de novo. Mas não se pode esquecer o que houve antes, Marissa, nós somos cada idade que já tivemos em cada momento de nossas vidas. Carregamos tudo isto conosco, como uma bagagem. Cedo ou tarde, a coisa com seu irmão ia voltar à tona. É assim que a vida é.

Marissa voltou a secar os olhos.

— Estou tendo dificuldade de me conectar com Butch neste momento.

— É claro que está. Foi ele quem causou a ruptura.

Marissa recuou.

— Agora espere um momento, só um minuto... ele não tem sido nada além de perfeito para mim...

— Isso não é um problema ou erro, Marissa. Você estava em um caminho, ele apareceu, agora você está em outro. Não estou julgando ou dizendo que ele fez algo errado... só estou enunciando um fato.

Por alguma razão, ela se lembrou de permanecer acordada enquanto Butch dormia. Aquilo jamais aconteceria há alguns anos.

— O que eu faço?

— Você não vai gostar do que vou dizer.

— Parece que não dá pra piorar.

— Você precisa fazer as pazes com seu irmão.

Marissa fechou os olhos.

— Eu jamais conseguirei perdoá-lo.

— Fazer as pazes não significa absolvê-lo de seus erros. E honestamente, ele não é o único com quem você tem de se reconciliar. A *glymera* te tratou de forma horrível, sua posição na aristocracia era insustentável e Wrath foi um rei de merda... e digo isto com todo amor. Você tem uma imensa quantidade

de dor e rejeição que, de início, enfrentou por que era a única maneira de sobreviver, e então enterrou por que finalmente teve a chance de ser feliz em sua própria vida. — Mary anuiu para a papelada sobre a mesa. — Se quiser voltar a ser produtiva, terá de analisar tudo o que se esconde por baixo destas rochas, sentir seus sentimentos e sair inteira do outro lado desta jornada.

Lenço número quatro saiu da caixa com um puxão, mas acabou não usando. Ela só retorceu a coisa nas mãos.

— Não quero esquecer a garota. Não quero que isto seja sobre mim.

— Ninguém está dizendo para parar de tentar descobrir quem ela é ou fazer o que é certo por ela. Só não use isto como desculpa para empacotar toda sua roupa suja e voltar a enterrá-la. É uma estratégia de curto prazo que não se sustém... e da próxima vez que tudo isto voltar à tona... e voltará... vai ser ainda mais difícil, por que vai reviver toda esta situação com a garota também. Vê, é assim que as pessoas ficam paralisadas. Elas se enchem e enchem e enchem, e os gatilhos continuam a aparecer e as camadas continuam a crescer até a carga se tornar pesada demais, e elas estouram.

Marissa continuou a retorcer o lenço.

— Você está certa.

— Eu sei.

Depois de respirar fundo, Marissa olhou através da mesa.

— Posso te abraçar?

— Por favor! Está brincando?

Elas se levantaram e Marissa aproximou-se para abraçar a fêmea mais baixa. O abraço que teve em troca foi tão forte e firme que recomeçou a chorar.

— Você está sempre lá quando preciso de você — Marissa murmurou. — Eu te amo mais do que consigo dizer.

— É para isto que servem os amigos — Mary recuou. — E você faria o mesmo por mim.

Marissa fungou e revirou os olhos.

— Duvido.

— Acredite.

— Sou desequilibrada demais.

— Não, você é humana — Mary interrompeu-se. — Desculpe, modo de dizer. Você está viva e luta, e é linda por dentro e por fora... e eu te amo também.

— Ainda não tenho muita certeza do que fazer agora.

— Pense. Vai descobrir. Lembre-se, perdoar não significa esquecer, esconder não é uma estratégia de longo prazo e distração não é sua amiga. Encare as coisas de frente... e saiba o que tem às suas costas, está bem?

Depois da fêmea partir, Marissa voltou à sua cadeira e sentou novamente. Por alguma razão, seus olhos se fixaram no telefone... o da mesa, não o celular.

O passado. Seu irmão. Butch. A garota. A *glymera*.

Mary tinha razão. Havia uma porção de coisas com as quais ela não estava lidando.

E pra começar, bem podia começar com a menos assustadora. Ou... bem, talvez a mais possível de se executar, que tal?

Erguendo o telefone do receptor, revirou suas anotações e encontrou o papel cor de rosa onde anotaram o recado há duas noites. Ao discar o número local, retirou o brinco de pérola e recostou na cadeira.

Uma empregada atendeu a ligação, deixou-a na espera... e então uma voz feminina altiva disse.

— Oh, alô! Que bom que você ligou.

Marissa cerrou os dentes.

— Eu aceito. Vou organizar o festival.

— Oh! Isto é maravilhoso! Que fantástico...

Quando as palavras continuaram a jorrar, Marissa fechou olhos e ouviu a voz de Mary dentro de sua mente: *você terá de fazer as pazes com seu irmão*.

Oh Deus, ela pensou. Não fazia ideia de como fazer aquilo — mas sabia tudo sobre festas, maldição.

Comece pequeno. Então vá atrás das coisas grandes.

CAPÍTULO DEZOITO

Paradise deslocou o dedo ao bloquear um golpe dado por Rhage. Sua intenção era recuar e se defender usando o antebraço do jeito que tinham ensinado, mas os braços e pernas nem sempre seguem as ordens direito — o resultado foi que estava com a mão aberta na hora do golpe.

— Porra! — gritou ao girar e se encolher para verificar o ferimento.

— Deixa eu ver — o Irmão disse.

— Ai ai ai ai — está bem, ela parecia uma garotinha, mas como podia doer tanto? — Deus!

— Parry, me deixa ver.

Ela estendeu o braço e as mãos grandes dele, gentis, examinaram o que agora era uma versão extraordinariamente retorcida de seu dedo médio.

— Qual o problema com ele? — ela disse, embora já soubesse.

— Vamos, vou te levar para a clínica.

Ao acompanhá-lo para fora do ginásio, olhou por cima do ombro. Anslam estava tendo uma puta luta com Boone, o que a surpreendeu. Peyton estava sentado, pressionando gelo no ombro, olhando na direção dela como se quisesse saber que infernos estava acontecendo. Novo e Axe estavam andando em círculos, sob instrução do Irmão Tohr.

— Você vai ficar bem — Rhage disse ao abrir para ela a porta pesada. — Vai voltar logo para eles.

Ela emitiu algum tipo de *hum-hum* quando chegaram ao corredor — e sabia que ele estava certo. Contanto que não olhasse para o próprio dedo, a dor era até suportável.

— Vocês só tem mais uma hora esta noite, então vamos deixá-los ir — o Irmão disse quando chegaram a uma das portas vai-vem que levavam à clínica medica. — E amanhã vão passar o tempo quase todo em sala de aula.

Ela soltou outro *hum-hum*.

— Craeg já saiu?

— Ele ainda está em tratamento.

A sala de exame era azulejada até o teto e cheia de armários e gabinetes de aço inox, equipamentos médicos que deviam custar uma fortuna, e todo o tipo de monitores de computador. No centro havia uma imensa mesa sob um candelabro com lâmpadas suficientes para tornar qualquer meia-noite um meio-dia em uma área de quilômetros.

Um humano de cabelos escuros se virou do que parecia a imagem de um raio-x de joelho. Vestido em um uniforme cirúrgico azul e um jaleco branco, ele parecia muito grande, muito forte... e muito não-vampiro.

— Ei, o que temos aqui?

Paradise recuou um passo. Não conseguiu evitar.

— Sim, sou um daqueles caras — disse o homem exibindo os dentes onde não havia presas afiadas. — Mas sou legal, juro.

Rhage se aproximou e deu ao cara um aperto no ombro.

— Ótimo cirurgião. Cara fantástico. Tragicamente um jogador talentoso de pôquer, mas pelo menos não manja nada de sinuca. Apresento o Dr. Manny Manello.

— Então o que aconteceu?

— Ela deslocou o dedo — o Irmão disse.

Ambos os machos — bem, o macho e o homem — olharam para ela.

Paradise pigarreou — e teve intenção de dizer “É... meu dedo...” — ao invés disto, disse abruptamente.

— Nunca vi um humano de perto antes.

O Dr. Manello sorriu, esticou os braços e deu um giro lento.

— Não sou tão diferente de você. E já estive na casa de audiências algumas vezes enquanto você trabalhava lá.

Ela não tinha notado, provavelmente por se manter tão focada no trabalho — e cercada de outros vampiros.

— Eu não quis parecer desrespeitosa — sussurrou.

— Não fiquei ofendido. Minha reação foi pior quando descobri a sua espécie, acredite. — Quando ela olhou para ele surpresa, ele deu de ombros. — Tenha em mente que na minha cultura vocês são os vilões. Sabe, presas, sugadores de sangue, aquela coisa toda de Halloween.

Estudou o rosto dele e ficou surpresa de achá-lo atraente — parecia inteligente também. Não tinha nada a ver com os rato sem rabo.

— Ele já me operou doze vezes — Rhage cortou.

— Treze. Operamos seu ombro de novo na semana passada.

— Esqueci — quando Paradise ergueu o olhar para o Irmão, ele deu de ombros. — Perdi a conta, merda acontece.

Respirando fundo, Paradise estendeu a mão ferida.

— Vai doer? O que precisa fazer, quero dizer.

Dr. Manello sorriu de novo e tomou a mão que ela oferecia com tanta relutância, de forma tão leve que ela mal sentiu.

— Prazer em conhecê-la, Paradise. Não se preocupe, vou cuidar direitinho de você.

E foi exatamente o que ele fez.

Depois de Rhage voltar para a aula, Dr. Manello tirou uma radiografia, mostrou a ela que não havia fratura, anestesiou a área e colocou o dedo médio no lugar.

— Não vai precisar usar esta tala por muito tempo — disse enquanto cobria o dedo dela com uma capa metálica que grudou com faixas de fita crepe. — Vocês curam tão rápido... ainda me surpreende.

Quando ele recuou, ela olhou para o trabalho dele.

— Muito obrigada.

— Você está dispensada pelo resto da noite. Você e Peyton podem ficar juntos na seção de macas.

Houve uma batida em uma porta à esquerda.

— Entre — ele disse, indo na direção de uma lixeira vermelha e tirando as luvas cirúrgicas azuis. — Acho que você já conhece Ehlena, nossa enfermeira. — O homem franziu o cenho diante da expressão tensa da fêmea. — Ele ainda se recusa?

A enfermeira fechou a porta atrás de si antes de responder.

— Ele recusou a Escolhida.

O Dr. Manello praguejou em um murmúrio.

— Não vou liberá-lo se não se alimentar.

— É Craig? — perguntou Paradise. — É del...

O homem sorriu e falou com ela.

— Então acabamos aqui. Por que não volta ao ginásio? Eles já devem estar encerrando por hoje.

— Eu posso alimentá-lo — disse ela, em voz rouca. — Se ele precisar, eu o alimento.

Que. Infernos. Ela. Estava. Fazendo.

Como filha de uma das Famílias Fundadoras, não devia oferecer sua veia a *ninguém*. Nunca. Aquilo deveria ser feito somente com seu companheiro predestinado. E se ela mesma tivesse necessidade de se alimentar, tinha de ser na companhia de um parente macho e muitas testemunhas.

Se fizesse isto pra ele, seria o mesmo que perder sua virgindade antes da noite de núpcias.

— Tudo bem — disse o Dr. Manello. — Vamos cuidar disto.

Paradise foi guiada para o corredor e a porta foi fechada atrás dela, ainda podia ouvir os dois falando em vozes baixas.

Volte ao ginásio, disse a si mesma. Vá agora. Vai para a aula e...

Olhando ao redor, descobriu estar sozinha no corredor, ninguém vinha ou ia, nenhum som de passos ou vozes.

Ela realmente devia voltar para os outros.

Só que, assim que pensou nisto, seus pés se moveram para a esquerda e a levaram para longe de onde as lutas estavam sendo ensinadas. Indo até a porta seguinte, encostou o ouvido na madeira e ouviu.

Respirando fundo, detectou um toque do cheiro de Craeg.

Ele estava lá dentro.

Certo, *realmente* precisava voltar para o ...

Sua mão empurrou a porta, abriu uma fresta e espiou dentro... e lá estava ele, deitado sobre lençóis brancos em uma enorme cama de hospital que ainda assim ele conseguia tornar pequena. Seus olhos estavam fechados e a respiração superficial. A pele dele estava... não muito diferente daqueles lençóis diáfanos... exceto pelos incríveis hematomas no rosto, garganta, em todos os lugares. E então havia o retalho de bandagens que cobriam o pior dos golpes de lâminas.

Entrando no quarto, forçou a porta a fechar mais rápido do que queria e esperou que ele olhasse em sua direção.

— O que? — ele disse sem abrir os olhos.

Ela se aproximou da cama... e se perguntou vagamente se algum dia conseguiria chegar perto deste macho sem sentir o coração acelerar.

— Por que não está se alimentando? — perguntou.

— Por que está me incomodando?

— Você recusou uma Escolhida?

— Por que não está na aula?

— Me machuquei e não posso voltar.

Ele virou a cabeça na sua direção e ergueu as pálpebras.

— Você está bem?

— Eu te mostraria, mas pareceria que estou mandando você se foder.

— Você me chutou no saco, lembra? Acha que estou preocupado com seu dedo?

— E não seria a primeira vez também. Acho que mandei você e Peyton se foderem lá no corredor.

— Depois do golpe nas bolas, minha memória está confusa.

Ela queria sentar na beira da cama, mas tinha medo do que estava para propor.

— Você pode tomar da minha veia, de verdade.

Craeg a encarou por um momento.

— Posso fazer uma pergunta?

— Por favor.

— Você nasceu em uma família de salvadores? Está em seu sangue ou algo assim? Por que jamais encontrei uma garota tão pé no saco como você, e esta coisa de Madre Teresa não pode ser um comportamento aprendido. O mundo é um lugar cruel demais para isto.

— Eles não vão deixá-lo ir para casa.

— Eles não podem me manter aqui.

Ela riu.

— É a Irmandade. Tenho quase certeza de que ninguém sai daqui sem a permissão deles.

Ele grunhiu e não disse mais nada.

— Vamos lá, você vai se sentir melhor — ela ergueu o pulso esquerdo. — E vai fazer eu me sentir menos culpada sobre o ... hum, é.

— Recusei uma Escolhida, sabe?

Paradise revirou os olhos.

— Você tem o jeito mais estranho de ser um imbecil quando se sente ameaçado. Vem de uma família de imbecis ou foi este mundo cruel que te ensinou a se proteger assim?

— O mundo cruel matou a minha família inteira. Dois deles na minha frente. Então sim, pode dizer que é um comportamento aprendido.

Paradise abaixou o braço e olhou para baixo.

— Sinto muito. Eu não...

— E, além disto, não tem medo que eu faça algo que não devo?

— Como assim?

— Viu o que aconteceu quando me pressionou no ginásio. Sabe exatamente do que estou falando.

Paradise sentiu seu corpo começar a aquecer — e foi quando admitiu, pelo menos para si mesma, que veio até ali oferecer sua veia por que queria mais daquilo... seja o que for... com ele. Aquela conexão. Aquela... descarga elétrica.

Aquele fogo sexual.

E se havia um jeito garantido de obter isto? Era oferecer a veia a um macho faminto: podia ser virgem, mas não era tão ingênua.

— Gosta de brincar com fogo, garota? — ele grunhiu. — Por que se continuar a me olhar assim, vou incendiá-la até não restar nada.

Ela sabia sem abrir os lábios que estava sem voz. Então em resposta, simples e mudamente, ofereceu seu pulso.

Quando ele não aceitou, ela o ergueu à altura da própria boca e abriu sua carne com as próprias presas.

Aquilo funcionou.

Quando o cheiro do seu sangue inundou o ar, os olhos dele reviraram dentro do crânio e o corpo se moveu sob a coberta leve que o cobria, os quadris ondularam, as pernas inquietas.

— Tome minha veia — disse em voz baixa. — Vai te ajudar.

A mão dele voou e agarrou o braço dela num gesto brusco, puxando a veia até ele. Mas antes que atacasse, olhou-a com olhos selvagens.

— Vai precisar gritar por ajuda.

— Por quê? — ela sussurrou.

— Agora. Grite.

Só que não esperou pela resposta. Ele a puxou em sua direção... com um grunhido feroz, grudou em sua pele mesmo que ela já tivesse aberto acesso a ele. Quando começou a sugar com grandes puxões, ela sentiu uma descarga erótica por todo o corpo. Abriu a boca para conseguir respirar, apoiou a mão na cama e se segurou, equilibrando-se no precipício ou jogando-se nele. Sua mente apagou, tornou-se puro instinto e seu corpo sabia exatamente o que queria... pele nua sobre pele nua, a parte mais masculina dele dentro de seu núcleo, bombeando... gozando.

Foda-se sua virgindade.

Literalmente.

E ele estava pensando a mesma coisa. Enquanto se alimentava, seus olhos vagavam pelo rosto dela, sua garganta, seus seios — e algo estava acontecendo sob os lençóis, os quadris dele se moviam, o torso dele arqueava, a expressão de dor como se o desejo doesse.

Não, ela não ia gritar pedindo ajuda.

Era, é claro, totalmente insano, mas não parecia importar — e vagamente, bem no fundo de sua mente, ela se deu conta de que era por isto que se alimentar de sangue era monitorado tão cuidadosamente para fêmeas de sua classe: não haveria absolutamente nenhum pedido de ajuda. Ela não queria nenhum por que não queria parar o que estava para acontecer — este momento quente e selvagem não era sobre ela ser de uma das Famílias Fundadoras. Não tinha nada a ver com a mansão na qual vivia com seu pai ou o dinheiro em todas aquelas contas bancárias. Não tinha nada a ver com a posição social ou postura.

Era cru e honesto, só dizia respeito aos dois.

E isto tornava tudo... bonito.

Por que era real.

CAPÍTULO DEZENOVE

Pudera o nome dela ser Paradise.

Enquanto tomava longos goles do sangue da fonte única e inacreditável que jamais teve em sua vida, tudo o que Craeg conseguia pensar era no quão apropriado o nome dela era.

Bem... não era só nisto que ele estava pensando.

Seu corpo despertou com velocidade relâmpago graças à força que ela provia a ele, aquele vinho encorpado dela fluindo abaixo por sua garganta e empoçando em seu estômago antes de se espalhar por todas as direções como um fogo restaurador: por baixo de sua pele machucada, profundamente em seus ossos doloridos, ele começou a se encher de poder.

E com aquele poder, veio uma necessidade torturante e incontrolável.

Por baixo da coberta leve, ostentava uma ereção dura como aço e longa como sua perna — prova positiva de que aquele golpe nas bolas não o castrou. E entre suas orelhas, seu cérebro se fixou na ideia de estar dentro dela com a mesma tenacidade que suas presas se travavam ao redor de sua veia.

Mas ele era levemente mais decente do que podia adivinhar.

Ao invés de rasgar as calças dela ao meio e puxá-la a força para cima de seus quadris, forçou-se a ficar onde estava — por que aquilo a mantinha onde ela estava.

Mas sua pélvis não tinha recebido este recado.

Com estocadas grandes e ondulantes, ele se esfregou no lençol e cobertor, cada movimento oferecendo uma fricção tantalizante que era suave demais para fazer mais do que deixá-lo louco, cada recuo tornando-o mais desesperado do que o anterior.

E então a mão dele começou a coçar pra se envolver na ação.

De jeito nenhum. Mesmo que Paradise não admitisse nem uma arma na cara, sabia que ela já estava fora de si. Se começasse a bater uma na frente dela? Ela ia ter um inferno de show para contar ao pai — mesmo que a masturbação fosse melhor do que cair em cima dela com tanta vontade que a faria ver estrelas.

Que era exatamente o que ele queria fazer.

Maldição, por que tinha de se sentir tão atraído por aquela boa garota?

— Você pode... — ela começou. Então houve uma pausa e os olhos dela flamejaram sobre o ombro como se verificasse se a porta continuava fechada. — Você pode fazer o que quiser.

Ele franziu o cenho através da sede de sangue, tentando entender o que ela estava dizendo.

— Vejo onde sua mão está. Não sou burra.

Craig tentou negar com a cabeça, mas não conseguiu por que sua boca não tinha interesse em romper o contato.

Paradise anuiu.

— Tudo bem... pode fazer. Se aliviar.

E foi quando ele compreendeu — merda, ela queria que ele...

Por uma fração de segundo, sua consciência lançou um “inferno-não”, mas com os olhos tão firmes nos dele e o cheiro de excitação exalando dela, aquilo não durou mais do que duraria a formação das palavras.

Como quiser, madame.

Embragado no gosto dela, preso em uma onda de luxúria, o corpo rendido e a mente desligada, ele mantinha consciência bastante em si para mentalmente trancar as portas do quarto, inclusive a do closet. Não manteria as pessoas fora para sempre... mas certamente o bastante para que sua virtude não ficasse completamente...

Peyton.

Quando o nome do outro macho surgiu em sua mente, ela franziu o cenho como se tivesse lido sua mente.

— O que você disse?

Ele devia ter falado em voz alta — de alguma forma.

Craig afrouxou a mordida o suficiente para dizer claramente.

— Peyton.

— Eu te disse, não há nada... Deus, não. Nunca. Ele é como um irmão para mim.

Erguendo o olhar para ela, decidiu que ela era totalmente inocente e dizia a verdade como a sabia... e de fato não tinha ideia que o cara a desejava — ou era a melhor atriz fora de Hollywood e estava brincando com ele.

Respirando, não captou nenhum cheiro de mentira... e então pensou no comportamento ativo e sotaque perfeito de Peyton e seu relógio caro. Ele podia realmente ser um verdadeiro aristocrata... neste caso, não havia jeito do macho se envolver a longo prazo com uma recepcionista.

E aparentemente o filho da puta tinha honra o suficiente para não se meter com ela. E foi bem sucedido, mesmo que ele tivesse reagido de forma tão possessiva na sala de recreação.

Acho que talvez Craeg não tinha de odiá-lo tanto.

— Não há nada entre Peyton e eu — repetiu ela. — E jamais haverá.

Que bom para sua mão.

A próxima coisa que viu foi que ele desapareceu com a mão livre por baixo do...

Craeg grunhiu e arqueou para cima ao se tocar. Diminuindo a velocidade da alimentação, ele se pegou querendo prolongar este momento entre eles. Queria o sexo e o sangue dela.

E aparentemente, por aquele breve momento, teria um pouco dos dois.

Seria, no entanto, a primeira e única vez que isto aconteceria.

Havia algo inevitável em tudo aquilo.

Foi o pensamento que disparou pela mente de Paradise repetidas vezes ao abaixar o olhar e observar a mão de Craeg se mover debaixo das cobertas. Ele estava se acariciando, seu corpo enorme contorcendo em ângulos estranhos enquanto cavalgava em ondas de prazer.

E ainda assim, por mais inevitável que parecesse, muita coisa ali era inesperada também.

Ela não tinha antecipado sentir-se tão... poderosa: tinha a sensação muito clara de que, por maior que ele fosse, por mais forte que fosse, ela estava no comando — qualquer coisa que quisesse dele, precisasse dele, ele daria a ela, faria por ela, encontraria por ela.

Depois que tivesse terminado com o sexo.

Os olhos de Craeg estavam semicerrados e violentamente excitados ao encararem-na daquele rosto machucado. E os músculos contraindo no pescoço e peito dele pareciam prontos para irromper por entre a pele. E seu cheiro tinha florescido em um rugido de algo intenso e delicioso.

E então ele começou a gemer.

Deus, ela queria que fosse sua mão ali — jamais fez algo assim antes, mas vamos lá, não é como se não conseguisse subir e descer daquele jeito... o problema era, sua mão destra estava no rosto dele, e a mão esquerda era a com o dedo imobilizado, que não podia agarrar nada no momento...

Sem aviso, Craeg liberou seu pulso e soltou um som que era totalmente animal, nem um pouco civilizado. Então sua mão livre agarrou os lençóis perto dos quadris e retorceu-os em um bolo. Seu peito subiu uma vez, duas vezes... arqueou de novo, desta vez com um grunhido... e então seus quadris bombearam violentamente várias vezes, grunhidos crus saíram de sua boca enquanto seus olhos fixaram em seu rosto.

A imobilidade que eventualmente veio foi tão surpreendente quanto o resto: depois do que pareceu uma eternidade, o corpo dele relaxou e desabou de costas na cama, de olhos fechados, respirando com dificuldade, o suor brilhando no peito.

— Lamba — ele murmurou.

— O que? — Deus, a voz dela estava rouca. — O que disse?

— Está... sangrando...

Paradise olhou para o pulso. Ele tinha razão. Os dois furos só estavam parcialmente fechados. Erguendo o braço, ela sugou o...

O suave rugido que se ergueu dele a congelou.

Aquele olhar excitado dele estava focado em seus lábios.

Só que ele se virou.

— Você tem de ir embora.

— O que?

— Você me ouviu. Vá.

Paradise exalou quando uma onda de raiva varreu toda a luxúria que vinha experimentando com a eficiência de um tanque de guerra.

— Por que está sempre me dispensando?

— Por que não acho que você vai gostar se alguém entrar neste quarto do jeito que ele está agora.

Ela olhou ao redor. Está bem, havia uma pequena quantidade de sangue nos lençóis perto da boca dele, mas além disto, nada estava fora de lugar.

— Não há nada...

— Tem cheiro de sexo aqui — ele murmurou. — Acabei de gozar pelo quarto todo, e se alguém entrar por uma daquelas portas, vai saber que você foi a razão. Saia com o pouco de virtude que lhe resta, tudo bem?

Paradise abaixou as sobrancelhas quando seu queixo caiu.

— *Como é* que é?

— Já acabamos aqui — ele deu de ombros. — Você me pediu para bater uma punheta. Foi o que fiz... e agora já sabe como é quando um macho chega ao orgasmo. Então nós dois tiramos proveito desta sessão. O que você esperava, um pedido de emparelhamento?

Dor disparou pelo peito dela quando ficou momentaneamente sem fala. E então a única coisa que passou por sua mente foi algo envolvendo “Vai” e “foder”.

Esforçando-se para recuperar o controle, endireitou os ombros e se afastou dele. Quando chegou à porta do corredor, surpreendeu-se ao encontrá-la trancada. Ela não tinha feito isto.

Talvez fosse ele.

Quem infernos se importava?

Quando Paradise destrancou a porta, olhou por cima do ombro.

— Não posso fingir ser sofisticada, nem experiente em questão de sexo, mas sei muito bem que a necessidade de diminuir os outros quando alguém se sente ameaçado é a marca de um covarde, não um herói. Tenha um bom resto de noite. Te vejo amanhã... se decidir aparecer.

Saindo do quarto, fechou a porta atrás de si e andou alguns centímetros, alguns metros... a meio caminho de volta ao ginásio.

Ela queria continuar.

Seus pés se recusaram a cobrir o resto da distância de volta à aula.

Com um xingamento, inclinou-se contra uma parede de concreto, cruzou os braços sobre o peito e encarou o chão polido do corredor... então as luzes fluorescentes do teto acima dela... então as portas, as muitas e muitas portas. À distância, ouvia os gritos vindo de onde a aula de luta continuava. Havia também um zumbido ambiente do sistema de ar condicionado. E depois de um momento, seu estômago roncou, lembrando que as calorias que consumiu na Primeira Refeição rápida se foi há um longo tempo.

Aquela foi sua primeira experiência sexual.

E durante, foi maravilhoso, excitante, mais do que tantalizante.

Mas Craeg tinha estragado tudo. Com algumas frases, ele tinha acabado com tudo e a deixou com vergonha de si mesma...

— Sinto muito.

Virando a cabeça, ela recuou.

— O que está fazendo fora da cama?

Craeg mancou para fora do quarto, parecendo confiar mais no suporte de IV do que em suas próprias pernas para caminhar. Estava determinado a se aproximar dela... e Deus sabia que já tinha provado que continuaria até cair.

Andando na direção dele, ela ergueu as duas mãos para pará-lo.

— Você precisa voltar para dentro...

— Ouça, eu... — ele pigarreou. Coçou a área abaixo do nariz, mesmo que não houvesse nada ali. Esfregou o polegar sobre uma sobrancelha e então ajeitou o pijama de hospital. — Não posso ser diferente do que sou neste momento. Talvez em uma outra época, talvez se certas coisas não tivessem acontecido...

talvez eu tivesse a energia para tentar mudar estas minhas arestas. O problema é, não tenho este esforço extra em mim neste momento... e não há muita coisa cálida ou alegre aqui. — Ele apontou para o centro do seu peito, o fio da IV cruzou à sua frente. — Não estou dizendo que estou certo ou que tenho orgulho de mim mesmo. Só estou dizendo o que é. E é só o que posso dar... esta noite, amanhã... a semana que vem. É só o que tenho a oferecer a qualquer pessoa.

Quando ele sbaixou o olhar para ela, seus olhos estavam firmes e sérios.

E não havia hesitação em sua voz sombria ou suas palavras cuidadosamente escolhidas.

No silêncio que se seguiu, ela pensou na declaração da grande escritora e oradora humana, Maya Angelou, sobre as pessoas: quando alguém te mostra quem realmente é, acredite da primeira vez.

Ou algo assim.

— Se quer um macho, vai sair com seu garoto, Peyton — ele continuou. — Você é tão espetacular, há uma chance de que ele supere toda a idiotice da *glymera*. E ei, não precisa ser uma recepcionista a vida inteira. Eu não poderia te oferecer nada em comparação ao que ele pode... mesmo que minha personalidade mudasse completamente.

Quando ele continuou a falar, suas palavras não assentaram muito. Tudo o que ela pensava era no quão injusto era, finalmente conhecer um macho por quem se sentia atraída em um momento precisamente errado, no contexto precisamente errado para qualquer coisa significativa. E também tinha aquela atitude dele de “Eu-sou-uma-ilha”. Que queria chamar de baboseira, mas que podia, real e tristemente, ser a verdade.

— Está bem — disse ela, finalmente. — Obrigada por ser honesto.

Houve uma pausa desconfortável... como se esperasse algum tipo de protesto por parte dela, alguns passos indignados ao redor, talvez algumas palavras duras.

Então as pálpebras dele abaixaram como se não quisesse que ela visse o que havia por trás de seus olhos.

A mão que não estava em seu suporte de IV seguiu na direção do rosto dela. Mas então as abaixou e meneou a cabeça.

— Eu tenho uma porção de arrependimentos na vida. Na próxima vez que se perguntar se alguém se importa com você... saiba que está nesta lista.

Craig se virou e mancou de volta ao seu quarto de hospital.

Ela o observou até antes dele abrir a porta e desaparecer.

Para seu orgulho era importante que seguisse seu caminho primeiro.

Preparando-se, Paradise seguiu na direção do ginásio para a aula, para o aprendizado e autodescoberta. Afinal, como ele, seu futuro era o centro de treinamento. Não em algum sonho romântico com um macho desconhecido que nunca iria acontecer por inúmeros motivos.

CAPÍTULO VINTE

Duas horas depois, Paradise viajava em um ônibus para longe do centro de treinamento. Só havia uma partida, como só havia seis deles, já que Craeg não foi liberado pelos médicos para ir pra casa.

Olhando para o outro lado do corredor, encontrou o olhar de Peyton. Ele estava esticado em uma fileira de bancos com as costas contra as janelas escuras, as pernas totalmente estendidas e com os tornozelos cruzados.

Pareceu uma vida inteira desde que eles discutiam no caminho na noite anterior.

— *Está bem?* — ele perguntou baixinho.

Ela anuiu e murmurou de volta:

— *Você?*

Ele deu de ombros, fez uma careta ao se reposicionar e fechou os olhos.

Ninguém mais estava conversando.

Muitas fileiras adiante deles, Boone sentava-se com a cabeça baixa, um par de fones Beats martelando em seus ouvidos, emudecendo o mundo exterior. Ele não parecia conseguir encontrar uma música que gostasse, o polegar tocando a tela de seu iPhone a cada dois segundos, as capas de álbuns se alternando antes de serem rejeitadas. Anslam dormia sentado do outro lado dele. Novo estava mais perto do motorista olhando pelas janelas através das quais não se via nada.

Axe estava no fundão, na dele.

De vez em quando, Paradise movia o corpo e se via dando uma de Peyton com as caretas. Estava exausta, sentia dor no corpo inteiro; estava preocupada sobre quais poderiam ser os testes da noite seguinte.

Ela também continuava pensando sobre o que tinha rolado no quarto de hospital de Craeg. E então o que foi dito entre eles no corredor.

— Pare — murmurou para si mesma.

Ficar repisando os acontecimentos não mudaria o modo como as coisas tinham desenrolado, e se ela fosse honesta consigo mesma, queria aquilo. Teria sido incrível ser livre para explorar aquele tipo de conexão.

Mas não ia acontecer.

Procurando se distrair, abaixou o olhar para a sacola de couro da Bally que entregara ao *doggen* quando se apresentara para o programa. Ela se lembrava exatamente do que havia nela: barras de

proteína, meias extras, muda de roupa e roupa de baixo, sua carteira, celular, uma fotografia de seus pais em uma moldura antiquada. Lembrava vividamente de empacotar todas aquelas coisas... as gavetas abertas em seu closet, as dúvidas sobre as escolhas, as coisas que teve vontade de trazer, mas decidiu deixar em casa.

A coisa perturbadora... era que nada do que estava ali parecia pertencer mais ela.

Era mais como se tudo pertencesse a algum tipo de irmã mais nova ou algo assim, alguma parenta mais jovem que se parecia com ela à distância, mas que de perto era totalmente diferente.

Peyton pousou os pés no assoalho e forçou seu corpo a cruzar o corredor. Desta vez, quando ele se sentou ao lado dela, sentiu-se grata.

— Você não parece bem — ele disse suavemente.

A preocupação dele ameaçou romper as barreiras sobre as emoções que ela se esforçava por manter, mas manteve a parede no lugar por medo de perder o controle na frente de seus colegas de classe.

Primus meu cu, ela pensou.

— Não sei — meneou a cabeça quando as palavras saíram. Não que tivesse intenção de responder. — Na verdade, estou bem.

— A noite passada foi difícil.

— Conseguimos — ela murmurou. — Viva nós!

— É.

Como seu amigo silenciou de novo encarando o encosto de cabeça à sua frente, só podia imaginar o que ele estava lembrando: de vomitar, ser atingido na cabeça, a piscina... a mais longa caminhada de suas vidas.

Aquela briga com Craeg.

— Como está se sentindo? — perguntou ela. — Você parece melhor.

— Preciso me alimentar.

Quando ele esfregou o rosto como se tentasse parar mais lembranças da escola, ela sentiu uma pontada de culpa — por que ao contrário de Craeg, a quem ela teve um impulso enorme e incontrolável de oferecer sua veia, ajudar a seu amigo não era a prioridade em sua cabeça.

Além disto, não tinha certeza de conseguir fazer aquilo com Peyton... se ele tivesse a mesma resposta que Craeg teve.

Não que ela fosse algum tipo de farol sexual para machos, mas por que talvez aquele tipo de luxúria fosse um subproduto natural da alimentação e não queria cruzar aquele limite em sua amizade.

— Enviei uma mensagem ao meu pai — Peyton batucou o bolso da frente de seu casaco. — Ele está com alguém à minha espera. Vai ser a primeira vez que não faço sexo enquanto tomo uma veia — franziu o cenho e olhou rapidamente para ela. — Desculpe, mais informação do que o necessário.

Do que ele estava falando? Oh, certo.

— Tudo bem, não me ofende.

Quer falar de informação demais? Ela pensou. O que era *realmente* informação demais era o que ela e Craeg fizeram naquela clínica. Ou melhor... o que ele fez a si mesmo.

Ela desviou o olhar só para se assegurar de que aquele rubor que cobria seu rosto não fosse notado.

— Você está diferente — ele reparou.

Aquilo a fez virar a cabeça.

— Como assim?

— Não sei. Talvez por me lembrar como você se saiu bem.

Quando a encarou, ela soube que ele estava novamente pedindo desculpas, e sem pensar se inclinou e lhe deu um abraço.

— Obrigada por isto...

Uma série de sacolejos e então uma notável diminuição de velocidade a fez recuar.

— Já chegamos?

Peyton tirou o celular e conferiu a hora.

— Já saímos a quarenta e cinco minutos. Então sim, provavelmente.

O *doggen* que dirigia anunciou pelo autofalante que tinham de fato chegado ao destino, e um a um eles se levantaram, enfileiraram e saíram.

A noite estava fria, muito fria... e por algum motivo, pensou que se a cor azul claro tivesse um cheiro, seria aquele que seu nariz estava sentindo ao respirar o ar seco e estimulante.

Virando-se para os outros enquanto o ônibus partia, descobriu que todo mundo estava simplesmente em pé no campo aberto como se não soubessem direito o que fazer.

Anslam foi o primeiro a dizer adeus, embora somente para Peyton, e então sumiu. Axe não falou com ninguém antes de desmaterializar.

— Então até amanhã — Peyton murmurou ao olhar para Novo e Boone.

Antes de desaparecer, ele se aproximou.

— Você vai ter notícias minhas em duas horas. Espero que atenda o telefone.

— Vou atender.

— Bom.

Com um breve sorriso, do nada ele sumiu.

Paradise disse algo aos outros, não sabia o que... e eles responderam alguma coisa a ela, que ela não pareceu entender.

E então pendurou a sacola no ombro e se foi, foi, foi, em forma de espírito em um amontoado de moléculas que de alguma forma consertou seu estado mental e emocional muito melhor do que estar em sua forma corporal.

Quando voltou ao seu corpo no gramado da mansão de seu pai, ficou onde estava e encarou a fachada magnífica da grande área da mansão estilo Tudor. Luzes brilhavam do lado de dentro, a iluminação amanteigada passava pelas janelas em formato de diamante, criando a ilusão do calor de uma lareira. De tempos em tempos, através das cortinas de seda, via um *doggen* passar rapidamente carregando uma bandeja de prata, um espanador de penas, um buquê de flores.

O vento era feroz aqui, e quanto mais ficava sobre a grama marrom congelada, mais ele penetrava sua jaqueta, suas roupas, sua pele.

Ela e o pai viviam na propriedade há um longo tempo, e não havia um só cômodo onde não tivesse uma memória — mesmo os ocultos.

Ainda assim, a mansão parecia como os objetos em sua sacola: como que de outra pessoa.

Incrível... como uma jornada que começou e terminou em sua cidade natal, e não requeria realmente que saísse de seu CEP, podia distanciar-la tão completamente de sua vida.

Quando começou a estremecer, obrigou-se a se aproximar. Era cerca de duas da manhã — e embora a fizesse se sentir culpada, estava contente pelo pai ainda estar no trabalho na casa de audiências. Não teria energia para lhe contar sobre suas “aulas”.

Mais ao ponto, não tinha realmente processado coisa alguma para si mesma — então ainda era cedo demais para explicar a experiência para outra pessoa.

Aproximando-se da entrada da frente, estendeu a mão para a campainha... e precisou impedir-se.

Sério, ela pensou. Ia tocar a campainha de sua própria casa?

E ainda assim, sentia-se uma estranha ao posicionar a ponta do dedo no leitor digital para destravar a tranca.

Entrando para o calor, fechou a pesada porta atrás de si e respirou fundo algumas vezes. Não houve sensação de calma ao olhar ao redor para as familiares pinturas a óleo e os tapetes orientais. Em vez disto, sentia uma inquietude assustadora...

— Senhorita! Está de volta! — quando o mordomo Fedricah se apressou em sua direção, era todo sorrisos... e fez uma reverência tão pronunciada que quase encostou no chão. — O que posso fazer pela senhorita? Gostaria de jantar? Não... um banho, vou pedir para Vuchie vir te ajudar...

— Por favor, não — estendeu as duas mãos quando o rosto dele abaixou tão rápido e tanto que ele quase podia começar a conversar com sua gravata borboleta. — A Irmandade nos alimentou bem, e honestamente, preciso dormir um pouco. — Palavras, precisava da combinação correta de palavras aqui — Pode, por favor, dizer a meu pai que foi uma experiência maravilhosa de aprendizado... diga que estou bem... e estou de fato, e consegui entrar no programa. Estamos fazendo estudos teóricos. Tudo em perfeita segurança.

E as últimas duas coisas tecnicamente não eram uma mentira. Rhage disse que ficariam em sala de aula amanhã a noite e ninguém tinha se ferido muito gravemente.

— Oh, é claro, senhorita! Ele vai ficar muito feliz! Acho que ele não dormiu o dia inteiro... mas por favor, toque a campainha se precisar de ajuda. Estamos sempre à disposição.

— Pode deixar, prometo. Obrigada.

Ela escapou escada acima rapidamente, algum medo irracional de seu pai chegar mais cedo em casa guiando-a para o quarto. Ao trancar a porta olhou para sua cama ornamentada, e os tapetes de crochê e as antiguidades...

... e realmente desejou estar entrando em um quarto neutro e anônimo de hotel.

Andando até a cama, sentou no colchão super suave e largou a sacola a seus pés. Então pousou as mãos nos joelhos e encarou a parede.

Craeg não era a única coisa na qual pensava. Mas havia muito dele em sua mente.

Droga. Agora que estava aqui escondida, sentia-se em uma armadilha...

Quando o celular tocou dentro da bolsa, ela se assustou. Sem dúvida, Fedricah tinha ligado para seu pai no momento de sua chegada e a pergunta era se seria pior deixá-lo cair na caixa postal... ou tentar forçar-se a uma interação estilo *é-uma-noite-como-outra-qualquer*.

Mais tarde não seria muito melhor, decidiu: se não falasse com ele agora, era capaz que ele viesse bater na sua porta assim que chegasse em casa. E então teria de enfrentá-lo cara a cara.

Pescando seu iPhone, franziu o cenho ao ver a imagem de uma folha de erva de cinco pontas em sua tela.

— Peyton?

— Ei. Não pude esperar duas horas. Estava quase tendo um ataque de pânico.

Embora ele não pudesse vê-la, anuiu.

— Eu sei. Eu também.

Quando houve uma pausa, esperou pelo costumeiro som do narguilê sendo manuseado. Ao invés disto, houve somente silêncio.

Depois de um momento, ele disse:

— Sinto como se tivesse envelhecido uma década.

— Eu também.

— Não tenho nem vontade de fumar. Isso não é estranho?

Ela recostou nos travesseiros.

— Talvez isso seja bom.

— Só mais um pouquinho de estranheza, sabe? — houve um farfalhar como se ele também estivesse se deitando. — Está bem, então qual é a daquele cara, o Axe? Digo, você o viu lutando com...

Quando seu amigo desembestou a fazer todo tipo de comentários, Paradise fechou os olhos e inalou longa e profundamente.

Engraçado, isto era muito semelhante ao período posterior aos ataques. Os dois conversando a noite, ligados por dois telefones, uma conexão invisível aberta entre eles que, apesar de tudo, era tangível.

Ele era seu único amigo, ela percebeu.

E estava muito grata por terem superado aquela discussão — e também aquela primeira noite de treinamento.

Subitamente as coisas não pareciam mais tão estranhas.

— Maldição, eu sou boa — Marissa disse ao voltar a se sentar e olhar para a pilha de cartões à sua frente.

Tinha levado horas, mas conseguiu imprimir cem convites coloridos para o Baile do Festival do Décimo-Segundo Mês. Sim, teria sido tão melhor se as malditas coisas fossem manuscritas, mas estavam sem tempo: restavam apenas quatorze dias para o evento em sua obrigatória primeira lua cheia de dezembro, então ninguém estava em posição de reclamar se ela usasse alguns atalhos para acelerar o processo.

O próximo passo era endereçar os envelopes, e Mary e Bella ofereceram ajuda com aquilo na mansão. Depois disto, Marissa ia falar com Fritz sobre a comida e procurar alguns músicos tradicionais do Antigo Continente para se apresentarem no evento.

Oh, e que a Virgem Escriba abençoasse eternamente Abalone: o macho os deixou usarem o salão de baile de sua propriedade. Era uma opção bem melhor do que a casa do habitual velhote-rico/caçadora-de-fortunas de sempre: aqueles dois recepcionaram a reunião secreta do Conselho para conspirar contra Wrath, então de jeito nenhum os Irmãos voltariam lá, a menos que levassem uma porção de lança-

chamas... e por extensão, não achava que Butch gostaria que ela passasse muito tempo debaixo daquele teto.

Então, convites. Alimentação. Entretenimento.

Ela estava conseguindo, mas não podia se enganar. Sabia que pediram que organizasse o evento não pela sua competência: as pessoas que a pressionaram por isto estavam tendo dificuldades para tirar a *glymera* do clima de todo aquele drama a respeito da eleição democrática de Wrath. Como não havia nada que os aristocratas amavam mais do que um escândalo, o que podia ser mais divertido do que vê-la em ação durante a festa?

Sua presença ia elevar o nível de aceitação até o teto.

E era engraçado. De um jeito estranho, viu-se ansiosa por erguer a cabeça em meio àquele monte de tubarões — pelo menos Butch não teria de lidar com aquela merda. Ele estaria fora trabalhando e ensinando. Além disto, ele não tinha paciência para aquele tipo de coisa de festa.

Ela teria de superar este trecho de seu passado sozinha.

Verificando o relógio, notou que eram três horas. Geralmente esperaria até as quatro da manhã para ir para casa, mas se ela e as fêmeas pudessem terminar com aqueles convites antes que todos se recolhessem, então Fritz poderia levá-los ao sistema humano de correios para que fossem recebidos no dia seguinte.

Com calma eficiência, guardou os convites e envelopes, e desligou o computador.

Sua sensação de satisfação teve vida curta.

Depois de se despedir de sua equipe, saiu da ala Wellsie e desmaterializou para a mansão. Enquanto esperava na porta interna do vestíbulo até que abrissem a porta para ela, voltou a se preocupar com a fêmea.

Ainda não descobrira nada sobre aquela “chave”. E nenhum e-mail nas contas do Lugar Seguro ou da casa de audiência sobre uma fêmea desaparecida. Nada nos grupos fechados de redes sociais. Nenhuma ligação telefônica, nem mensagem.

Mas sua família devia estar sentindo falta dela, certo?

Fritz, o adorável mordomo, abriu a porta com um largo sorriso.

— Senhora, como vai?

Fodida, obrigada.

— Estou muito bem e você? — balançou a cabeça quando ele se aproximou para pegar a bolsa. — Deixa comigo, obrigada. Você viu...

— Estamos prontas! E Mary está a caminho!

Marissa olhou pela arcada para a sala de jogos. Bella, Beth e Autumn estavam em pé, lado a lado, com taças de vinho e penas afiadas nas mãos.

— Estamos prontas para escrever — disse Bella. — E pedimos que a Última Refeição fosse especial, por que vamos ver um filme lá em cima.

— *Magic Mike XXL* acabou de sair em DVD — Beth disse. — Temos obrigação moral de apoiar a arte, mesmo que a humana.

— Não vi o primeiro — murmurou Autumn. — Dizem que a pélvis dele é articulada. É verdade?

Beth se aproximou e pegou sua bolsa.

— Venha, parece que você precisa de uma noite só de garotas. Payne e Xhex vão se juntar a nós. E Cormia, Layla, Dra. Jane e Ehlena. Vamos nos reunir, já é hora.

Por um momento, Marissa sentiu culpa por aquela amizade fácil que estava sendo oferecida. Parecia... frívolo quando pensava no pouco que tinha conseguido fazer pela fêmea.

Bella se inclinou.

— Dissemos aos machos que não poderiam entrar. Na maior parte por que se virem aquele Channing sei lá o que na telona...

Beth terminou.

—... vamos precisar de uma nova decoração depois que eles terminarem de destruir a casa.

— De volta a questão da pélvis articulada — Autumn perguntou. — Digo, como ele consegue andar?

— Divinamente bem, amiga — quando Bella respondeu à companheira de Tohr, passou um braço ao redor do ombro de Marissa. — Di-vi-na-men-te bem.

Marissa deixou-se ser levada à sala de jogos — onde potes de tinta foram colocados em uma das mesinhas de centro e já tinha uma taça colocada lá para ela — começou a piscar rápido. Parte da emoção era o fato de que aquela fêmea que tinha morrido jamais teria nada daquilo de novo — se é que teve sorte de estar entre boas pessoas enquanto vivia.

A outra parte era uma gratidão tão grande que seu peito mal podia conter a emoção.

— Damas — ela disse, passando o braço ao redor da cintura da Bella. — Vamos fazer o endereçamento bem rápido para que possamos ficar mais à vontade.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Como é que é... Elas estão fazendo *o que*?

Ao falar, Butch encarou o grupo de machos sentado ao redor da mesa de jantar da mansão. Nenhum dos irmãos ou qualquer dos soldados riam ou falavam em voz alta. O bando de patéticos perdedores estavam somente sentados em frente a pratos cheios e copos intocados de vodka com gelo, bourbon e uísque, como uma fileira de cães bassês em abstinência de seus antidepressivos.

Não era bem o que esperava ao chegar atrasado para a Última Refeição.

Quando Marissa enviou a mensagem de texto dizendo que estava com as fêmeas trabalhando em uma coisa qualquer, pareceu uma boa ideia discutir o treinamento dos alunos com os outros irmãos.

Ele não ia aceitar esse clima de funeral só por que as mulheres estavam entretidas em um projeto.

— Olá? — exigiu — Vocês perderam a audição junto com os colhões ou algo assim?

Wrath inalou como se a ponto de dar a notícia de uma morte na família.

— Elas estão tendo uma noite de cinema.

Butch revirou os olhos e foi pra sua cadeira. É, era meio estranho sentar-se sem Marissa ao seu lado, mas pelo amor de Deus, não havia nada para se desesperar. Além disto, estava feliz por sua mulher ter amigas na casa...

— Elas estão assistindo ao filme *Magic Mike* — alguém disse.

— É um filme infantil? — recostou-se na cadeira enquanto Fritz punha um prato repleto de carne de cordeiro à sua frente. — Obrigado, cara... oh, obrigado, é, adoraria uma bebida. Lagavulin com gelo...

Butch parou de falar ao perceber que todos os machos da mesa o encaravam.

— O que?

— Nunca ouviu falar do *Magic Mike*? — perguntou Rhage.

— Não — recostou novamente quando sua bebida foi servida. — Obrigado. Ele é tipo o Barney?

— É sobre *strippers* — revelou Hollywood.

Butch franziu o cenho e afastou o copo dos lábios.

— Como é que é?

V chegou do saguão com um pacote cheio de tabaco, um pacote de papel para enrolar e cara de alguém que tinha acabado de descobrir que tiraram as pilhas de seu brinquedo sexual favorito.

— Nus — murmurou Vishous ao se sentar onde Marissa deveria estar. — Totalmente nus. E são humanos. Cristo, é como ser vencido por um bando de cachorros.

— De fio dental — alguém provocou —, cachorros usando fio dental.

Butch continuou lentamente bebendo sua bebida, engoliu o ardor, aceitou de bom grado o calor em suas entranhas. Está bem, ok, era um pouco surpreendente descobrir que continuou repetindo o ato até o copo esvaziar, mas ei, tinha muito em que pensar. Em certo nível, o fato de sua *shellan* estar assistindo a um filme com as amigas, mesmo que envolvesse algumas cenas de nudez, não era um grande problema.

Em outro nível, queria encontrar o painel elétrico da casa e desligar os disjuntores daquela parte da mansão.

Então incendiar o DVD, e depois a TV.

E levar a companheira para a cama só para mostrar a ela todos os truques que ele sabia a mais do que algum atorzinho... oh, Deus, *um fio dental*?

— Tudo bem — ele se ouviu dizer, ao fazer um gesto para que um *doggen* voltasse a encher seu copo. — Digo, primeiro, elas nos amam... e segundo, não é como se fosse um filme de sexo explícito...

— Eles mostram uma bomba peniana — Lassiter disse com um sorriso amplo como se estivesse ajudando. — E em funcionamento. Sabe, em um pênis e bombeando...

Vishous empunhou uma adaga subitamente e apontou para a cabeça do anjo caído.

— Se continuar a falar assim, vou raspar seu cabelo. De olhos fechados.

Lassiter riu.

— É, que seja, garotão. Achei que tinha mais culhão do que ficar lamentando algo assim. São mesmo tão inseguros?

— Quer ver a insegurança? — disse V. — Eu vou te fazer...

— Chega, chega — Butch cortou. — Deixa pra lá, V. Tudo bem, tudo está bem... Elas só estão se divertindo. Qual o problema nisso? Não é como se estivessem dormindo com o cara.

— Tem certeza disto? — sorriu Lassiter. — Não acha que elas vão fantasiar sobre...

O rugido coletivo que se ergueu da Irmandade foi tão algo que conseguiu agitar os cristais do enorme candelabro que ficava acima da mesa. E o anjo caído era um idiota, mas não estúpido.

Movendo-se lentamente como se houvessem várias armas apontadas para ele, ergueu a mão em submissão.

— Desculpem, tanto faz. Vou parar antes que essa fossa desconfortável que vocês, idiotas, estão sustentando me mate.

— Sábia decisão — Butch disse secamente. — Não que eu fosse me incomodar de te atacar agora. Embora não especificamente sobre este assunto.

Lassiter voltou a comer, enfiando comida na boca.

Os Irmãos não foram tão rápidos em recuar, aqueles olhos estreitados e presas expostas ainda permaneceram focadas no anjo linguarudo.

— Vamos lá, garotos, tudo está *bem* — ele cortou um pedaço de cordeiro e colocou na boca. — Mmm. Delicioso.

Na realidade, a coisa tinha gosto de papelão, mas fez um grande teatro para fingir estar saboreando. Mas não por muito tempo.

Dois minutos depois, empurrou um prato cheio para longe e bebericou seu segundo uísque.

— Sério. Elas deviam ter um pouquinho de independência. Não precisam estar grudadas em nós, e ouçam, a vida aqui gira ao nosso redor. Já é hora delas fazerem algo só pra elas. Sério. Isso é ótimo.

Próximo a ele, V acendeu um cigarro enrolado a mão.

— É mesmo? Gosta da ideia de Marissa olhando para o pau de outro cara?

— Não é um filme de sexo explícito... — quando percebeu sua voz ficar estridente, pigarreou. — Digo, não deve ser... não, não é...

— Eu já verifiquei — murmurou Rhage. — Elas tem o DVD, devem estar vendo a versão estendida, sem cortes.

— Então os *strippers* não são circuncidados? — Lassiter ergueu as mãos de novo antes dos grunhidos ficarem ainda piores. — Jesus, vocês são *tão* sensíveis.

Butch meneou a cabeça e decidiu que o anjo estava sozinho.

— Então, sim, digo, um pouco de exibição... peitoral bombado ou dois. Não é nada com que se preocupar. Fritz, pode me trazer outra?

O mordomo se apressou para pegar o copo vazio.

— Gostariam de uma sobremesa? Temos *petit gâteau* com sorvete caseiro.

Butch olhou para Hollywood.

— O que diz, cara?

Quando Rhage só girou seu ginger ale no copo, Butch praguejou e disse a Fritz.

— Eu quero, mesmo que eles não queiram.

— Pode trazer para mim também — Rhage falou.

Fritz fez uma reverência com o copo de Butch nas mãos.

— Mas é claro, senhor. Já trago um prato...

— Não. Quero a sobremesa inteira. Todo o bolo e todo o sorvete.

Eeeeeee foi assim que Hollywood acabou com uma audiência de expectadores surpresos que o testemunharam consumir quinze bolinhos de chocolate e sete litros de sorvete de baunilha.

Era como assistir a tinta secar, exceto por não ter cheiro químico e a sala estar da mesma cor que antes.

As boas novas eram que a bebida estava fazendo seu trabalho acalmando a mente de Butch, fazendo seu corpo tanto entorpecer quanto excitar.

— Pode me trazer outro? — pediu a um *doggen* que passava removendo os pratos sujos de chocolate. — Muito obrigado.

Quando seu copo voltou, afastou a cadeira da mesa.

— Chega. Tenho trabalho a fazer.

E, nada contra eles, mas ficar ali naquele clima só estava piorando sua depressão. Um pouco mais disto e teria de arranjar uma corda para se enforcar.

Saindo, parou no grande saguão. Olhou para as escadas. Tentou imaginar sua Marissa babando por algum ator de cuecas.

— Sério. Tudo bem. Bom pra ela.

Tirou o celular e abriu uma mensagem de texto. Hesitando, lembrou que tinha acabado de enviar algo a ela, sabe, para lembrá-la que...

Uau.

Em sua fase humana, jamais teria ligado para algo assim. Marissa não era somente o amor de sua vida; era uma fêmea de valor que jamais o trairia. E *olá*, não era como se ela tivesse entrado em um motel xexelento com o cara, pelo amor de Deus, caralho. Só estava curtindo com suas amigas, do mesmo jeito que ele curtia com os seus.

Isso era ridículo.

Ele *não* era do tipo ciumento.

O som de coturnos se aproximando o fizeram olhar por cima dos ombros. Era Rhage, e o irmão tinha um borbulhante copo de Alka-Seltzer na mão.

Hollywood olhou para a escada. E pela cara, não estava pensando a mesma coisa que Butch.

— Vou subir — o cara anunciou.

— Espere, espere, espere — Butch agarrou aquele enorme antebraço e apertou. — Não é como se você pudesse invadir.

— Por que não?

— É uma noite só pra garotas.

— Então vou colocar um vestido.

— Puta merda, Rhage. *Sério?*

O próximo a sair foi V, John Matthew e Tohr. E todos os demais, inclusive Wrath — e mesmo Manny, que apesar de humano, estava com a mesma cara de cachorro chorão dos demais.

— Nós *não vamos* subir lá — anunciou Butch. — Vamos jogar um pouco de sinuca, encher a cara e falar sobre as mortes que executamos no ataque em Brownswick. Vamos ter uma noite-dia divertida pra caralho, que inferno! Agora peguem suas bolas do chão e comecem a se comportar como homens.

— Ele tem potencial. Só estou dizendo.

Quando a Dra. Jane falou, a audiência cativa concentrada na telona concordou total e ruidosamente.

Payne soltou outro de seus característicos assovios de lobo.

Xhex praguejou e jogou mais Milk Duds na tela gritando.

— Maldição, filho, você manda bem! Muito bem!

Marissa apenas riu de novo. Ela não conseguia decidir o que era mais divertido, o filme ou a companhia... provavelmente a companhia. Embora os humanos não fossem ruins aos olhos, tinha de admitir.

E então foi hora de outra rodada de palmas e gritos.

Deus, não podia lembrar a última vez que riu tanto. Havia algo em estar com as garotas e fazer piadas engraçadas e infames ao mesmo tempo, e as risadas altas e a bobeira ainda mais estúpida.

Tudo isto era uma coisa linda, descobriu.

Também a lembrava do quão ótimo era ser aceita exatamente do jeito que era, sem expectativas externas depositadas sobre si, sem atalhos para os quais não tinha se voluntariado para atravessar. Sem julgamentos, só amor.

Adicione a isto um bando de caras nus que eram quase tão gostosos quanto seu macho? Nada difícil.

Quando a cena final acabou e os créditos começaram a rolar, elas aplaudiram como se os atores pudessem ouvi-las láááá da Califórnia.

— Pode me ensinar a assoviar assim? — alguém pediu a Payne.

— É só juntar os dois lábios ao redor dos dedos e soprar — respondeu a fêmea.

— Isso não é uma fala do filme? — alguém brincou.

— Será que vão fazer outra continuação?...

— Magic Mike, o Enorme...

— Precisamos assistir ao primeiro e segundo de novo como preparação... temos uma tradição a manter...

— Alguém viu *Nove e Meia Semanas* ultimamente?...

— O que é isto?

Uma de cada vez, elas se levantaram dos assentos acolchoados e se espreguiçaram no cômodo escuro e sem janelas, estalando as costas, relaxando os ombros. E foi engraçado... Marissa sentiu vontade de cortar a conversa e dizer algo profundo e significativo, só para reconhecer o espaço onde estavam. Mas as palavras certas não vieram.

Ao invés disto, só disse.

— Podemos fazer isto de novo?

E pensando bem, talvez fosse exatamente isto que ela quisesse dizer.

Bem, quem diria, as garotas concordaram imediatamente: o grito de concordância foi tão grande quanto a torcida durante as cenas de dança, e a ideia de que aqueles momentos não foram especiais só para ela a fez sentir uma penetrante espécie de alívio.

— Acho que precisamos de uma maratona de Chris Pratt depois. *Guardiões da Galáxia*. — disse Beth.

— É o cara que tem um irmão? — perguntou Bella.

— O Hemsworth — alguém respondeu.

Liderando a fila para a saída no corredor central, Marissa pegou sua caixa vazia de Milk Duds e jogou-a no cesto de lixo. Subitamente, percebeu que mal podia esperar para ver Butch... e não por causa de todas as cenas de corpos seminus. Sentia falta dele... o que era ridículo, considerando que não estavam separados de forma alguma.

Seguindo para a porta próxima à vitrine envidraçada de doces, sorria ao empurrá-la para abrir para o...

— Santo... Deus — exclamou ao recuar.

O corredor estava cheio com os machos da casa, os Irmãos e outros guerreiros, e Manny sentados no chão encostados nas paredes, as pernas esticadas, encolhidas ou cruzadas nos joelhos ou tornozelos.

Aparentemente, já fazia um tempo e tinha rolado muita bebida, pois havia garrafas vazias de vodka e uísque amontoadas ao redor deles, copos nas mãos e em cima das coxas.

— Isto *não* é tão patético quanto parece — Butch disse.

— Mentiroso — murmurou V — é claro que é. Acho que vou começar a tricotar pra valer.

Quando as fêmeas começaram a sair depois dela, cada uma delas registrou choque, descrença e então um divertimento irônico.

— E impressão minha — um dos machos disse — ou acabamos de executar nossa própria castração aqui?

— Acho que isto resume tudo — alguém concordou. — Vou começar a usar calcinha debaixo das calças de couro de agora em diante. Alguém mais?

— Lassiter já usa — disse V ao se levantar e se dirigir à Jane. — Ei.

E então foi momento de reunião dos grupos.

Enquanto os outros companheiros se reuniam às suas fêmeas, Butch sorriu quando Marissa se aproximou dele e estendeu a mão para ajudá-lo a se erguer do chão. Quando se abraçaram, ele a beijou na lateral do pescoço.

— Você ainda me ama? — murmurou ele. — Mesmo eu sendo um marica?

Ela se recostou em seus braços.

— Por quê? Por que me esperou enquanto eu assistia a um filme de sacanagem com minhas amigas, que nem tinha tanta sacanagem assim? Eu acho que isto, na verdade... e prepare-se... é realmente meio fofo.

— Eu ainda sou homem.

Quando ondulou seu corpo contra ele, ela emitiu um *mmm* ao sentir a ereção dele.

— Dá pra notar.

Com sua essência de emparelhamento exalando muito forte, ele segurou o cotovelo de sua fêmea e arrastou Marissa mais profundamente para a ala dos empregados. Exceto por V e Jane, todos os outros tinham uma distância mais curta para cruzar do que eles: o Pit ficava logo do outro lado do jardim, mas à luz do dia, isto significava descer para o subterrâneo e cruzar o túnel inteiro para chegar ao quarto deles.

Ele não ia aguentar esperar tanto.

Nem um pouco.

A primeira vaga disponível com alguma privacidade apareceu na forma de um quarto de empregados desocupado, com cortinas puxadas, duas camas de solteiro sem lençóis e um trinco de metal, muito útil.

Butch nem se incomodou em acender as luzes; só puxou sua fêmea contra o corpo e beijou-a intensamente ao chutar a porta até ela fechar e puxar aquele ferrolho como um profissional.

— Preciso tanto de você — ele gemeu.

— Estou aqui — ela disse contra sua boca.

Fodida perfeição, seu pau berrou dentro das calças. E por falar em seguir ordens: com um gesto rápido, recuou-a até a cama, sentou-a e se ajoelhou à sua frente. Ao inalar profundamente, começou a rir.

— O que? — murmurou ela, de olhos semicerrados de desejo.

— Você está excitada.

— É claro que estou.

— Você não estava quando saiu do filme.

— Por que estaria? Aquilo foi só diversão com as garotas. Tipo ir a um museu, sabe? Aprecia-se a arte, mas não se quer levá-la para casa com você.

— Então, ainda sou seu sabor favorito?

— Você é meu *único* sabor!

Bom, e isso não o fez se encher de orgulho? Expondo as presas, ele disse.

— Agora, é disto que eu estava falando.

— Você ficou mesmo com ciúmes? — disse ela — De um filme?

— Sim.

A risada que saiu dela foi tão fácil e relaxada, um som tão feliz que o fez esperar que ela e as garotas se reunissem de novo e, sim, assistir a humanos *sexies* se exibirem na tela, se fosse o necessário para sua companheira se soltar assim. Claro, não escreveria uma carta de fã para aquele Tanning Chatum, mas estava mais do que grato por aquelas fêmeas e aquela amizade.

Alguém, qualquer coisa que fizesse bem à sua *shellan* estava certo em seu livro.

Reconcentrando-se, abriu as coxas de Marissa e a fez abaixar a parte superior do corpo na pequena cama. Ele tinha muitos planos que envolviam permanecer abaixando diante dela por horas... mas seu pau não ia conseguir esperar tudo aquilo.

Ele precisava dela. Agora.

Concentrando-se em desabotoar as calças dela, despiu-a da cintura pra baixo com mãos rápidas e puxou suas pernas longas e adoráveis. E então suas mãos viajavam acima pela panturrilha dela, as coxas. Com um gemido, ela separou ainda mais as pernas para ele, como se o desejasse tão violentamente quanto ele, revelando seu sexo nu e úmido... e foi aí que perdeu a porra da cabeça.

Liberando sua ereção, foi direto ao centro dela, sem preliminares, sem preâmbulos... ambos estavam mais do que prontos.

— Marissa — ele grunhiu ao penetrá-la, enterrando-se profundamente, a sensação de uma só vez familiar e extremamente elétrica.

Praguejando ao exalar, recuou e seus quadris assumiram o controle, estocando, recuando, bombeando... e amava o modo como ela se agarrava a seu pescoço e ombros.

— Tome minha veia — ordenou ela.

As presas dele já estavam alongadas de sua gengiva e as expôs com um silvo. Atacando seu local favorito do lado esquerdo, enterrou-se ainda mais, bebeu com força, sentiu-se drogado de seu gosto, além de seu sexo.

Mas não duraria muito assim. A merda toda estava intensa demais, rápida demais lá embaixo. Lambendo os furos das punções para fechá-los, reposicionou-a para ir ainda mais fundo... então agarrou os ossos de seus quadris e meteu, estocando seu corpo com tanta força que o frágil metal da cama batia contra a parede e as molas do colchão tocavam uma sinfonia barulhenta.

Ele a ouviu gozar, o que era bem o que queria, ouviu aquele nome comum e nada elegante dele ser exalado no ar que rescendia a sexo... e quis parar para poder sentir aquele aperto rítmico que o núcleo dela executava em seu pau. Mas já estava no limite. Suas bolas se contraíam e esquentavam, sua pélvis já estava fazendo aqueles movimentos involuntários que parecia incapaz de controlar, assim como era incapaz de controlar os batimentos cardíacos, e seu pau era uma combinação bizarra de entorpecimento e hipersensibilidade...

Butch gozou tão forte que viu uma explosão de fogos de artifício diante de sua visão, e mesmo ao começar a ejacular sabia que não era o fim.

Ele continuou metendo, mudando de posição de novo, arqueando sobre o corpo dela até seu peso estar apoiado somente nas solas de seus pés e seus braços o apoiassem para não esmagá-la.

Mais fundo. O que era incrível.

O que não era tão bom para a cama, que começou a se arrastar pelo chão.

Mas de novo, não houve pausa. Ele só continuou... até a cama estar posicionada obliquamente em um canto.

O que proporcionou alavancagem.

Perfeito. Pra cacete.

Butch continuou golpeando-a, seu corpo também se liberando, as semanas... e talvez, para ser honesto, meses... sentindo-se meio distante dela, desapareceram como se estivesse fodendo aquela distância sutil até ela desaparecer por completo.

Muitos orgasmos. O tipo feio e fantástico onde se fode violentamente e se sabe que certamente no dia seguinte estará dolorido, e as coisas ficariam extremamente sensíveis ali embaixo.

Quando finalmente acabou caiu em cima dela. Queria rolar para o outro lado para ela conseguir respirar melhor. Realmente queria. É.

Rolar sobre ela seria bom agora.

Uh-huh.

Em três... dois...

... um.

Só que não conseguiu forças: sentia como se alguém tivesse estacionado um Hummer em suas costas.

Marissa correu as mãos para cima e para baixo de seus braços.

— *Você é incrível.*

Ele tentou erguer a cabeça. Descobriu o mesmo rato bastardo com o Hummer tinha deixado outro peso em sua nuca.

— Não, você é que é — ou ao menos foi o que teve intenção de dizer. O que saiu de sua boca foi um discurso digno de alguém que teve um derrame.

— Não... você que é — repetiu ele.

— O que?

Tudo o que pode fazer foi rir, e subitamente ela estava rindo também — e foi quando se forçou a cumprir o programa e dar um descanso para a pobre fêmea. Ela seguiu com ele, e então eles se deitaram de lado um de frente para o outro. Com os corpos ainda exalando enormes ondas de calor, sentiam-se cálidos, quentes, mesmo sem um cobertor.

— Eu amo você, Butch — disse ela.

Na escuridão densa, sabia que ela estava olhando para ele, e adorava isso pra caralho. Queria sua atenção total, ansiava por ela, precisava tanto para manter-se longe de um nível patético e quase castrado. Mas jamais exigiria este tipo de coisa dela — e para um filho da puta impaciente, estava mais do que disposto a esperar. Deus, quando concedido assim, de livre e espontânea vontade? Seu amor, sua atenção, era um presente do qual, ele jamais se cansava.

Fechou os olhos e sentiu o quanto ela o amava — e era engraçado, às vezes, quando se estava com alguém há tanto tempo casado com esta pessoa, viver com ela momentos como estes eram tão enormes e mágicos quanto o incrível momento, no qual aquele primeiro *Eu te amo* tinha sido dito.

— Deus, eu te amo também.

O beijo que lhe deu agora foi suave e gentil e não por de cansaço... por que na verdade se ela estivesse pronta para uma nova rodada, seria mais do que capaz de cruzar aquela barreira. Não, beijou-a

com cuidado por que o laço emocional entre eles era tão forte quanto um cabo de aço e ao mesmo tempo tão delicado quanto uma folha de grama.

Com um toque ardente, ela correu a ponta dos dedos sobre seu peitoral.

— Você já desejou que eu fosse diferente?

— Impossível. Não dá para melhorar a perfeição. E não, nunca desejei.

— Você é um doce.

— Está aí uma coisa que jamais disseram para mim.

— Bem, você é um doce para mim — houve uma pausa. — Posso pedir sua ajuda?

— Eu ficaria furioso que se não pedisse.

Houve outra pausa longa. A ponto de se recostar de lado e erguer a cabeça, apoiada na mão. Agora desejava que houvesse mais luz no quarto, além da faixa estreita ao redor da moldura da porta.

— O que houve?

— Bem, sei que você está ocupado com o trabalho e no centro de treinamento...

— Pare. Sério? — franziu o cenho para ela, mesmo sabendo que ela não podia enxergar. — Vai sugerir que alguma coisa é mais importante que você?

O xingamento que ela exalou foi um tipo de rendição.

— Pode me ajudar a descobrir quem matou aquela fêmea? Quem ela era, o que aconteceu, quem fez aquilo com ela?

Ele não hesitou.

— Sim, é claro. Será uma honra.

O suspiro de alívio que ela exalou foi outro daqueles elogios dos quais jamais se cansaria.

— Obrigada — murmurou ela.

— Eu ia oferecer, mas quis respeitar o seu momento.

— Não posso deixá-la fazer sem qualquer identificação.

— Isto não vai acontecer. Eu vou cuidar disto — franziu o cenho de novo na escuridão. — Mas é melhor que saiba de uma coisa.

— O que?

— Não sou do tipo que larga o osso.

— Oh, eu sei. Você e eu vamos escavar até descobrirmos tudo.

Butch meneou a cabeça.

— Não foi isto que quis dizer. A raça vampira não tem uma força policial. Não há cadeias...

— Há uma colônia penal em algum lugar do oeste. Pelo menos, costumava ter. Não tenho muita certeza do que aconteceu a ela.

— É este o meu ponto. Não há procedimentos ou reais consequências para crimes dentro da raça. Não há maneiras de punir os culpados ou lidar com acusações falsas. Wrath ter retomado as audiências ajudou com alguns tipos de conflito, mas ele é juiz e juri, tudo junto... o que está bem até nos depararmos com delitos e crimes capitais no sistema. E eles aparecerão. É um fato da sociedade, quer ela tenha presas ou não.

— Então o que está dizendo?

A voz dele abaixou a um sussurro.

— Se eu descobrir quem fez isto à uma garota inocente? Não vou conseguir deixar passar sem represálias. Dá pra entender?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Excitação. Enfurecedora.

No anoitecer seguinte, enquanto Craeg submergia daquele tipo de sono tão denso que era praticamente sólido, tinha uma enorme ereção projetando de seus quadris: deitado de lado, tinha se postado em sua posição favorita em alguma parte do dia e as mãos estavam a poucos centímetros de seu pau — e por trás de suas pálpebras fechadas, imagens de Paradise brincavam como uma apresentação de slides calculada para fazê-lo endurecer e mantê-lo daquele jeito até gozar.

É claro, sua consciência reclamou, mas era uma batalha fadada a ser perdida.

Mas não ia se masturbar na cama. A enfermeira estava vindo verificá-lo a cada quinze segundos, e conhecendo sua sorte, escolheria bem aquele momento para entreabrir a porta para ver se ainda estava respirando.

Apoiando-se para se sentar, ele...

Não teve problema nenhum em se mover. Pousar os pés no chão. Levantar-se. De fato, sentia-se como se tivesse dormido por um mês.

Huh.

Era o sangue de Paradise, é claro. E isto o fez temer por ela.

Um a um, desconectou os vários equipamentos e bolsas de fluídos, e quando um alarme soou, apertou os botões no monitor até silenciá-lo. Então foi até o banheiro, abriu o chuveiro e trancou a porta, imaginando que a enfermeira sem dúvida tentaria abrir a porta para ver se não tinha caído e batido com a cabeça na privada.

E claro, houve uma batida na porta do banheiro assim que tirou o pijama e se postou sob o jato de água.

— Craeg — disse ela. — Está tudo bem?

— Sim. Estou tomando banho e pronto pra comer.

— Que bom. Mas tenha cuidado... precisa de ajuda?

Ele abaixou o olhar para a enorme ereção que ainda se projetava de seus quadris.

— Não. Acho que posso dar conta disto sozinho.

— Está bem, mas sabe onde o botão de ajuda está, não é? Para o caso de se sentir zozinho.

— Sim. Obrigado.

Esperou um momento mais para ver se ela continuaria a falar com ele. Quando só houve um abençoado silêncio sem mais perguntas, pegou uma barra de sabão, mas não foi direto para seu pau e bolas. Esfregando a coisa nos ombros e peito, pescoço e rosto, pernas e pés, deu a seu corpo uma chance de se livrar daquela nada brilhante ideia.

Nada. Quando muito, a suave sensação da espuma sobre sua pele o fez se lembrar de abaixar-se diante de Paradise e acariciar sua pele macia.

Passar xampu também não ajudou. E quando o ar do banheiro se tornou denso de umidade e ele ficou sem lugar para lavar, assumiu a derrota, parou de negociar, resignou-se ao inevitável.

— Oh, cacete — grunhiu ao fechar a mão ao redor de sua ereção.

Apoiou um braço na parede azulejada, inclinou até sua testa pousar em seu antebraço. A carícia foi boa pra caralho... ele não conseguia lembrar, na verdade, daquela coisa de masturbação ser tão incrível antes. Era... o paraíso.

Ou Paradise, como era o caso.

Mais forte, mais rápido, até ele abaixar o outro braço e apertar suas bolas com um giro...

Em uma série de relâmpagos, seu pau entrou em espasmos ao seu toque e ejaculou na parede do chuveiro repetidas vezes.

E quando finalmente relaxou, praguejou várias vezes.

Depois de tudo pelo que passou, por que agora? Por que tinha uma fêmea em seu pensamento justo *agora*?

Era só o estresse pelo qual passou. Esta atração era só uma reação ao estresse sob o qual estava, um buraco de minhoca no qual se concentrar de forma a não implodir.

Saiu do box. Secou-se com a toalha. Achou uma lâmina, então se barbeou, passou desodorante nas axilas e uma escova nos cabelos por mais curtos que estivessem.

Merda, precisava de roupas.

Saiu do banheiro...

Encontrou outro uniforme com camiseta e calças folgadas, além de um par de tênis que, sim, eram de seu tamanho. De forma ausente, perguntou a si mesmo quantos conjuntos daqueles teriam para os candidatos. Eles tinham informado o tamanho de roupas e calçados no formulário de check-in, mas ainda assim...

Alguns minutos depois passava pela porta, cruzava o corredor e entrava na sala da cafeteria.

A primeira coisa que viu ao entrar foi uma mesa com comida suficiente para alimentar um exército. Pratos enfileirados, prontos para serem enchidos, guardanapos enrolados ao redor de talheres de pratas e o “bar” tinha todos os tipos de coisas não alcoólicas que pudessem ser desejadas — inclusive uma máquina de milkshake.

Evidentemente, os Irmãos estavam melhorando a técnica conforme avançavam.

— Nada disto está envenenado — uma voz masculina disse às suas costas.

Craeg girou e ergueu os punhos como se esperasse um ataque. O Irmão Butch estava sentado no canto da mesa redonda, as pernas apoiadas em uma cadeira vazia, um prato cheio ao seu lado. Com movimentos cuidadosos e precisos, moveu os ovos mexidos para a boca sem derrubar nada do garfo.

— Vá em frente — disse mastigando. — Coma. Sente-se comigo. Não vou mexer com você.

Craeg acenou ao se aproximar da mesa. Não refreou suas porções — não fazia ideia do que o futuro reservava a eles, mas era de se supor que uma reserva de energia seria a melhor maneira de se preparar para a noite.

Escolheu um lugar a dois lugares de distância do Irmão com uma boa visão da porta, algo que regularmente necessitava: ter sempre uma rota de fuga. Foi assim que tinha sobrevivido ao ataque à sua casa.

— Olha, não vou fazer rodeios — o Irmão disse antes que Craeg tivesse levado sequer um garfo à boca.

Ótimo. Então o cara tinha planejado isto, sabendo que Craeg estava na casa e provavelmente iria comer cedo.

Cerrando o cenho, Craeg deixou para lá a comida e se concentrou na porta.

— O que?

— Acho melhor você ficar aqui, no centro de treinamento.

— Como é? — ele voltou o olhar para o Irmão. — Eu tenho casa.

O cara pousou as botas no chão e se moveu até estarem cara a cara.

— Eu sei onde você mora.

Algo naquele olhar fixo o assustou, então fingiu comer.

— É, não menti sobre meu endereço na inscrição.

— Lá não é seguro.

— Tem sido seguro desde os ataques.

— Aquela casa não tem encanamento e não oferece abrigo contra o sol.

— Eu fico no porão.

— Um incêndio se espalharia muito rápido, fazendo ter de escolher entre morrer queimado pelo fogo ou pela luz do dia.

Craeg cortou uma salsicha ao meio e colocou metade na boca.

— Não vou me mudar.

— Aqui você tem comida e água... e uma boa cama para descansar. E sem aluguel.

— Não preciso de caridade — está bem, agora ele estava começando a ficar puto. — Vim aqui para aprender a lutar, não para fazer vocês se sentirem bonzinhos.

Butch se inclinou.

— Acha que queremos limpar sua bunda cada vez que você cagar? Realmente acha que é para isto que armamos tudo isto?

— Olha, não preciso disto...

— Seu cuzão — Butch exclamou. — Estamos a ponto de investir o próximo ano algumas centenas de milhares de dólares em vocês sem receber nada em troca... Acha que queremos que tudo isto acabe em fumaça por causa de seu orgulho e teimosia? Isto não é caridade e não é negociável. Eu vou te levar hoje a noite depois da aula, vou assisti-lo empacotar suas coisas, e então vamos trazer sua carcaça miserável de volta para cá ou você dar a porra do fora. O que vai ser, valentão?

Craeg praguejou longa e violentamente, mas baixinho.

— Está bem — murmurou ele.

Butch deu-lhe um tapinha no ombro.

— E para mostrar que não há ressentimentos por você ter sido um imbecil, vou arranjar uma boa TV, acesso à internet e um calendário anual de Rhage para você ter algo bonito para o que olhar.

Com isto, o Irmão se levantou da mesa, levando seu prato ainda cheio com ele.

Então aquela “refeição” dele foi só para provar que era seguro comer.

— Te vejo na aula — Butch disse da porta, depois de deixar os pratos na pia. — Aula de hoje. Bombas, sistemas de detonação, desarme. Coisa fina.

Deixado a sós, Craeg colocou a cabeça entre as mãos.

Planos, ele tinha planos para tudo isto, gente.

Mas que caralho?

— E então, como foi?

Quando seu pai fez a pergunta e espalhou mais marmelada na torrada, Paradise tentou formular outra mentira. O que, considerando que teve somente duas horas de sono e ainda estava em recuperação física de tudo, era como tentar abotoar uma camisa no escuro.

— Ah... — cortou um pedaço de seu croissant e passou um pouco de geleia de morango. — Bem, depois que fizemos o check-in houve um tipo de coquetel — *Vomitório*. — Andamos pelo ginásio conhecendo uns aos outros — *quase fomos eletrocutados no escuro* — Nadamos — *uma festa de afogamento*. — No final, fizemos uma caminhada — *marcha da morte estilo Dickens*. — E então todo mundo passou por avaliação médica — *ressuscitação cardíaca*. — Foi uma noite longa, por isto fizeram a gente ficar — *quase mortos e mal respirando*. — Só isso.

Ótimo. Ela estava encarnando o Sr. Subliminar.

Seu pai anuiu.

— A Irmandade foi muito gentil em telefonar... Peyton também. Disseram que você se saiu maravilhosamente bem... que foi a melhor da classe.

— Eu mesma me surpreendi.

E ainda sentia-se perdida em sua própria casa. Sentada com o pai nos mesmos lugares que sempre sentavam, sob o mesmo candelabro de cristal, com os mesmos pratos de porcelana e xícaras e molheiras, observadas pelas mesmas pinturas a óleo dos ancestrais, sentia-se como em um belo hotel, mobiliado como um castelo e com uma equipe bem treinada, capaz de antecipar todas suas necessidades... e ainda assim, estava em uma terra estranha.

Então havia seu pai... Deus, seu pai.

Sentado na cabeceira da grande e brilhante mesa, o rosto bonito de Abalone iluminava-se de alívio e orgulho — mais alívio — e aquilo a fazia sentir-se ainda pior. O fato de suas mentiras terem o desejado efeito de acalmá-lo a distanciava ainda mais dele... além disto havia a camada adicional de sua culpa.

Que não era só sobre o treinamento.

Era impossível não lembrar e ficar obcecada sobre o que fez com Craeg, e o que ele fez a si mesmo. Parte dela constantemente revivia cada nuance da experiência, todo o contato visual, os sons, os cheiros... a expressão do rosto dele quando...

Está bem. Não ia ficar pensando *nisto* na maldita mesa de jantar.

Pensaria no que então? Deus, por mais que odiasse admitir, preocupava-se que aquele interlúdio, mesmo sendo coisa de uma noite só, a tornasse não emparelhável aos olhos da *glymera*. Claro que ainda era sexualmente pura, mas sua veia foi tomada e aquilo tinha levado a... a certa exibição, por assim dizer, por parte de Craeg.

De fato, odiava o fato de que estava desperdiçando ao menos um pensamento com essa baboseira julgadora... mas sentada aqui com seu pai, era um fardo inevitável.

Não era possível descartar o peso da criação de toda uma vida tão rapidamente.

Especialmente quando se pensava sobre o que o seu parente mais próximo queria para sua vida.

— Paradise?

Ela estremeceu e sorriu.

— Desculpe, o que?

— Acho que já passou geleia suficiente, querida.

Paradise abaixou o olhar e viu que tinha colocado quase metade do pote de geleia em um pedaço de croissant do tamanho de seu dedão. A doçura vermelha pingava em seu prato, na faca, na mão.

— Que tolice — começou a tentar limpar as coisas. — Então como foi sua noite passada?

Felizmente, ele mergulhou no assunto do trabalho e de um grande baile de festival que se aproximava e algumas outras coisas, e conseguiu ouvir o suficiente para anuir nas pausas corretas.

O que os Irmãos preparavam para a gente esta noite? Ela se perguntou. E como infernos ia agir normalmente perto de Craeg?

Trinta minutos depois estava de uniforme, bolsa arrumada, saindo pela porta da frente e desmaterializou para o ponto de encontro. O ônibus já estava estacionado na área entre as árvores e a porta foi aberta assim que o motorista a viu.

Subindo os três degraus, desabotoou o casaco e encarou o grupo. Novo estava nos fundos com fones de ouvidos postos, concentrada em seu iPhone. Boone também. Axe dormia nos fundos de novo, sem dúvida sonhando sobre coisas que, esperançosamente, permaneceriam em seu cérebro. Anslam digitava

no telefone, provavelmente atualizando seu status no Facebook sobre estar em um relacionamento sério com o Porsche que o pai tinha acabado de comprar para ele como recompensa por ter conseguido entrar no programa de treinamento. E Peyton esfregava o rosto como se talvez aquilo fosse mantê-lo acordado.

— Ei — ele disse quando ela se aproximou do lugar onde ele estava.

Quando sentou do outro lado do corredor de onde ele estava, este se virou, recostou-se nas janelas escuras e esticou as pernas.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Eu poderia responder melhor a isto se soubesse o que nos espera.

Ele grunhiu.

— Está bem, vou mudar de assunto. Então, adivinha o que estão dizendo?

Peyton era a fonte de todas as fofocas... sempre fora. Foi ele a lhe contar sobre o brinquedo novo estacionado na garagem da família de Anslam, e o último escândalo envolvendo sua prima de segundo grau e o fato de que ela mentiu aos pais sobre onde estava hospedada aqui na cidade, e aquela sobre a fêmea, casada com um bode velho que fodia com machos aleatórios no chalé de hóspedes de sua propriedade.

Mas a última devia ser um exagero.

— O que? — pelo menos o bate-papo distrairia sua mente do encontro com Craeg. — E pode detalhar o quanto puder. A viagem vai levar pelo menos meia hora.

— Tenho mais histórias. Não se preocupe.

— Graças a Deus — e isto apesar das horas que passaram ao telefone durante o dia. — Já disse hoje que te amo?

— Sim, mas se realmente quisesse provar isto, faria aquela tatuagem que comentamos.

— Não vou tatuar sua foto na minha bunda!

— Mas quando passasse por mim me daria algo bonito ao que olhar.

— Não se eu estivesse usando calças. E ei, não devia me sentir ofendida por este comentário?

— É, sinto muito dizer isto, Parry, mas louras de corpos perfeitos e olhos azuis inteligentes não chegam a lugar nenhum neste mundo. É melhor se acostumar à triste verdade desde já.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Está bem, e sua história?

— Meu primo de terceiro grau me contou que o Baile do Festival do Décimo Segundo Mês será no salão de festas do seu pai. Por que caralhos não me contou?

— Ouvi falar também — disse Anslam, sem erguer o olhar de seu celular.

Paradise olhou ao redor. Boone e Novo não podiam ter escutado nada e Axe continuava apagado. Abaixando a voz, ela disse:

— Peyton, precisa manter discrição sobre isto, lembra?

Seu amigo estalou os dedos da mão.

— Desculpe, mas estamos basicamente sozinhos... e esta merda é grande. Quer ir comigo? Ou eu posso ir com você — ele lhe deu um sorriso de conquistador. — Parece meio sacana, não é?

Paradise dardejou-o com o olhar, mas não se sentiu nem levemente ofendida.

— Você é um porco. E sim, por favor, seja meu acompanhante. Vou precisar de ajuda para encarar aquela noite.

— Eu serei um cavalheiro e erudito... bem, pelo menos na maior parte da noite. Talvez até duas da manhã. Mas vou me embriagar. Só pra avisar. É o único jeito de sobreviver ao amanhecer.

Paradise se inclinou no corredor e ergueu as mãos.

— Toca aqui.

Quando suas mãos se bateram em cumprimento, ela pensou: *Obrigado, querido Jesus, pelo menos vou estar com um amigo.*

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A porra da Britney Spears.

Quando Craig sentou-se no fundão da sala de aula, tudo em que conseguia pensar era naquele vídeo idiota da música “Baby one more time”, de milhões de anos atrás. Ele só tinha visto o maldito uma única vez, quando um primo mais velho, já tendo feito sua transição, assistiu com um fascínio que ele não tinha entendido. Na época, Craig tinha se perguntado por que diabos uma idiota colegial humana com um par de tranças, uma saia plissada e metade da barriga pra fora despertaria o interesse de alguém.

Agora? Compreendia perfeitamente.

—... o iniciador deste detonador é de azida de chumbo, estifnato de chumbo e alumínio, e é necessário posicionar o componente aqui, perto da base carregadora que neste caso é tetril — quando Boone ergueu a mão, o Irmão Torhment anuiu. — Sim?

— Existem outras cargas primárias?

— Boa pergunta. Há dizodinitrofenol e também se pode usar fulminato de mercúrio misturado com clorato de potássio. Mas usamos ASA aqui na Irmandade.

A aula continuou, com Tohr, como tinha pedido para chamá-lo, guiando-os através do módulo 1 da disciplina de fabricação de bombas — e Boone, o levantador de mão da classe, interrompendo-o de vez em quando com mais uma “boa pergunta”.

Se o cara não fosse tão bom de briga e de outra forma na dele, sem causar problemas, teria sido automaticamente chamado de CDF da classe.

Enquanto isto, o cérebro de Craeg parecia estar dançando polka entre os lados criativos/analíticos: o lado analítico estava concentrado na frente da sala, no balcão de elementos químicos em vários formatos e recipientes, e a lousa na qual havia anotações e diagramas.

O lado criativo, ou “galinha nojento repositório de todas as coisas eeeeeeee-lala”, mantinha os olhos voltando constantemente a Paradise. Ela estava sentada à sua frente na mesa logo à direita, e ao contrário dele, certamente não parecia nada além de estritamente concentrada: inclinada, focada a ponto da obsessão na informação que estava sendo dada, anotando tudo em um caderno.

Metade do seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo com um tipo de elástico grosso preto, e ela vestia o mesmo tipo de camiseta branca folgada de uniforme que todos eles. Mas puta merda, ela bem podia estar em um biquíni fio dental e com todo aquele cabelo ondulado caindo ao seu redor de seus ombros e seios...

Pare com isto.

Foda-se, sua libido respondeu.

Fantástico. Agora estava distraído e discutindo consigo mesmo. Qualquer outro processamento de dados sob seu capacete e ele poderia ter um derretimento cerebral nas proporções de Three Mile.

E quem diria, voltou a olhar para ela.

A raiz de seu problema, além dos orgasmos que teve no chuveiro, era a nuca dela.

Aquela pele bem ali devia ser tão suave quanto aquela do seu pé.

Tinha de ser.

Reajustando-se na cadeira, disfarçadamente levou uma mão para baixo da mesa e ajeitou-se. Maldição. Ele tinha de resolver isto.

E mesmo ao voltar o olhar para Tohr e todo aquele papo de bomba, fantasiou sair de sua cadeira, chegar a ela por trás e correr os lábios por aquela faixa pálida entre a linha de seus cabelos e a gola daquela camiseta folgada...

— Craeg?

Quando um silêncio desconfortável forçou uma pausa na aula, Paradise preparou-se e olhou por cima do ombro.

Estava dolorosamente consciente do local onde Craeg escolhera sentar-se, apesar da sala inteira à disposição, a ponto de ser quase como se tivesse um estojo de maquiagem aberto com o espelhinho em ângulo só para poder observá-lo olhar o professor. O que era loucura. Ela tinha certeza, depois daquele discurso de “Não você, não agora” da noite anterior, que ele nem lhe dirigia um segundo pensamento... então parecia particularmente ridículo perder mesmo um nanossegundo com o cara em algo que não estivesse relacionado ao treinamento.

Além disto, não era como se ele tivesse feito alguma coisa para chamar atenção para si mesmo.

Ao contrário dos outros alunos. Boone fez uma porção de perguntas — começando com “Porque não posso usar meu laptop para fazer anotações?” ao que o Irmão Tohrment respondeu “Porque o batusco da digitação de um teclado me faz querer sacar a arma. Quer ter um vazamento craniano esta noite?” e culminando há cerca de dois segundos atrás com outra pergunta que, francamente, foi de ajuda para a classe.

Boone era o inteligente.

Axe só ficou sentado sozinho, as mãos caídas, sobrancelhas cerradas, sem fazer anotação nenhuma... mas a aura sombria do cara significava que mesmo que não falasse muito, não se podia ignorar sua presença na sala. Novo não falava muito, mas quando falava todo mundo ouvia. E Peyton sim, Peyton lançava a ocasional piadinha.

Ainda assim, era Craeg, o silencioso e temperamental Craeg, em quem sua atenção estava voltada.

E, por falar nisto, não conseguia entender por que infernos ele não se levantava.

Era mais do que a falta de verticalidade, na verdade. Ele estava sentado lá como um cervo sob as luzes de um farol, encarando a lousa como se tivesse esquecido como se fazia para se erguer de uma carteira escolar.

— Craeg? — Tohr chamou. — Está fora da realidade? Tirou uma folguinha da gente?

Peyton se levantou.

— Deixa eu tentar — disse ele, passando pelo balcão de químicos até a lousa. Quando pegou um pedaço de giz como se fosse uma aranha morta, olhou para o Irmão e comentou. — Pensei que esse tipo de coisa tinha sido proibida na virada do século.

— Quer que eu escreva usando sua cara? — Tohr questionou.

— Vocês podem tratar alunos assim?

— Você é bom o bastante em uma briga para me impedir?

Peyton negou com a cabeça.

— Não, não chego nem perto.

— Boa resposta, filho. Vai se dar bem — Tohr deu tapinhas em suas costas. — Por que não poupa seu amiguinho tímido ali atrás e nos mostra o que sabe?

Paradise abaixou o olhar de novo para o que tinha anotado no caderno. No início da noite foi difícil entrar na sala de recreação onde todo mundo se reuniu e tentar agir normalmente perto de Craeg. Ele, por sua vez, tinha parecido totalmente desagradado de sua presença, assim como a de todo mundo — tinha feito pouco contato visual com qualquer um deles, e disse no máximo três palavras.

Não era nada que ela não esperasse. E ainda assim, considerando o tanto de energia que precisava aplicar só para respirar normalmente perto dele, não parecia justo.

Volte ao presente, disse a si mesma. Precisava se concentrar nas aulas do treinamento. Além de ser o apropriado, mais produtivo e a razão pela qual estava naquela sala... também era menos provável que a enlouquecesse.

Ela quase conseguiu.

Duas horas depois deixaram que eles se levantassem, esticassem as pernas e fossem ao banheiro. Ela teve a intenção de ir até o banheiro feminino sozinha, mas Novo postou-se a seu lado.

— Você se importa se eu perguntar uma coisa? — a fêmea disse ao empurrar a porta e segurá-la aberta para Paradise passar primeiro. — É pessoal.

— Ah... claro — escolheu um dos cinco reservados, abaixou as calças e sentou — e tentou não pensar no fato de que ela e uma relativamente estranha estavam a ponto de mijar no mesmo lugar. — O que é?

Vai com isso — disse à sua bexiga.

Novo naturalmente não tinha problemas com isto. A fêmea provavelmente não tinha problema com nada.

— Você já ficou com uma fêmea?

Paradise voltou a cabeça na direção da divisória do reservado. Seu primeiro pensamento? Merda, melhor erguer a calça. Não vou conseguir fazer nada depois dessa.

— Está chocada? — a fêmea disse rindo antes de dar descarga.

Houve o som de uma porta de metal abrindo e então água correndo.

— Olá? — Novo chamou.

— Ah... — Paradise olhou ao redor, como se talvez as divisórias de metal ou o teto branco, ou o chão cinzento fossem ajudá-la de alguma forma.

— Então isso deve ser um não — houve outra risada —, não estou surpresa.

Por um momento, Paradise pensou em tentar ostentar a leveza que Novo demonstrava diante do assunto. Mas igual a se distrair na classe, não era para isto que ela estava aqui.

— Na verdade, nunca fiquei com ninguém.

— É, imaginei isto também.

Paradise franziu o cenho.

— Então por que perguntou?

— Gosto de ter razão.

Olhando para o piso cinza aos seus pés, Paradise pensou, Que inferno.

— Mas e você? Gosta de fêmeas?

— No passado. E machos. Eu amo quem eu amo. Os detalhes não me importam.

— Uau.

A voz de Novo ficou aguda.

— Não há nada errado nisto, sabe?

— Não, não estou... criticando ou julgando. Só acho...

— Que é sujo e errado, sei.

Paradise pensou sobre todas as restrições sobre ela por ser uma aristocrata. E então imaginou o que seria ser simplesmente quem ela era, sem desculpas ou cobranças.

— Não — disse ela —, acho que isto é incrível.

E quem diria, com isto conseguiu fazer o que tinha de fazer. Depois de dar descarga, abriu a porta e ficou surpresa, dado o silêncio, pela fêmea continuar ali próxima às pias.

Seu rosto estava cauteloso, como se quisesse avaliar o efeito que teve sobre Paradise.

Paradise enfrentou aquele intenso olhar azul sem hesitação ao se aproximar e lavar as mãos na água quente com sabonete que cheirava a limão.

— De fato, eu te invejo — ouviu-se murmurando, ao verificar sua imagem no espelho.

Estar sem maquiagem e sob luzes fluorescentes não era um combo muito lisonjeiro para alguém que estava acordada há quase quarenta e oito horas... e que tinha passado por tortura organizada.

— Por que você é diferente? — a fêmea perguntou.

— Desculpe?

— Se você gosta de garotas.

— Oh, não — lembrou-se de sua reação a Craeg. E então aproveitou algumas imagens mentais da mão dele subindo e descendo embaixo daquele lençol. — É, não. Eu gosto de machos.

Novo deu de ombros e se endireitou.

— Mesmo assim. Por que você é diferente?

Paradise olhou para seu reflexo e pensou em sua linhagem. Seu pai.

— História longa e chata.

— Histórias longas que pessoas não querem contar jamais são chatas.

À mudança no tom de voz, Paradise voltou o olhar para ela. Novo estava olhando para a porta do banheiro, o corpo forte tenso, as mãos apertando a beirada da pia tão forte que as juntas dos dedos estavam brancas.

— O que aconteceu? — sussurrou Paradise.

Novo estremeceu e voltou ao foco.

— Nada que seja importante. Estávamos indo para a sala de musculação, certo?

— Eles disseram isto?

— Sim.

Paradise devia estar distraída olhando Craig sair da sala de aula quando isto foi dito.

— Estou ficando doida.

— Você está bem. Jogue um pouco de água fria no rosto. Vai ajudar... funciona comigo o tempo todo.

Paradise observou a fêmea sair... e então abriu a torneira de água fria.

Não custava tentar.

Talvez esfriasse sua libido também.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Sentado à mesa, no escritório de Tohr, Butch encarava a comprida e fina chave, segurando-a pela extremidade da fita vermelha... e então deixou a coisa cair em cima do mata-borrão. Quando a gravidade cumpriu o seu papel, o som foi um sólido *thunk*. Praguejando, pegou-a de novo, segurou pela outra extremidade... e soltou-a. E de novo. E de novo...

— Está pronto?

Ergueu os olhos para Tohr, que se inclinava pela porta de vidro.

— Ei, é. Claro. Quem vai mandar primeiro?

— Axwelle. Achei que preferiria iniciar as avaliações com o mais provável sociopata do grupo.

— Perfeito — voltou-se para o computador, digitou alguns comandos e ligou a câmera escondida. — Pode trazê-lo.

— Agora mesmo.

Quando a porta se fechou lentamente, Butch observou seus dedos trabalharem mais um pouco na chave com a fita. Não quis dizer à Marissa, mas para ele e V estava bem claro o que era aquela coisa. O problema? Quando não obteve resultado algum pesquisando na internet, V tinha ativado algumas de suas conexões no submundo vampírico... Mas nada tinha aparecido em relação a qualquer um dos grupos ou clubes de sexo.

Uma chave que permitisse acesso a um lugar para mandar ver, por assim dizer.

Geralmente Butch se perguntava se não estavam escondendo algo ou mentindo para ele, mas V era membro legítimo do maravilhoso mundo da sacanagem... além disto, o irmão não tinha pudores em usar força física para obter informações que precisasse.

Ainda mais uma razão para serem tão próximos.

Então o que mais poderia ser? Onde mais poderia...

Ao som de uma batida na porta de vidro, ergueu o olhar e fez um gesto com a mão.

— Ei, cara. Entre e sente-se.

Ao entrar, Axwelle mexeu as mãos como se estivesse acostumado a afundá-las nos bolsos das calças jeans, mas sem como escondê-las agora devido às calças do uniforme.

— Posso ficar em pé?

— Não — Butch acenou para a cadeira no outro lado da mesa. — Ali. E não é uma sugestão, é uma ordem.

Eles tinham de garantir que o rosto do aluno ficasse no ângulo certo para a câmera no canto às suas costas.

Axwelle ou Axe, como costumava se chamar, cruzou os braços no peito e sentou-se na cadeira.

— Do que se trata?

— Só quero falar com você um pouco. Conhecê-lo melhor — Butch franziu o cenho e sentou-se mais para a frente. Então ergueu a chave pela sua fita vermelha. — Reconhece este objeto?

— Não.

— Então por que seu olhar não desgruda dele?

— Por que está em sua mão e você não está segurando nada mais. Também não tem mais nada na mesa.

Butch segurou a fita vermelha entre os dedos polegar e indicador, balançando-a de um lado para outro.

— Só por isto?

— Pareço me interessar por chaves?

— Como sabe que é uma chave?

Olhos quase tão amarelos quanto os de Phury o encararam, sem desviar.

— O que mais seria?

— Diga-me você.

— Pensei que isto seria uma conversa amigável. Por que caralhos essa merda seria da minha conta?

Butch estudou o rosto do garoto procurando pistas. Uh. Sabe, sem as tatuagens pela metade e todos aqueles *piercings*, o cara poderia até ser bonito. E devia ser um bom jogador de pôquer, considerando o rosto imperturbável que ostentava.

Axe aproximou a cara da chave.

— Ainda estou olhando para ela. É assim que quer?

Butch não teve pressa em mudar de assunto. O problema com mentirosos? Silêncio e imobilidade, geralmente, era o maior desafio para eles, então buscava cacoetes, piscadelas ou espasmos.

Eventualmente sorriu.

— Você já viu alguém morrer?

Não estava na lista de perguntas que Mary tinha elaborado para ajudá-lo a avaliar o estado psicológico dos alunos. Mas era bom de improviso.

— O que está insinuando?

O pensamento de sua Marissa chorando pela morte daquela fêmea o tornou mais agressivo do que um touro, mas decidiu pegar leve.

— É só uma pergunta — olhou para a chave para dar ao macho um pouco de “espaço pessoal”. — É uma forma de te conhecer melhor, não é? Amenidades, como chamam quando duas pessoas saem em um encontro às escuras e são obrigadas a conversar.

— Você quer saber se eu já matei alguém.

— Não foi esta a pergunta, foi? Eu perguntei se você já viu alguém morrer.

Quando não houve resposta por um tempo, Butch ergueu o olhar. Axe não olhava mais para a chave. O cara estava concentrado em algum ponto à frente de seu nariz.

Na mosca, pensou Butch.

Deliberadamente suavizando a voz, ele murmurou.

— Quem, Axwelle?

— Não me chame assim.

— Por quê? É seu nome.

— Não gosto dele.

— Por quê?

Um olhar zangado perfurou Butch como a ponta de uma lâmina.

— Porque não gosto, porra. Ok?

— Tudo bem, de volta à Dona Morte. Conte-me tudo.

— Vá se foder.

Sob outras circunstâncias, Butch teria voado pela mesa e torcido o pescoço do filho da puta por aquele tipo de atitude, mas tinha muito mais objetivo por trás daquilo.

— Hmmmmmm — foi só o que disse.

Axe voltou a se encostar violentamente na cadeira e cruzou os braços de novo. Ao endireitar os ombros, foi difícil não aprovar o aspecto de todos aqueles músculos. Mas força sem inteligência e copiosa ausência de controle sobre a psicose não seria bom para nenhum deles.

— Posso ir embora? — perguntou Axe.

— Não, filho. Acho que não. E antes de ficar todo irritadinho comigo, preciso informar que este maravilhoso tempinho de proximidade que estamos dividindo agora é a primeira de pelo menos três sessões.

— Você é psicólogo?

— Porra, não, tá brincando? — ele riu. — Eu me orgulho de minha porçãozinha de loucura, na verdade.

Afinal, ele era seriamente religioso, colocava sua fé e o curso de sua vida voluntariamente nas mãos de um sistema de crença que não podia ser concretamente provado. E isto não era loucura?

Mas então, o fato de sua religião enriquecer sua espiral mortal, centrá-lo e lhe prover sentido, mesmo depois de ter sido transformado em outra espécie, era prova suficiente para ele.

Com um dar de ombros, ele disse.

— O único jeito de sair desta sala é me dizer o que aconteceu. Assim que fizer isto, está livre para voltar ao ginásio para fazer levantamento de peso até seus joelhos cederem ou você começar a vomitar. Perspectiva maravilhosa, não?

E Craig tinha imaginado que sentar-se atrás de Paradise na aula era ruim? Não era nada comparado a assisti-la fazendo flexões.

Nos tatames, e com o tilintar dos pesos sendo liberados, Paradise elevava o corpo perfeitamente em forma até a barra de queixo e descia... para cima... e para baixo. Seus joelhos estavam dobrados em paralelo ao chão, o traseiro dela estava... dolorosamente contraído (dolorosamente para ele, não para ela, claro), e seu torso estava em perfeito controle, da pélvis ao ombro.

Cada vez que atingia o ponto mais baixo, os seios dela inchavam contra a camiseta frouxa que todos usavam...

— Cacete — resmungou ao se deitar de costas no banco e agarrar a barra acima de sua cabeça.

Erguendo os duzentos quilos de seu suporte, abaixou o peso até o peitoral e empurrou novamente para cima como se a coisa tivesse xingado sua falecida mãe.

— Quer ajuda? — perguntou Novo.

Quando tudo o que fez foi grunhir, ela assumiu posição atrás de sua cabeça mantendo as mãos por baixo da barra, agora encurvada.

— Três... — contou ela. — Mais dois. Um... bom. Conseguiu.

Quando ela o ajudou a guiar a carga de volta ao suporte, ele levou os antebraços ao peito e prendeu a respiração.

Novo colocou o rosto em sua linha de visão.

— Acho que precisa de uma pausa.

— O caralho que preciso.

— Estou falando sério.

— Ainda tenho de fazer pelo menos mais quatro séries.

— Não é com sua resistência que estou preocupada — com isto os olhos dela desceram até os quadris dele. — Não que eu não aprecie a visão. Só não tenho certeza do que o virginal objeto de seu afeto irá achar disto.

Craig ergueu a cabeça. E sentou-se rápido.

Novo riu.

— É, por que não cuida disto e volta depois?

— Maldição — ele sibilou, ficando em pé.

Marchando ao atravessar a porta, olhou de relance para o Irmão Vishous.

— Preciso ir ao banheiro.

Vishous sorriu sombriamente.

— É, precisa.

Esmurrando a porta para sair para o corredor, ele se perguntou se alguém mais tinha notado sua barraca armada. O lado bom? Paradise parecia alheia a tudo — o que significava que ou era incrivelmente boa em esconder suas reações, o que duvidava, ou que ela realmente não fazia ideia de seu probleminha, como ele esperava.

Em todo caso, sentia-se como um perfeito imbecil.

Esmurrou a porta do banheiro masculino com tanta força que ela voou aberta, bateu na parede e forçou-o a segurá-la antes que batesse em sua cara, ao ricochetear.

— Não isto. *Não* isto.

Andando em círculos com as mãos nos quadris, percebeu que jamais devia ter tomado da veia dela. Aquela troca de sangue tinha criado uma espécie de conexão entre eles que fazia com que tivesse consciência de cada movimento que ela fazia, em qualquer lugar — e sua reação?

O Sr. Feliz ficava todo excitadinho com a possibilidade de dizer oi para ela.

O que. Cacete. Nunca. Ia. Acontecer.

Andou mais. Praguejou mais.

Ainda estava duro.

— Caralho! — gritou.

Sim, eu mesmo, seu pau respondeu com um repuxão.

Por um momento, todo tipo de fantasia passou por sua mente: bater nele contra um livro pesado. Derrubar um bloco de cimento em cima dele. Prender na porta do carro, martelos, toras de madeira.

Isto não podia estar acontecendo com ele. A parte mais difícil do treinamento para se tornar um soldado da Irmandade para poder vingar sua família... Podia não ser possível por causa de uma fêmea loura. Ele se recusava a acreditar nisto.

Não era possível...

Com outro repuxão por baixo de seu uniforme, aquela sua ereção parecia rir de sua cara.

Olhando para seus quadris, ele rosnou.

— Cala a boca, idiota.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Butch observava atentamente cada movimento que o garoto fazia. Da série de leves contrações musculares sob o olho esquerdo de Axe à coceira no queixo, ele se dirigia ao golpe final.

— Conte e eu te deixo ir — repetiu ele.

Cara, isto era tão mais fácil do que quando trabalhava para o Departamento de Polícia. Direitos humanos? É, que seja. Prisão involuntária? Blá-blá-blá. Coerção?

Bem, na verdade costumava usar um pouco de coerção, mesmo naquela época.

De fato, lembrou-se daquele garoto Billy Riddle, que tinha atacado Beth antes dela entrar no mundo vampírico, arrastando Butch com ela. Cara, ele realmente tinha se divertido ao arrebentar as fuças daquele bastardinho no linóleo naquele pronto socorro. Hmm... aquilo não fora tecnicamente uma coerção — por que na época não estava em busca de informação. Foi vingança direta contra o fato do bastardo ter atacado em um beco uma mulher perfeitamente inocente a fim de tentar estuprá-la junto com um amigo.

Sim, por que era impossível não querer arrebentar um animal daqueles.

Filho da puta.

Voltando a se concentrar em Axe, Butch murmurou.

— Estou esperando.

Axe deu de ombros.

— Expulse-me se quiser ou faça qualquer outra merda que quiser... mas não sou obrigado a isto. Você não vai ter nem um pedaço de minha alma... Você não tem o direito.

Soava lógico, Butch pensou — e exatamente o que ele mesmo teria dito se estivesse sentado naquela cadeira.

Butch se inclinou.

— Cedo ou tarde, antes de sua aprovação no programa, vai ter de me contar.

— Por que caralhos se importa?

— Não me importo.

Diante disto o garoto arregalou os olhos.

— Então por que está perguntando, porra?

Butch plantou os cotovelos na mesa, e abanou as mãos, estilo “*Dãããã*”.

— Preciso saber como vai se comportar quando estiver diante da morte de novo. Só por isto. E uma abordagem de comportamento futuro é o comportamento passado. O que vocês, garotos, vivenciam aqui no treinamento, não é nada em comparação ao mundo exterior. É preciso estar preparado para situações onde não há tempo para pensar, quando tudo o que tem para salvar sua vida ou a vida dos que estão lutando com você, são seus instintos e sua vontade de permanecer vivo — e posso garantir que, quando chegam estes momentos, a última coisa que você quer é travar. Quanto mais exposto ao trauma, mais resistente se torna a ele e mais seguro está. E esta é uma equação difícil pra caralho, mas também é a maldita verdade.

Os olhos de Axe abaixaram para suas próprias mãos.

— Volte ao ginásio — mandou Butch. — Pense nesta merda toda. Saiba apenas que não tem toda a eternidade à sua disposição. Não vamos desperdiçar...

— Eu menti.

— Como é que é?

O macho durão de aparência degenerada e gótica inalou lentamente.

— Não vi ninguém morrer. Não sei... como é. Não sei qual a sensação.

A mudança em efeito, de máscara hostil à tristeza profunda era impressionante, mas era assim que era sempre. Quando alguém desmontava, quando decidia baixar a guarda, tornava-se uma versão diferente de si mesmo, provando que autoproteção e revelação eram duas proposições mutuamente excludentes.

— Então por que está aqui? — Butch sussurrou. — Diga-me... por que nos procurou?

— Não sei.

— Sabe sim.

Butch disfarçadamente estendeu o braço e certificou-se de que o celular estava no *vibracall* e que a linha fixa estava no silencioso. E quando Tohr apareceu do outro lado da porta de vidro, Butch levantou a mão — e o Irmão se afastou.

— Por que está aqui, Axe?

Os minutos se arrastaram e os sons abafados do escritório pareceram diminuir ainda mais em respeito ao espaço onde estavam.

— Meu pai era um João-Ninguém — disse com voz rouca. — Ele não fez nada importante com sua vida. Era carpinteiro da espécie, sabe... Trabalho manual. Minha mãe não gostava dele, nem de mim... Ela foi embora antes da minha transição. Não ligava merda nenhuma para nós. Mas meu pai ficou, e sem ele eu teria passado minha vida *pretrans* nas ruas, e com certeza não iria durar muito — balançou lentamente

a cabeça, da esquerda para a direita. — Eu não estava... bem, sabe? Nunca estive. Ele não foi embora por que não tinha mais ninguém, acho.

Butch não se mexeu, ficou em silêncio. Se interrompesse era provável que lembrasse ao macho que estava falando em voz alta, ao invés de revivendo sua vida anterior internamente.

Era bem evidente o rumo daquela história.

— Uso Ecstasy. Cocaína. Eu uso... outras coisas barra pesada. Há dois anos apaguei por um período de tanta droga. Desapareci por uma semana mais ou menos. Uma noite meu pai tentou me ligar. Deixou-me umas mensagens... estava tão dopado que me irritei com ele — a voz se apagou —, eu fiquei irritado.

Quando Axe se endireitou, a expressão assombrada de seu rosto era de partir o coração.

— O que você fez, filho? — disse Butch suavemente, sem conseguir evitar.

Axe pigarreou algumas vezes. Esfregou a área debaixo do nariz como se as lágrimas que estava contendo tivessem irritado o local.

— Eu apaguei as mensagens — tossiu algumas vezes. — Apaguei... todas as mensagens sem nem ouvir.

— E então?

— Eles o mataram. Os *lessers*. Ele trabalhava em uma das casas da aristocracia invadida durante os ataques. Estava... morrendo quando me deixou as mensagens — Axe meneou a cabeça. — Voltei e pesquisei o registro das chamadas quando descobri o que aconteceu, e fiz as contas.

Butch fechou os olhos por um segundo.

—Sinto muito, filho.

— Eu não fiquei sabendo na hora... Acho que o filho de um dos trabalhadores foi até lá e descobriu todo mundo. Aquele cara, seja quem for, cuidou... de tudo. Quando finalmente voltei para casa... sabe, três dias depois... Ele tinha deixado um bilhete na porta. Alguém tinha ligado para o telefone da casa e deixado mensagens, e quando não houve retorno, deixaram... um bilhete.

— Brutal. Brutal pra caralho.

— Eu guardei o bilhete — Axe fungou e balançou a cabeça. — Guardei o bilhete. Os restos ainda estão na propriedade... acho que a casa está em posse de humanos agora.

— Você quer recuperá-la?

— Não sei. Não. Acho que não. Apenas outra maneira de ser um filho ruim, huh?

— Onde está sua mãe?

— Ouvi dizer que caiu no mundo, casou com algum cara rico, está vivendo a vida dela. Não sei... não me importa. — Quando ergueu o olhar subitamente, o rosto de Axe reassumiu sua compostura anterior,

trancando as emoções do mesmo jeito que se trancaria um intruso. — Então não, nunca vi a morte de perto. É uma das drogas que ainda não provei. Posso ir agora?

Butch sentiu que deveria dizer algo profundo. Mas o que Axe realmente queria, mais do que algum sermão, era sair.

— É. Pode ir.

Aquela cadeira vez um som guinchado contra o concreto ao ser empurrada para trás e então Axe correu para a porta. Antes de abri-la, parou. Olhou por cima do ombro.

— E como é?

— A morte? — diante do aceno, Butch também inalou. — Tem certeza que quer ouvir este tipo de coisa?

— Você disse que eu precisava me expor.

Touché, queria dizer. Ao invés disto, Butch imaginou o macho voltando à casa modesta onde vivia sozinho para ficar real e bem bêbado até cortar os pulsos. Ou tendo uma overdose. Ou se jogando pela janela.

Não era uma conclusão precipitada, dado o monte de dor que fervilhava sob as tatuagens e aquele metal.

— Quero que se mude para cá — Butch esfregou a grande cruz por cima da camiseta. — Craeg vai ficar conosco, é melhor você também ficar.

— O que, está com medo que eu me enforque no banheiro?

— É, precisamente — quando Butch só o encarou através da mesa, aquelas sobrancelhas escuras do cara se ergueram de novo. — Vai ficar aqui, Axe. É mais seguro, ficará protegido e poderá se concentrar no que precisa.

la haver uma briga sobre isto, é claro. Espertinhos tipo este cara sempre tinham uma...

— Está bem, mas vou precisar de uma noite ou duas de vez em quando para... sabe.

Interessante, pensou Butch. Então o pobre filho da puta tinha consciência, em algum nível, da merda que se passava em seu cérebro... e estava assustado.

— Você precisa transar, huh? — Butch murmurou.

— É.

— Não te culpo... e você pode combinar com o *doggen* para te levar de cá para lá. Isto não vai ser problema.

— Então... como é?

Butch ficou em silêncio e pegou-se viajando em suas próprias lembranças — imagens horríveis, nojentas que cruzavam sua mente. Por um momento se perguntou se devia mesmo fazer isto com o garoto, mas então admitiu que a verdade era algo que precisava ser dito, mesmo terrível. Especialmente se fosse terrível.

E tinha de ser dita a alguém que quisesse lutar nesta guerra.

Se Axe não conseguisse lidar com seus demônios, não seria bom para ninguém largar uma adaga e uma arma nas mãos dele, e mandá-lo para os becos de Caldwell.

Butch deu de ombros.

— Eu era um detetive de homicídios da polícia humana (não pergunte) então vi um monte. Respondendo à sua pergunta, depende de quando e como a morte aconteceu... especialmente se foi violenta... por que fica uma bagunça. Partes de corpos realmente não gostam de ser cortadas, esfaqueadas ou decepadas, e expressam sua raiva vazando a porra toda. Jesus, somos feitos de, tipo, setenta por cento de água ou coisa assim? E se aprende esta porra de verdade quando se chega a uma cena de crime recente. Poças de sangue. Pingos. Respingos. Então as roupas sujas, tapetes, lençóis, paredes, chão... ou se é cena exterior, o terreno, concreto, asfalto. E então há o cheiro. Sangue, suor, urina, entre outros. Aquele buquê suculento entra pelas narinas e fica lá por horas — meneou a cabeça de novo. — Nos casos mais antigos... o cheiro é ainda pior do que a bagunça. Afogamentos com as bolhas não são só feios de se ver... se aquele gás que faz o cadáver flutuar escapa? O fedor te derruba. E sei lá, eu não era muito fã de incêndios também. Digo, é de se pensar que sabemos que não somos diferentes em nada de outros mamíferos... carne assada é carne assada, ponto final. Mas nunca vi um homem adulto vomitar seu café com rosquinhas ao ver um bife bem passado — Butch voltou a atenção ao macho. — Quer saber o que eu odiava mais?

— Sim.

Ele moveu a cabeça.

— Os cabelos. Os cabelos... Deus, a porra dos cabelos, especialmente se fosse de mulher. Emplastrado de sangue, sujeira, pedras... embaraçado e retorcido... espalhado sobre pele cinzenta. Quando não consigo dormir à noite, é o que vejo. Vejo os cabelos — suas mãos começaram a se esfregar automaticamente. — A gente sempre tinha de usar luvas, sabe... para não deixar impressões digitais em nada, para não deixar nada de você para trás. Mais antigamente usavam látex... depois passaram a usar nitrilo. E às vezes, ao manusear um corpo... o cabelo grudava nas luvas... e era como se quisesse entrar em mim. Tipo... como se fosse possível pegar a morte por homicídio ou coisa assim — meneou a cabeça. — Aquelas luvas eram tão finas. E não funcionavam.

Axe franziu o cenho.

— Então para que usá-las?

— Não, não, elas funcionavam para as impressões digitais, sabe. Mas ficava algo de mim ali em todos aqueles corpos mortos. Cada um deles... ficava com um pedaço meu.

Começando por minha irmã, pensou. E para ser sincero, foi quem tinha ficado com a maior parte dele.

Houve um longo silêncio.

— Você vivia no mundo humano? — Axe perguntou. — Digo... soou como se você fosse...

— É, há um tempo. Agora... sou outra coisa — Butch pigarreou. — Saia daqui. Precisa voltar para o treino. Você, eu e Craeg vamos mais tarde buscar suas coisas... talvez possa me dar uma mão com aquele cabeça dura filho da puta. Acho que vou ter de lutar para evitar que ele pule do carro e fuja de nós.

— É. Está bem. Com certeza.

— Sinto muito pelo seu pai. E ele não era um João-Ninguém. Cuidar de você fez dele uma pessoa grandiosa.

Axe virou-se e parou de novo, como se preparando. Então empurrou a porta para corredor e se foi.

Quando a porta de vidro fechou silenciosamente, Butch olhou fixamente à frente. Não foi sua intenção revelar tanto para o macho... Nunca tinha falado toda aquela merda para ninguém.

Com a cabeça entre as mãos, respirou fundo algumas vezes... e rezou a Deus para que nenhuma das outras entrevistas corresse como aquela.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Paradise finalmente desceu os pés para o tatame, mas manteve as mãos na barra de elevação. Seus pulmões ardiam, os ombros e bíceps gritavam e um fio de suor escorria pela tira de seu sutiã esportivo, pelas suas costas. O legal era que ela sabia que esta sensação de tontura ia passar rápido, e então poderia ir para a outra série de exercícios.

Olhando na direção de Peyton, viu que estava na esteira e ficou impressionada. Ele corria como um morcego fugindo do inferno, o grande corpo em perfeita forma, a cabeça erguida, olhos distantes, mas alertas. Jamais diria que ele era do tipo atlético... mas também, antigamente ele só fazia levantamento de baseados.

A pergunta era, onde estava...

— Ei.

Quando Novo se aproximou dela, Paradise sorriu.

— Bom trabalho com aqueles agachamentos. Você fez, tipo, uns quinhentos.

— Na verdade foram quinhentos e oitenta e dois. Olha, Craeg acabou de sair. Parecia perturbado. Achei que poderia ajudá-lo com o problema dele.

Paradise fez menção de ir para a porta, mas parou.

— Eu não... digo, não é como se eu fosse amiga dele.

— E algum de nós é? E tenho certeza que é com você que ele gostaria de falar agora.

— E por quê?

— Só tenho a impressão.

— Ah... está bem, obrigada.

No caminho para a saída, olhou para o Irmão Tohrment.

— Posso ir ao banheiro?

— Pode, Paradise.

No corredor olhou para a esquerda e para a direita, esperando ver Craig andando em círculos por ali ou sentado no chão. Não. Tudo vazio.

Seu corpo esfriou eficientemente enquanto ia na direção do vestiário masculino. Ao respirar fundo, detectou o cheiro dele e soube que estava lá dentro... e sem sentir a presença de mais ninguém, aproximou-se da porta de metal e bateu.

— Craig?

Quando não houve resposta, entreabriu a porta um e não viu nada além de uma parede de concreto. Entrando, andou até estar em uma área extensa cheia de armários. Uau. Dez vezes o tamanho do vestiário feminino, mas sem os sofás e aquele local bacana para se sentar para pentear o cabelo e passar maquiagem. Caso quisesse.

Cara, estava tão nervosa que estava tagarelando consigo mesma.

Novo nível.

— Craig? — chamou ainda mais alto.

Houve som de água corrente — uma pia, não chuveiro — e ela pigarreou.

— Craig!

— Que caralho!

E então houve mais xingamentos até ele marchar, vindo de uma diferente seção da instalação. Água pingava de seu rosto e mãos, e a camiseta estava úmida ao redor do pescoço.

— O que está fazendo aqui? — exigiu, passando a mão pelos cabelos úmidos, jogando-os para trás.

Deus, seus olhos eram incríveis, tão profundos e de um azul tão pálido. E os ombros eram tão largos. E o peito era...

— Novo disse que você precisava de ajuda.

— Novo disse o que?

— Ela disse que você...

— Não, não — abanou uma mão no ar como se apagasse a pergunta. — Por que ela... — Craeg interrompeu-se. Então murmurou algo que soou como: — Eu vou acabar com ela.

— Por quê? — Paradise franziu o cenho — Você está bem? Precisa se alimentar de novo...

— Não — ele apontou um dedo para a cara dela. — E nunca mais com você. Nunca.

Paradise recuou.

— Como é que é?

— Você ouviu — balançando a cabeça e andando ao redor em um círculo apertado, ele focou o olhar no chão de azulejos. — Agora, pode dar o fora daqui...

— Tenho tanto direito de estar aqui quanto você...

Ele olhou para ela.

— Você está no vestiário masculino. Então, a menos que tenha te brotado um pau da noite pro dia, você *não* tem direito nenhum de estar aqui.

Ela abriu a boca. Fechou.

E estava a ponto de sair quando ele se voltou e veio em sua direção.

Foi quando viu exatamente qual era o “problema” dele.

Instantaneamente, o corpo dela respondeu — e quando ele parou subitamente a encarando, ficou muito, muito claro que ele tinha detectado o cheiro de sua excitação.

Uma rendição curiosa, que parecia totalmente contrária à sua personalidade, toldou sua expressão e fez seus ombros penderem.

Eles se encararam por um tempo longo demais.

— Você não precisa falar — sussurrou ela. — Eu sei que não quer isto. Sei que o momento é péssimo. Sei... que a última coisa que nós dois precisamos neste momento é uma complicação. Mas passei o dia inteiro pensando em você, e o que pode ser pior do que isto? Nossos corpos querem... o que eles querem.

Desta vez, quando ele jogou o cabelo para trás, as mãos tremiam.

Ela, por sua vez, sentia as pernas tremerem, os braços, o torso.

Craeg se aproximou dela lentamente, como se lhe desse tempo para mudar de ideia, voltar atrás, fugir. Não ia acontecer. Ela ficou exatamente onde estava, erguendo a cabeça para poder encarar o seu olhar.

— Se eu te beijar — ele grunhiu — não vai ter volta. Posso não transar com você aqui, agora, mas vou te foder na primeira oportunidade.

Ela teve a sensação de que ele falava de modo rude para fazê-la mudar de ideia, e por um segundo funcionou... mas não por ter usado a palavra com “f”. Aquilo só a excitou mais. Não, sua consciência treinada pela *glymera* sentou-se e gritou, todas aquelas regras e expectativas morais vieram à tona à superfície de seu cérebro e embotaram o desejo. Se entregasse sua virgindade a qualquer um seria um problema, mas dá-la a alguém de classe inferior? Ficaria marcada para o resto da vida. Ela se tornaria indesejada para o emparelhamento. Uma fonte de vergonha para seu pai, sua linhagem, sua classe.

Por outro lado, além de alguém como Peyton, tinha quase certeza que de qualquer forma nenhum macho “apropriado” iria querê-la depois de ter passado pelo programa de treinamento. Mesmo se não entrasse na guerra, este tipo de aprendizado não se encaixava na educação estilo jogos de salão que se supunha que as fêmeas deviam ter.

A solução, ela achava, era nunca se comprometer.

Quando o pensamento a atingiu, um alívio intoxicante invadiu seu corpo inteiro, a animação foi tão poderosa, que teve vontade de pular... e foi quando ouviu a voz de Novo em sua mente: *Por que você é diferente?*

Sustentando o olhar ardente de Craeg, maravilhou-se com a facilidade de uma solução, que de tantas formas, era a mais difícil. Mas se ela jamais se emparelhasse, então estaria livre para fazer suas escolhas de um jeito que jamais sonhara.

E foi baseada nesta força que se decidiu.

Paradise ia recuar.

Avolumando-se sobre a fêmea, Craeg sentia isto em seus ossos. Apesar de sua excitação, ela ia voltar à razão e lhes pouparia um mundo de arrependimentos. Ela ia dispensá-lo, com seu corpo imenso e sua ereção gritante, e perceberia que não queria toda aquela complicação ou estresse...

Com uma elegância de movimentos que o aterrorizou, ela ergueu as mãos e as pousou sobre os ombros dele... não, em seu peito, por que não era suficientemente alta. Erguendo a cabeça ainda mais, ficou momentaneamente maravilhado pelo modo como a feia luz fluorescente do teto iluminava perfeitamente as feições lindas dela, as mechas de cabelos louros que se soltaram do elástico e as linhas de seu pescoço.

— Então me beije — disse ela.

No fundo de sua mente, ele ouviu o som de dois caminhões colidindo de frente.

Cacete. Não tinha volta.

Com um xingamento, fechou os olhos. Cambaleou. Percebeu que aquilo ia de fato acontecer.

Então abriu as pálpebras de novo e estendeu a mão para tocá-la. De repente teve um momento de estranheza, como se não soubesse onde pôr as mãos... nos ombros dela? No pescoço? No rosto?

O sexo que já tinha feito sempre fora rápido e rude, o tipo de merda que se fazia com mulheres humanas ou fêmeas vampiras que não se importavam para quem estavam dando. Paradise era o oposto de tudo isto... e este era o problema. Por mais que a desejasse, queria agir certo com ela.

Bem, e não é que de repente tinha se tornado um perfeito cavalheiro?

Com mãos trêmulas, acabou traçando o dedo por sobre o maxilar dela, e quando a viu entreabrir os lábios inclinou a cabeça para o lado e diminuiu a distância entre suas bocas.

Quase.

Com poucos milímetros de antecipação os distanciando, ele sussurrou.

— Última chance.

— Estou esperando.

Então a beijou.

O gemido que ele soltou foi uma combinação de fome e rendição, e no fundo de sua consciência se tornou vagamente ciente de que havia um novo aroma no ar, algo que era parcialmente devido ao calor entre eles, mas também uma revelação.

Que seja, ela era suave, doce, hesitante e forte. Tudo o que imaginara que ela seria.

Esfregando a boca sobre a dela, entreabriu a boca e lambeu o caminho para dentro dela. E foi quando toda a restrição foi jogada pela janela — com ânsia, enlaçou-a com os braços e puxou-a forte contra seu corpo, permitindo que ela o sentisse — mesmo os quadris, onde apesar dos dois orgasmos que tinha dado a si mesmo em um reservado antes dela chegar, ele ainda ostentava.

Oh, Deus, era tão menor que ele, mas então os seios se ergueram para ele e seu peso mudou quando ela se apertou ainda mais contra seu corpo...

Ele soube que ela estava no controle.

Eles se beijaram por um longo tempo e não foi nem de longe suficiente... mas algum alarme interno soou e alto o bastante para cortar através do rugido da necessidade dele pelo sexo dela.

Recuando, sentiu uma dose incrível de satisfação masculina ao ver que o rosto dela estava enrubescido, a boca entreaberta e a respiração entrecortada.

Ele tentou imaginar quando poderia encontrá-la sozinha, como poderiam ter um pouco de privacidade, onde poderia ser.

— Qual o número de seu telefone? — perguntou com voz gutural.

Depois de recitar o número, ela olhou ao redor.

— Precisa anotar?

Como se fosse preciso. Os sete números estavam tatuados em seu cérebro.

— Eu te ligo — outra razão além daquela coisa toda de *ser-carbonizado-pela-luz-do-sol* para agradecer por estar morando ali, ele não tinha um telefone. — Às sete.

— Para a gente combinar de se encontrar? Não posso sair de dia. Meu pai me mataria... e não posso fugir. Ele descobriria imediatamente.

Sim, ele se lembrava como era viver com uma família em uma casa pequena.

Craeg beijou-a na boca de novo. Duas vezes.

— Basta atender a ligação.

— Que bom que quer conversar.

— Não é conversar o que quero — ele deixou o olhar vagar da garganta aos seios dela. — Vou te ensinar umas coisas.

— Tipo o que?

Encurvando-se à altura da cintura, acariciou a garganta dela com o nariz.

— Sabe essa inquietação que você sente agora? Entre suas pernas?

— Sim... — ela sussurrou.

— Vou te mostrar como aliviá-la sozinha. E vai me fazer gozar ao ouvir seus gemidos — ele se endireitou e deu um passo atrás, apontando para a saída. — Vá. Antes que alguém nos encontre aqui.

Não havia motivo para arriscar-se a ser expulsa do programa por estar ali. Não havia nada proibindo confraternização entre membros no regulamento, mas vamos lá. Era melhor manter aquilo em sigilo.

— Vá — ele repetiu, quando ela não se moveu.

Ela só olhou para ele com olhos grandes e excitados.

Merda, tudo o que pode pensar foi em tomá-la ali mesmo em pé, de pernas abertas enrodilhadas ao redor de sua cintura, o pau enterrando-se profundamente nela, teve de lutar para não ceder ao impulso.

— Vá, *Paradise*.

Finalmente ela se virou. Bem antes de cruzar o caminho de concreto até a porta, ele gemeu.

— Atenda o maldito telefone.

— Eu vou — disse ela. — No primeiro toque.

Deixado sozinho, Craeg fechou os olhos. E se perguntou como infernos ia conseguir esperar até lá.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Três horas depois, Craeg estava no banco do passageiro da frente de um Hummer. Ou quase pulando pela janela, para ser mais exato: conforme Butch se afastava da garagem subterrânea do centro de treinamento com ele e Axe, Craeg se inclinava na direção do para-brisa, tentando entender a paisagem, estranhamente embaçada.

— O tempo está ruim? — Axe perguntou do banco de trás.

— Não — o Irmão respondeu, quando passaram por um imenso e elaborado sistema de portões que parecia saído do filme *Jurassic Park*, muros de concreto com dez metros de altura com enormes barras de metal e barricadas que deviam ser eletrificadas.

É, por que os Irmãos já provaram que adoravam brincar com choques elétricos.

Craeg meneou a cabeça.

— Vocês não brincam em relação à segurança, não é?

— Não.

Ao avançarem pelo território cheio de árvores, chegaram a uma série de pontos de parada que gradualmente pareciam menos e menos obstrutivos e finalizados. O último não passava de algo que se encontraria em uma fazenda abandonada, uma coisa velha e enferrujada que parecia ter sido construída justamente para parecer daquele jeito.

Que inteligente.

Quando Butch finalmente emergiu de uma clareira e virou à esquerda para uma estrada asfaltada, o bizarro embaçamento da paisagem magicamente desapareceu. Mas era estranho, os olhos de Craeg se ajustaram com facilidade; mas seu sentido de direção não. Estavam indo para oeste? Leste?

— Você sabe onde moro, é claro — murmurou Axe.

Butch lançou um olhar seco pelo retrovisor.

— Não, não sei.

A viagem para fosse lá onde estavam indo levou quarenta e cinco minutos e tudo o que Craeg guardou dela foi uma sensação do quão pouco conhecia Caldwell. Tendo passado a vida *pretrans* em casa com a mãe, não teve a chance de sair muito depois de sua transição — por que os ataques começaram uns seis meses depois. E então, seguido à carnificina, depois dele ver a mãe e irmã morrerem, e ter descoberto em primeira mão a morte do pai, passou por um período de loucura intensa... então se assentou em um padrão de trabalho entorpecedor que tinha pago as contas e permitiu que encontrasse um abrigo longe da casa dos pais.

Ele não voltava para lá desde que limpou tudo e enterrou as fêmeas de sua linhagem junto com os restos do pai — que tinha trazido da casa dos aristocratas.

Deus, seu pai. Ele o amava — e descobrir que um macho de tal valor tinha morrido por que um bando de tipos da *glymera* o tinha trancado e aos outros empregados e trabalhadores das obras para fora da sala de segurança?

E ainda perguntavam por que odiava aqueles bastardos ricos.

— Quer que a gente espere aqui, Axe? — perguntou Butch.

Craeg voltou à realidade e viu que tinha estacionado na frente de...

Era a porra da casa do Joãozinho e Maria. Foi a única comparação que pôde fazer. Ao brilho do farol do Hummer, o chalé parecia um cartão-postal, todo branco com telhado alto e pontiagudo, e intrincados entalhes de madeira nos beirais, parecidos com rendas.

— Você — Craeg surpreendeu-se — cresceu *aqui*?

— É — Axe abriu a porta. — Qual a porra do problema?

— Foda-se, vamos com você — Butch anunciou ao desligar o motor. — Mas só por que quero ver de perto toda essa firula e rococó.

Craeg ia ficar no SUV, mas então se deu conta. Está certo, foda-se. O que mais tinha para fazer?

Axe guiou-os para uma porta lateral que destrancou com uma chave de cobre. Ao entrar o alarme começou a bipar, mas logo digitou um código em um painel na parede, desligando a coisa.

Quando o cara acendeu as luzes, tudo o que Craeg fez foi piscar como uma vaca.

— Santa Maria, mãe de... — murmurou Butch.

— Ele achava que ela iria voltar, está bem? — Axe resmungou ao jogar as chaves em uma espetacular tábua de cortar carne. — Ele manteve tudo assim para a volta da minha mãe.

Craeg jamais vira tantas rosas vermelhas e cor-de-rosa em sua vida: as paredes da excêntrica cozinha eram recobertas, do chão ao teto, com um papel dominado pelas flores e a folhagem verde onde elas pareciam crescer. E quem diria, a cortina sobre a alcova e em volta da janela acima da pia tinha exatamente a mesma padronagem.

— Fiquem aqui — murmurou Axe. — Vou fazer as malas.

Os passos pesados do cara soaram pela casa, o trovão subindo para o segundo andar e então se arrastando em um cômodo lá em cima.

— Olha esses entalhes — disse Butch ao correr a mão sobre a moldura adornada ao redor do batente das portas. — Incrível.

Craeg se aproximou da mesa entalhada e sentou-se em uma cadeira delicada que o fez desejar não ter comido tanto na Primeira Refeição. Olhando para todo aquele trabalho artesanal de molduras e portas, nos armários e mesmo nas molduras das janelas, descobriu que tudo formava um padrão orgânico que ecoava nas vinhas do papel de parede se retorcendo e revirando elegante e belamente ao redor das estruturas e entradas/saídas. Envernizadas com verniz incolor, o bordo, ou pinho ou seja qual fosse a madeira, brilhava como somente uma madeira de lei finamente trabalhada era capaz de brilhar.

— O resto dos cômodos também deve ser assim — disse Butch ao se inclinar para fora da cozinha. — Sim, é uma obra de arte...

Axe voltou a aparecer com uma sacola preta e uma mochila.

— Já peguei tudo.

— Seu pai fez tudo isto? — perguntou Butch.

— É.

— Ele definitiva e fodidamente não era um João Ninguém.

— Podemos ir agora?

— Espere — interrompeu Craeg. — Seu pai era carpinteiro? O meu era instalador de assoalhos.

— É mesmo?

Houve uma pausa quando ambos se encararam.

— Ele morreu em Endelview? — perguntou Craeg, nomeando a propriedade que foi atacada naquela noite horrível.

A expressão sombria de Axe ficou ainda mais sombria, de um jeito que fazia suas tatuagens parecerem sinistras.

— Sim.

— O meu pai também — Craeg perscrutou a expressão do macho se perguntando o quanto ele sabia do que aconteceu aquela noite. Merda... era horrível descobrir que ele lidara com o corpo do pai do cara. Outra pessoa tinha ficado responsável pelas notificações aos demais membros das famílias. Ele já tinha encerrado sua participação àquela altura. — Noite horrível.

— É — Axe pigarreou e desviou o olhar. — Podemos ir?

— Não — Craeg interrompeu. — Fiquem aqui enquanto vou para a minha casa. Volto com minhas coisas.

— Então não vai levar muita coisa... — disse Axe.

— Não tenho muito o que levar.

O Irmão o chamou assim que colocou um pé no primeiro degrau.

— Se não voltar em vinte minutos, está fora do programa.

— Eu sei — murmurou ele. — Eu sei.

Quando o ônibus sacolejou e parou, Paradise pegou sua sacola e se preparou para sair da fileira onde estava.

— Então, quer ir para a minha casa? — Peyton perguntou ao se levantar. — Ainda temos pelo menos duas horas e Anslam está indo para lá.

Abaixando a cabeça para disfarçar o rubor no rosto, ela fingiu procurar o celular, embora soubesse onde estava, no bolso de sua parka.

— Quero ir logo para casa, ver meu pai.

— Eeeeeee, isso será ao amanhecer — ele observou ao colocar os óculos escuros. — Daqui a duas horas.

Está bem, ok, não importa que hora fosse, não ia admitir o fato de que tudo o que queria fazer era assistir aos ponteiros do relógio se moverem em seu criado-mudo até que o ponteiro grande indicasse doze e o pequeno sete.

— Desculpe, tenho umas coisas para fazer. Me liga? — Merda, na verdade não queria que ele ligasse, não hoje. — Digo...

— Tudo bem — Peyton se virou para Anslam. — Está pronto para uns baseados?

O outro macho lançou um sorriso sarcástico.

— Estou sempre pronto.

Quando os dois avançaram pelo corredor, ela meneou a cabeça e se ergueu de seu banco. Parecia que algumas coisas voltaram ao normal... e era engraçado, com todo o estresse dos treinos, não podia realmente culpar Peyton por querer uma rota de fuga que o fizesse sentir-se bem. Talvez fosse exatamente isto que estava fazendo com Craeg?

Falando em vícios... O jeito que se sentia a respeito do macho quando ele olhava para ela, tocava, beijava, era tão incrível que podia se imaginar viciando para valer — tipo aquela coisa toda de contar as horas para a próxima dose. Mas o problema com tudo aquilo era que ele não era algo que se podia comprar e consumir igual a erva, ou sorvete, ou vinho. Ele era uma entidade separada, independente, e era engraçado o fato de que tinha escolhido estar com ela, mesmo que só através do telefone, era parte do barato.

Ele a estava escolhendo. De todos os seres do planeta...

Paradise parou no meio do corredor. Algo tinha caído no chão e ela pegou a coisa com um franzir de cenho. Era uma foto, do tipo antiquado de Polaroid, do tipo com um quadrado brilhante no meio e a

moldura branca fosca, pequena nos três lados e grande na parte inferior, para que se pudesse segurar e escrever.

A imagem estava tão tremida que era indecifrável, algo vermelho e rosado com faixas.

— Peyton, sério — murmurou ela.

Só Deus sabia o que ele fazia quando chapado. Já tinha o ouvido contar algumas coisas doidas e psicodélicas que tinha feito, além de ter tentado algumas coisas realmente estranhas — as quais, é claro, contava tudo para ela, deliciado.

Com a foto na mão, ela se apressou da saída, agradeceu ao *doggen* motorista e então abriu a boca para chamar o amigo. Mas ele já tinha se desmaterializado com Anslam, então colocou a fotografia do lençol, tapete ou roupão de banho, ou a porcaria de seu martini, no bolso.

— Você ajudou Craeg com aquele probleminha dele? — disse Novo das sombras.

Paradise virou quando o ônibus se afastou, as pedras emitindo ruídos sob os pneus.

— Você mentiu sobre aquilo.

— Menti mesmo? — a fêmea sorriu à luz da lua. — Acho que não. E eu estava certa, não estava? Ele precisava de você, só você.

Corando, Paradise se lembrou do corpo de Craeg pressionado contra o seu, sua excitação cutucando sua barriga.

Não era um probleminha, pensou consigo mesma. Não mesmo. Era grande... e grosso... e....

— Bem? — Novo insistiu.

— Não é da sua conta.

— Tão esnobe, tão apropriada. Mas tudo bem. Fico feliz que vocês garotos tenham se divertido. É disso que a vida devia se tratar... e imaginei que vocês dois não sairiam do lugar se eu não desse um empurrãozinho.

Paradise teve de rir.

— Você não parece do tipo alcoviteira, Novo.

— Estou expandindo meus interesses — a fêmea deu de ombros sob a jaqueta de couro preto. — É para isto que estamos todos aqui, certo?

Por um segundo, Paradise sentiu-se tentada a convidar a fêmea para ir à sua casa. Na realidade, ela jamais teve uma amiga de verdade. Na aristocracia, sua posição social determinava com quem lhe seria permitido se relacionar... e Deus sabia que nenhuma das primas que ela tinha de ficar de conversinha tinha sido muito interessante. Além disto, não se podia confiar nelas. Fêmeas daquele tipo competiam por um grupo limitado de machos altamente desejados — o que fazia delas tão perigosas quanto um cardume de piranhas.

Era como aquele reality show *The Bachelor*, cem vezes pior.

Alem disto, Novo meio que conhecia Craeg e aquilo fazia Paradise sentir-se menos como se tivesse algo para esconder — e a fêmea certamente pareceu sensual o suficiente para ter alguma experiência no campo da sedução. Talvez muita. Abrindo a boca, Paradise...

Lembrou-se onde morava.

— Te vejo amanhã — murmurou ela.

— Não está puta comigo, está?

— Não, não estou — ao corar, ficou contente por estar escuro e pelas folhagens das árvores cortarem quase que toda a luz da lua. — Estou até meio grata, na verdade.

Novo deu outro daquele encolher de ombros dela.

— Tenha um bom descanso. Te vejo amanhã.

Paradise ergueu a mão.

— Tchau.

Quando foi deixada sozinha, deixou a cabeça cair para trás e olhou para as estrelas. Então trouxe sua bolsa para o peito, enlaçou-a com os braços e ela mesma se desmaterializou.

Retomou forma no gramado no mesmo local da noite passada, esperando sentir-se um pouco menos estrangeira no território familiar.

Eeeee não foi o que aconteceu.

Ao rumar para a porta da frente, sentiu-se tão distante quanto na noite passada. Mas desta vez, o distanciamento estava ligado à Craeg.

Sabe esta inquietação que sente agora? Entre suas pernas? Vou te mostrar comigo aliviá-la sozinha. E você vai me fazer gozar ao ouvir seus gemidos.

Só a lembrança da voz profunda e rouca dele dizendo estas palavras fazia seu corpo arder — a ponto de ela querer tirar a parka mesmo que estivesse muito frio ali fora. E ainda assim, ao mesmo tempo, olhava para todas aquelas janelas... e queria vomitar. A ideia de que ia atender aquela ligação e provavelmente acabaria nua, enquanto um macho que seu pai não aprovaria a guiaria por todo aquele caminho? No quarto em que ela crescera? Com o pai na mesma casa? Fêmeas como ela não deviam...

— Ah, foda-se — murmurou, ao começar a andar para a porta.

A vida era tão malditamente curta e Craeg era malditamente gostoso para perder tempo sentindo culpa quando não estava fazendo nada errado em relação ao grande esquema das coisas.

Lembre-se, disse a si mesma. Você jamais vai se emparelhar. É livre.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— Eu menti.

Quando Axe falou, Butch olhou através da cozinha de rosas e folhagens. O macho estava inclinado contra o balcão perto do fogão, os braços cruzados no peito, a cabeça tão baixa que parecia haver grandes sombras onde seus profundos olhos deviam estar.

— Sobre o que?

O cara demorou a responder e Axe passou o tempo mexendo com a fileira de argolas de metal que desciam pela sua orelha.

— A chave. No escritório.

E assimdonada, Butch entrou em modo de alerta total — mas não demonstrou.

— Oh, é mesmo? Como assim?

Axe esfregou a área sob o nariz e Butch arquivou aquele cacoete para futura referência.

— Onde você a conseguiu? — o cara perguntou.

— Um amigo me deu — como se fosse mencionar a fêmea morta antes de ser absolutamente necessário? — Um bom amigo.

— Não se devia compartilhá-la. É contra as regras.

— Então se eu for lá, vou me enrascar? — Butch perguntou rapidamente.

— Não sei. Depende da noite. Se estiver usando uma máscara, pode sair ileso. Nunca levei ninguém lá, mas a política é somente um convidado, desde que ele cumpra as regras. Além disto, você aceita a responsabilidade se ele não cumprir. É assim que eles expulsam.

— Há quanto tempo faz parte disto?

— Desde antes dos ataques. É onde tive aquele meu período de ausência... sabe, a merda que aconteceu com meu pai. Os humanos lá, eles nunca souberam — ainda não sabem — o que eu era. Tem tantos tipos bizarros por lá — eles achavam que eu era só um poser de vampiro.

— Quando foi lá pela última vez?

— Há três ou quatro noites. Não sabia como as coisas iam ser com o programa de treinamento. Achei que seria minha última vez por um tempo.

Que foi mais ou menos quando a garota foi encontrada no gramado do Lugar Seguro.

— Qual é a sua? — Butch revirou os olhos. — E antes que pense que estou dando em cima de um aluno, estou perfeitamente feliz emparelhado com uma fêmea que eu sei que é totalmente perfeita para mim — esta conversa é só para passar o tempo, por não termos nada melhor para fazer até o outro voltar.

A tensão de Axe relaxou, seu corpo também.

— Eu gosto de submissão.

— Homens ou mulheres?

— Os dois.

— Você e V se dariam bem. Embora ele agora seja um macho de uma mulher só — Butch esticou os braços sobre a cabeça até estalar a coluna. — Quando vai voltar lá?

— Quando é nossa próxima noite de folga?

— Pode me levar junto para me mostrar o lugar? Para eu não envergonhar este meu amigo que me deu a chave?

— Você acabou de dizer que era emparelhado e feliz.

Butch lançou ao cara um olhar de “não-seja-estúpido”.

— Gosto de ver, cuzão. Não é traição se não envolver as mãos, língua ou pau.

Axe anuiu como se respeitasse esta lógica.

— É, compreendo. Mas só em uma noite de máscaras. Se estragar tudo ou tiver uma crise de covardia, não quero que te rastreiem até mim.

Butch lembrou de uma certa noite com Vishous, aquela noite quando eles tiveram certas revelações depois de Butch ter... feito umas coisas que precisavam ser feitas com seu melhor amigo.

— Posso me conter — disse ele secamente. — Não se preocupe.

Os sons de passos pesados nos degraus baixos na lateral da casa anunciaram o retorno de Craeg.

— Foi rápido — Butch murmurou quando o macho entrou carregando somente uma sacola meio vazia.

— Eu disse — respondeu Craeg. — Não tenho muita coisa.

Marissa voltou para casa cedo por que tinha dor de cabeça. E não, não era uma das enxaquecas de Trez, só um latejar embotado atrás dos olhos que tornava difícil se concentrar, ler documentos em papel e impossível focar na tela do computador.

Subindo os degraus de pedra da grande entrada da mansão, descobriu o que estava errado: tinha pulado a Primeira Refeição e tinha trabalhado durante o lanche que era servido todas as noites à meia noite no Lugar Seguro.

— Idiota — disse ao entrar no vestíbulo e olhar para a câmera de segurança.

Quando a fechadura foi liberada, entrou no grande vestíbulo e sorriu para Fritz.

— Sinto terrivelmente incomodar, mas poderia por favor, preparar alguma coisa para eu comer?

O *doggen* ancião juntou as mãos todo feliz, como se alguém tivesse lhe entregue um bilhete de loteria premiado ou o presente de aniversário mais perfeito jamais dado a alguém.

— Oh, senhora, sim! Pode ser ovos e torrada? Um sanduiche? Sopa? Algo mais substancial...

Ela riu um pouco.

— Surpreenda-me.

— Agora mesmo! Sim, sim, agora mesmo!

A velocidade com a qual ele saiu do vestíbulo sugeria que ainda teria muitos séculos ali com eles, e isto era uma coisa ótima...

— Oh, ei, garota.

Ela se virou para a sala de jogos. Lassiter estava inclinado contra a arcada da entrada com uma tigela de pipoca na mão, uma manta gigante com estampa de leopardo cobrindo cerca de setenta por cento de seu torso, os braços fortes e nus e as pernas aparecendo por baixo das barras.

— Ei, você — ela franziu o cenho quando lhe ocorreu algo. — Está vestido debaixo disto?

— É claro que sim — ele jogou um punhado de pipoca na boca. — Quer assistir a alguns filmes comigo? Estou com uma porção de episódios do *McGyver*, mas posso escolher outra coisa.

Marissa abriu a boca para dizer não, então se deu conta, Que infernos. Ela só ia fazer um lanchinho e esperar que Butch terminasse no centro de treinamento. Ela enviou uma mensagem dizendo que estava encerrando o dia mais cedo, e ele respondeu imediatamente dizendo para esperar por ele; voltaria em vinte ou trinta minutos no máximo.

— Claro.

— Que bom! — O anjo se endireitou. — O que gosta de assistir?

Quando ele se virou, ela deu um gritinho.

Por que estava olhando para a bunda nua dele.

— Que foi? — e perguntou, preocupado.

Cobrindo os olhos, ela disse.

— Você disse que estava vestido!

— Estou com um tapa-sexo. Dã!

Naquele momento, Fritz apareceu perto dela com uma bandeja cheia de tantos pratos que bem podia estar alimentando Rhage.

— Ah... — Marissa esfregou as sobrancelhas, a dor de cabeça voltando com força total.

— Ela vai comer aqui — Lassiter chamou. — E sim, Marissa, vou colocar os jeans de volta.

— Obrigada, meu deus — ela murmurou ao entrar na sala de jogos.

Quando Fritz colocou a bandeja no bar à esquerda, Lassiter colocou a Levis e se jogou em um dos sofás de frente para a enorme tela acima da lareira.

— Pra sua informação, se eu ficar com assaduras, a culpa é sua.

Ela se aproximou e sentou em um dos banquinhos estofados.

— Pra sua informação, meu companheiro vai chegar a qualquer momento. Você se livrou de levar uma surra.

Lassiter apontou o controle para a TV e começou a explorar o menu de programação.

— Shhh, tanto faz. Eu sei lidar com ele.

— Duvido.

— Na verdade, não tenho mais nada para fazer o resto da noite. Acha que ele vai querer brigar? Estou precisando me exercitar.

Marissa riu diante do tom esperançoso ao se sentar e ver Fritz erguer as tampas dos pratos na bandeja e descrever, com toda a precisão e elegância de um garçom, o que estava sendo servido.

— Muito obrigada — murmurou ao erguer o garfo e provar o arroz pilaf. — Mmmm.

Ela não ia comer nem metade daquilo, mas isto nunca parecia incomodar o mordomo. Também, para ele a alegria de servir era a melhor satisfação no trabalho que podia ter.

— Oh, meu Deus — disse Lassiter, erguendo-se. — Não acredito.

— O que? E se for uma maratona de *Beaches* de novo, pode esquecer — ela esfregou o centro do peito com a mão livre. — Não vou assistir a ninguém morrer, nem na tela.

Já bastava daquilo. Querida Virgem Escriba, e se não conseguissem descobrir nada...

— É *Melrose Place*. Eu amo este episódio... é onde Kimberly vira psicopata.

— Espere, ela não foi sempre psico?

Marissa passou os olhos ao redor da sala e estremeceu com o número de coisas onde ele podia ter encostado o traseiro nu antes de se assentar perto da lareira na frente do fogo aceso.

— O que lhe deu na cabeça?

Ele revirou os olhos.

— Restam quantas noites para o fim do ano? Preciso mandá-las para a Kinko's antes do dia vinte e um de dezembro.

Do nada, ela imaginou algum pobre humano em um escritório da FedEx dando uma boa olhada em um anjo caído seminu.

Sem aviso, ela começou a rir tão forte que lágrimas escorreram dos olhos. O tipo bom de lágrimas.

E enquanto se rendia ao ridículo do anjo, Lass só ficou sentado lá no sofá, assistindo ao *Melrose Place* com um sorriso leve e silencioso no rosto belo e perfeito.

Que anjo ele era, pensou consigo mesma. Um anjo perfeito.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Quando Butch emergiu da porta oculta sob a escadaria da mansão, seu único pensamento era encontrar sua companheira.

E o som de sua risada foi tanto um localizador imediato quanto uma fonte de alívio de alta potência. Ela estava tão perturbada ao acordar depois de um dia de sono inquieto, o peso do que tinha na mente lhe dava a aparência de alguém que arrastava um enorme piano conforme andava. Mas ele lhe prometera que descobriria algo sobre a garota de alguma forma e estava mais do que preparado para lhe contar o que descobriu.

Atravessando a figura em mosaico da macieira em flor, entrou na sala de jogos e...

Lassiter ergueu ambas as mãos de sua posição deitada no sofá.

— Coloquei as calças de volta. Eu me comportei.

As presas de Butch ameaçaram se alongar e seu lábio superior formigou.

— Como é que é? E pense cuidadosamente antes de explicar. Está quase ultrapassando a linha.

Marissa tomou um gole de seu copo de água.

— É perfeitamente inocente.

— Estou fazendo um calendário de nu artístico — o anjo caído começou.

— Ele está usando um tapa-sexo.

— Fiz tudo com um pau-de-selfie.

Quando os dois continuaram a contar, um de cada vez, Butch teve uma vontade súbita de tapar os dois ouvidos, fechar os olhos e cantar la-la-la-la-la-la.

— Sabe, tudo bem. Tudo *absolutamente* bem se eu não souber de mais nada.

Por parte de Lassiter, pelo menos. O puto tinha um jeito de complicar o descomplicado que era quase insano.

Era um dom.

Só pergunte ao anjo caído. Ele vai contar.

— Pode nos dar licença por um minuto — Butch disse ao se aproximar de Marissa e dar um beijo na sua testa. Deus, o cheiro dela era delicioso em seu nariz, e uau, aquela fêmea ficava tão bem em um conjunto de calça e blusa quanto em um vestido de gala. — Tenho um assunto a tratar com minha garota.

— De jeito nenhum, estou assistindo *Melrose*.

— Não foi um pedido, anjo.

— Aconteceu alguma coisa? — Marissa perguntou ao limpar a boca com um guardanapo de pano. — Alguém se feriu no treino?

Ele puxou um banco e sentou-se ao lado dela.

— Lass, você não estava de saída?

— O caralho que eu estava.

Butch fez uma careta e odiou fazer a oferta.

— Pode assistir no sofá do Pit.

— Vai me fazer mudar de canal quando voltarem para lá?

— Vai sair agora se eu disser que não?

— Está dizendo não agora?

Pelo amor de deus, Lassiter era perfeitamente capaz de ficar enrolando em um assunto até o dia seguinte... ou até uma das partes morrer de desidratação e exaustão.

— Sim, estou dizendo que não.

— Espere, isto significa que posso assistir *Melrose* ou não? A negativa dupla me confundiu.

— Jesus Cristo, dá o fora daqui!

Lassiter murmurou ao se levantar.

— Quantas vezes tenho de dizer que este *não* é o meu nome.

— Preciso de uma bebida — quando o anjo caído saiu, Butch voltou a ficar em pé e foi para trás do bar. Servindo-se de Lagvulin, ele não se incomodou com rodeios por que sabia que sua *shellan* não ia querer. — Acho que consegui uma pista.

— Conseguiu? — ela pousou o garfo no prato. — O que? Como?

Ele colocou duas pedras de gelo em um copo e lhes deu um banho cor de âmbar.

— Aquele pedaço de metal é uma chave e é a entrada para um clube privado só para humanos.

— Oh, meu Deus, se conseguirmos uma lista de membros podemos descobrir o nome dela.

É, não é bem um *coutryclub*, meu amor, ele pensou ao tomar um longo gole.

— Como descobriu isto? — ela perguntou.

— Um dos alunos é frequentador. Ele vai me levar lá assim que for possível... só tenho de verificar o cronograma das próximas noites com os Irmãos. Acho que posso transferir algumas aulas e daí estar livre na sexta-feira.

— Então vamos! Que incrível! — quando ele congelou com o copo a meio movimento de levá-lo à boca, Marissa franziu o cenho. — Por que está me olhando assim, Butch? Sério, eu vou com você.

Ele negou com a cabeça e tomou um gole.

— Não, eu cuido disto. Não se preocupe, conto tudo o que descobrir assim que...

— Eu vou com você.

Quando olhou de novo para o ângulo do maxilar dela, pousou seu uísque no bar.

— Marissa, este não é o tipo de lugar onde você precise nem passar perto, muito menos entrar. É um clube de sexo.

— E daí?

Ele piscou.

— Querida, não é...

— Preciso lembrar a você o que fizemos depois do filme? Quatro vezes?

— Marissa.

— Butch — ela ecoou.

Para se impedir de praguejar, ele tomou o resto da bebida e serviu-se outra.

— Você não vai se envolver neste tipo de coisa. Lá vai ter pessoas fodendo pelo lugar todo, fazendo coisas bizarras umas com as outras. Você não vai conseguir lidar com isto.

— Ou talvez você não consiga lidar comigo lá.

Ele revirou os olhos. Não conseguiu evitar.

— Você não sabe o que está dizendo. Ou que tipo de coisa é essa.

Marissa dobrou seu guardanapo em quadrados lentos e precisos e pousou-o ao lado de seu prato quase cheio.

— Bem, vamos então descobrir juntos, não vamos?

— Não vou te levar lá. Isto não está aberto a discussão.

Ele tentou imaginá-la perto de um casal vestido em látex preto sendo penetrados no cu por um par de gêmeas de tetas imensas, usando cintalhos roxos combinando.

— Marissa. Não vou ter tempo de cuidar de você — ele disse rudemente. — Minha concentração vai estar em me integrar, descobrir sobre a equipe, descobrir com quem vou ter de falar. Distração não vai ajudar aquela garota morta.

— Não *se atreva* a usar isto. Estou totalmente consciente do que estamos fazendo e gostaria de apontar que você é meu *hellren*, não meu *ghardian*. Então corta esse papo de proteção e engula uns tranquilizantes antes de sairmos, se for preciso. Mas não posso ser mais clara: vou com você e vou ajudar a desvendar isto — ela se inclinou. — E saiba que só por que tenho um par de ovários não significa que eu não tenho um cérebro ou o direito de pensar de forma independente.

No silêncio que se seguiu, tudo o que pode fazer foi menear a cabeça para frente e para trás. As palavras que tinha na ponta da língua não iam ajudar... e não podia acreditar que estavam discutindo de novo.

Que fim de noite.

— Ou é com isto que está preocupado? — ela desafiou.

— O que?

— Que eu possa gostar.

Com aquelas palavras jogadas aos pés dele como uma granada ela saiu da sala, a cabeça bem erguida, ombros empinados, uma porção de autossuficiência fortalecendo a coluna de sua espinha.

Apoiando as mãos contra o balcão de granito, ele se inclinou sobre os braços e tentou sufocar um grito de frustração.

Pelo menos a garrafa de Lag ainda contava com três quartos da bebida.

Ele ia precisar.

Peyton exalou um bocado de fumaça e deixou sua cabeça cair de volta no travesseiro.

— Aqui.

Passando o baseado para Anslam, fechou os olhos e sentiu-se flutuar dois metros acima do corpo. A sensação familiar de alívio lhe lembrou que Parry devia ter razão; provavelmente devia parar de fazer isto. Mas merda, depois das duas noites que acabou de ter?

Ele precisava de uma folga.

Foda-se... ele merecia.

— Então, o que acha deles? — perguntou.

O som de Anslam exalando do mesmo jeito que ele tinha feito foi como alguém rindo no mesmo ponto de um filme que você ou desfrutando de uma mesma refeição. Camaradagem era uma boa coisa.

— Boone é legal — o cara disse. — Axe é esquisito pra caralho. Digo, fica na sua, cuzão de roupas pretas e cabelo espetado e toda aquela merda de tatuagem.

Peyton esperou o cara continuar.

— E Novo?

— Ela é gostosa pra caralho.

Por alguma razão, mesmo que concordasse, não gostava da ideia de Anslam tendo a mesma opinião... ou pior, batendo uma por causa dela.

— Não sei — murmurou Peyton. — Ela é mais ou menos.

— Você a viu fazendo agachamentos? Não acredito que Boone estava segurando os pés dela. Eu queria aquela vista.

— Ela acabaria com você — embora se aquele papo continuasse, o próprio Peyton ia fazer aquilo. — Além disto, não sei se ela gosta de machos.

— Eu a faço mudar de ideia — Anslam disse em voz baixa. — Eu consigo fazê-la gostar...

— E Craeg — Peyton mudou o rumo da conversa.

— Ele é o cara. Sem ofensa a Paradise por ter se dado melhor na primeira noite, mas Craeg provavelmente vai ser o melhor de nós, no final de tudo.

— É — pelo menos ambos concordavam com aquilo, sem um caixão entre eles. — Quem você vai levar ao baile na casa do pai dela?

— Até o momento, ninguém. Gosto de manter minhas opções em aberto. Ei, antes da gente dormir podemos comer alguma coisa?

Peyton abriu os olhos e olhou para o antigo relógio Cartier sobre seu criado-mudo.

— É, definitivamente. Vou ligar para Paradise primeiro. Quero ver se chegou bem em casa.

— Tem certeza que não estão namorando?

— Não... somente amigos.

— Ela é um pedaço.

Peyton virou-se e encarou o macho.

— Cuidado com o que fala dela.

Anslam balançou a cabeça e ergueu a mão.

— Tem algo rolando entre você e ela, amigo. Não minta pra si mesmo.

Que seja.

Pegando o telefone, ligou e esperou ela atender. Enquanto a ligação chamava olhou ao redor do quarto. A mansão de seus pais era nova, com grandes janelas arqueadas na lateral que davam para os jardins. Com teto alto e boa mobília, sempre pensou que seu quarto era arejado mesmo com toda aquela merda antiquada que sua mãe insistia em enfiar goela abaixo de todos que moravam ali, gostassem ou não...

— Alô!

Franziu o cenho.

— Está bem, Parry?

— Oh — houve uma pausa. — É você.

— Quem infernos estava esperando?

— Ah, ninguém. Minha tia. Minha... sua prima. A prima da minha tia. Você não conhece ele... digo, ela.

— Você andou fumando? — ele sorriu. — Por que se andou, precisa apagar o baseado agora e ir dormir um pouco.

— Não, não fumei. Mas você sim. Dá para ouvir na sua voz.

— Como assim?

— Mais rouca do que o normal.

Por um segundo, ele se perguntou se ela achava isto sexy ou não. Voltando à realidade, disse.

— Eu só queria saber se chegou bem em casa. Seu pai já está aí? Ele já deve ter saído do trabalho.

— Sim, jantamos juntos. Agora só estou aqui no meu quarto.

— Anslam e eu estamos chapadões — o cara fez um joinha do outro lado da cama. — Vamos comer alguma coisa bem calórica e depois dormir. Vai ser fabuloso. De qualquer forma, que bom que está bem.

— Não coma muito sorvete. Vai te fazer engordar e você vai reclamar no dia seguinte que perdeu sua silhueta atlética.

— Eu nunca fiz isto.

— Sério. Sério?

— Está bem, ok — murmurou ele.

— E preciso te lembrar sobre o incidente dos biscoitos.

Peyton gemeu.

— Eu juraria que caguei todos meus órgãos internos.

— Isso mesmo. Ainda acho que você tem intolerância à lactose. Vale a pena investigar. Te amo.

Ele olhou para Anslam e não quis dizer o mesmo para ela na frente do cara.

— Eu também. Te vejo amanhã...

— Oh, ei, ouça, achei sua foto.

— Minha o que?

— Foto. No ônibus. Caiu de sua mochila ou bolso, ou algo assim.

— Não tenho fotografias pra perder, queridinha. Mas obrigado por pensar em mim... e se envolver alguma fêmea pelada, eu fico com ela. Só por que sou bonzinho assim.

Ela riu.

— Não. Não sei o que é a imagem, na verdade. Achei que você tinha perdido, mas acho que não. É uma Polaroid antiquada.

— Uma Polaroid? Jesus, que peça de museu.

— Bem, deixa pra lá. Vou ficar com ela até o dono aparecer. Tenha um bom dia. E você devia mesmo dizer não às drogas.

— Continue insistindo. Bom dia pra você também querida.

Quando encerrou a chamada, colocou o telefone no criado-mudo, perto do relógio.

— Taí uma fêmea legal.

— Do que ela estava falando? Uma fotografia?

— Não sei. Uma Polaroid que ela achou no ônibus — ele se sentou. Ficou em pé. Tentou andar. — Uau. Esse bagulho era dos bons. Vamos descer para a cozinha e voltar antes que alguém nos veja cambaleando e tropeçando.

CAPÍTULO TRINTA

Enquanto andava em círculos descalça ao redor de seu quarto, Paradise tomava o cuidado de se mover na ponta dos pés para não fazer barulho... embora considerando o modo como seu coração batia loucamente, era surpreendente que não acordasse as pessoas do outro lado do rio com suas batidas.

Parada rápida. Pra ver que horas são.

Seis e cinquenta oito. Ou talvez seis e cinquenta e nove — era difícil ser precisa com o relógio antigo em seu criado mudo, especialmente do outro lado do quarto.

Esfregando as mãos suadas nos jeans, ela se aproximou e olhou para o celular. Deliberadamente o colocou com a tela para baixo e olhou para a tela apagada. Colocou o som de toque no mudo, mas ele vibraria quando Craeg ligasse.

A qualquer segundo agora.

De verdade.

Franzindo o cenho, curvou e verificou o aparelho só para o caso de ter perdido alguma coisa. O que, claro, seria como alguém não notar um outdoor de neon em seu quarto. Não. Sem chamadas não atendidas na tela. Nada de mensagens de texto também.

Só para ficar triplamente certa, digitou a senha e verificou o histórico de chamadas.

Nada.

Deus, era horrível. Sentia-se como se estivesse em um parapeito, olhando para baixo de uma altura muito longa sem nada para interromper a queda. O que era loucura... e um sinal de que suas glândulas de adrenalina estavam hipersensíveis à ameaças à sua segurança pessoal. Pelo amor de deus, ela não ia perder um braço ou uma perna se ele não ligasse. Ficaria perfeitamente bem.

E Jesus, ele ainda nem estava atrasado.

Pousando o telefone de novo, voltou a andar.

Não durou muito. Dois minutos depois, estava de novo com o celular na mão.

Nada.

Virando-se, ficou puta da vida consigo mesma. Aqui estava ela, fazendo esta aposta de independência e autonomia, e ficando toda brava ao rejeitar as coisas da *glymera* — e ainda assim se

preocupando se um macho qualquer iria telefonar para o que provavelmente seria um papo picante só para ele poder se masturbar.

É, quanto feminismo, huh?

Além disto, jamais teve um orgasmo antes. O que fazia ele pensar que poderia...

O som de vibração no criado-mudo a fez correr de volta tão rápido que tropeçou no tapete.

— Alô! — rosnou ao se endireitar.

Houve uma pausa de silêncio. E então aquela voz profunda, aquela voz deliciosamente masculina, estava bem ali em seu ouvido.

— Em que cômodo da casa você está?

Ela olhou ao redor.

— Meu quarto?

— As luzes estão acesas.

— Sim? — Engraçado que ostensivamente ele estivesse perguntando e ela respondendo, mas a realidade era o contrário. Ela sentia como se ela estivesse fazendo as perguntas.

— Vá pra sua cama. Apague as luzes.

— Está bem — aproximou-se da porta e apertou o interruptor, então voltou para a cama e subiu no colchão, livrando-se dos sapatos com um chute. — Está escuro.

Um breu, para ser sincera.

Craeg emitiu um som, algo que ela não pôde identificar — e a experiência foi incrível. Com as luzes apagadas, era como se ele estivesse ao seu lado.

— Você me matou na aula — disse ele, em voz gutural.

— Como assim?

— Não conseguia parar de te olhar. Para sua nuca — aquele som de novo, e ela percebeu que era metade ronronar e metade grunhido... claramente ele já estava extremamente excitado. — Eu fiquei fantasiando com você, de me levantar e você virando a cabeça para trás. Eu corria as mãos pelo seu pescoço... debaixo de seu uniforme... em seus seios.

Os olhos de Paradise se fecharam.

— Oh, Deus... mesmo?

— O tempo todo. Por que acha que não consegui me levantar da cadeira aquela noite?

Ela tinha a imagem dele congelado no fundo da classe, rosto inexpressivo, o grande corpo tenso.

— O que quer dizer?

— Eu estava duro. E todo mundo teria visto.

O corpo de Paradise arqueou quando imaginou como a frente das calças folgadas dele teriam parecido, esticadas sobre aquela grande ereção dele.

— Preciso me sentar na frente para não te ver muito — quando ela riu suavemente, ele gemeu. — Faz isto de novo.

— O que?

— Esta risada. É sexy pra cacete — quando ela obedeceu, ela o ouviu ofegar. — Você já se tocou, Paradise?

Ela teve uma breve lembrança de Novo, tão segura, tão sensual, tão confiante. E pensou em mentir.

— Não.

— Estou te tocando em meus pensamentos desde que voltei para cá.

Mais imagens dele invadiram o escuro pano de fundo de seu quarto: ele lutando com o Irmão Butch com tanta honra; levantando pesos, olhando para ela no vestiário.

— O que está vestindo? — ele sussurrou.

— É como se você estivesse aqui comigo.

— Eu estou. O que está vestindo?

Ela abaixou o olhar no escuro e não viu nada.

— Estou usando uma camisa de botões.

— Não a tire — gemeu ele. Ou talvez fosse outro ronronar. — Coloque a mão dentro pelo colarinho.

Parecia a coisa mais natural do mundo fazer o que ele dizia e a sensação de seus próprios dedos sobre sua pele enviou arrepios pelo seu corpo.

— Está de sutiã?

— Sim.

— Pode sentir uma das alças? Está quente de sua pele, certo?

— Sim — sussurrou ela.

— Abra o primeiro botão. Abra para mim. Agora abaixe mais a mão... seu mamilo está duro contra o tecido?

Quando ela obedeceu, quis responder sim a ele, só que estava respirando tão entrecortadamente e sua mente tinha congelado. Mas ele não pareceu se incomodar com o silêncio.

Craeg riu, o som profundo e sombrio a surpreendeu.

— Quero minha boca aí. Quero erguer o olhar e vê-la engolir em seco quando te lamber, te chupar.

Para um macho de poucas palavras, ele certamente era capaz de juntar algumas palavras.

— Não paro de pensar na clínica — ela se ouviu dizendo —, suas mãos debaixo do lençol. Lembro exatamente como foi, subindo e descendo...

— *Cacete.*

— ... até você...

— Rasgue a camisa ao meio.

— O que?

— Rasgue a porra toda de seu corpo — ele rosnou. — Largue o fodido celular e rasgue-a ao meio!

Botões. Pra todo lado.

E Deus, a sensação foi boa, o torso arqueou de novo quando arrancou a coisa, as costuras não oferecendo nenhuma resistência diante da força que ela empenhou no gesto.

Voltando a se recostar no colchão, pegou o celular de novo... e o ouviu respirar com mais dificuldade até parar.

Em um tom tenso, como se estivesse com os dentes cerrados, ele a mandou tocar por baixo do bojo do sutiã e esfregar os mamilos, sentir os montes dos seios e então se livrar do sutiã também. Ela não hesitou e ficou surpresa de sentir seus próprios dedos explorarem a pele suave, as pontas rijas, criando jorros de eletricidade e calor que a atingiam diretamente em seu núcleo. E o tempo todo ele falava naquela voz aveludada dele, incentivando-a de um jeito deliberado apesar da carga erótica que carregava, excitando-a gradual, lenta e inexoravelmente. Quanto mais crescia, mais quente, mais molhada, menos ela se importava com timidez ou baboseira de comportamento adequado feminino — e mais ela queria o que ele estava lhe dando.

Mas manteve controle suficiente para ficar relativamente silenciosa. Mesmo que quisesse gritar seu nome, a ideia de um *doggen* ou seu pai tentando abrir sua porta por terem ouvido algo, levaria a conversas que ela não conseguiria disfarçar, esconder ou fingir.

— E agora, o que mais? — gemeu ela.

Na escuridão do quarto que lhe foi designado, Craeg estava entregue. Totalmente entregue. O centro de treinamento poderia pegar fogo ou ser atingido por um terremoto que ele não teria desligado o celular.

Ele não fazia ideia de como era o quarto de Paradise, como era sua cama, quantos travesseiros tinha ou qual a cor do edredom. Mas fazia uma ideia perfeitamente clara de como ela estaria, deitada e

arqueando o corpo, de camisa rasgada pendendo dos braços em dois pedaços, com o sutiã básico aberto, os seios expostos.

Pequenos mamilos rijos e macios, prontos para sua boca.

— Consegue me sentir em você? — ele perguntou.

— Sim... ela ofegou.

Deus, então era hora de descer mais. Mas não nele mesmo. Teve de parar de tocar em seu pau, por que se o fizesse ia gozar na hora e seu cérebro entraria em curto: mais do que tudo, mais do que ele mesmo gozar, queria fazer isto da forma certa para ela.

Por que isto seria tudo o que jamais teriam. Ele não tinha intenção nenhuma de tomar a virgindade dela... e se quisesse manter esta resolução, tinha de se certificar de haver uma distância impercorível entre seus corpos nus: a merda do telefone era a única maneira segura de fazer isto. Ela ainda seria considerada respeitável depois, por que tocar a si mesma era uma proposição bem diferente do que um Neandertal como ele penetrando seu sexo até gozar algumas dezenas de vezes... e roubar o seu valor do macho com quem ela eventualmente iria emparelhar.

Contanto que jamais ficassem sozinhos por muito tempo, ele ia conseguir agir corretamente com ela... e ele não enganava ninguém. A atração entre eles era imensa, mas depois que acabasse o período de treinamento? Depois que acabasse tudo isto, desde que ambos conseguissem chegar ao final?

Caminhos separados. Mesmo que acabassem trabalhando juntos de vez em quando.

Resumindo: não havia futuro doméstico para oferecer a ela. Especialmente depois dele começar a trabalhar em seu objetivo para todo este treino: vingança. Dos aristocratas que permitiram que seu pai fosse morto pelo inimigo.

Ele não descansaria até ter o sangue deles em suas mãos.

— Desça seus dedos pelo seu estômago — ordenou. — O que encontra?

— A cintura da minha calça.

— Abra o botão.

— Sim...

Houve um farfalhar de roupas, e então ela voltou a falar com ele.

— E agora?

— O zíper.

Outros ruídos. Durante os quais imaginou ser ele a estar abrindo a calça dela, descendo a boca e depositando um beijo na renda de sua calcinha. Ou no caso, provavelmente no algodão.

— Tire a calça. Fique de calcinha.

Mais ruídos, o alto-falante em seu ouvido transmitindo tudo.

Debaixo do lençol leve que cobria seu corpo nu, não pode evitar se tocar e acariciar algumas vezes. Mas quando a ponta do seu pau começou a queimar como se fosse explodir, ele parou.

Cerrando os dentes, ele murmurou.

— Coloque as mãos entre as coxas, abra essas suas longas pernas... faça.

Ele queria demorar mais, mas estava com muita vontade. E ela também: o gemido entrecortado que ela emitiu lançou-o sobre o abismo, seu pau cansou de esperar pela mão para chegar nos finais.

— Esfregue — ele gemeu quando sua ereção entrou em espasmos debaixo do lençol, jatos quentes caíram sobre seu estômago quando gozou. — Oh, Deus, Paradise, acaricie-se através do tecido... — quando ela gemeu, pode ver mesmo por entre sua própria liberação, que ela estava quase. — Embaixo... coloque a mão embaixo, sinta a umidade e o calor... sinta... oh, caralho... tão suave...

Ela estava arfando agora, e então disse seu nome como se estivesse arrancando-o da garganta.

— Imagine minha boca aí.

Foi quando ela gozou. E ele também de novo quando a ouviu inalar e exalar, um som real e delicioso pra cacete, implorante, vindo através da conexão.

Só o som do gozo dela lhe deu o terceiro orgasmo. E o quarto.

— Continue — ele disse roucamente —, sinta minha língua brincando, meus lábios sugando...

Alguns minutos depois, quando finalmente acabou, tudo que fizeram foi respirar juntos.

Por alguma razão insana, viu-se desejando estar perto dela para abraçá-la... ou alguma merda desta. Ele não sabia. Tudo que sabia era que tinha esta urgência ardente de garantir que ela estivesse bem depois do que tinha acontecido.

Agora, os quilômetros que os separava pareciam um tipo de punição.

— Está bem? — perguntou ríspidamente.

— Oh... sim...

Quando ouviu o riso em sua voz, começou a sorrir também... e isto o fez sentir-se feliz de estar sozinho no escuro. Ele provavelmente parecia um completo idiota.

— Você é linda — ouviu-se dizer. — É incrível. Surpreendente.

Ela riu em uma explosão.

— Você é bobo.

— Não sou não. Nasci sem senso de humor.

— Sério?

— É. Sou o macho mais chato que conheço e nunca entendo piadas.

— Sabe... pensando bem, acho que nunca te vi sorrir.

— Nem espere — ele alcançou o criado mudo, abriu a gaveta, e tirou um maço de cigarros e o isqueiro Bic que tinha comprado no caminho do centro de treinamento. — Aliás, eu fumo.

Mas só depois do sexo, quase explicou. Mas não queria destacar o fato de já ter estado com outras pessoas além dela, sabe-se lá por que.

Virando a cabeça para o lado para segurar o celular junto ao ouvido com o ombro, abriu o maço de Marlboro e tirou o palito de câncer. O isqueiro fez um ruído de *shhhht* quando ele o acendeu, e teve uma visão cheia de seu punho ao trazer a chama para perto do rosto. A primeira tragada foi suficiente para fazê-lo gemer de novo, e manteve o cigarro entre os dentes ao procurar por um cinzeiro, que colocou em cima do peito.

— Este é um hábito ruim — disse como se desculpasse. — Mas pelo menos vampiros não pegam câncer.

Assim que tinha combinado isto com ela, começou a planejar como conseguir cigarro para depois. Nada romântico.

Não que estivesse interessado em romance, lembrou a si mesmo.

— Então por que não sorri, Craeg?

Na superfície, a pergunta/declaração, fosse o que fosse, podia ser tomada como leviana, meio piada, mas o tom sério que ela usou cortou aquela interpretação de imediato.

E quem diria, talvez por sentir-se relaxado, solto, aquela leveza pós-orgasmo o fez realmente responder ao invés de desligar, que era o que ele devia ter feito.

— Quantas pessoas você perdeu nos ataques? — ele sussurrou.

— Sete primos — ela disse com tristeza. — Só restou eu e meu pai, e nós tivemos muita sorte.

— Eu perdi todos os meus familiares. Minha mãe e irmã estavam em casa comigo. Meu pai no trabalho. Eles encontraram o endereço de nossa casa na carteira de motorista humana falsa que ele usava depois de matá-lo. Foi como nos acharam — ele tragou de novo. — Então é por isto que não sorrio.

— Sinto muito.

— Eu também — o que era algo que ele não teria dito sob outras circunstâncias. — Não consegui salvá-las. Digo, minha mãe e irmã.

— Oh, Deus...

Ele deu de ombros.

— Eu perdi muito sangue. Os *lessers* arrombaram a porta e eu desci as escadas quando ouvi o barulho. Eles me atacaram, pensaram que eu tinha morrido, então me deixaram. Até hoje não sei por que sobrevivi. Eles usaram machetes. Fiquei consciente tempo suficiente para ouvir minha mãe gritar para minha irmã correr... e então ambas morreram... mortes horríveis — quando ela emitiu um ruído engasgado, ele meneou a cabeça. — Informação demais, desculpe.

— Eu realmente... sei que não parece o bastante, mas é só o que posso dizer. Sinto tanto.

— Obrigado.

— Como você sobreviveu? O que... alguém te salvou?

— Acordei em uma poça do meu próprio sangue um pouco antes do amanhecer. Estava tão fraco... mal consegui fechar a porta da frente antes que o sol me atingisse. Eu me arrastei... pela casa, sabe, e encontrei os... é. Foi bizarro, a visão das duas caídas no linóleo, sangue vermelho por todo o lado, pele pálida... elas estenderam o braço uma para a outra, minha mãe tinha uma mão... — ele teve de parar para pigarrear. — Minha mãe tinha estendido a mão para minha irmã e minha irmã estava tentando alcançá-la. Elas tinham os olhos abertos... não sei. Depois de ver isto? Algo dentro de mim despertou. É só o que posso dizer... e foi quando começou. Foi quando decidi que um dia, de algum jeito, encontraria um jeito de entrar na guerra contra a Sociedade Lessening. É o único jeito de andar na terra sem querer explodir meus miolos — ele riu rispidamente. — Bem, também decidi que odeio a aristocracia... embora isto não tenha acontecido até duas noites depois daquilo.

— Por que... — ela hesitou — Por que você odeia a *glymera*?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Enquanto esperava por alguma resposta vinda pelo telefone, o coração de Paradise batia tão rápido de novo que teve que acender a luz. Enrolando seu edredom coral ao redor das pernas e puxando a camisa para junto do corpo, dobrou os joelhos bem juntos e esperou.

Levou um tempo até Craeg responder.

— A primeira coisa que fiz quando tive qualquer força foi ir atrás de meu pai, onde ele estava trabalhando naquela mansão... quando cheguei lá, tinha acontecido mais ou menos a mesma coisa que na minha casa. Sangue e corpos para todos os lados, mas também havia uma porção de pinturas e pratarias, este tipo de merda. Alguns dos corpos queimaram por que estavam ao alcance do sol. Os que estavam mais dentro da casa ainda estavam intactos. Encontrei meu pai... na sala onde ele estava instalando um novo assoalho de mogno. E o que mais encontrei? A porra da porta aberta, a que levava à sala de segurança que a família não tinha deixado ele ou qualquer outro dos serviçais terem acesso.

— O que... quer dizer?

— A família que vivia ali, os *aristocratas* que viviam lá, abrigaram-se em uma sala de segurança, semelhante a um cofre, revestida de aço... e não deixaram que nenhum dos empregados entrassem. Trancaram todos eles ali fora para que fossem massacrados... vi a porta aberta, e as pegadas deles pelo sangue de meu pai e dos outros empregados ao se dirigirem para a saída para escaparem na manhã ou noite seguinte — houve outra pausa. E então, em voz baixa, ele disse: — Enterrei todo mundo lá, menos meu pai. Ele eu levei de volta pra casa. Não consegui... deixar os outros daquele jeito. Um *doggen* voltou enquanto eu estava cuidando dos corpos e me disse que estavam tentando encontrar os parentes, mas todo mundo foi morto em todas as casas dos trabalhadores... como na minha. Não havia, literalmente, nenhum sobrevivente para reclamar os mortos. Oh, e aquela família de alta classe? Fugiram. Tentei encontrá-los... e não vou descansar até conseguir. Eles moravam em uma propriedade chamada Endelview.

Ele pigarreou rudemente.

— Digo, como alguém faz isto? Como conseguem viver consigo mesmos sabendo que podiam ter ajudado alguém e não ajudaram? A equipe de empregados da casa, os serviçais, eles serviram aquela família por gerações. E também tinham vários plebeus naquele salão. Eles estavam lá, pelo que aquele *doggen* me disse, por que os caras da construção sabiam sobre aquela passagem e indicaram a direção para aquela sala. Eles estavam batendo nas portas para os deixarem entrar enquanto a casa era assaltada... eu sei por que muitos dos corpos estavam agrupados juntos contra a parede. Mas não. Não eram bons o bastante, importantes o bastante, não valiam nada.

Oh... Deus.

Foi só o que passou pela cabeça dela — por que conhecia aquela história também. Peyton tinha compartilhado aquela história terrível com ela durante uma de suas longas conversas de dia inteiro cerca de um mês depois que ela e o pai partiram para sua fortaleza. O primeiro filho, uma filha do meio, a mãe e dois primos, alegaram terem voltado de uma viagem fora da cidade e descoberto o massacre... mas talvez estivessem lá o tempo todo?

E eles desapareceram. Provavelmente para uma nova casa mais segura, bem longe de Caldwell.

— De qualquer forma, tenho planos para eles. Quando descobrir onde estão.

Paradise fechou os olhos.

— Nem todos os aristocratas são maus.

— Quando você tem de ouvir seu pai voltar para casa todas as noites com histórias sobre como o trataram como merda enquanto ele só tentava ganhar a vida honestamente? Difícil sentir simpatia por eles... e isto foi antes deles serem diretamente responsáveis não só pela morte do meu pai, mas pela da minha mãe e minha irmã.

— Sinto muito.

— Tudo bem.

Não, não estava tudo bem.

E ela não ficou nem um pouco surpresa quando ele disse subitamente.

— Acho que vou desligar. Temos de dormir.

— Sim. Sim, é claro — ela segurou firmemente o telefone, tentando pensar em algo para dizer. — Eu, ah...

— Te vejo amanhã.

Clique.

Afastando o telefone do ouvido, ela o encarou. Naturalmente não havia registro do número por que as linhas telefônicas do centro de treinamento, como as da casa de audiência, eram restritas e privadas.

Mas não teria ligado de volta para ele mesmo que soubesse o número.

Colocando seu celular de lado, olhou para o outro lado do quarto, seu quarto bonito e elegante com os tons de decoração coral e cor de rosa, e cortinados de seda com dosséis e tapetes bordados. Ela não podia culpar Craeg pelo modo como pensava ou pelo que sentia. Faria exatamente o mesmo. Mas a resposta não era ele ir atrás de algum cara e matá-lo só para vingar aquelas mortes. Ou assassinar fêmeas por isto também.

Bem, pelo menos esperava que não fosse esta a resposta.

Já tinha tanta morte dentro da espécie. Certamente havia outro caminho para remediar tais danos?

Quando seu celular voltou a vibrar, ela se assustou e o pegou. Sem número. Ele? De novo?

Aceitando a chamada, ela sussurrou.

— Alô?

Ouviu um silêncio momentâneo. Igual a antes.

— Desculpe — Craeg disse. — Caso não tenha notado, sou uma merda com emoções. Não é sua culpa tudo isto que aconteceu antes.

Ela exalou em alívio.

— Que bom que ligou de volta. Eu não estava esperando.

— Nem eu.

— Acha que vai conseguir dormir?

— Agora que ouvi sua voz de novo? Vou tentar.

— Craeg...

— O que?

Ela remexeu com a renda na beira do edredom ao escolher cuidadosamente as palavras.

— Aquela noite dos ataques... não estou dizendo que o macho ou quem foi que trancou todo mundo para fora estava certo. Não mesmo. Mas olho por olho é... barbárie.

— É o jeito que as coisas eram feitas no Antigo Continente.

— Não vivemos mais lá. Os tempos mudaram. Pense no progresso que fizemos, derramamento de sangue foi proibido por lei, igualdade começando a acontecer para fêmeas e entre as classes também. Não tem que esquecer o que aconteceu, não tem que perdoar... mas sua resposta não tem que ser assassinato.

— Não seria assassinato. Seria *ahvenging* meus próprios mortos.

— Mas se você mata alguém a sangue frio, do que mais pode chamar? — manteve o tom de voz suave e baixo. — Não quero discutir com você, honestamente não quero. E nunca fingiria saber como é que seria ter a família inteira... — quando sua voz falhou, ela pigarreou. — Não posso nem imaginar. Mas se for adiante com isto, você também será um assassino. Não será diferente dos *lessers*.

Houve uma longa pausa. Mas ela soube, pela ausência de *clique*, que ele não tinha desligado.

— Você é uma das pessoas mais empáticas que já conheci, Paradise.

— Não me coloque em um pedestal. Posso acabar caindo.

— Duvido — houve uma pausa. — Durma bem, está bem? E se acordar no meio do dia com a sensação das mãos de alguém sobre seu corpo, serei eu. Pelo menos, em meus sonhos.

— Está me fazendo corar.

— Bom. E quando estivermos de volta à aula, tentarei não ficar te encarando.

— Não precisa tentar muito.

Agora, o tom de voz dele ficou mais sério.

— Você tem que proteger sua virtude.

— Minha virtude é problema meu. Não seu.

Craeg emitiu um *hrrumph*.

— Vou te ligar amanhã as sete de novo. Atenda o maldito telefone.

Paradise teve de rir.

— Alguém já te disse que é mandão demais?

— Não por que nunca ouço o que as pessoas dizem.

— Então se eu mencionar que você também é bem surpreendente vai desligar na minha cara de novo?

— Provavelmente.

— Está bem, então bom dia e você é incrível... — subitamente ela sentou-se e puxou o telefone para mais perto do ouvido. — Espere um minuto, foi uma risada que acabei de ouvir aí?

— Não. De jeito nenhum.

— Mentiroso — ela sorriu tão amplamente que suas bochechas doeram. — Você riu. Bem agora.

— *Não* foi uma risada.

— Oh, por que uma risada é bem mais masculino? Está bem, você deu uma risadinha, Craeg. Te peguei.

— Você tem de parar — agora ele realmente soltou algo que soou como...

— Você acabou de gargalhar.

— Não!

— Sim, foi sim — ao continuar a provocá-lo, descobriu que aquilo era o equivalente conversacional de fazer cócegas nas costelas dele. — Você gargaaaaaaalhoouuuu...

— Vou desligar! Tchau!

— Você é incríííííível...

Clique.

Desta vez, quando colocou o celular de lado sentia-se leve e efervescente como as bolhas de uma taça de champanha.

E um pouco bêbada também.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Quando a noite caiu, Marissa abriu a porta do quarto e colocou a cabeça para fora no corredor. Não havia som vindo da porta da frente do Pit, então ajeitou a camisola de seda, seus pés descalços esfriaram rápido no chão de madeira. Dobrando a esquina para olhar para o sofá, esperava ver o companheiro adormecido com a cabeça para o lado da cozinha e o pé para o seu lado. Ele sempre dormia assim para poder ver a TV melhor, pelo ângulo da mesa de pebolim.

O sofá de couro preto estava vazio. Mais ao ponto, o cobertor do Red Sox que ela tinha lhe dado de presente no feriado humano do Natal do ano passado ainda estava dobrado no encosto.

Então ele não tinha nem tentado dormir em casa.

O cobertor era a prova ela amava seu *hellren* com todo seu coração, mas o macho era constitucionalmente incapaz de usar a coisa e voltar a dobrá-la quando não ia usar mais. Era piada

recorrente entre eles, junto com as frases dele de não devolver os abridores de garrafa ao local apropriado na cozinha, e nunca, jamais, ligar a lavadora de louças.

Exalando, fechou os olhos e se inclinou contra o batente da porta.

— Ele não voltou para casa ontem.

Ao som da voz de V, ela olhou de relance para a bancada de computadores dele. O Irmão estava com a cabeça inclinada ao redor de várias telas, seus olhos diamantinos e superinteligentes a encaravam sem piscar — ou julgar. E não havia razão para esconder sua decepção do cara. Primeiro, ele era o irmão de Butch para todos os propósitos e intenções; e dois, Vishous a conhecia tão bem, via através de qualquer tentativa falsa de parecer bem.

— A gente brigou na noite passada.

V tragou longamente seu cigarro enrolado à mão.

— Brigaram por quê?

Sentando-se no sofá, ajeitou sua camisola sobre os joelhos, alisando, alisando.

— Um clube de sexo.

O acesso de tosse teria sido absolutamente histérico de se ver se estivesse em um humor melhor... havia algo incrivelmente satisfatório de, pela primeira vez, ser capaz de chocar o imperturbável Irmão. Infelizmente, era por que ela era tão certinha e aborrecida.

— Como é que é? — as sobancelhas dele estavam tão erguidas que distorceram as tatuagens em suas têmporas. — Clube de sexo?

A explicação foi direta e reta, e quando ela terminou a expressão sardônica habitual de V tinha voltado ao seu rosto.

— Ah, é. Ele me disse o que estava rolando. Pediu para eu ir com ele.

Ela não conseguiu disfarçar a decepção. Acreditava que Butch jamais a trairia... pelo amor de Deus, como um macho totalmente emparelhado ele jamais olhava para fêmeas de qualquer nível; elas bem poderiam ser torradeiras com pernas pela resposta sexual que tinha a elas. Mas então havia algo intimidante em ver V envolvido, talvez por que isto a fazia sentir-se... excluída, mesmo que fosse loucura.

E então também bem inadequado por que seu companheiro precisava de Vishous lá, mas não queria levá-la.

Além disto, era verdade, o estilo de vida de V a chocava um pouco... não por que achava que ele fosse um degenerado, mas por que era tão sexualmente extremo... e diverso.

— Sabe que ele te ama — murmurou V. — Vamos lá.

— Eu sei.

— E não quero ficar estranho com ele, nem nada assim.

— Não quis te ofender.

— Não ofendeu.

— Sim, ofendi — quando o Irmão ficou em silêncio, ela soube que estava certa. — Eu só... às vezes não quero ser protegida, se é que faz algum sentido. Digo, este assunto com esta fêmea que morreu na minha frente... é meu. Faz sentido? É minha... responsabilidade. E sou grata pela ajuda dele, quero a ajuda dele... mas me empurrar de lado por que sou uma “garota decente” e não posso lidar com certas coisas faz eu me sentir como se ele achasse que sou fraca ou frívola.

— Ouça, não posso me intrometer nisto.

— Eu sei. Desculpe.

Quando ela começou a se levantar, ele cortou.

— Mas ele te adora. Você é como... como aquela Virgem Maria, aquela fêmea para quem ele reza. Para ele, você é a mais perfeita fêmea que já pisou ou jamais pisará sobre a terra. Levá-la a um lugar daqueles seria como assistir a um filme pornô na igreja. Ele te acha pura e inocente, e virtuosa e cheia de bondade, e ele quer... prepare-se, estou a ponto de usar a palavra com “p”... proteger isto em um mundo que é cruel e nojento e aterrador.

Ela meneou a cabeça e pensou em Butch e em todo aquele lance do sexo oral.

— Eu só não quero ser tão preto e branco. Não quer estar em uma caixa, mesmo que ele me coloque lá por amar certas partes de mim.

A cadeira de V guinchou quando se recostou e exalou um regular fluxo de fumaça. Engraçado, ela odiava o cheiro quando tinha se mudado para lá. Agora? Era como incenso e significava segurança, e conforto... e ela nem notava mais, na maior parte do tempo.

Diabos, a presença de V, por mais fria e intelectual que ele pudesse ser às vezes, agora também significava conforto para ela.

— Não tenho uma resposta certa para isto — ele franziu o cenho. — Digo, seu garoto é do tipo de cara certo-e-errado, preto-e-branco. Faz parte da estrutura dele. Mas há o lado bom também. Ele jamais te desrespeitará. Jamais te tratará mal. Jamais deixará de te dar atenção completa.

— Oh, sei disso tudo. Mas agindo assim agora, ele está se interpondo entre algo que não só é muito importante para mim, mas algo que está dentro do meu direito de fazer. E quando você ama alguém isto não é legal, mesmo que sua motivação seja de boa fé e baseada em amor.

Houve um longo silêncio.

— Vou falar com ele.

— Agradeço — ela praguejou em voz baixa. — Andamos tendo alguns problemas nos últimos tempos. Está partindo meu coração...

— Relacionamentos são assim. Mesmo os melhores.

— Acho que sim.

— Ouça, ele não quer ficar com mais ninguém além de você — o Irmão estendeu a mão. — É, eu sei que você sabe disto, mas tenho de dizer de novo. E para o melhor ou para o pior, sua graça e elegância e, sim, seu ar de garota decente, é parte do que o atrai. Digo, por exemplo, ele ficou com a Xhex, mas foi só sexo... e era só o que iria acontecer. Você é o tipo dele, não ela.

Marissa ergueu-se subitamente como se um balde de água gelada tivesse acabado de se derramar sobre sua cabeça.

— *Ele fez sexo com ela?*

No escritório do centro de treinamento, Butch sentou-se atrás da mesa de Tohr e olhou fixamente os padrões de linhas coloridas que giravam pela tela do computador.

O que ele continuava a remoer, o que vinha remoendo o dia inteiro, era o que infernos estava errado com ele. Depois de Marissa deixá-lo comendo poeira na sala de jogos, continuou a se embriagar, tipo, ficar de porre mesmo... não tinha funcionado. Sim, claro, seu corpo tinha ficado lânguido pra caralho, a ponto de voltar ao Pit para dormir ter se tornado uma total impossibilidade.

Inferno, arrastar-se para um dos sofás ao lado da mesa de bilhar para poder desmaiar na horizontal tinha sido desafio suficiente.

Mas seu cérebro tinha permanecido tragicamente consciente.

E a pior parte? Por algum motivo, a última imagem que tinha de sua irmã... dela olhando para ele através do vidro traseiro daquele carro ao ser levada para ser estuprada e assassinada... continuava a surgir como se sua mente fosse uma máquina de apostas que cuspiasse perdas ímpares vez após outra.

Ah, foda-se o “por algum motivo”. Era a garota morta de Marissa, claro. E ele achava, se fosse para se sentar com Mary para ser analisado, que a terapeuta favorita da Irmandade diria a ele que o passado tinha sido despertado pelo presente e que estava passando por algum tipo de episódio de estresse pós-traumático.

A porta do armário de suprimentos foi aberta. E ele tinha álcool suficiente dentro de si para não se assustar e gritar como um maricas.

— V? — disse quando seu melhor amigo cambaleou para dentro.

Está bem, por falar em estresse pós-traumático: Vishous parecia tão perturbado quanto Butch jamais vira o irmão, respirando entrecortadamente, os olhos gélidos arregalados como pratos, o cabelo preto bagunçado — e resfolegava como se tivesse atravessado o túnel correndo, ao invés de andando.

— O que? — Butch perguntou. — A Dra. Jane está bem? Tudo bem no Pit? Cristo, o que houve?

V andou em círculos um pouquinho e então se jogou na cadeira feia adorada de Tohr do outro lado da mesa. Abaixando a cabeça para a mão enluvada, ele murmurou.

— Um dos meus velhos sonhos se realizou.

Quando o pânico de Butch diminuiu.

— E o que foi?

— Eu acabei de te foder.

Piscada. Piscada. E então Butch começou a rir.

— É, é, essa foi boa. Está bem, o que Lass fez agora?

— Não, falo sério. Eu acabei de foder com você. Foi mau. Sinto muito mesmo!

Apoiando-se nos braços, Butch praguejou.

— Sem querer ofender, não há nada que você possa fazer que seja tão grave.

— Conte a Marissa que você trepou com a Xhex.

O queixo de Butch caiu e ele sentiu sua boca abrir.

— Como... por que... o que...

V ergueu as mãos.

— Achei que ela sabia, juro! Não sabia que não tinha contado a ela! Que caralho, vocês não fizeram aquela sessão do “com quem você dormiu antes de mim?” Que porra!

Se Butch não tivesse entrado direto em modo de pânico, teria rido de novo do cara. V era perito em impassibilidade, o tipo de bastardo imperturbável que se sentaria em uma lata de gasolina no meio de uma casa em chamas só para descansar.

Achava ter acabado de descobrir o critério de funcionamento da glândula de adrenalina do cara. Bom saber.

Mas a notícia era ruim para Butch.

Com a cabeça entre as mãos, esfregou o rosto.

— O que ela disse?

— Não muito. Ela foi para o quarto de vocês, vestiu-se e saiu para trabalhar, calma como sempre. Foi isso o que realmente me fez cagar de medo, certo?

Butch quis dizer que tudo bem, tudo ia ficar bem. Mas do jeito que ele e a companheira vinham se distanciando ultimamente...

— Como acabaram falando disto? — ele perguntou.

V estendeu as duas mãos.

— Ouça, ela começou a falar de vocês.

— A coisa do clube?

— É. Ela sente como se você a estivesse rotulando nesta dualidade de virgem/puta e que você a está menosprezando. E ouça, não que seja do meu interesse te dar qualquer conselho, mas tem de cortar essa. Só por ela ver alguns humanos fodendo em um lugar público não significa que ela vai mudar em nada. O que acha que vai acontecer? Ela subitamente vai virar um deles? Primeiro, ela precisaria de uma mudança de sexo, e segundo, teria de ser muito mais feia... e mais estúpida também, evidentemente.

No silêncio que se seguiu, metade do cérebro de Butch foi sobrecarregado com a coisa de Xhex; a outra metade teve uma percepção súbita.

Marissa estava certa. Ele se sentia mais incomodado por ela ir em um lugar daquele do que ela mesma se sentia.

Maldição.

— De qualquer forma — murmurou V —, vocês precisam conversar agora. E sinto muito.

— Tudo bem.

— Pensei que estava ajudando. Eu só queria afirmar que ela é o seu tipo. Ela é seu tipo de garota. Que não precisa de nada mais, nada menos do que ela.

— Isto é verdade — ele bateu os bolsos, em busca do celular. — Ela saiu para trabalhar, certo?

— É. Foi o que disse ao sair.

— Vou ligar para ela — quando V se levantou da cadeira, Butch lhe estendeu a mão. — Está tudo bem, cara. A culpa é só minha. Eu devia ter dito a ela, acho. É só que tudo o que aconteceu antes dela não importa, sabe?

V bateu a palma da mão contra a sua.

— Eu sinto a mesma merda. Se quiser um *rythe* me avise.

— Nah, mas você vai ter que recolher minha roupa suja por um mês.

— Fritz já não faz isto?

— É um trabalho humano.

— Ah, é por isto que não é engraçado — V passou pela porta de vidro. — Quando vai querer aquela noite de folga para podermos ir ao clube?

— Bem poderia ser amanhã. Que inferno.

— Está bem. Posso levar a turma para o ginásio. E Z pode ensinar sobre envenenamento... você tem certeza que não vou precisar de um provador de comida?

— Tudo bem. Mas se Z precisar praticar um pouco, vamos deixar Lassiter ser a cobaia dele.

— Combinado. Combinado mesmo.

Quando Vishous passou e a porta fechou silenciosamente, Butch ligou para sua companheira e rezou para ela atender. Quando a coisa caiu na caixa postal, praguejou e esperou que fosse por ela estar em uma reunião e não por estar tão puta a ponto de tê-lo bloqueado.

Ela não faria isto. Com certeza não faria.

Mas então...

— Merda!

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Falando em adicionar uma camada de excitação a cada segundo.

Ao passar por uma sessão de luta no ginásio, e então uma aula verdadeiramente esclarecedora sobre como matar coisas com loções e poções, Paradise sentia-se como se guardasse o segredo mais incrível do planeta. Com cada golpe e chute desferido, com cada anotação feita, pergunta respondida a ela, tinha de lutar para evitar que um sorriso brotasse em seu rosto.

E parte disto era saber que Craeg sentia o mesmo.

De vez em quando o pegava olhando-a com olhos semicerrados que sugeriam que seja o for que estivesse pensando, não era na aula.

Ao invés disto, ele estava obviamente de volta ao escuro, ao telefone. Com ela.

E Deus, não era de se surpreender que seu corpo quisesse mais dele de novo... com tanta intensidade de fato que ela se contorcia, e estalava as costas e tinha de reajustar sua posição em pé ou sentada, bem mais constantemente do que o normal.

Mas ninguém parecia perceber... embora talvez fosse autoilusão. E se não fosse? Foda-se. Antes de deixar sua casa para desmaterializar para o ônibus, ela leu de novo o formulário de inscrição e o regulamento — basicamente toda a coisa que não tinha mostrado ao pai por que não queria preocupá-lo... e não havia menção nenhuma proibindo relacionamento entre os alunos.

Ou ligações amorosas.

Ou... fosse lá o que estivesse rolando.

Então eles estavam dentro das regras. Também tinham mais ou menos a mesma idade, claro, a ideia de Peyton e Anslam descobrir apresentava uma complicação potencial com a *glymera*, mas 1) ela sabia tantos podres de Peyton que podia chantageá-lo para que ficasse em silêncio, e 2) Anslam era aquele típico, autocentrado filho do privilégio que não notaria um elefante cor de rosa na sala, a menos que isto de alguma forma o beneficiasse.

Quando a parte final da noite chegou, entrou na sala de exercícios com Craeg à sua frente e permitiu-se uma secada rara, medindo a largura de seus ombros, e sua altura intimidante, e o jeito que ele andava com tanto poder controlado.

E sim, aquele traseiro espetacular dele.

Uau.

Mas então voltou aos negócios quando o Irmão Butch lhes deu ordem de marchar, determinando pessoas à vários equipamentos e pesos livres.

— Paradise, esta noite você vai correr — disse apontando para as esteiras. — Uma hora. Pare aos vinte minutos e aos quarenta para tomar água. Não incline a esteira durante o aquecimento.

Atravessando os tatames, ela subiu no equipamento mais próximo, acionou a chave de ligar e programou o computador para sessenta minutos em rota reta. Quando a esteira começou a girar, pulou e caiu em um ritmo que era mais puxado que o habitual... mas também, suas coxas estavam cansadas de ter ficado em posição defensiva mais cedo naquela noite. Mas aquilo iria melhorar logo, a plataforma balançando e gemendo na batida de seus tênis Brooks Glycerin 12, a respiração cada vez mais profunda.

Craeg acabou na estação de squat.

Por falar em show dos shows.

A quantidade de peso que podia lidar era tão grande que Butch e Tohr acabaram auxiliando-o, um de cada lado só para o caso dele perder o controle do que devia ser trezentos quilos. Posicionando-se sob a barra de suportes, ele ergueu ambas as mãos com os pulsos para fora, inspirou um pouco de ar, e gemeu ao liberar a carga e suportá-la com seu corpo. Instantaneamente seu rosto ficou vermelho e os músculos do pescoço e veias saltaram quando recuou meio metro para assumir posição estável.

Para cima...

... para baixo.

Para cima...

... para baixo.

Apesar do jeito que ele tremia na superfície da pele, seus grandes músculos e torso de aço estavam sólidos como rochas quando erguia a barra vezes seguidas. O suor começou a correr pelo seu rosto, não que ele parecesse notar, e não de jeito nenhum ele iria tentar imaginar como seus músculos pareceriam sob as calças supostamente frouxas do uniforme. De fato, parecia que ele ia rasgá-las.

Aconteceu tão rápido.

Um minuto ela estava correndo em seu curso, mantendo a velocidade. No outro seu pé direito esbarrou na lateral da esteira.

Ela caiu rápido demais para se apoiar, ou ao menos amenizar a queda com o braço ou uma mão. Em vez disto, bateu com força no console, ricocheteou e quase ralou o rosto no cinto por que a chave de parar que tinha tão cuidadosamente acionado na máquina não estava presa à sua roupa.

Então a esteira simplesmente continuou a rodar.

Por um segundo ficou atônita demais para se mover... mas então um golpe de profunda dor foi suficiente para fazê-la girar de onde caiu. Deus, o fedor nauseante de carne queimada fez seu nariz franzir.

Foi quando viu os coturnos.

Perto de seu rosto.

Subitamente houve todo tipo de pessoas falando acima dela e tentou rastrear o que diziam, mas havia algo em seus olhos. E sua cabeça doía. Por que sua cabeça doía?

—... a Dra. Jane, imediatamente.

—... maca?

— Rápido. Anda logo!

Abanando a mão, tentou tirar o suor dos olhos para poder ver melhor. Não era suor. Sangue: quando olhou para a mão que passou sobre o rosto, estava manchada de sangue vermelho vivo.

Oh, bosta. Ela tinha se machucado.

E tudo por que estava bancando a garota.

Maldição.

Quando Paradise caiu do outro lado da sala, Craeg quase jogou o peso para o lado para correr para o lado dela. Mas não se fazia isto com trezentos e oito quilos... a menos não que quisesse se machucar ou machucar outras pessoas.

Com o máximo de controle que conseguiu juntar, deu um passo à frente e confiou nos Irmãos para ajudá-lo a colocar a carga de volta nos suportes. Então os três correram até ela. Craeg localizou a chave de parada e puxou — por que ela ainda estava perto demais da maldita faixa, o corpo ferido metade em cima, metade fora do fodido pedaço de merda.

— Paradise? — disse ele.

Quando Butch se ajoelhou ao lado dela, Craeg quase puxou o cara pra fora do caminho, mas era ridículo. Primeiro, o Irmão era um professor. Depois, não haveria anúncio maior de que ele e Paradise estavam tendo alguma coisa do que se tornar territorial sobre ela na porra de uma situação de emergência.

— Paradise? — Craeg repetiu. — Paradise...

Ela se sentou quando o ouviu dizer seu nome e então se virou para olhar para ele — oh, Deus. Havia sangue. Muito... puta merda, ele ia desmaiar.

Os Irmãos gritavam ordens uns para os outros e então Tohr saiu em busca de ajuda. O que significava que havia um espaço vago perto dela e o corpo de Craeg tomou vantagem disto antes que tivesse qualquer pensamento consciente de se mover.

— Estou bem — disse ela, apoiando as mãos para se erguer. — Só me sinto estúpida. Não preciso de ajuda.

Rasgando a camiseta, ele fez uma bola e pressionou o tecido sobre o corte acima do olho dela.

— Cala a boca — murmurou quando ela começou a discutir com ele. — Você vai para a clínica. Provavelmente vai precisar de pontos.

— É só um arranhão.

— O que exatamente você acha que toda essa coisa vermelha significa?

— Não há motivo para ficar histérico...

— Não sou eu quem está discutindo com...

Eles continuaram este bate-boca, palavras concisas cruzando de cá para lá e cancelando uma do outro. Não foi até pararem para tomar fôlego que perceberam que todo mundo no ginásio os encarava com um ar de ahh-mas-vejam-a-novidade.

Merda.

Tanto faz, precisava garantir que ela consentisse primeiro com o tratamento. Então se preocuparia sobre as conclusões que estariam chegando.

E sim, foi ele quem a ergueu do chão e a colocou na maca.

E sim, se qualquer outro macho, incluindo o amiguinho dela, o Peyton ali, ou qualquer um dos Irmãos a tivesse tocado, ele teria arrancado o braço do macho a mordidas.

No corredor ela ainda brigava com ele, e sabia que era por que estava assustada e extravasava o medo.

— Ridículo — mas ao menos ela segurava a camisa dele contra o rosto. — Só preciso lavar o rosto e vai parar.

— Sim, por que uma agulha vai mesmo ajudar a fechar este corte de cinco centímetros aí em cima.

— Que exagero!

— E você foi à faculdade de medicina quando mesmo?

Ao chegarem à porta da clínica, ele quis entrar com ela, mas Butch se postou a frente dele.

215— Precisa voltar à aula.

Craeg abriu a boca para discutir... e foi quando soube que perdeu a porra da cabeça. Ele conhecia esta fêmea há quanto tempo mesmo? Quatro noites? Isto era totalmente inadequado.

Mesmo assim, sua cabeça meneou de um lado para o outro.

— Não vou sair.

— Eles vão examiná-la — Butch explicou. — Inteira, se é que me entende.

Craeg praguejou e lançou um último olhar à porta que se fechava lentamente enquanto Paradise transferia a si mesma da maca para a cama de exames. Como se sentisse que não estava mais com ela, ergueu o olhar confusa procurando por ele.

— Eu, ah... — Craeg pigarreou. — Eu queria vê-la quando terminarem.

— Se ela quiser tudo bem.

Craeg anuiu e ordenou a seus pés que virassem e o levassem de volta à sala de exercícios. Levou um bom meio minuto até obedecerem e de forma bem relutante... suas pernas levaram um tempo enorme para levá-lo de volta para o local onde devia estar.

E quem diria, Peyton esperava por ele do lado de fora do ginásio.

Murmurando baixinho, Craeg preparou-se para brigar com o cara de novo.

— Quando aconteceu? — o cara exigiu.

— Quando aconteceu o que?

— Você e ela.

O outro macho o encarava com uma tranquilidade estranha que podia significar aceitação ou preparação para ataque. Engraçado, aquela aparência perfeita de J. Crew e atitude de direito aristocrático, junto com seu histórico elegante, fazia o cara um par muito mais perfeito para a fêmea.

E ainda assim, Paradise por algum motivo escolheu Craeg.

Ela devia ser louca.

— Não há nada entre nós — disse Craeg.

— Não tente me enganar, está bem? Você se vinculou a ela.

— O caralho que vinculei.

O olhar azul de Peyton vagou pelos arredores. Então ele franziu o cenho.

— Espere, você fala sério.

— Que porra está falando?

— Você honestamente não reconhece. Não tem consciência de que sua essência de vinculação foi desencadeada... ou do fato de que ameaçou com as presas todos nós quando tentamos nos aproximar dela para ajudar. Você honestamente não sabe disto.

Craeg piscou como uma vaca por uns momentos. Então olhou para a esquerda do cara e mediu a distância entre sua testa e a parede de concreto. Talvez se batesse com o crânio com força suficiente pudesse causar dano cerebral suficiente para que sua memória de curto prazo lhe desse uma folga e então pudesse esquecer que tinha conhecido aquela fêmea.

Peyton começou a rir.

— Sabe. Eu quero te odiar. Eu quero pra caralho. Ela é uma das melhores fêmeas que já conheci. Ao invés disto, sinto pena de você.

— E por quê? — Craeg perguntou.

— Por que você já está perdido e ainda está lutando contra. Isto vai ser divertido de assistir.

— Que bom que posso diverti-lo.

Peyton teve a pachorra de dar tapinhas em seu ombro.

— É melhor cuidar bem dela... ou vou te caçar e te matar. Lentamente.

Craeg retrucou.

— Não sei do que está falando.

— É, é... tenho certeza que não sabe.

Peyton ainda ria quando se virou para abrir a porta.

Craeg segurou o cara.

— Como você a conheceu?

Houve uma pausa.

— Ela trabalha na casa de audiências.

— Foi onde a conheci também.

— Só para deixar bem claro, às vezes acho que estou apaixonado por ela também — Peyton revirou os olhos de novo. — Deus, dá para parar com isto?

— Com o que?

— Está rosnando para mim.

Uh. Quem diria. Suas presas se alongaram e seu lábio superior encolheu.

— Desculpe.

— É, você não está mesmo vinculado. Nem um pouco — Peyton cruzou os braços sobre o peito. — De qualquer forma, antes de partir pra cima de mim, eu nem cheguei a beijá-la. Ela jamais se sentiria assim a meu respeito de qualquer forma. Mas também, sou um cuzão completo, e ela tem razão, tenho uma porção de hábitos ruins. De qualquer forma, lembre-se do que eu disse.

— E eu aqui, na esperança de que pudéssemos esquecer esta conversa.

— Jamais vai acontecer, meu camarada — de repente os olhos de Peyton estreitaram de pura agressão brilhando neles. — Qualquer um que machuque aquela fêmea é inimigo meu. E posso ser aristocrata, mas sou capaz de virar um animal para proteger o que é meu. Sacou?

Craeg mediu o cara.

— Não posso prometer nada.

— O que quer dizer?

— Eu tenho... coisas... que preciso fazer, e entre elas não está incluído assentar e emparelhar. Vinculado ou não, nada vai mudar esta realidade. Nem mesmo ela... e ela sabe.

A voz de Peyton abaixou até ficar tão profunda que mal era audível.

— Então você é um tolo. É um filho da puta cego e burro — só que então, o cara deu de ombros. — Mas ei, isso é bom. Significa que ainda posso ter uma chance com ela. E antes que me ataque, foda-se. Se abrir mão dela, perdeu, cuzão... e eu prometo, vou dar seriamente em cima dela.

Quando a besta interior de Craeg despertou e rugiu, foi provavelmente melhor o cara ter se dirigido para o ginásio de novo.

É.

Eles já tinham um aluno na clínica. A classe não precisava de outro.

Especialmente se o segundo fosse levado para lá aos pedaços.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Marissa falou com Butch a noite inteira.

Mesmo ao conduzir a reunião de equipe, a entrevista de emprego para um terapeuta mental e fazer uma visita com Mary, no fundo de sua mente falava com ele.

As cenas imaginárias dela indo toda cheia de razão em cima do rabo omissa dele eram destacadas com a trilha sonora dele dizendo que ela tinha razão, era um imbecil que precisava de doze tipos de terapia. O fato de no curso das horas ele ter ligado para ela três vezes e enviado duas mensagens não ajudavam sua causa — ele poderia ter Perry Mason apelando a seu favor e ainda teria terminado com prisão perpétua, sem possibilidade de voltar a dormir com sua *shellan* de novo.

Ela não tinha retornado nenhuma das mensagens e dizia a si mesma que o mantinha à distância por que queria escolher cuidadosamente suas palavras primeiro. A realidade era bem menos louvável: sentia-se ferida por ele, largada de lado por ele, e queria que sentisse em primeira mão qual era esta sensação.

O que não era nada atraente.

Querida Virgem Escriba, ela jamais foi uma pessoa rancorosa e odiava que a coisa que mais amava no mundo, sua relação com o companheiro, tornasse-a tão amarga.

E foi esta sensação horrível que a fez sair mais cedo do trabalho, enviar a ele uma mensagem dizendo que o esperaria depois da aula se resolvesse ter a conversa difícil que precisavam ter.

Quando voltou à mansão e deu uma espiada no grande vestibulo, tudo em que pôde pensar foi no número de pessoas que passavam por ali em bases regulares. Como a privacidade era necessária, decidiu esperá-lo no centro de treinamento. Primeiro, já que decidiu falar, queria encontrar Butch o quanto antes; depois, o Pit era claustrofóbico demais e não tinha muita certeza se V ou Jane estariam de folga aquela noite.

Deus sabia que não queria ninguém ouvindo aquela conversa.

Deixando seu casaco e a maleta na porta oculta sob a escadaria, digitou a senha correta — 1914 — e desceu os baixos degraus. Depois de digitar novamente a série de números, emergiu no túnel subterrâneo e se dirigiu ao centro de treinamento. De vez em quando passava as mãos suadas nas calças e mexia no cabelo, que estava solto.

Ao atravessar o armário de suprimentos e sair no escritório, seu coração estava disparado, a boca seca e o estômago embrulhado.

Depois de anos sofrendo ataques de pânico, rezou para que seus nervos não a levassem àquele inferno de novo.

Observando as horas no fino relógio Cartier que Butch lhe dera como presente de primeiro aniversário, descobriu que ainda tinha de esperar um tempo. Pelo menos uma hora.

Ótimo, agora se sentia presa em um aquário.

Olhando por cima do ombro, encarou a porta do armário e se perguntou se não devia andar pelo túnel algumas vezes para comprovar se a teoria de que exercitar-se clareava mesmo a mente, mas não teve vontade. Além disto, cedo ou tarde, mesmo que Butch não tivesse visto a mensagem, teria de voltar para casa para a Última Refeição, e ali era o melhor local para interceptá-lo.

Aproximando-se da mesa, sentou-se na cadeira. Seu login foi aceito no computador e entrou na conta de e-mail criado para receber as confirmações de presença dos convidados para o baile do Festival do Décimo-Segundo Mês.

— Uau — inclinou-se na direção da tela. Havia inúmeras mensagens não lidas. — A menos que sejam todas desistências...

Pelo amor de Deus, tinha mais de cem mensagens, e assim que começou pelo topo percebeu que eram todas de aceitação.

Aceitamos com prazer o seu amável convite...

Mas é claro, tanto meu hellren quanto eu iremos...

Com grande ansiedade, humildemente aceitamos...

Antes de avançar muito, abriu uma gaveta lateral e pegou um bloco de anotações. Com caneta azul, anotou os nomes e respostas, e já estava com meia folha preenchida quando chegou ao nome do irmão.

Ao executar um clique duplo para abrir a mensagem, prendeu a respiração. E então exalou.

Ele não iria. Com três frases educadas, indicava que teria compromissos na clínica médica, mas agradecia o convite.

Engraçado, era tanto um alívio quanto uma estranha decepção. Esperava que ele fosse, especialmente depois daquela fêmea inicialmente ter mencionado que foi Havers a recomendá-la para a organização do evento.

Recostando-se na cadeira, pensou sobre aquele seu objetivo de confrontar o passado. Wrath tinha há muito se desculpado com ela, e o modo como tinha tão espontânea e calorosamente acolhido Butch e o emparelhamento deles significava muito para ela. Não ficava remoendo o que aconteceu entre ela e o Rei, mas como considerara o noivado deles condenado, e por tudo o que acontecera em seguida, achava que o tinha perdoado completamente. Só lhe tinha amor... e sabia que ele falaria com ela se quisesse ou precisasse. Verdadeiramente sentia-se em paz em relação a ele.

A *glymera*, por outro lado? Continuava ressentida a ponto da ira com eles e seus padrões, mas não era como se pudesse enfileirar aquele bando de preconceituosos de merda para gritar com eles. Manter-se totalmente independente deles foi uma estratégia muito mais saudável e bem-sucedida.

E quanto a Havers? Tinha planos de conversar com o irmão no baile... mas este não era um bom plano, de verdade. Seria necessário privacidade... e talvez blocos de anotações. Não sabia nem o que queria dizer a ele.

Este era o problema com as resoluções. Não dava para forçar algo até estar pronto. E suas emoções ainda estavam muito voláteis.

Sim, pensou. A ausência dele ia na verdade tornar as coisas mais fáceis. E menos um espetáculo para os olhos da *glymera*.

Provavelmente, a solução para falar com ele seria um pouco mais de tempo e talvez... merda, talvez pudesse sentar-se com ele e Mary... se ele aceitasse? Quem sabe?

Butch era seu problema principal. E aquela fêmea que foi assassinada, claro.

Voltando à realidade, terminou suas anotações, fechou a conta de e-mail e fez um cálculo dos números. Caso fosse mantida essa alta taxa de aceitação de quase cem por cento teriam quatrocentas pessoas na casa de Abalone. Quase o dobro do que tinha imaginado inicialmente ao calcular os custos de comida e bebidas... algo que, é claro, como organizadora do evento teria de consertar.

Achava que subestimara o quanto eles queriam vê-la e serem vistos.

Recostando-se, voltou a olhar para o relógio. Pelo menos tinha matado uns bons trinta minutos.

Ansiosa, inquieta, nervosa, remexeu com o mouse, observando a pequena seta fazer círculos na tela.

Cara, ainda estava bem brava com Butch. Mesmo que tivesse se acalmado bastante, ainda sentia-se ferida e...

Franziu o cenho e parou de mexer a seta.

No final da fileira de ícones alinhados havia uma imagem minúscula, uma pequena representação do que parecia ser... a parte de trás da cabeça de seu *hellren*?

Mas não devia ser isto.

Deu dois cliques na imagem e uma tela de login surgiu. O usuário já estava preenchido com BUTCH DHES e a senha estava em branco.

Não havia nome nenhum, nada que a levasse saber que tipo de arquivo era. E isso a deixava triste, mas dadas as circunstâncias, tinha suas suspeitas.

Mas de novo, quando se mantinha certas coisas escondidas de seu companheiro, o outro lado provavelmente também começava a questionar basicamente tudo.

Colocando os dedos no teclado de novo, digitou a senha que ele sempre usava: 1MARISSA1!

Deu certo, ela entrou...

Era um vídeo, pausado e pronto para ser visto, de Butch sentado naquela mesa com a câmera filmando de um ponto por trás de sua cabeça.

Apertando a seta de play, acionou o mecanismo e assistiu a seu companheiro olhar fixamente aquela chave com a fita vermelha. Não havia som, então não ouvia nada, mas imaginava o ruído que a coisa fazia a cada queda em cima do mata-borrão.

Um jovem macho entrou na sala.

Devia ser um dos alunos.

E os dois começaram a conversar. Claramente foi uma entrevista a respeito do programa de treinamento... e não parecia estar indo bem, pela cara do outro macho.

Quando Butch ergueu a chave, ficou óbvio que estavam falando dela.

Hora de ouvir, pensou mexendo em vários botões. Depois de várias tentativas, descobriu que era preciso aumentar o som direto nas caixinhas, e ainda assim, não conseguiu nada. Levou uma eternidade da porra até descobrir que alguém tinha desconectado as caixinhas da CPU por algum motivo.

—... como é? — o macho perguntou.

Endireitando-se, concentrou-se na cabeça de Butch, e ele levou um tempo para responder à pergunta.

— Depende de como e há quanto tempo ocorreu a morte. A coisa recente... especialmente se foi violenta... pode ser nojenta.

— Do que está falando? — ela disse em voz alta.

— Partes do corpo não gostam de ser cortadas, esfaqueadas ou decepadas em pedaços e expressam esta raiva vazando a porra toda. Jesus, somos feitos de algo como setenta por cento de água? E vemos que é absolutamente verdade ao chegarmos a uma cena recente de morte. Poças de sangue. Pingos. Salpicos. Então as roupas manchadas, tapetes, lençóis, paredes, chão... ou se é externo, o terreno, o concreto, o asfalto. E há o cheiro...

— Santo... Deus — pensou ao ser tomada por uma onda de tristeza.

Butch continuou.

— Em casos mais antigos... o cheiro é pior do que a sujeira. Afogamentos com os corpos inchados são feios de ver... e quando aqueles gases que fazem os corpos flutuarem são expelidos? O fedor é capaz de te derrubar. E eu também não era muito fã de incêndios — outra pausa. — Quer saber o que eu mais odiava? — moveu a cabeça. — Os cabelos. Os cabelos... Deus, a porra dos cabelos, especialmente quando eram de mulher. Emplastrados de sangue, sujeira, pedras... embaraçados e retorcidos... espalhados em cima da pele cinzenta. Quando não consigo dormir a noite, é o que vejo. Vejo os cabelos — ele começou a esfregar as mãos juntas. — A gente tinha de usar umas luvas, sabe... para não deixar impressões digitais nem nada, nem deixar nada de nós mesmos para trás. No início usavam látex, mais tarde passaram a usar nitrilo. E às vezes, quando manuseando um corpo, os cabelos se enroscavam nas luvas... e era como se quisesse entrar em mim. Tipo... como se desse para se infectar com morte por homicídio de alguma forma — Butch meneou a cabeça. — Aquelas luvas eram finas pra caralho. Não funcionavam.

O aluno franziu o cenho.

— Então por que usavam?

— Não, não, funcionavam com as impressões digitais, sabe? Mas eu deixava algo de mim mesmo naqueles cadáveres. Cada um deles... ficava com um pedaço meu.

Marissa desligou o som. Parou o vídeo.

Colocou a cabeça entre as mãos.

— Estará nova em folha ao amanhecer.

Quando a Dra. Jane entregou um espelho, Paradise preparou-se para seu reflexo... mas na verdade não estava tão mal.

— Quantos pontos?

— Doze. Mas vai não vai ficar nenhuma cicatriz.

Erguendo a mão, tocou a área sob a fileira de pequenos nós perto de sua sobrancelha.

— Eu sangrei tanto, teria jurado que precisaria de centenas.

A Dra. Jane colocou um pequeno curativo sobre seu trabalho e então se ouviu o som das luvas de exame sendo retiradas ecoando no quarto azulejado.

— Esta área é muito vascularizada. Vai precisar se alimentar logo... não é uma emergência, mas perdeu um pouco de sangue e vocês têm dado tão duro aqui.

Ou, no caso dela, perdendo muito a concentração e fazendo papel de idiota.

— Pode esperar o ônibus para levá-la de volta, ou se não quiser viajar posso pedir a um dos *doggen* para levá-la para um local seguro para se desmaterializar.

Abaixando o espelho, Paradise tentou imaginar a cara do pai quando visse seu rosto.

— Posso ficar aqui hoje? Não posso... não quero ir para casa assim.

A companheira de V sorriu, seus olhos verde-floresta gentis ao passar uma mão pelos curtos cabelos louros.

— Eu estava pensando o mesmo, na verdade... mas não posso fazer ninguém ficar aqui a menos que seja clinicamente necessário. E no seu caso, não é. Mas só, talvez... seja mais fácil para seu pai.

— Então tudo bem se eu ligar para ele do meu celular?

— Claro. Se não conseguir sinal (às vezes não tem) há uma linha fixa na cafeteria que pode usar.

— Muito obrigada — disse ao abaixar as pernas da cama. — Não senti nada enquanto dava os pontos.

— Você está indo muito bem, Paradise. Todo mundo está orgulhoso de você.

— Obrigada.

Ela abaixou o olhar ao colocar os pés no chão e fez uma careta. Havia gotas de sangue em seus tênis... que não era grande coisa, contanto que não o usasse perto do pai.

Sim, definitivamente era melhor que ficasse aqui, pensou ao sair para o corredor.

Não foi até passar pelo hall e empurrar a porta para a sala de recreação que se deu conta...

Ela e Craeg estariam sob o mesmo teto.

O dia inteiro.

Quando seu corpo fez os cálculos e chegou a uma resposta totalmente direta, descobriu que, inferno, se tinha de se recuperar de uma agulha e uma esteira, bem que podia tirar vantagem de alguém a beijando para fazê-la sentir-se melhor.

Mmmmm.

Aproximando-se de onde tinha deixado a bolsa no chão com algumas das outras bolsas, pegou-a e colocou sobre a mesa mais próxima. Abrindo o zíper, remexeu por dentro em busca de seu celular. Não encontrou.

Franzindo o cenho, virou a Bally e derrubou tudo. Ao remexer pelos pacotes de lenços de papel, sua carteira, maquiagens aleatórias, seu Kindle, uns trocados, protetor labial e outras coisas, sabia que tinha de ser mais organizada. Está bem, onde estava...

Seu celular *não* estava lá.

Que inferno? Teria deixado-o em casa? Podia jurar ter colocado com o resto de suas coisas.

Virando a aba aberta da bolsa para si, pescou ao redor do interior vazio e então puxou o zíper do bolso frontal só para ver que porcaria inútil...

O celular estava lá.

Franzindo o cenho, olhou ao redor do ambiente vazio sem motivo algum aparente. O problema era que jamais colocava a maldita coisa ali — sempre estava com pressa demais para ficar abrindo aquele zíper. Além disto, tinha esta paranoia de que se esqueceria de fechar aquele bolso externo e acabaria perdendo o celular.

Nunca tinha colocado o celular ali.

Alguém tinha mexido nas suas coisas?

Um a um, verificou os itens na mesa. Ao que parecia nada faltava, embora não fosse como se ela soubesse detalhadamente tudo que havia na sua bolsa. E quando verificou, a carteira, seus documentos, cartões de crédito e dinheiro ainda estavam ali.

Bem, se pegaram alguma coisa não valia mais do que dois centavos.

Ao guardar as coisas de volta na bolsa engoliu uma carga de medo, mas o que ia fazer? Iria até os Irmãos para dizer algo como “Oh, meu celular mudou de bolso aqui e...”

É... Até parece.

Sem barras de sinal em seu aparelho, foi até o telefone fixo que ficava na parede perto da geladeira de vidro cheia de Gatorades, Coca-cola e sucos variados. Ao erguer o receptor, o tom de discagem era como na casa de audiência, então digitou 9 para uma ligação externa e discou o número do pai.

Fedricah atendeu e em voz alegre disse ao mordomo que ia passar o dia no centro de treinamento por que estava trabalhando em algo para nota extra. Ela também garantiu que não estaria sozinha.

E era verdade. Não estaria sozinha... não se dependesse dela.

Craeg ia cuidar dela.

— Está doendo?

Ao desligar, olhou para a porta. Craeg estava em pé apoiado no batente, o peito nu brilhando, os peitorais e abdômen definido delineados sob as luzes do teto.

Abaixando as pálpebras, devorou a visão do corpo dele... e pensou na verdade que tinha uma dor súbita.

— Olá? — ele perguntou.

— Vou ficar aqui hoje.

Quando ele empalideceu e estreitou o olhar, ela entregou o celular para ele.

— Sem sinal. Sem serviço. Acho que vamos ter de descobrir um jeito de passar o tempo até as sete, não vamos?

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Na garagem do centro de treinamento, Butch acompanhou os quatro alunos que iriam embora até o ônibus, garantindo que todos partissem em segurança. Então entrou de novo e percorreu o longo corredor na direção do escritório em um passo lento. Não fazia ideia de onde estava Marissa, mas esperava quando voltasse à superfície da mansão, que ela tivesse ligado de volta, enviado alguma mensagem de texto, algo assim.

Ele tinha deixado o telefone na mesa da sala de jantar da mansão por engano. Mas talvez tivesse sido bom. Quase enlouqueceu de tanto verificar o aparelho na Primeira Refeição.

Serpenteando o saguão vazio na direção do escritório, estava agudamente consciente de estar essencialmente sozinho na instalação: V e Tohr já tinham voltado para a casa com a Dra. Jane, Manny e Ehlena para se aprontarem para a Última Refeição e igualmente todos os *doggen* estavam trabalhando na grande cozinha de Fritz. E Paradise, Craeg e Axe estavam comendo na cafeteria.

Santo Deus, e se Marissa tivesse ido embora do Pit? pensou ele.

Oh, porra, o que ele ia fazer se...

Ao abrir a porta de vidro, congelou.

— Oi — sua *shellan* disse por de trás da mesa.

Ela estava tão linda sentada lá com suas roupas de escritório e os cabelos louros soltos. Cara, ele amava aquelas ondas caindo em seus ombros como algo saído de *Guerra dos Tronos*, e aquela blusa de seda com seu suave tom de rosa destacava sua pele como se estivesse em um anúncio de revista para Estée Lauder.

— Vi que me ligou. Recebi suas mensagens — disse ela vindo em sua direção.

Terminando de entrar no escritório, deixou a porta se fechar sozinha e não teve muita certeza se devia sentar em uma cadeira. Andar. Cair de joelhos e começar a pedir perdão.

— Sinto muito...

— Sinto muito...

Ambos ficaram quietos. E o silêncio que veio a seguir foi um período no qual ambos esperavam o outro falar.

— Ouça, eu devia ter te contato sobre Xhex — disse ele direto ao ponto. — Não contei por que eu só... foi antes de você e eu ficarmos juntos pra valer. Uma noite eu a encontrei no clube de Rehv... foi só aquela noite e não significou nada nem pra mim, nem pra ela. Não fazia ideia de que ela ia acabar vivendo com a gente, e na época ela era só mais uma coisa que eu estava deixando pra trás, sabe?

— Eu sei. Entendi.

Ele esperou que ela dissesse mais, mas quando tudo o que fez foi olhar para suas mãos, ele franziu o cenho e sentou-se na cadeira oposta a ela.

— Tem certeza disto?

— Sim.

Butch meneou a cabeça diante do contínuo silêncio.

— Sei que não sou perfeito, mas se você honestamente pensar que sinto algo por ela quando tenho você, vou ficar muito puto.

— Não, eu sei que não.

E ainda assim, ela não disse nada. No vazio, enquanto tentava convencer a si mesmo a não perder o controle, lembrou de Xhex e ele cumprimentando-se e fazendo piadas sobre como ele lhe devia a vida por ela o ter salvado em uma briga no beco com uns *lessers*.

— Ela é um dos caras, pelo amor de Deus.

— Eu sei.

Levantando uma mão, esfregou o olho que formigava.

— Sabe mesmo?

Jesus, qual o problema deles? Conversar era sempre tão fácil, tipo respirar. Agora... tudo era silêncio.

— Basta dizer — murmurou ele. — Seja o que for, não importa se me magoar, diga... só não me deixe sentado aqui me perguntando que caralho está pensando. Minha cabeça parece que vai explodir.

— Por que não me contou a respeito dos cabelos? — ela disse apressadamente.

Butch ergueu a cabeça.

— O que?

— Eu vi a entrevista. Com o aluno — apontou para o monitor do computador. — Assisti parte dela. A parte onde você dizia a um completo estranho algo que nunca compartilhou comigo.

— A entrevista...? Oh. Aquilo.

— Sim, aquilo.

Butch voltou a esfregar o olho.

— Aquilo não era importante.

— É, acho que me peguei perguntando a mim mesma quantas outras coisas você decidiu não serem importantes? Digo, o que mais eu não sei a seu respeito? Depois de tanto tempo juntos, eu achava que sabia tudo... pensava... — engasgou um pouco, mas conseguiu continuar. — O que mais eu não sei, Butch?

Quando ele olhou para o outro lado da mesa direto em seus olhos, uma sensação de inquietação desceu por sua espinha. Ela o encarava como se não o conhecesse.

— Marissa...

— Ver aquela garota abusada no sofá da sala de estar do Lugar Seguro me arruinou completamente. Toda aquela... violência feia, o sofrimento, a dor vista de perto, o jeito que ela olhou para mim implorando com os olhos — os ombros estreitos de Marissa tremeram. — Eu não te disse isto por que tive medo de desencadear lembranças de sua irmã. Não falei com você por que não queria perturbá-lo. Aí está. Eu disse. Não me deixa feliz e realmente não faz eu me sentir melhor... mas é isto que estava escondendo de você. Oh isto, e ver meu irmão de novo partiu meu coração ao meio, acabou comigo. Fez com que eu sentisse falta de partes de minha vida antiga, o que me fez sentir como se estivesse te traindo — ela ergueu as mãos. — Isto é tudo. Então o que você está escondendo?

Quando ele ia abrir a boca, ela o interrompeu.

— Antes de falar, saiba bem que eu te amo. Amo você com tudo o que tenho e tudo o que sou. Mas se não for sincero comigo, vou voltar para o Pit, fazer as malas e me mudar para o Lugar Seguro por um tempo — ela sustentou seu olhar com olhos imperturbáveis. — Você e eu não vamos sobreviver a longo prazo, apesar do amor ou de nosso vínculo, se continuar a me manter fora de suas coisas. Se eu continuar a

te manter fora das minhas coisas. Não é uma boa estratégia para nós... e se isto faz você se sentir pressionado? Como se eu estivesse lhe dando um ultimato? Não me importo. Se alguma coisa for se interpor em nossa relação, *qualquer coisa*, vou destruir a merda toda... mesmo se esta coisa for você.

Butch percebeu que tinha parado de respirar só por que seus pulmões começaram a arder... e inflá-los com uma inalação entrecortada fez pouco para melhorar a sensação de sufocamento.

Marissa meneou a cabeça com gravidade.

— Não se trata de você ter estado ou não com Xhex. É sobre o fato de você não achar que eu poderia lidar com o conhecimento deste fato. Não é? Você não quis machucar meus sentimentos e isto é nobre, mas não diga que o que aconteceu entre vocês dois não foi importante. Isto é uma desculpa esfarrapada — ela meneou a cabeça com tristeza. — Aquela coisa toda do clube do sexo é a mesma coisa. Assim como a sua reação com sexo oral... que você também se recusa a discutir comigo. Resumindo, você tem uma opinião muito lisonjeira, mas muito limitada de mim. Quer cuidar de mim, mas me coloca em uma prisão... e sem querer ofendê-lo, cresci com a *glymera* me dizendo o que eu podia ou não fazer, além de quem eu era. Não vou mais aguentar isto.

Deus... ele se sentia como se tivesse levado um tiro. E não por que sentisse alguma dor. Era mais como a sensação de ser invadido pelo frio quando seu sangue vazava por todo o lugar. Mesma sensação de tontura e desassociação da realidade.

— Então o que vai ser, Butch? — disse ela suavemente. — O que vai fazer?

Quando ficou em silêncio, Marissa honestamente não fazia ideia de onde seu *hellren* estava, o que estava pensando, se tinha ao menos ouvido uma palavra do que disse. E isto era estranho: seu coração não estava nem martelando e suas mãos não estavam suando... o que, considerando a encruzilhada a qual tinham chegado, não era uma surpresa.

Mas também, disse sua fala com tanta calma e gentileza quanto era possível. Agora era a vez dele; o futuro deles estava só nas mãos dele, de tantas maneiras.

Quando ele mudou a posição na cadeira, ela preparou-se para vê-lo sair, mas só o que ele fez foi colocar os cotovelos nos joelhos e esfregar aquela sombra de barba em seu queixo. A outra mão segurava a cruz de ouro gigante que usava pra fora da camiseta preta.

Está bem, espere, agora as mãos dela estavam suando um pouco.

— Eu, ah... — pigarreou ele. — Isso é muito para assimilar.

— Sinto muito.

— Não sinta.

— Tudo bem.

Por algum motivo, o suave ruído do computador ficou muito alto, como se seus ouvidos estivessem tentando tanto detectar qualquer som que seu macho fizesse que amplificavam tudo o mais.

Ele pigarreou de novo.

— Não sabia que eu era tão ruim nisto.

— No que?

— Em nossa relação.

— Eu ainda te amo. Ainda te desejo. Você ainda não fracassou... e sou parte do problema. Não é como se eu fosse toda tagarela também.

— Não tenho muita certeza disto. A parte da sua culpa, digo.

Agora ela sentou-se na beirada da cadeira também e estendeu um braço através da mesa, mesmo que não pudesse realmente alcançá-lo.... e não é que aquilo era uma boa metáfora?

— Butch, não... por favor, não se martirize sobre isto. Não vai ajudar a nenhum de nós. Converse comigo. Você precisa conversar comigo... é só o que estou dizendo.

— Você está dizendo muito mais do que isto.

Ela ergueu as mãos.

— Eu não preciso ir ao clube se isto for tão horrível pra você. Não tem que gozar na minha boca quando eu te fizer sexo oral se isto realmente não te excita. Só o que estou dizendo é que você precisa me dizer o motivo e precisamos conversar sobre isto... tem de haver outro tipo de comunicação que funcione além de você ficar em silêncio depois de me dizer que é só por que eu sou “uma garota decente e garotas decentes não fazem isto, não podem lidar com isto.”

Butch estalou os dedos das mãos e encostou as pontas nos lábios.

— Eu não te falei sobre os meus pesadelos por que os acho perturbadores demais quando acontecem então a última coisa que quero é falar a respeito quando saem da minha mente. Fico realmente puto da vida por esta merda ainda me atormentar e sinto como... se eu falar sobre ela, vai lhe dar mais poder sobre mim.

Ela pensou sobre sua conversa com a *shellan* de Rhage na noite anterior.

— Tenho quase certeza de que Mary diria o oposto. Que quanto mais você fala a respeito, menos poder ela tem.

— Talvez. Não dá pra saber.

Marissa teve vontade de pressionar, mas recuou. Teve a impressão de que uma porta foi entreaberta, e a última coisa que queria era assustá-lo e fazer fechar a maldita coisa de novo.

— Quanto ao sexo oral... — um rubor recobriu seu rosto. — Tem razão. Não quero falar sobre isto com você por que tenho vergonha de mim mesmo.

— Por quê? — ela sussurrou.

— Por que...

Diga-me, ela pensou na direção dele enquanto ele lutava. Você consegue... *diga*.

Os olhos dele voltaram para ela.

— Olha, não quero que você venha pra cima de mim com algum papo feminista sobre igualdade de posições sobre o que estou a ponto de dizer, está bem? Nem como eu devia aprender a lidar com isto. Estamos claros?

Marissa arqueou as sobrancelhas.

— É claro. Prometo.

— Você quer que eu fale, tudo bem. Mas se vier pra cima de mim com alguma baboseira politicamente correta, não vou aceitar.

Como jamais foi pra cima dele com alguma porcaria politicamente correta, soube que estava delimitando limites por que se sentia vulnerável.

— Prometo.

Ele anuiu como se tivessem fechado um acordo.

— Fui criado católico, certo? E na verdade, *muito verdadeiramente* católico, não católico eventual. E sinto muito... fui ensinado que só prostitutas e vagabundas fazem isto. E você... você é tudo o que eu podia querer em uma fêmea.

Abruptamente, ele abaixou os olhos e não parecia conseguir continuar.

— Por que tem tanta vergonha? — ela sussurrou.

Ele fez uma careta tão intensa que seu rosto inteiro quase desapareceu dentro das sobrancelhas.

— Por que eu...

— Por que você quer que eu vá até o fim?

Tudo o que ele pode fazer foi anuir em concordância. Então a olhou de forma penetrante.

— Por que isto é um alívio pra você?

— Como é?

— Você acabou de soltar o ar como se estivesse aliviada.

Ela começou a sorrir para ele.

— Pensei que você nunca ia me deixar fazer isto... e sempre quis saber como seria.

O rosto de seu *hellren* ficou vermelho intenso. Vermelho. Intenso.

— Eu só... não queria desrespeitá-la. E é isto que minha criação diz que acontece quando você goza na boca de uma garota... que você não gosta dela, que não a ama, que não a respeita. E sim, claro, eu devia ter conversado sobre isto com você, mas não é tão fácil.

Marissa pensou sobre sua batalha com o que sua própria criação tinha deixado dentro dela.

— Cara, eu compreendo isto. Sinto como se devesse parar de ser amarga e insegura sobre meu irmão e meus anos na *glymera*. Mas é como se eu tivesse aprendido bem demais que mexer com fogo queima, sabe?

— Totalmente — ele sorriu um pouco. Então esfregou o rosto. — Estou tão vermelho quanto me sinto?

— Sim. E é adorável.

Ele riu em uma explosão curta... mas então ficou sério. E ficou assim.

— Há outra razão. Bem, com a coisa do clube, há outra razão... mas é loucura. Digo, realmente louco.

— Não tenho medo. Contanto que você esteja falando, não tenho medo de nada, honestamente.

Ela já conseguia sentir a conexão entre eles crescendo... e não o tipo de coisa passageira que se obtinha com alguns orgasmos, mas depois de tudo o que ainda não tinha sido consertado voltava.

Isto era coisa real. Concreta como uma rocha.

Do tipo eu-amava-meu-companheiro-antes-mas-agora-amo-ainda-mais.

E soube que ele estava a ponto de falar da irmã por que o corpo dele inteiro se imobilizou... a ponto de não parecer estar respirando. E então um brilho de lágrimas apareceu naqueles olhos cor de avelã.

Quando ia se levantar para ir até ele, impediu-a abanando a mão no ar.

— Não ouse. Não me toque, não venha aqui. Se quer que eu fale é melhor me dar um pouco de espaço agora.

Marissa lentamente sentou-se de novo na cadeira. E enquanto seu coração martelava por trás das costelas, teve de entreabrir os lábios para continuar respirando.

— Eu sempre fui supersticioso... — disse ele suavemente como se ainda falasse consigo mesmo. — Sabe, uma mente supersticiosa. Eu traçava todo tipo de conexões que não existiam na verdade. É como eu disse para Axe sobre as luvas de exame. Em um nível racional, compreendo que não deixei nenhuma parte de mim naqueles corpos, mas... não sentia isto.

Quando ele silenciou de novo, ela ficou bem onde estava.

— Minha irmã... — pigarreou de novo. E quando finalmente falou de novo, sua voz naturalmente grave estava dura como pedra. — Minha irmã era uma boa pessoa. Nossa família era grande e nem todos eram gentis comigo. Mas ela era.

Mentalmente, Marissa relembrou o que sabia sobre a garota: o desaparecimento, o estupro, o assassinato, o corpo sendo encontrado uma semana depois. Butch foi o último a vê-la.

— Mas ela tinha um outro lado — disse ele. — Ela andava com um bando de... maldição, isto é difícil dizer... mas ela saía com um bocado de garotos, sabe o que quero dizer?

Seu rosto estava pálido agora, os lábios comprimidos, os olhos cor de avelã semicerrados como se revivesse lembranças ruins.

Mas então parou. E quando não disse mais nada, ela teve de preencher as lacunas.

— Você acha que ela foi assassinada — sussurrou Marissa — por que não era uma garota decente. Você acha que talvez se ela não tivesse feito sexo com aqueles garotos, não teria entrado naquele carro, não teriam feito o que fizeram com ela e não teria morrido.

Butch fechou os olhos. Meneou a cabeça uma vez.

— E você odeia a si mesmo por pensar assim por que coloca a culpa nela... e isto é traição. Isto é culpar a vítima... e você jamais, jamais faria isto a ninguém, especialmente não à sua irmã.

Agora ele meneou a cabeça várias vezes. Então secou uma lágrima.

— Posso te abraçar agora? — ela perguntou em uma voz entrecortada. — Por favor.

Quando ele só anuiu, ela correu para ele e o enlaçou com os braços, puxando-o para ela até acabar sentada na mesa e ele deitar em seu colo.

Inclinando-se sobre ele, sentindo o cheiro de seus cabelos e da colônia pós-barba, acariciando aqueles ombros enormes, sentia mais amor do que nunca... de fato, o que estava em seu coração no momento era tão enorme que não sabia como seu corpo conseguia conter tudo.

— Não foi culpa dela — ele disse em voz rouca. — E eu sei disto. O fato de que tenha sequer pensado nisto... é tão foddidamente feio. É tão ruim quanto não ter conseguido salvá-la... sinto como se eu mesmo a tivesse colocado naquele carro. Jesus, acreditar que as ações dela foram a causa? — Butch sentou-se. — Minha cabeça fica toda fodida neste assunto... se eu tivesse uma filha, e Deus não permita — fez um rápido sinal da cruz sobre o coração — e algo acontecesse a ela, e alguém tentasse culpá-la por usar saia curta ou por ter tomado uma bebida, ou setenta e cinco, ou ter consentido com a relação sexual e depois mudado de ideia? Faz ideia do que eu faria com o misógino cuzão?

— Você o mataria do jeito que mataria quem a machucou.

— Pode ter certeza que sim. Porra. Claro — ele fez um movimento circular com a cabeça. — Mas então aquela velha fita toca e de vez em quando cospe aquele pensamento fodido... e me sinto tão culpado por tê-lo que dá vontade de vomitar. De fato, neste momento estou de olho na lixeira calculando se consigo chegar nela a tempo.

Quando os olhos dele se desviaram para o lado, desejou que Mary estivesse no escritório com ela. Achava que era por isto que pessoas faziam terapia... quando a barreira se quebrava assim, era melhor ter um profissional capacitado por perto.

— E a propósito — ele completou. — Tenho orgulho de minha religião. A igreja não é perfeita, mas também não sou... e ela trouxe muita coisa boa pra minha vida. Sem minha fé, mesmo com você, eu seria uma casca do que poderia ser.

— Entendo totalmente e meu sistema de crença não é muito diferente para mim — depois de um período de silêncio, Marissa tomou suas duas mãos. — Se eu for ao clube de sexo amanhã à noite, vai pensar menos de mim?

— Deus, não.

Ele anuiu.

— E assumindo que você algum dia se sinta confortável com isto, se eu fizer você gozar na minha boca vai me achar inferior?

Ele riu em uma explosão curta.

— Eu provavelmente iria te admirar ainda mais.

— Ainda vai achar que sou uma garota decente?

— Sabe... na verdade sim — ele parecia aliviado. — É, digo, jamais pensei sobre isto... mas eu absolutamente ainda vou te amar.

— Então está pronto para superar o velho pensamento a meu respeito, certo?

— Sim. Estou.

— Tipo, você teve um pensamento, considerou e o colocou de lado, certo?

— É — ele exalou. — É, é exatamente o que estou fazendo.

— Então... por que não pode fazer o mesmo pela sua irmã? Ter o velho pensamento. Considerar contra tudo o que sabe sobre ela e do jeito que estava, e desfolhe cada camada até o núcleo de sua crença de que a culpa nunca é da vítima, não importa o que ela esteja vestindo ou algo assim... e aposto que vai rejeitar a ideia de que sua irmã contribuiu de qualquer forma com este crime horrível e indesculpável contra uma garota inocente. Aposto que vai chegar a esta conclusão sozinho e provavelmente nunca mais vai afundar nesta parte da dor.

Ele piscou com força uma vez. Duas.

— Esqueça o sexo oral — disse ele.

— Como é?

Butch a encarava com completa devoção, era como se ela tivesse depositado o mundo a seus pés.

— Acho que acabei de me apaixonar ainda mais por você. E não acho... não conseguia imaginar que isto poderia ser possível.

Para confirmar isto, sua essência de vinculação se tornou um rugido no escritório, e seus olhos cor de avelã ficaram tão cheios de emoção e reverência que ela se sentiu um pouco zonha.

Tomando seu rosto nas mãos, ela o beijou.

— Isto é tão melhor do que antes.

— Antes de que?

— Se é para ser colocada em um pedestal — pressionou a boca na dele de novo — quero estar lá como sua companheira perfeita, não por você pensar que sou uma perfeita garota decente.

Seu *hellren* começou a sorrir.

— Isso você já tem. E você tem a mim.

Quando ele a beijou de novo, ela pensou sobre o que significavam finais felizes e decidiu que o amor verdadeiro não significava sem esforço, e que para sempre não era controle de velocidade. Começava com a atração, e então abria o coração e a alma... mas tudo isso, que não eram coisas pequenas, só te levavam à primeira base.

Havia muitas, muitas outras viagens para chegar aos níveis mais profundos de maior aceitação e compreensão.

Era lá que você encontrava a felicidade. E o para sempre era o trabalho que você sempre tinha de ter para se manter perto, aprender e crescer quando junto de outra pessoa.

— Eu amo você — disse ele ao enlaçá-la com os braços. — *Deus, eu te amo*.

Inclinando-se um pouco para o lado, ela sorriu e traçou a ponta dos dedos sobre o rosto dele. Quis dizer aquelas palavras sagradas de volta para ele, mas de alguma forma não pareciam nem de longe suficientes.

Então disse uma coisa que significaria ainda mais para ele.

— Oh, querido... vai, Sox!

Jogando a cabeça para trás, Butch riu tão forte que o som ecoou na porta de vidro do escritório. E enquanto sorria de volta para ele, ela pensou. É, *eu te amo* podia ser dito de várias formas diferentes, não podia?

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Era incrível como uma televisão podia transformar qualquer coisa em uma sala apropriada.

Não que Craeg estivesse assistindo as reprises do *The Big Bang Theory* que passavam. Ainda assim, ficava feliz por um *doggen* ter entrado e colocado a coisa no canto do quarto por que sem aquele agradável ruído de fundo? Estar sentado no mesmo local tanto que Axe estava quanto Paradise o teria deixado completamente maluco.

Ele precisava de algo, qualquer coisa, que mantivesse seu pensamento longe dela.

Naturalmente, enquanto olhava o leque de cartas em sua mão, não fazia ideia do que estava vendo. Do outro lado da mesa, no entanto, Axe não tinha aquele problema... era por isso que depois de tantas partidas do jogo de cartas devia ao bastardo cinquenta pratas.

— Bem, acho que vou para a cama — Paradise disse do sofá.

Certo. Era incrível como quando uma determinada fêmea dizia uma certa combinação de palavras, garantia uma puta ereção.

Então sim, precisou subitamente reajustar sua posição debaixo da mesa — antes que a circulação em sua artéria femoral fosse completamente cortada por sua ereção.

Enquanto isto, Paradise se esticou de sua posição enrodilhada e Craeg teve um puta trabalho em não olhar na direção dela. Pelo menos não *diretamente*: sua visão periférica seguia cada passo que ela dava ao atravessar o chão azulejado até a porta, e particularmente reparou o jeito que se curvou em uma das tres mesas redondas para pegar sua sacola.

— Bom dia — murmurou Axe enquanto embaralhava as cartas.

Craeg grunhiu.

Quando a porta se fechou silenciosamente, ele se perguntou exatamente quanto tempo tinha de esperar até poder sair...

— Pode ir agora — disse Axe com um sorriso afetado. — Eu gosto de jogar paciência... e tem uns filmes pornôns que quero ver. O que não deixa de ser uma outra forma de jogar paciência.

— Não estou tão cansado.

— É. Eu sei — o cara riu. — E olha, faça-me o favor... não subestime minha inteligência tentando fingir. Depois do show que deu na sala de exercícios, acha que sou estúpido?

— Não estou ficando com ela.

— Então você é um idiota.

— Não é para isto que estou aqui — e mesmo ao dizer isto, abaixou suas cartas e colocou-as de cara para baixo na pilha. — Te devo cinquenta.

— Quarenta e cinco. Mas você ia perder esta mão.

— Provavelmente. Quer agora?

— Pode pagar depois.

Ao se levantar, Craeg olhou para os alargadores que o macho tinha nos buracos em seu rosto e orelhas... e subitamente se perguntou exatamente quanto mais de metal o cara tinha em lugares escondidos.

— Doeu para fazer todos estes piercings?

— Sim, em parte é por isto que os coloquei. Melhora o sexo.

— As tatuagens também?

— Sim.

— Uh. Vá entender. Sabe, você é mais esperto do que achei que fosse. Joga bem também.

— Não é por que gosto de tinta e metal que eu seria idiota.

— Eu sou uma pessoa conservadora, o que posso dizer?

Ele estava na porta quando Axe falou.

— Pensei que você fosse um cuzão afetado.

Craeg franziu o cenho e olhou por cima do ombro.

— Baseado no que?

— Você é o equivalente vampírico a um caipira. Pensei que não houvesse nada admirável em você exceto seu tamanho... e francamente, é por isto que eles fazem aqueles caminhões Mack.

— E agora?

— Ainda acho que você é um cuzão afetado — o gótico sorriu um pouco. — Mas descobri que isto não me incomoda. Vá entender, como você disse. Além disto, nossos pais...

Quando o cara deixou aquilo em suspenso, Craeg ficou feliz.

— É. De qualquer forma, tenha um bom dia.

— Divirtam-se, crianças.

— Isto não vai acontecer.

— É o que você diz.

Craeg saiu para o corredor e olhou ao redor. Tudo estava em silêncio, a proverbial costa estava limpa e ainda assim, ficou onde estava. Mais à esquerda, havia cinco quartos pequenos. O dele era o primeiro. O de Axe em seguida. E o de Paradise...

Bem, três era um número de sorte, não era?

Mas não foi até lá de imediato. Mesmo sendo tão romântico quanto uma pedra, de alguma forma acabou indo para o chuveiro, limpando seu corpo como se fosse encontrar a Virgem Escriba pessoalmente. E então fez a barba. E foi até mesmo para a sacola que deixara quando chegara ali na noite anterior e colocara as roupas no chão.

Estavam limpas. Por isto.

Calças jeans. Esgarçadas. Camisetas. Inteiras. Seu boné do Syracuse Orange.

Praguejando, escolheu um par das calças folgadas do uniforme e uma camiseta limpa Hanes. Permaneceu descalço e rezou, *rezou*, para não ser pego andando para o quarto dela na ponta dos pés.

Saiu pela porta. Outra olhada para os dois lados para ver se não tinha ninguém por ali. E então deu uma de Linda Hamilton em *O Exterminador do Futuro 2* ao se esgueirar na ponta dos pés pelo chão de concreto tentando não fazer nenhum som. Ao chegar ao quarto de Paradise, bateu levemente.

— Entre — disse ela em uma voz alta e levemente estressada.

Ele não enfiou a cabeça pela porta. Não. Seu corpo inteiro avançou e forçou a porta a se fechar atrás dele.

— Que bom — disse ela com uma risada —, eu estava preocupada... deixa pra lá.

A única luz vinha do banheiro e ela tinha fechado a porta do cômodo quase totalmente: estava sentada em escuridão quase completa, usando um roupão branco amarrado à sua cintura... e nada mais.

Uau. Pernas. Um monte de... panturrilhas, coxas...

Ao vê-lo cambalear de desejo, ela disse.

— Tomou banho também?

Ele anuiu. Por que aparentemente tinha deixado a voz no corredor.

— Você quer vir aqui?

Ele anuiu de novo.

A próxima coisa que viu, era que estava na frente dela. E então se ajoelhou. Colocou as mãos trêmulas nas pernas dela e tocou a área debaixo da barra do roupão. A pele dela era tão suave quanto se lembrava.

Abaixando a cabeça, correu os lábios pra frente e pra trás em cima de um dos joelhos.

Oh, caralho. O que precisava fazer era recuar, beijá-la por um tempo, acalmar seu desejo... tratá-la bem com as mãos... e então sair correndo dali.

Aquilo não ia acontecer *mesmo*.

As mãos dele acariciaram as laterais de suas coxas, então subiram... levando o roupão com elas. Quando expôs aquela pele, viu-a estremecer e as mãos dela apertaram contra os lençóis.

— Está com medo? — perguntou. Por que tinha de ter certeza.

— Não — ela sussurrou.

— Sabe o que vou fazer com você agora?

— Não...

Ele anuiu, mantendo os lábios no joelho dela de forma a acariciá-la com eles.

— Abra as pernas para mim..

O tremor se intensificou quando ela obedeceu, expondo uma calcinha de algodão perfeitamente singela que quase o fez gozar dentro das calças.

E seu cheiro o deixou louco.

— Não vou te machucar — disse em voz gutural.

— Eu sei. Confio em você.

Craeg posicionou-se entre os joelhos dela e aproveitou seu tempo, acariciando, deslizando a língua sobre sua coxa, correndo as presas pra cima e pra baixo.

— Coloque as mãos em meus cabelos — disse a ela. — Me guie. Sabe onde quer que eu esteja. Me mostre.

Seu toque foi hesitante de início, apenas uma suave carícia nos cabelos curtos.

— É tão macio — ela sussurrou.

— Você que é.

Suas mãos estavam agora nos quadris dela e apertou os ossos, gostando da sensação deles contra suas mãos. E então, por um momento, perdeu o fio do pensamento por que foi atingido por uma necessidade incontrolável de penetrá-la.

Mas isto não iria acontecer.

Subitamente ela começou a puxá-lo e seguiu sua urgência, acariciando-a com os lábios, preparando-a para o que estava por vir. E então estava sobre aquela calcinha. Erguendo o olhar, não conseguiu vê-la adequadamente com o roupão todo embolado ao redor de sua cintura, então soltou a faixa e afastou as

lapelas. Ela estava usando um pequeno top branco sem sutiã... então os mamilos enrijecidos jogavam sombras mesmo sob a luz escassa.

Gemendo, respirou fundo e encostou os lábios no núcleo dela, sugando o algodão, umedecendo-o.

As mãos dela agarraram seus cabelos... o toque tímido sumiu, agora era uma exigência e isto significava que era hora de uma mudança de posição. Movendo-se rápido, explodindo do chão para cima, certificou-se de que a porta estava trancada com a mente, e então colocou as pernas dela sobre a cama, separou suas coxas e voltou ao que estava fazendo, beijando, puxando os joelhos mais para cima e mais separados para que tivesse melhor acesso.

Arfando. Ela estava arfando e esfregando-se contra o rosto dele, as mãos puxando-o forte, o corpo entregando-se a ele com um abandono que era chocante e extremamente excitante. Com um grunhido, puxou seu top e espalmou aqueles seios espetaculares... enquanto ela arqueava no colchão, estava *tão* pronto para tirar aquela fodida calcinha do caminho.

Mas primeiro, um pouquinho mais de provocação.

Erguendo o olhar para ela, pôde sentir as lembranças sendo gravadas em sua cabeça, os sons e cheiros, os ofegos e arquejos, a pura beleza dela.

Paradise.

Era muito mais do que ela esperava.

Quando as mãos de Paradise afundavam ainda mais fundo nos cabelos de Craondulava em uma onda de prazer de alta-voltagem que exalava de seu corpo e a prendia em seu corpo ao mesmo tempo. A sensação de fricção, esfregação, o calor em seu núcleo era diferente de tudo o que jamais conheceu... e ainda tecnicamente estava com sua...

Não.

Com um movimento brusco, ele rasgou um dos lados e então o outro... e sua calcinha não estava mais lá.

E então as sensações foram quentes e úmidas, nada separando os lábios dele de seu sexo.

Graças ao que fizeram na noite anterior sabia o que estava vindo, então quando o orgasmo chegou, ela se entregou aceitando a pressão que bombeava, entrando em espasmos contra o colchão, jogando o travesseiro para o chão.

Quando finalmente voltou dos crescentes e brilhantes picos da liberação, ela o viu se erguer do meio de suas pernas.

— Tome-me — ela pediu. — Agora.

Segurando o top dela, ele puxou por cima da cabeça de forma que ficou deitada nua e esticada na frente de seu corpo enorme, sua ereção incrível, seu poder mal contido. E ainda assim ele hesitou, mesmo que a fome em seu rosto o fizesse parecer um demônio.

— Craeg... — levando as mãos aos seios, acariciou-se e arqueou para cima, a chama já voltando a seu sexo, o desespero, o doce sufocamento voltando dez vezes mais forte.

Tudo o que ele fez foi sentar de novo nos calcanhares, colocando a mão nas coxas e abaixar a cabeça.

— Craeg?

— Não... — grunhiu ele. — Não posso.

— O que...?

— Não vou fazer sexo com você.

Espere, huh? Pensou ela.

Quando ele não disse mais nada, ela se ergueu nos cotovelos e puxou a camisa de volta para cima dos seios.

— Por que não?

— Não... vai acontecer.

— Qual o problema? O que eu fiz?

— Oh, porra, é que... não, você foi bem demais... você é...

— Craeg, você precisa parar com isto.

Chega, ela pensou estendendo a mão para tocá-lo. Quando correu a mão pelo braço dele, sentiu os cordões de músculos e soube que ele estava lutando para se conter.

— Tire isto — disse segurando a barra da camiseta dele.

Ela esperava que ele discutisse. Mas não. Seus braços relaxaram e a deixou tirar a camiseta, e então... Deus, ele era bonito, a pele suave e sem pelos esticava-se sobre tamanho poder... e quando correu as mãos por cima de sua pele ele permitiu, a cabeça caiu para trás, os músculos do pescoço e ombros se contraíram.

E então a deixou chocada.

— Tome minha veia — disse ele asperamente. — Se não posso tê-la... tome minha veia...

Da mesma forma que o sexo oral, aconteceu tão rápido, suas presas alongaram, seus olhos fixaram na jugular com uma seriedade que ela jamais sentiu antes.

Com um silvo, inclinou e atacou, penetrando profundamente, devorando-o com uma ânsia a qual ele se submeteu completamente. Arrastando-o para o lado, deitou-o embaixo de si e montou em seu abdômen

como se ele fosse sua presa, sugando-o, seu sabor rugindo garganta abaixo, preenchendo-a de dentro pra fora de um jeito que comida e descanso jamais conseguiria.

Estava vagamente ciente dele esticando os braços para agarrar a cabeceira da cama, arqueando o torso na direção dela, gemendo quando os quadris bombeavam e as coxas contraíam. Ele estava gozando e então ela também, e tudo ficou superlouco, super-rápido, enquanto ela movia a pélvis e sentia aquela extensão rija bem onde a desejava.

Mas quando tentou alcançar a ereção dele, quando tentou tirar suas calças, ele afastou suas mãos e as manteve em um aperto de aço. E quando ela protestou, quando lutou com ele, o mundo girou e estava deitada de costas de novo.

Sangue escorria pelo pescoço dele e de seu peito onde ela o tinha perfurado, mas ele não se importou.

As mãos dele foram para a frente dos quadris e ele libertou sua excitação abaixando o zíper da calça.

Os olhos de Paradise reviraram nas órbitas, mas ele os forçou a se focarem por que queria vê-lo.

Envolvendo a grande ereção com a mão, ele começou a se acariciar. Não via o que estava fazendo; os olhos estavam fixos nos dela. E apesar do calor entre eles, havia algo intrinsecamente remoto em sua expressão.

Ele não ia tomá-la, ela pensou.

Só que sua confusão e decepção foi arquivada quando ele arqueou o corpo e começou a gozar sobre o sexo dela.

Ele podia não querer tomar seu corpo completamente.

Mas estava marcando-a com tudo o que estava fazendo.

Abrindo ainda mais as pernas, expôs-se completamente e o deixou se torturar no que fazia, a liberação dele recobrando seu núcleo, atingindo-a em jatos quentes que a acariciavam.

Ela podia ser virgem... mas sabia no fundo de sua alma que essa era uma batalha que ele ia perder.

Talvez não esta noite, mas logo ele ia voltar atrás e então faria amor com ela.

E mal podia esperar.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Duas noites mais tarde, Butch finalmente teve uma folga para levar sua *shellan* ao clube de sexo.

É, ele nunca achou que sairia para um encontro destes.

Enquanto esperava por ela no saguão da mansão, andou em círculos e sentiu como se estivesse usando uma fantasia de Halloween. As calças de couro pretas tudo bem; a camiseta sem mangas idem. O resto da merda é que era...

Que *caralho* ele estava usando?

Tirando apressadamente o sobretudo preto, viu uma porção de couro preto, pele e seda. A coisa era enorme e mesmo assim mal encostava no chão por que ele usava um par de sapatos plataforma que o tornavam mais alto do que Wrath.

Da New Rocks?

Axe os emprestou e tinha fivelas dos dedos até um pouco abaixo dos joelhos. Também pesava vinte quilos, mas eram surpreendentemente estáveis e confortáveis.

E também tinha a máscara. A coisa era uma placa frontal feita de metal fino e plástico, e quando a colocava e aplicava o adesivo adequado, cobria seu rosto inteiro com um horror esquelético cinza-e-preto que se movia quando ele falava.

Sim, era noite de máscara no Poke 'n' Play, e tudo o que não queria era se destacar na multidão.

Tirou seu telefone e viu que horas eram. Marissa foi para o Pit com as garotas para se preparar... e os dois iam na frente para o clube juntos enquanto Axe seria levado separadamente direto do centro de treinamento.

Andando em círculos sobre a macieira de mosaico, estava surpreso por estar prestes a levar Marissa com ele para este lugar estranho. Mas depois da conversa que ele e sua *shellan* tiveram, era como se algo tivesse se liberado dentro dele, como se um tipo de espasmo muscular doloroso e retorcido de sua configuração interna tivesse afrouxado e desenrolado, permitindo que respirasse com maior facilidade.

Tinha odiado o ponto onde eles estavam. Mas agora amava pra cacete esta nova paisagem.

De repente sentiu a aproximação de sua companheira no alto da escadaria. Virando-se, Butch ergueu o olhar e...

Enagbu jio kdf ahtaj; fjjkd powkl.

Ou algo assim.

Sua linda princesa com roupas de grife tinha desaparecido. Em seu lugar estava... uma bizarrice erótica sensual coberta de látex preto dos stilettos superaltos até a cabeça. A única coisa que evidenciava sua identidade? O longo rabo de cabelo louro que saía de um buraco no topo da roupa interiça, aquelas ondas douradas balançando livremente.

E então tinha a máscara.

Era como uma máscara industrial de gás, com discos redondos pretos nos olhos e uma peça sobre o nariz e boca que não mostrava nada de pele por que havia um selo ao redor do látex que cobria o seu rosto. Feito de vidro escuro e metal cinza escovado, era uma peça feia de arte absoluta.

Quando desceu até ele, seu pau pulsou uma ereção tão rapidamente que na verdade teve de olhar para ter certeza que sua calça de couro continuava intacta.

O corpo dela era... absoluta e fodidamente enlouquecedor, a luz evidenciava as curvas dos seios, lançavam sombras ao redor a cintura fina, destacando os quadris e coxas.

Quando finalmente parou na frente dele deu uma voltinha, e puta que pariu, o som mecanizado de sua respiração fez suas bolas contraírem. Bem, isto e o traseiro dela. Santo Deus do Céu, ela...

— Bem, o que acha?

A voz que saiu não era dela; era destilada através de algum tipo de caixa de som, emergindo metálica, distorcida e alienígena.

— Ojkdla hgdio lweno io.

— *O que?* — exclamou aquela voz eletrônica.

— Ele disse que você está incríiiiiível pra caraaaalho — veio uma voz masculina do outro lado.

A cabeça de Butch virou para aquele lado e olhou para Lassiter, que saiu da sala de jogos e estava encostado na arcada da entrada. Apontando o dedo para o imbecil como se a coisa fosse uma arma, ele soltou.

— Tira seu traseiro miserável daqui antes que eu arranque seus olhos e te estrangule com a própria língua.

O anjo caído ergueu as mãos e começou a se afastar.

— Certo. Estou saindo. Aqui vou eu, andando de costas e dizendo absolutamente nada sobre ela.

A retratação teria soado melhor se o bastardo não tivesse soltado um imenso assovio de lobo assim que saiu das vistas.

— Eu vou matá-lo, juro que vou.

— Por favor, não faça isto.

Voltando a se concentrar, Butch meneou a cabeça.

— Oh, meu Deus, você está... ei, voltei a falar português, que bom!

Trazendo-a mais para perto, pressionou o corpo contra o dela e sentiu de cima para baixo o toque suave e levemente grudento da vestimenta. Com um grunhido, curvou e passou as mãos por aqueles quadris recobertos de látex e aquele traseiro, agarrando as bochechas, apertando, pressionando a fenda entre elas.

— Eu não vou conseguir sobreviver a esta noite — ele gemeu. — Porra, mal posso andar.

A risadinha sexy dela distorcida por aquele alto-falante o fez cambalear em seus New rocks.

Put a merda!

Você fez amigos na aula?

Quando o pai começou o interrogatório, Paradise sentou-se de novo na cadeira no escritório dele. Enfiando o pé com meias debaixo do seu corpo, perguntou-se exatamente como responder a isto — e rezou, enquanto ele remexia nos papéis em sua mesa, para que não erguesse o olhar para ver seu rubor.

É, como responder a isto? Ela pensou.

Ela e Craeg passaram as duas últimas manhãs falando ao telefone, conversando por horas além de... fazer outras coisas. Então sim, eram um tipo de amigos... e tinha planos de vê-lo pessoalmente de novo, tanto esta noite e amanhã durante o dia.

Era disto que se tratava esta pequena reuniãozinha com o pai.

Se não conseguisse um pouco de contato pele com pele de novo logo, ia ficar louca. Sexo verbal era legal, mas depois que se provava a coisa real...

Ou quase provava...

— Paradise, você está bem?

Ela se forçou a voltar à realidade e levantou da cadeira para ir até a lareira que crepitava alegremente. A frente fria que tinha chegado no dia anterior tinha penetrado pelas paredes da mansão e havia correntes de ar por todo lado da casa... algo que se tornaria uma constante até que o calor da primavera retornasse em Maio.

Então tinha a desculpa perfeita para virar as costas para ele ao se abaixar para pegar o atizador e remexer nas lareira.

— Oh, sim, conheci umas pessoas maravilhosas e estou gostando muito das aulas — além dos intervalos com Craeg —, é incrível quanta coisa eu não sabia.

— Por exemplo?

Bem, se ronronasse no telefone e dissesse a Craeg tudo o que não estava vestindo era certeza que ele...

Quando fagulhas alaranjadas caíram sobre as cinzas incandescentes, interrompeu aquela linha de pensamento rapidamente.

— Luta corporal é uma ciência, Pai. Eu nunca assisti a lutas de MMA antes ou aprendi nada sobre os diferentes estilos de ataque. Eles nos ensinam várias técnicas, e cada uma delas tem suas forças e fraquezas. Eu treino com Peyton e outro macho, Craeg, com frequência.

Colocando o atizador de volta no suporte de bronze, virou e voltou para a cadeira.

— Estou me saindo muito, muito bem...

Ela parou de falar ao perceber que o pai tinha congelado no processo de mover uma folha de papel em uma pilha, a conta ou relatório contábil ou qualquer que fosse estava no ar, junto com o braço dele.

A expressão no seu rosto parecia de alguém que tivesse acabado de saber que sua casa estava a ponto de ser destruída por humanos

— Pai... — disse ela — Estou realmente feliz. Estou realmente... estou aprendendo coisas sobre mim mesma, quem eu sou, o que quero, o que posso fazer.

Ele olhou pra o documento como se perguntando o que fazia à sua frente, pairando no ar. Então pareceu despertar de volta à atenção.

Pigarreando, ele perguntou:

— E a quais conclusões está chegando?

Bem, a maior delas era que provavelmente estava se apaixonando por Craeg. Mas considerando que isto faria seu pai ter uma reação pior do que a do pai-estátua, precisava manter aquilo em sigilo — além disto, não tinha contado a Craeg ainda, parecia apropriado que ele fosse o primeiro a saber.

Apaixonar-se. Uma coisa tão enorme, e ainda assim, também tão simples.

E rápida, sim. Mas tinha ouvido falar que quando a vinculação acontecia, podia ser assim.

— Bem, quero fazer algo bom para a espécie — disse ela.

— Como exatamente?

— Pai, isto não significa lutar nas ruas.

— Considerando que você acabou de falar o quão boa é em lutar... — esfregou as têmporas. — Acho que devia ter esperado por isto.

— Esperado o que?

— Sua mudança de rumo. O que não estava muito claro para mim era como eu me sentiria.

— Não estou mudando nada.

Deus, que mentira aquilo soava a seus próprios ouvidos: não tinha certeza de como seria seu futuro ou quem precisamente seria ao fim do programa de treinamento — pelo tempo que durasse —, mas não ia voltar do mesmo jeito que foi.

Aquelas noites de ser uma fêmea adequada sentada nesta casa, ou em qualquer outra, esperando pela chance de descer para algum tipo de reunião social, tinham acabado. E sim, aquela decisão de jamais se emparelhar... caso não fosse com Craeg... permaneceria com ela.

— Eu queria que sua *mahmen* ainda estivesse aqui.

— Eu também — mas por outra razão diferente da que ele pensava, sem dúvida. Paradise adoraria alguns conselhos amorosos. — Sinto falta dela.

— Sabia que nos amávamos de verdade? Fomos adequadamente escolhidos um para o outro pelas nossas famílias, mas... nós realmente nos apaixonamos. Ela era tudo para mim.

Deus... maldição, pensou. A defesa sutil dele de Peyton não só parecia inadequada, mas também afundava uma estaca em seu coração... por que não ia se enganar. Aquela declaração, por mais verdadeira e importante, sem dúvida expressava a esperança dele de que ela encarasse de forma favorável um noivado tradicional com o amigo.

Tinha suspeitado por um tempo que havia algo que seu pai planejava para ela. Ele gostava de Peyton, aprovava a linhagem do macho e sabia que já existia uma amizade entre eles. Aos olhos de um chefe de família aristocrata, o que poderia ser melhor para uma filha do que um arranjo destes?

O que ele pensaria se conhecesse Craeg?

Craeg, o filho do que os humanos teriam chamado de uma família de classe operária. Seu pai sequer veria a força de caráter, a alma por baixo da ausência de traquejo social?

— Posso me adaptar a quase tudo — seu pai disse sombriamente. — Posso me adaptar a qualquer coisa que queira para sua vida... até certo ponto. A única coisa de que não abro mão é de você encontrar o mesmo amor que eu e sua *mahmen* tivemos. Isto não é negociável para mim.

Ou seja: um macho que fosse da mesma classe que ela, que pudesse provê-la do mesmo tipo de vida na qual tinha crescido.

— Oh, Pai — disse ela com tristeza.

— Sinto muito, é assim que eu sou.

— Eu sei.

Quando o relógio ancestral no saguão começou a soar oito vezes, afastou a fumaça que tinha se espalhado pelo cômodo e se levantou de novo.

— Eu tenho de ir — endireitou as roupas que escolheu para aquela noite. — Vou sair com meus colegas de classe e então temos um projeto para trabalhar durante o dia, então volto pra casa só depois de amanhã? E sim, vamos estar sob supervisão.

Enquanto olhava através da sala perfeitamente arrumada para ele, o ambiente de riqueza antiga e distinção que não podia ser comprada, mas havia sido curada ao longo de centenas de anos nos quais sua família tivera dinheiro, verdadeiramente lhe ocorreu.

Será que Craeg se sentiria confortável ali?

Provavelmente não.

— Pai?

— Perdão — ele olhou para os papéis na mesa — Mas é claro que entendo que precisa ir. Mas já sinto sua falta. Saiba que os Irmãos não contam muitas coisas, mas o pouco que contam me deixa muito, muito, muito orgulhoso de você.

Aquela agora familiar dor em seu peito, a que veio com sua mentira, atingiu-a de novo quando pensou que na verdade ele não ficaria nem um pouco orgulhoso dela.

Ela tinha intenção de perder sua virgindade esta noite com um macho que ele jamais aprovaria.

O problema era que os Irmãos não deram nenhum tipo de indicação de quanto tempo este programa iria durar ou quais os prospectos a longo termo para a turma junta ali. E sua necessidade pelo corpo de Craeg a estava deixando desesperada... e muito consciente de que o tempo estava passando rápido demais.

Ela não ia perder a chance. E tinha a sensação de que quanto mais ficassem juntos, mais as prioridades de Craeg mudariam também. Estava se apegando a ela.

Paradise podia sentir.

Se não fossem as omissões com seu pai, ela estaria no paraíso.

— Te vejo amanhã à noite depois da aula — disse ela com voz rouca.

— Estarei aqui. Cuide-se.

— Cuidarei — anuiu. — Prometo, Pai.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Craeg não conseguia se lembrar da última vez que saiu com “amigos”. De fato, achava que nunca fez isto antes.

Ao colocar a calça jeans e lamentar o tecido esgarçado, disse a si mesmo pra deixar pra lá. Nunca ligou muito para moda mesmo — um, não teria condições financeira para tal mesmo que ligasse a mínima, e dois, preocupar-se com o que se colocava sobre o corpo sempre lhe parecera um desperdício criminoso de inteligência.

— Você parece tão incrivelmente normalzinho.

Revirando os olhos, virou para Axe e...

— Que *caralho* está vestindo, cuzão?

O macho parecia mais do que o habitual, ter sido atingido com a porra de um bastão, seu corpo grande usava um casaco de pele leve e brilhante que tinha cheiro de produtos químicos e fazia um ruído de

estalos quando ele caminhava. Trazia piercings pretos nas orelhas e rosto, uma corrente atravessando de um lóbulo até a porra do nariz, pelo amor de Deus.

Mas não parecia um marica... Craeg tinha de admitir. Algo no bastardo irradiava agressão, poder, força. Sexo.

Sexo pervertido, isso sim.

Axe deu de ombros como se não estivesse usando nada mais do que o casaco doméstico de sua *granhmen*.

— Vou sair com minha turma. Se não trepar logo, vou me matar... diabos, se ficar mais um pouco perto de vocês, baunilhas, vou precisar de Viagra pra ficar de pau duro. Vocês estão acabando com meu fogo.

— Bem, sem ofensa, mas ficar perto do fogo não é o que você vai precisar com este modelito.

E lá estava a máscara. Era preta, claro, como se esperasse algo rosa e verde?

E cobria o rosto de Axe como uma luva, mudando seu rosto nada feio para algo hediondo... uma criatura metamorfoseada que não era mais vampira, mas de outra espécie.

Alienígena.

— E pensar que eu te achava feio antes — Craeg exclamou.

— Digo novamente, vocês normaizinhos estão me matando.

Eeee foi como ele e aquela coisa acabaram saindo juntos do centro de treinamento.

Quando o ônibus se afastou parando em todos aqueles portões, ambos estavam calados, mas tinha maldita certeza de que as mesmas coisas passavam pela mente dos dois: Axe estava claramente esperando se dar bem com alguém mais ao seu estilo, enquanto Craeg tentava desesperadamente convencer a si mesmo de que poderia manter o controle perto de Paradise.

Ostensivamente, toda essa coisa de balada com os amigos não deveria ser grande coisa... eles só iriam a um clube normal, com música e bebidas. Nada parecido com o que esperava Axe, claro.

Mas o sexo não lhe saía da cabeça.

Merda, Paradise o estava matando... e ele tinha identificado o problema essencial. Desde a primeira noite do programa, ergueu barreira após barreira para mantê-la longe, e cada uma delas tinha caído. Era como se fosse um escalador de montanhas que tivesse caído... e cada pedaço de corda que havia para salvar sua vida tivesse se rompido, uma após a outra.

— Sabe, você está uma merda e não só por esta roupa ridícula — murmurou Axe.

Craeg olhou para o outro lado do corredor.

— Estou ridículo? Já se olhou no espelho? Não sabia que vestir-se de motor de carro era uma declaração de moda.

— Para de mudar de assunto. Qual o problema, cara?

Conforme seguiam juntos na direção do ponto de desmaterialização, pegou-se falando.

— Não posso... Sabe, não é certo.

— O que não é certo?

— Não posso fazer isto.

— Ainda preciso de um substantivo. Sei que é um caipira, mas você tem algum vocabulário se os rumores são reais.

Craeg meneou a cabeça. De jeito nenhum ia desrespeitar Paradise expondo o assunto particular deles assim... mesmo para um cara como Axe, que aparentemente, talvez por ser, em suas próprias palavras, um narcisista completo, confiável o suficiente para manter a coisa em sigilo.

— Não sei — disse Axe enquanto esticava as pernas por cima dos bancos e se apoiava contra as janelas escuras do ônibus. — Ela parece diferente das do tipo dela. Não acho que tem de se preocupar.

Sim, fêmeas eram totalmente opostas dos machos, não eram?

E neste caso, era ele quem estava sendo um marica. Ela não. Estava pronta para o próximo nível — e ele suspeitava que podia estar se escondendo atrás da virtude dela: de novo estava se protegendo. E quando pensava no modo como a fazia se sentir?

Ainda parecia como um plano inteligente... mesmo que talvez insustentável.

Cristo, eles acabariam ficando sozinhos em algum momento esta noite. Era inevitável pra cacete. E depois de duas sessões de sexo verbal ao telefone, estava mais desesperado do que nunca, um macho arquejante e faminto com uma paudurescência constante, e suficientes orgasmos para desidratá-lo a ponto de precisar de Gatorade direto na veia.

Queria acreditar que conseguiria manter sua resolução, queria mesmo.

O problema era que nada o fazia sentir-se mais perdido do que seu nome saído dos lábios dela como um ofego...

Uma sílaba e nada elegante, nem era um nome bonito. Mas tudo o que ela tinha de fazer era dizê-lo e ele se perdia, perdia, perdia. Estava nas mãos dela. Apagado de qualquer outra intenção além de entrar nela e lá ficar.

Oh, cara, estava com um problemão.

Ao entrar no clube humano, shAdoWs, Paradise olhou ao redor e pensou... é, não. Música alta soava a ponto de ouvi-la dentro de seu crânio. Lasers roxos escuros e vermelhos cortavam o ar e a atmosfera estava espessa de cheiros humanos. E a atenção intensa que estava chamando não era nada no qual estivesse interessada.

Sem fazer ideia de onde Craeg, Boone e Novo estavam, passou pela multidão que girava, e conforme avançava homens humanos a encaravam, assediavam, procuravam chamar sua atenção. Ela supunha que alguns deles até podiam ser considerados atraentes, mas era mais como entrar no quarto de alguém e reparar em uma poltrona com um estofado bacana.

O tecido podia ser legal, mas jamais levaria pra casa.

Ou neste caso, sentaria-se na maldita coisa.

O prédio que abrigava o clube aparentemente tinha sido um galpão, e havia algo de incongruente no espaço aberto de três andares que ainda assim era claustrofóbico. Mas também, tinha gente demais amontoada no meio. Onde vocês estão, ela se perguntou. E como se conheciam? Todo mundo parecia estar tocando... todo mundo que estava ao seu redor.

Abrindo caminho pela multidão, descobriu que tinha umas cabines ao longo do perímetro de toda aquela multidão. Talvez os amigos estivessem lá? Jesus, será que estava no clube certo...?

— Ei, querida, vem comigo.

Uma mão rude agarrou sua cintura e puxou-a para junto de um corpo suado. Encarando o homem humano tentou empurrá-lo, mas ele agarrou seus pulsos, puxando-a para mais perto.

— Eu sei que quer isto — sussurrou esfregando os quadris contra os dela. Ele tinha cheiro de perfume velho, fumaça velha de cigarro... ou talvez fosse maconha?... e um tipo de desespero nada excitante. — Me beije.

— Você tem de estar brincando.

— Vamos lá, você quer. Eu sei que quer.

Foda-se, pensou.

Com um puxão rápido, libertou o braço direito e golpeou-o na garganta com o nó dos dedos — quando ele se curvou com as mãos no próprio pescoço, teve de impedir-se de quebrar seu nariz com o joelho.

Deixando-o engasgado, ela se virou e...

Trombou no enorme peito de Craeg.

— Estava vindo para te salvar — ele disse secamente —, mas já aprendi de primeira mão que você é capaz de se defender sozinha... então acho que não devia ficar surpreso de você não precisar de mim.

Instantaneamente, tudo no clube mudou. O ar não estava mais tão viciado; estava cheio de calor sexual. Os lasers não eram mais ofuscantes; eram cintilantes. A música não era mais alta; era erótica.

Os humanos ainda eram irritantes, mas vamos lá, mesmo o amor verdadeiro não seria capaz de mudar isto.

Deus, ele estava incrível. Alto e largo, grande e forte, aquele boné laranja em sua cabeça igual à noite em que se conheceram. Aquela camiseta branca básica expunha seus músculos. Aquele jeans... Jesus, aquele jeans gastos, suaves como pele, que revelavam partes de suas coxas onde estava esgarçado.

— Dance comigo — disse ela ao se inclinar para ser ouvida acima do barulho.

A aba do boné escondia os olhos dele, mas sentiu-os correndo sobre o que ela vestira antes de ir para lá: uma blusa decotada, uma saia curta e a jaquetinha eram tudo pra ele e obviamente cativaram o cara. Ele também parecia gostar do cabelo que ela manteve solto e da maquiagem.

— Craeg — repetiu. — Dance comigo.

— Não posso — murmurou ele.

— Por quê?

— Não, tipo... sabe... não sei me mexer assim.

Que mentira, pensou ao se lembrar da sensação dele em cima dela. Ele se movia bem pra caramba.

— Dance mesmo assim — agarrou os quadris dele e puxou-o para perto. — Dance comigo.

Movendo-se contra ele ao ritmo da música, sentiu a resposta imediata, sua excitação endurecendo, esfregando na barriga dela por causa da diferença de tamanho entre eles.

— As pessoas vão perceber — ele murmurou. Mas as mãos já estavam na sua cintura apertando, juntando a parte inferior do corpo dos dois bem junto. — Da aula.

— Quem liga? Como se eles já não soubessem.

Novo sabia. Inferno, a fêmea era parte da razão que os fizera dar o primeiro beijo. Peyton? Como já decidiu antes, podia lidar com ele. Boone? Ele só se importava com o treino; não achava que o macho sequer sabia seu nome. E Axe nem viria esta noite. Nem Anslam. E nenhum membro da *glymera* jamais apareceria em um lugar destes.

Viva agora, pensou, perdendo-se na sensação de estar com ele, perto dele, abraçada por ele.

Puxando a cabeça dele para perto, sussurrou em seu ouvido.

— Não estou usando calcinha.

O grunhido que se elevou dele foi inclusive mais alto do que a música.

— Com licença — disse ele se endireitando. — Tenho que fazer uma coisa.

— Mmmm — ela ronronou imaginando-o no banheiro cuidando de sua ereção. — E o que seria?

— Tenho que matar todos os humanos machos deste lugar que estão olhando pra você. Não vai levar muito tempo, eles são fracos e não correm muito rápido.

Jogando a cabeça para trás e rindo, ela sentiu o coração doer, especialmente quando aqueles braços fortes a enlaçaram ainda mais forte.

Esta seria a melhor noite de sua vida. Já podia sentir.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A chave acabou não sendo nada que se colocasse em uma fechadura. Era mais um ingresso tangível que permitia que duas pessoas passassem por uma montanha de seguranças que havia ao redor de uma porta não assinalada, direto para uma estrutura anônima estilo garagem em uma parte suja do centro de Caldwell, uma abandonada área industrial.

Seguindo atrás de Butch, mas à frente do aluno que os trouxera ali, Marissa achou que com a máscara no rosto tinha uma confiança que de outra forma poderia não ter. Havia algo libertador em esconder suas feições quando se ia a um ambiente desconhecido. Primeiro, significava que você não teria que automonitorar sua expressão e fingir compostura. Segundo, podia tentar ser mais livremente o personagem que aguentava tudo o que aconteceria a ele.

Por que quem mais saberia a verdade?

Na escuridão densa do interior do clube, a mão confortadora de Butch esticou para trás e tateou ao redor em busca da sua, e no instante em que a conexão foi feita, sentiu-se ainda mais confiante. Nada ia atingi-la, magoá-la, perturbá-la. Não com ele aqui.

A primeira coisa da qual teve consciência foi um som crescente de batidas e achou que fosse a batida de alguma música. Quando rodearam um corredor estreito e aleatoriamente arquitetônico, descobriu que aquilo não era obra de algumas caixas de som. Era o girar rítmico de uma roda de moagem que não parecia ter outra função além de...

Oh... Ceeeerto.

Havia uma mulher de pernas abertas embaixo dela e a máquina a penetrava com...

Desviando o olhar, viu um macho apertado dentro de uma caixa Lucite, o corpo nu contorcido, um lado aberto para que as pessoas pudessem...

Olhando para outra direção aleatória, viu uma fileira de macas de exame, pessoas em macacões inteiriços de látex iguais aos dela, amarradas umas as outras em posições sexuais contorcidas, órgãos sexuais expostos ao alcance de filas de estranhos anônimos.

Okaaaaay, estavam em um clube de sexo. É.

E era estranho, o espaço interior era doze vezes o tamanho que aparentava quando visto de fora, então devia ter sido criado derrubando paredes de outros prédios, aquela aparência de garagem era só o início de uma fileira de instalações que foram mescladas. Tudo era escuro, todo mundo estava fantasiado e usando máscaras, e o sexo em todas as suas vertentes e combinações estava por todos os lados.

Era uma expressão de erotismo e experiência imparcial depois da outra, os gemidos e grunhidos se uniam em uma trilha sonora que a música tecno complementava ao invés de abafar.

De modo estranho, achou aquela coisa toda curiosamente... nada chocante. Nem mesmo feia. As pessoas pareciam genuinamente excitadas — e Deus, eram tão bonitas. Ao contrário das poucas vezes que fora a reuniões de humanos onde a encaravam, aqui as pessoas olhavam em seus olhos e sorriam como se você fizesse parte de seu... bem, clube. E quando se esbarrava em alguém, a resposta era relaxada e nada agressiva.

Tudo parecia tão... normal?

Talvez fosse a natureza descontraída de tudo aquilo. Talvez fosse a máscara escondendo suas identidades. Talvez fosse o propósito sério de estar ali. Fosse qual fosse a combinação, ela sentia alívio.

Mais ao fundo do clube, Butch, Axe e ela formaram um círculo. Quando Butch olhou para ela de sua máscara de esqueleto, deu tapinhas na mão dele e anuiu, dando-lhe um sinal de joinha.

Depois dele anuir de volta para ela, virou para Axe. Os dois se inclinaram e trocaram algumas palavras. Enquanto isto, ela olhou ao redor buscando algum padrão de vestimenta que indicasse a equipe da casa.

Será que aquela fêmea veio ali antes de morrer?

Uma série de flashes espocou do alto e estreitou o olhar. Alguém tirava fotos das pessoas que estavam amarradas em rodas que giravam e as imobilizavam enquanto homens ejaculavam em cima delas, chicoteavam-nas, arrancavam sangue.

E foi quando percebeu... quanto mais fundo fossem, mais pesadas as coisas ficariam.

Será que alguém tinha levado o jogo longe demais com aquela fêmea? Ela se perguntou. E a tinha matado por acidente?

Depois de Butch ter certeza de que Marissa estava bem, passou a cuidar dos negócios — e sem distrações. Aquele momento erótico com ela no saguão da mansão foi sexual para ele. Tudo aqui no clube? Bem poderiam ser cortadores de grama o que via. Uma tigela de cereais. Livros de química: quando começou a desenvolver um tipo de estratégia em sua cabeça, estava de volta a seu antigo trabalho, seu

cérebro trilhando uma série de passos mentais que antigamente o tornava hiperconsciente e completamente desconectado de seu ambiente.

E agora para aumentar a dificuldade: vinha debatendo consigo mesmo pelas últimas duas noites se contava ou não a Axe o motivo real pelo qual estavam no clube. O benefício seria poderem chegar logo aos finalmentes; o lado ruim era que potencialmente poderia alertar o criminoso, direta ou indiretamente.

Só que tinha assistido ao vídeo deles conversando no escritório centenas de vezes... e não achava que o macho tinha o instinto de assassinato nele. Na luta? Sim, absolutamente. Axe era um filho da puta durão no treino, capaz de esmagar os oponentes em lutas corporais, mesmo com adversários mais altos do que ele — e era cruel com uma arma ou com adagas, jamais hesitando em apertar o gatilho ou atacar pra matar.

Mas era um cenário diferente de brutalizar uma fêmea. E apesar do peso de toda essa merda gótica, ele não era cruel e não era louco.

— Então, eu menti — disse ele no ouvido de Axe, acima do ruído dos gemidos e da música tecno.

— Oh, sério? — o garoto respondeu.

— Eu só estava seguindo seu exemplo.

— Que honra.

— Não foi um amigo que me deu a 'chave'. Ela foi encontrada com uma fêmea espancada até a morte. Estou aqui para descobrir quem a matou e preciso de sua ajuda.

Axe recuou. E então estreitou os olhos. Inclinando-se de novo, ele disse:

— Como sabe que não fui eu?

— Não sei — Butch sustentou seu olhar. — Não tenho certeza de nada.

Avaliando fixamente o olhar por trás daquela máscara, esperou para ver o que aquelas pupilas fariam. Com o estímulo extra ao redor deles e o fato de suas feições estarem encobertas, era mais provável que o cara demonstrasse uma reação nervosa.

Ao invés disto, permaneceu sólido como uma rocha.

O que sim, apoiava o instinto de Butch de que o cara não estava mentindo sobre ainda não ter visto morte nenhuma à sua frente.

— A propósito, não fui eu — o macho disse. — Não matei ninguém.

Butch anuiu.

— Eu imaginei. Você tem um bom caráter... provou isto ao expressar seus sentimentos pela morte de seu pai. Mas seu sentido de moda, por outro lado, é uma tragédia.

— Fui eu quem te trouxe aqui.

— Certo, certo — Butch olhou ao redor. — Então, quem manda aqui?

— Espere, fale mais desta fêmea. Talvez eu a conhecesse. Ela era um de nós?

— Sim. E não sei muito mais do que isto. Não tinha documento algum, só aquela chave. Ela conseguiu se desmaterializar para um lugar seguro... foi onde minha Marissa a encontrou — quando Axe olhou de relance para sua companheira, o cara pareceu mais mortificado pelo fato de que, dentre todas as possibilidades, especialmente uma fêmea fosse exposta a tal horror. — Ela já tinha feito a transição, cabelos escuros, olhos azuis escuros. É só o que temos.

— Merda.

— Isso resume bem.

Não pela primeira vez, Butch desejou que alguém tivesse tirado uma foto dela, mesmo *post mortem*. Deus, queria ter fotos dos ferimentos, análise do material debaixo das unhas, uma busca cuidadosa por fibras nela e em suas roupas. Mas nada disto aconteceu, é claro. Pois a raça dos vampiros não tinham procedimentos especificados para este tipo de situação.

E era engraçado que jamais tivesse pensado sobre esta fraqueza social antes. Estava ocupado demais lutando nas linhas de frente para se preocupar com problemas inter-raciais.

Cara, alguns procedimentos simples de investigação teriam sido de tanta ajuda.

Axe estremeceu como se voltasse à atenção.

— Sobre a equipe... procure pela cor vermelha nas fantasias. Eles tendem a ficar na periferia a menos que haja alguma violação da política de consentimento ou as coisas fiquem muito fora da linha, neste caso eles intercedem seja no que for. E por fora da linha, digo qualquer coisa mais do que derramamento de sangue casual.

— Eles têm câmeras?

— Provavelmente, mas eu não saberia dizer onde ficam ou como chegar até elas.

Ou como analisar através de centenas de horas de imagens gravadas... o que era o que se acabava fazendo nestes casos, dado o tamanho deste lugar e o número de noites que tinham se passado.

Merda.

Eles tinham acabado de entrar no território de agulha no palheiro. E considerando o que estava em jogo ali, isto era tão reconfortante quanto ter uma faca contra a garganta.

Ainda assim, tinha experiência com situações difíceis.

— Vamos mais fundo — disse ele ao passar os braços ao redor de sua *shellan*. — Precisamos ver tudo.

CAPÍTULO QUARENTA

— Eles tem lugares aqui... lugares onde podemos ir.

Ao falar no ouvido de Paradise, Craeg estava bem ciente do quão próximo ao abismo estava. Mas quanto mais ela dançava perto de seu corpo, mais o sexo inundava sua mente, mandando o bom senso e a racionalidade para longe, transformando-o em um homem das cavernas. Sem calcinha? Pooooooooorra. Ele realmente precisava tocá-la, então sim, era hora de desaparecer nos fundos, onde Novo lhe disse que tinham banheiros privativos onde se podia ficar. Afinal, esta era a única maneira de terem um pouco de privacidade aquela noite. Paradise ia voltar para casa ao amanhecer, e não era como se pudesse levá-lo de volta para sua casa com ela... não sem revelar o relacionamento deles, o que poria o pai dela e eles em uma situação muito estranha e prematura.

Além disto, ia nevar no inferno antes dele levá-la ao moquifo onde ele morava.

Merda, se não gozasse logo ia perder a cabeça.

E as calças.

— Mostre onde é — ela gemeu.

Levando-a pela mão, guiou-a através da multidão. E ao passar pelas cabines onde Novo estava fazendo uma dança erótica para Boone — e muito possivelmente lhe dando sua primeira ereção — Craeg acenou para a fêmea e recebeu outro aceno em resposta.

Além de um olhar bem conhecido.

Os “banheiros” privativos ficavam embaixo do segundo andar ao norte, e ao entrarem em um corredor fracamente iluminado com as paredes pintadas de preto, descobriu inúmeras portas fechadas. Discretos sinais de Ocupado estavam pendurados nas primeiras sete pelas quais passaram. Oito era o número da sorte.

Segurando a porta aberta para ela, grunhiu quando passou por ele para entrar no cômodo azulejado. Havia uma privada, uma pia e um banco... e o lugar quadrado e apertado estava surpreendentemente limpo. Havia um ralo no meio do chão e um chuveiro no teto.

Eles provavelmente lavavam de cima abaixo todas as noites.

Certificando-se de que a porta estava apropriadamente trancada, agarrou-a e puxou contra ele, suas mãos famintas tocaram as roupas dela sentindo os montes de seus seios, a suavidade de seu traseiro, o calor, a porra do calor úmido de seu núcleo. Ele já estava beijando-a descontroladamente e ela o beijava de volta, e Deus, era de se jurar que eles não passaram três horas daquela manhã mesmo se devorando pelo telefone.

Mas pessoalmente... pessoalmente era muito melhor.

E então ela estava recuando, puxando-o com ela e levando-o até a pia.

Com a graça de uma dançarina, apoiou o traseiro na pia... então ergueu os joelhos e apoiou os saltos altos contra as paredes estreitas da alcova.

Dando-lhe uma visão deslumbrante de suas meias sete oitavos pretas e seu sexo nu, úmido e suave.

— Sabe o que eu quero — disse ela — e desta vez não é só sua boca.

Cambaleando um pouco, ele estava realmente ciente de que a hora tinha chegado: sua força de vontade tirou férias, seu desejo sexual era um motor barulhento que não o deixava pensar direito, e puta merda... o que ele estava olhando.

— Tem certeza? — murmurou ao começar a abrir as calças.

— Quer que eu implore?

— Não, por que eu começaria a gozar na hora.

Ele olhou ao redor, não viu nenhuma câmera. Mas não significava que as fodidas não estivessem escondidas em algum lugar.

— Queria que tivesse outro lugar pra fazer isto.

— Não me importo onde estamos.

Com isto, ela abriu a blusa e abaixou o bojo do sutiã para oferecer os seios altos e apertados para ele. Seu cabelo louro esvoaçava ao redor dos ombros, os olhos azuis estavam semicerrados e quando ela passou a língua sobre os lábios, a cabeça do seu pau formigou como se fosse explodir.

— Por favor — ela gemeu arqueando como se em agonia.

E foi só o que precisou.

Quando sua ereção projetou pelo zíper aberto das calças, ele a segurou com a mão e aproximou-se dela. Merda, não podia acreditar que estava acontecendo de verdade. Não a parte do sexo; Deus sabe que ele já tinha feito isto antes.

Era a parte do sexo-com-*ela* que o surpreendia.

Especialmente quando viu sua cabeça perto de tudo o que sempre quis. Fechando os olhos brevemente, quis dizer algo para tornar tudo aquilo correto para ela, olhar para ela de um jeito que mostrasse que reconhecia que isto era muito importante para ela, fazer qualquer coisa que tornasse esta experiência com um caipira em um clube em algo reverente, um evento digno de admiração também da parte dele.

— Sim. Eu quero isto — ela disse suavemente. — Quero isto com você... só com você.

Erguendo as pálpebras, olhou para os olhos hipnóticos dela... e algo estranho aconteceu. Contra o plano de fundo das batidas abafadas, e das centenas de humanos e do desespero ardente que pulsava em seu sangue, sentiu uma lentidão súbita.

Faça valer a pena, disse a si mesmo. Faça ser especial para ela.

Aproximando a cabeça do núcleo dela, ele esfregou sua carne pra cima e pra baixo do seu sexo.. e ela pulou, então mordiscou o lábio inferior com as presas.

Suas coxas começaram a tremer. A respiração acelerou. O cheiro ficou mais pesado, mais pronto.

Com um gemido próprio, ele abriu o sexo dela... mas não conseguiu se segurar por muito tempo. Ele ia gozar ali mesmo.

Arqueando-se sobre ela, apoiou seu peso na mão livre.

— Eu vou devagar — foi a última coisa racional que disse.

Paradise estava tão pronta para isto, seu corpo estava fluido e tenso de antecipação. E então ela sentiu-o esfregando-se contra seu calor e quase gozou.

Havia tantos motivos para não fazer isto, tantos argumentos racionais para esperar por um momento melhor, uma hora melhor, um momento mais estável em sua vida e na de Craig. Mas se os ataques tinham lhe ensinado uma coisa, era que o tempo era um luxo do qual nenhum mortal podia desperdiçar.

E as palavras que seu pai lhe disse antes dela sair soaram não como o alerta que ele teve intenção que fossem, mas a declaração de objetivo que ela precisava aceitar.

Estava apaixonada por este macho. Sim, não o conhecia há muito tempo, e sim, era loucura, mas não, nunca sentiu nada parecido com esta conexão, e do que mais chamaria esta emoção? E não, não podia controlar se Craig iria ficar ou se desapareceria na noite seguinte, semana seguinte, mês seguinte, ano seguinte... mas estava com ele agora.

E era mais do que ela jamais esperara.

Subitamente notou uma leve pressão, a cabeça dele forçando. E então ele a estava acariciando no topo do seu sexo com o dedo deixando-a louca, fazendo-a sentir aquele calor efervescente, excitante, ardente que ela agora reconhecia como o precursor da liberação que seu corpo ansiava.

Estendendo a mão para ele, trouxe sua boca para a dela e o beijou, acariciando dentro da sua boca com a língua. Estava completamente sem medo. Talvez devesse temer, mas quase queria passar logo por aquilo para que aquela conexão erótica entre eles pudesse ser expressada livremente.

Os quadris de Craig começaram a ondular e recuar, ondular e recuar, a cada vez sua ereção ia mais fundo.

E então ele a mudou de posição, ajeitando sua pélvis.

Seus dedos voltaram a ela, esfregando um círculo quando seu corpo ficou curiosamente imóvel. Ela estava a ponto de protestar, mas então a sensação foi grande demais e seu cérebro deu uma folga quando ela começou a gozar...

Naquele momento, em uma estocada forte e poderosa, ele a penetrou quebrando uma barreira que cedeu sem dor nenhuma.

O corpo todo começou a tremer, e os tremores eram sentidos por ela através do local onde estavam unidos. E então ele começou a se mover dentro dela, mais fundo e mais fundo, com impulso crescente. Grosso, era tão grosso, e a sensação de preenchimento era... incrível. E então havia a sensação da sua boca acariciando a dela enquanto ele bombeava dentro dela.

Não importava o que o futuro lhes reservava, nada jamais ia mudar o fato de que ele era seu primeiro.

Quando ela gozou, ele gozou também.

E sim, foi totalmente perfeito e belo quanto poderia ter esperado. Mesmo em um clube humano, em um local público, com centenas de estranhos do outro lado de uma porta fina... era o paraíso.

Mas era isto o que estar com a pessoa certa significava, não era?

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Quando Craeg finalmente parou, Paradise recostou mais contra a pia, e apesar da torneira cutucar suas costas e o espelho parecer duro contra sua cabeça, não se importou. Ela flutuava, voava... pelo menos até abaixar o olhar para seu corpo e ver, entre suas pernas abertas, que os quadris dele estavam contraídos, uma parte dele afundada profundamente dentro dela.

Paraíso.

Que pena que parecia preocupado... como se pensasse que ela iria desmaiar por ele a ter machucado ou algo assim.

Ela queria lhe garantir, dizer que ele era maravilhoso... mas sua mente estava bagunçada demais para que falasse com coerência, então colocou toda esta intenção no sorriso que lhe deu.

— Deus... — ele sussurrou. — Você está tão linda agora.

Forçando-se a se concentrar, ela murmurou.

— Estou tão feliz por termos feito isto. Quando vamos poder fazer de novo?

— Amanhã à noite. Mas você vai estar dolorida. É normal.

— Vou passar o dia no centro de treinamento.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Vai mesmo?

— Tenho planos de te seduzir.

— Bem, longe de mim atrapalhar seus planos.

Quando se inclinou e a beijou, ela sentiu uma dor momentânea ao perceber que ele já tinha feito isto com outras fêmeas, talvez até tenha sido o primeiro delas também... o que explicava por que demonstrara tamanha experiência. Mas não, estes pensamentos não eram bem-vindos ali.

Ali eram só eles. Nada mais seria permitido.

— Que tal fazermos de novo agora mesmo? — disse ela, movendo os quadris para seu sexo acariciar o dele.

— Paradise... tem certeza que está bem?

Ela gemeu um *siiiiiiiiim* em resposta, e então apoiou as mãos na pia e usou o pouco espaço que tinha para impulsionar o corpo para cima e para baixo, atijando-o de novo.

Bem, quem diria, não é que funcionou?

Num piscar de olhos, estava fora da pia e grudada no corpo de Craeg, as pernas ao redor dos quadris dele, os braços enlaçados nos ombros largos dele, os tornozelos cruzados no seu traseiro.

Com um forte aperto, as mãos dele moveram-na pra cima e pra baixo sobre sua ereção, mais rápido e mais forte do que da primeira vez. Para ajudá-lo, não que ele não estivesse indo super bem, ela se moveu com ele, duplicando a força.

Mais orgasmos, desta vez varias vezes, seu cabelo flutuando sobre o rosto deles, uma essência sombria de especiarias rugindo do corpo dele, o prazer misturando suas almas de um jeito que parecia permanente.

Quando finalmente pararam ela caiu contra o torso dele, mole como um trapo, quente como um forno, tonta como se tivesse corrido quilômetros.

E foi quando seu telefone tocou.

Quando o toque eletrônico emanou do bolso de sua jaqueta, ela ergueu a cabeça.

— Tá de brincadeira comigo.

Deixando seja quem for cair na caixa postal, voltou a se concentrar e sorriu para Craeg. Deus, adorava quando seus rostos estavam assim próximos, quando podia ver cada cílio individualmente, os poros em seu nariz e a sombra de sua barba que já crescia.

— Oi — sussurrou ela.

Pela primeira vez, os lábios dele retribuíram o favor — e houve uma tocante timidez quando ele sorriu.

Acariciando o rosto dele, ela sussurrou.

— É assim que vou sempre me lembrar de você.

No fundo de sua mente, ela pensou... que estranho. Por que estava se despedindo dele? Aquilo era só o começo...

O telefone dela tocou de novo.

— Desculpe — disse franzindo o cenho. — Espero que não tenha acontecido nada de errado.

Virando-se para alcançar o bolso da jaqueta, estava agudamente ciente de que eles ainda estavam unidos. E ao ver a tela, praguejou.

— Sério, Peyton... — murmurou ao enfiar o celular de volta onde esteve. — Ele deve saber que estamos aqui. Adora embaraçar as pessoas.

— Acho que ele finalmente apareceu, huh?

— Sabe que ele é como um irmão para mim. Realmente, totalmente sabe disto, não é?

— É... na verdade sei.

Quando seu celular começou a tocar de novo pela terceira vez, ela cerrou os dentes.

— Meu real e totalmente irritante irmão.

— Atenda para ele parar — Craig ondulou os quadris e a fez gemer. — Não vou sair daqui.

Aceitando a ligação, ela levou a coisa ao ouvido.

— Dá para cortar esta....

— Parry...?

No momento em que ouviu a voz dele, franziu o cenho. Em todos os anos que o conhecia, ele jamais soara assim. Perdido... como um garotinho.

— Peyton? O que foi?

— Uma coisa muito ruim aconteceu, Parry. Tem sangue... por todo lado.

— *O que?* — ela recuou e Craig a pôs no chão imediatamente. — Peyton! Onde está?

— Estou na casa dos meus primos... minha prima... a que devia ter ido embora...

Paradise encarou o olhar de Craig.

— Peyton, Craig e eu estamos a caminho... mas onde você está?

Quando ele deu o endereço, ela o repetiu e então jogou o telefone para Craig.

— Tenho que me limpar, fique no telefone com ele... *não o deixe desligar.*

Dez minutos depois, Craeg entrava em um prédio de apartamentos humanos elegante com um maravilhoso saguão de mármore verde escuro, e um porteiro usando um uniforme que era da mesma cor que a marquise lá fora.

Enquanto hesitava e esperava ser expulso ou revistado antes de pisar naquele tapete de boas vindas, Paradise foi direto à mesa.

— Olá — disse ela em um tom de voz perfeitamente calmo e razoável. — Meu amigo Peyton veio ver Ashley Murray e pediu que os encontrássemos aqui.

— Vou ligar para o apartamento — o homem respondeu, pegando o telefone. — Alô? Sim, é da portaria. Estão... ótimo. Vou deixá-los subir — o guarda indicou os elevadores. — Podem subir.

— Muito obrigada — disse ela suavemente e estendeu a mão.

De início Craeg não entendeu o que ela estava fazendo... e então percebeu que ele não tinha se movido de onde estava, a porta.

Indo até ela, ignorou o guarda e manteve a cabeça baixa... por que uma fêmea jovem e bonita era uma coisa, mas ele estava bem consciente de ser cinco vezes maior que ela e era mais provável que fosse visto com suspeita. Mas chegaram ao elevador e subiram até um dos andares superiores.

A primeira coisa que viu no longo corredor bege foi Peyton na extremidade, sentado sobre carpete com o celular na mão.

O cheiro de sangue no ar era muito espesso ao nariz de Craeg, mas provavelmente não teria sido notado por um humano.

Paradise correu e ajoelhou-se ao lado do cara.

— Peyton?

Ele não olhou para ela até sentir seu toque no ombro — e oh Deus, o rosto dele estava pálido como giz e os olhos estavam muito arregalados.

— É sério.

— Ela está... ela está lá dentro?

— Não. Mas o quarto... Deus, o quarto.

Craeg a deixou com o amigo e abriu a porta. Instantaneamente, o cheiro da morte aumentou... e se tornou ainda mais intenso quando entrou em um espaço amplo com carpetes que iam de parede a parede, um sofá branco e uma parede de vidro que, dada a ausência de cortinas pesadas, devia ter desanimado qualquer vampiro de viver ali.

Frio, estava muito frio. E havia uma brisa fria se espalhando pelo local.

Olhando para a direita, não havia nada digno de nota na cozinha americana, sem bagunça, tudo organizado, uma tigela de frutas frescas... não, as maçãs eram de plástico.

Um corredor levava adiante e havia uma única luz brilhando no final dele. Rumando naquele direção, ele caminhou sobre o tapete fino.

Ao final do quarto, parou diante da porta. Do outro lado do quarto havia uma cama tamanho queen, tão manchada de vermelho que era como se tinta tivesse sido espirrada sobre seu edredom branco, travesseiros e cabeceira.

Havia mais no chão, fazendo um caminho que seguia até o...

A porta de correr que levava a uma espécie de terraço tinha sido deixada aberta... e conforme as cortinas brancas e transparentes ondulavam ao vento, marcas ensanguentadas de mãos no vidro e na moldura eram expostas e então cobertas, expostas e então cobertas.

Virando de volta para a cama, notou as drogas no criado mudo: seringas, colheres, pedaços de papel alumínio. Nada de camisinhas. Nada de armas. Também nada pessoal... sem fotografias, lembranças, bibelôs. Aquele era um lugar pra foder, se drogar e ir embora ao amanhecer. Mas era caro.

— Oh, meu Deus...

Ao som da voz de Paradise, olhou por cima do ombro.

— É melhor não ver isto.

Ela entrou mesmo assim e ele não podia dizer que ficou surpreso.

— Cadê o Peyton? — perguntou ele.

— Estou aqui — veio uma voz apagada da porta.

Ao ficarem parados ali juntos, ficou malditamente claro que os três pensavam a mesma coisa: ninguém sobrevivia a algo assim. Ninguém.

— Preciso ligar para meu pai — Paradise disse bruscamente. — Isto vai muito além do que podemos lidar.

Craeg meneou a cabeça quando ela pegou o celular.

— Não, precisamos ligar para a Irmandade.

Peyton exclamou.

— É por isto que ela está ligando para o pai.

Quando Paradise levou o celular ao ouvido e andou em círculos, Craeg franziu o cenho.

— O que?

Peyton deu de ombros.

— O pai dela é o Primeiro Conselheiro do Rei. É a coisa certa a fazer.

De início as palavras não fizeram sentido, a corrente de substantivos e verbos, e outras merdas entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Mas então a repetiu mentalmente algumas vezes... e sentiu um estranho frio invadir seu corpo inteiro, das sobancelhas aos tornozelos. Seu coração disparou. Parou. Voltou a bater de forma irregular.

Craeg desviou o olhar para Paradise e ouviu de uma grande distância ela começar a falar apressadamente. Jamais reparou particularmente no sotaque dela antes por sempre estar tão distraído pela sua atração por ela. Mas agora, a cadência, o tom, a inflexão... era tão semelhante ao de Peyton. E não por ela o imitar nem nada assim.

Em voz neutra, ele disse.

— Ela não era somente uma recepcionista naquela casa, era?

Quando o telefone de Butch começou a tocar na lateral de seu corpo, estava preparado para deixar a merda cair em caixa postal... estava em um clube de sexo tentando obter alguma pista de assassinato, pelo amor de Deus. Mas quando a maldita coisa continuou a tocar, ele o pegou e atendeu.

E não conseguiu ouvir Vishous acima de toda aquela música tecno.

— O que? Alô?

Depois da ligação finalizada, uma mensagem de texto do Irmão esclareceu a confusão. A mensagem era curta e grossa, nada mais que um endereço na parte elegante do centro, o número 18 e um tempo de duração: *5 minutos*.

Era o código que usavam para quando estavam na luta e com problemas.

— Temos de ir — disse em voz alta. Voltando-se para Marissa, tomou seu braço e falou em voz mais alta. — Temos de ir. Agora.

— O que? — ela aproximou-se dele. — Mas e se tiver mais lá na frente?

Quando ele só negou com a cabeça e a encarou, ela parou de discutir.

— Ei, Axe — chamou ele. — Temos de ir, tudo bem?

O cara se aproximou.

— Achei que queria ver tudo.

— Outra hora. Te vejo no centro de treinamento.

A saída demorou mais de cinco minutos, o processo de passar pelas várias estações sexuais e quartos temáticos era como tentar abrir caminho por entre um labirinto de jardim de Cinquenta Tons. Assim que

saíram para o ar limpo e frio, e longe do alcance da audição dos seguranças e do pessoal que aguardava em fila para entrar, Butch disse:

— Temos problemas com os *lessers*...

Seu celular tocou de novo e ele atendeu.

— V, estou a caminho, vou deixar Marissa..

O Irmão foi curto, direto ao ponto e muito sucinto, e quando a ligação foi interrompida, Butch abaixou o celular tão lentamente e encarou Marissa.

— Acho melhor você vir também.

— O que foi?

— Acho que descobrimos quem era a fêmea morta.

Minutos depois, estacionou o Lexus na entrada frontal de um prédio de apartamentos elegante que ficava a apenas um quarteirão de distância do Commodore. Uma embaralhada mental no humano e um passeio de elevador mais tarde, e andavam por um corredor que cheirava a morte. V esperava por eles.

E o irmão recuou assim que os viu.

— Que diabos? E a propósito, vocês dois estão gostosos pra caralho.

Butch arrancou a máscara.

— Dá pra sentir cheiro de sangue daqui.

Erguendo as mãos para remover a própria máscara, Marissa recuou.

— Oh, Deus... é ela. É o cheiro dela.

V os guiou pelo apartamento anônimo para um quarto essencialmente vazio que o lembrou de seus dias de policial. E merda. O primeiro impulso de Butch foi se colocar entre sua companheira e todos aqueles sinais de assassinato violento. Mas chega. Matava-o tê-la exposto a tudo aquilo, mas ela tinha razão. Ela tinha de estar ali.

Com a coluna reta e os olhos claros, ela se aproximou da cama... e porra, a imagem dela em pé de costas para ele enquanto olhava para o edredom e travesseiros ensopados de sangue ia lhe dar uma outra nova categoria de pesadelos.

Praguejando olhou para Paradise que estava em pé perto de Peyton, e então viu Craeg, que estava mais afastado no corredor. Finalmente avaliou a cena, anotando tudo o que estava e não estava no quarto.

— Quem chegou aqui primeiro? — perguntou.

Peyton ergueu a mão.

— Fui eu. Minha prima Allishon usava este lugar como... bem, você sabe. Ela o alugava sob seu nome humano. Liguei para o celular dela algumas vezes para chamá-la para vir conosco... os pais dela disseram aos meus pais que estavam sem contato há algumas noites, talvez uma semana, mas isto não era incomum. Quando não obtive resposta dela, pensei em parar por aqui por que provavelmente estaria dando uma puta festa. Entrei pelo terraço como sempre faço... e isso.

— A porta de correr estava destrancada? — perguntou Butch ao erguer as cortinas esvoaçantes e inspecionar uma marca sangrenta de mão na maçaneta.

— Estava aberta. Mas se ela foi pega pelo sol teria rastros, não é? Então ela talvez... — ele interrompeu-se ao se concentrar na cama manchada. — Ela não está bem, está?

Marissa puxou o capuz de látex para trás da cabeça e o deixou pendurado no pescoço. Aproximando-se do macho, tomou suas mãos.

— Eu sou a *shellan* de Butch, Marissa. Sou a diretora executiva de um abrigo contra violência doméstica. Ela veio a nós...

— Então ela está lá? Está viva?

Marissa lentamente meneou a cabeça.

— Sinto muito. Eu chamei meu irmão Havers e ele fez tudo o que podia por ela. Mas ela não sobreviveu.

Os olhos de Peyton voltaram à cama e ficou em silêncio. Então ele sussurrou:

— Isto vai matar os pais dela. Eles perderam meu outro primo nos ataques. Ficarão sem filhos agora.

— Então a porta estava destrancada ou só aberta? — perguntou Butch. — E não quero parecer insensível, mas isto é uma cena de crime e seja lá quem fez isto com ela... temos de pegá-los com urgência.

Peyton negou com a cabeça.

— É, não... digo, ela era uma garota selvagem. Era festeira. Mas não merecia... — pigarreou. — A porta estava totalmente aberta.

Butch traçou as marcas e manchas no carpete.

— A única explicação é que ela de alguma forma usou suas últimas forças para sair e desmaterializar para o Lugar Seguro.

— Como ela sabia como chegar lá? — sussurrou Paradise. — Digo... graças a Deus.

— Ela deve ter ouvido falar da gente — replicou Marissa. — Eu só queria que tivéssemos conseguido salvá-la.

V entrou no quarto.

— Recebi uma mensagem de Tohr e Rhage. Estão em campo e uma briga feia. Tenho de ir ajudá-los... Butch, precisa vir comigo. É uma emergência.

Butch cerrou os dentes e soltou uns palavrões. Então olhou para Marissa.

— Você está bem?

Encarando-o, ela disse bruscamente.

— Contanto que a gente consiga descobrir quem fez isto, vou ficar ótima.

Ele lhe deu um abraço rápido e forte, e sentiu um jorro de orgulho dentro do peito. Então lhe deu uma série de tarefas bem tristes.

— Quero que consiga com ele uma lista das pessoas que ela conhecia, humanos e vampiros — acenou para Peyton. — Então fotografe tudo com seu celular. A porra do lugar todo. Não toque em nada, não mude nada de lugar. Tranque todas as portas que puder. Usem o terraço para irem embora. Então vá até a casa dos pais dela. Eles têm o direito de saber ainda esta noite.

— Deixa comigo — disse ela.

É, pensou ele, posso deixar mesmo.

Deus, ele a amava. Odiava esta situação... mas a amava, amava muito.

Mais um beijo... ele voltou para seu carro tentando mudar seu foco de um tipo de emergência para outro.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Enquanto Marissa apurava com Peyton sobre os conhecidos de sua prima, Paradise pegou emprestado o celular da fêmea e andou por todo o lugar tirando fotografias. A cada foto tirada pensava no que sabia sobre a garota morta. Tecnicamente Allishon também era sua prima, e embora fosse uma conexão bem mais distante que a de Peyton, mesmo assim a perda ainda era dolorosa.

Especialmente depois de ver aquela cama.

Bom Deus. Tanta violência.

Em quinze minutos tinha terminado o quarto, o banheiro, o corredor, a sala de estar... e estava se voltando para a cozinha quando viu algo no chão.

Como o local todo era branco, o brilho de cor na beirada do sofá realmente chamava a atenção.

Abaixando-se nos calcanhares, ela puxou... uma antiquada foto Polaroid.

Franzindo o cenho, percebeu que era... vermelha e rosa. Igual à que tinha achado no ônibus.

A que tinha colocado na bolsa depois de Peyton dizer que não era dele.

— O que é isto? — perguntou Peyton. — Paradise? Vai vomitar?

Ela ficou em pé e foi na direção dele.

— É uma foto... — ao mostrá-la a ele se perguntou se talvez não estava chegando a conclusões precipitadas. Talvez houvesse outra explicação. — Ah, é igual àquela que achei, lembra, no ônibus.

— Tanto faz. Já terminou as fotos? Temos de ir falar com os pais de Allie agora. Preciso acabar com isto antes de perder a porra da cabeça.

— Dois segundos — colocou a foto na jaqueta sem pensar e começou a tirar fotos da cozinha. — Quase terminei.

— Ela está com as cinzas dela — Peyton murmurou em voz alquebrada. — Marissa está com elas.

Paradise abaixou o celular.

— Oh... Deus.

— Ela só foi trocar de roupa e pegar as cinzas antes de ir pra lá. Como eu queria um baseado agora. Não achei... — ele começou a abrir os armários. — Oh, graças!

Quando ele tirou uma garrafa de vodka e a colocou dentro do casaco, ela quis lembrá-lo de que não deviam mexer em nada, mas vamos lá. Como se ela fosse pular em seu pescoço por não seguir as regras em uma noite daquelas!

— Peyton, o que mais posso fazer?

Os olhos dele fixaram nos dela.

— As coisas são como são. Mas obrigado por ter vindo me ajudar.

Com um meneio de cabeça sombrio, ela tirou uma última foto da pia vazia e balcões nus.

— Hum... cadê o Craeg?

— Ele ainda está no quarto.

— Peyton... eu sinto tanto.

Eles foram em direção um ao outro e se abraçaram fortemente. Ela queria dizer a ele que tudo ia ficar bem, mas aquilo já não era verdade...

— Eu amo você — disse ele.

— Amo você também.

Afastando-se dele, ela foi até a porta da frente do apartamento, trancou-a com a mente e então voltou com ele para o quarto.

Craig ainda estava no mesmo lugar, mesmo depois de tanto tempo, e foi até ele pousando a mão em seu braço.

— Você está bem?

— É — ele se virou para Peyton, quebrando o contato. — Ei cara, se precisar de alguma coisa... pode contar comigo.

Peyton se aproximou do cara e eles trocaram um breve abraço, e então todos foram para o terraço, golpeado pelo forte vento que vinha do rio.

Peyton partiu primeiro. E então Craig virou-se para ela.

— Noite longa... é melhor eu voltar. Peyton ligou para o centro de treinamento com seu celular e preciso voltar para o ônibus imediatamente.

— Oh... está bem — mas vamos lá, o que é que ela esperava? Ocorreu uma tragédia. Agora não era hora de uma despedida longa e romântica, pelo amor de Deus. — Então... de qualquer forma, acho que te vejo amanhã a noite. Mas vai me ligar de manhã? Vou trocar de roupa e então vou ajudar Peyton a dar a notícia à família.

— Que bom que você tem seu pai.

— Sim, ele é ótimo.

— Aposto que sim.

— É só que... é tudo tão horrível — quando piscava os olhos, ela via a cama lá dentro. — Tão imensamente feio. Eu me pergunto quem foi capaz de fazer isto.

— Butch vai descobrir.

— Espero que sim. De verdade.

— Tenho de ir.

— Oh... está bem — espere, ela já disse isto. — Você está mesmo bem?

— Tudo bem. Não se preocupe comigo. É melhor você também ir.

Por algum motivo, tinha a estranha vontade de dizer a ele que sentia sua falta... mas aquilo era absurdo. Ele estava ali a menos de dois metros de distância dela. Eles iriam conversar em algumas horas. Ela ia vê-lo na noite seguinte.

— Tenha um bom dia — disse.

Quando ele anuiu, ela fechou os olhos... acalmou-se... e desmaterializou.

Por tantas razões, a partida estranha não foi como ela tinha imaginado o final daquela noite. Nem um pouco.

Craeg não esperou muito. Assim que Paradise sumiu, ele se desmaterializou atrás dela viajando no vento, usando seu sangue nas veias dela como rastreador.

Quando ela parou de se mover pelo ar noturno, ele retomou forma a algumas centenas de metros de distância dela na beira de um gramado que era...

A casa diante dele, no topo da elevação, era do tamanho de uma universidade, o tipo de estrutura grandiosa que devia estar na televisão como campus de alguma faculdade chique ou Deus, talvez... talvez fosse mais como uma espécie de residência real com teto em picos e janelas em forma de diamante, e todo aquele gramado bem cuidado.

Era facilmente do dobro do tamanho da mansão onde o pai dele e o de Axe morreram, por exemplo.

E enquanto Paradise se aproximava da porta da frente, foi sem sensação nenhuma de remorso... não era bem a atitude de um serviçal ou empregado. E um momento depois estava dentro, sem tocar a campainha nem nada. De fato, quando ele se moveu para a esquerda viu pelas janelas revestidas de chumbo um mordomo de uniforme tirar o casaco dela e fazer-lhe uma reverência respeitosa.

O pai dela é o Primeiro Conselheiro do Rei.

Aproximando-se da janela com longas passadas, ele ficou ali no frio exterior, observando-a subir a escadaria e desaparecer no que sem dúvida seria um segundo andar igualmente suntuoso. Ou talvez terceiro. Ou décimo segundo.

Mesmo depois de não conseguir mais vê-la ficou onde estava, olhando fixamente pelas janelas para os antiquados quadros de pintura a óleo, os tapetes elegantes, a seda nas paredes... devia ser seda, não é?

Como caralho saberia?

Virando-se olhou para o enorme gramado, e os arbustos, e os leitos do que sem dúvida eram flores em estações mais amenas. Perguntou-se como seriam os fundos. Provavelmente uma piscina. Um zoológico. Um santuário de pássaros raros.

Ela mentiu.

E não somente uma mentirinha inconsequente.

Isto... isto era uma coisa imensa: ele tinha acabado de tirar a virgindade de alguém que certamente parecia pertencer a uma das Famílias Fundadoras.

De acordo com as Leis Antigas, a situação dele, como um plebeu?

Podia ser condenado à morte por isto.

Enquanto sua raiva crescia, era menos com Paradise e com o que ela manteve escondido dele, e mais por sua culpa em tudo aquilo. Todas aquelas barreiras internas que tinha construído? Aquelas resoluções que tinha feito? Antes de trepar com ela no banheiro da porra de um clube humano, pelo amor de Deus!

Ele tinha derrubado cada uma delas. E pra completar, perdeu seu foco no treino. Tinha se desviado de seus objetivos. Desperdiçou dias em que devia estar dormindo, aulas em que deveria estar prestando atenção, treinos onde devia estar exercitando seu corpo com concentração total.

E tudo por uma fêmea que se importava tão pouco com ele, que era tão egoísta e pretensiosa, que foi incapaz de compartilhar com ele algumas informações pertinentes e relevantes sobre si mesma.

Informação que ela tinha de saber que seriam cruciais para ele.

Foi um golpe perfeito de manipulação que o fez desviar completamente do que realmente queria: entre ela ser uma mentirosa e sua libido descontrolada, ele não teve chance nenhuma.

Que tolo... ele foi tão tolo.

E os tolos tinham exatamente o que mereciam.

Não tinham?

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Sentada na beirada de sua cama de casal, Marissa escovava os cabelos. Ela tinha trocado as roupas que usou depois de tirar o traje de látex e agora usava um dos roupões de cashmere de Butch. De vez em quando levava as lapelas ao nariz e inalava o cheiro dele das fibras.

Precisava de um lembrete da presença dele. De verdade.

Querida Virgem Escriba, tinha tanta coisa na cabeça, imagens, sons, cheiros. E como resultado, ela continuava pensando... como Butch conseguiu viver tanto tempo com isso? Como tinha conseguido investigar todas aquelas cenas de crimes, indo à casa das famílias, dando aquelas notícias várias e várias vezes? Como tinha conseguido absorver os olhares trágicos de um pai e uma *mahmen* e sofrer com eles... O tempo todo sabendo que teria de tentar obter informações deles?

Informações como a última vez que viram a filha. A última vez que falaram com ela. Se tinha desavenças com alguém.

Ela teve cuidado ao fazer as perguntas, às vezes segurando a mão da mãe ou anuindo para o pai. Não foi necessário anotar... jamais se esqueceria de nada daquilo.

E agora estava de volta esperando pela chegada de Butch, são e salvo, para que pudesse lhe repassar tudo.

Mais além da sala de estar, a porta do Pit para o exterior se abriu com um som rangente e um jorro de ar gelado veio pelo corredor... trazendo junto o fedor de *lessers*.

— Butch? — ela ficou em pé e correu. — Butch...?

Os gemidos e xingamentos foram resposta suficiente... e então fez uma curva para o espaço aberto e parou de chofre.

V trazia seu companheiro em um abraço de bombeiro, o Irmão carregou aquele corpo encurvado e ferido para um sofá de couro e o soltou.

Butch sangrava coberto com sangue de *lessers*, meio morto.

Ele também emitia aquele cheiro doentiamente doce de *lessers* consumidos.

Quando ela ofegou e correu para perto deles, V tirou a própria jaqueta expondo os cortes e hematomas... e quando Marissa acariciou o cabelo sujo de Butch, o Irmão se juntou ao macho no sofá, entrelaçando seu corpo de guerreiro ao do melhor amigo. O brilho que surgiu em seguida começou como algo distante ou talvez uma lanterna vista através de uma névoa espessa, mas logo a luz, a sagrada essência da mãe de Vishous, sobrepujou-o, brilhante como a luz do sol refletida em um pedaço de metal, quente como uma lareira, e a única salvação que Butch tinha.

O poder de V era uma maldição no contexto errado, mas um milagre quando usado como agora... por que ia drenar o mal para fora de seu companheiro, resgatando-o, tornando-o forte do jeito que só Vishous conseguia.

Ela jamais se ressentiu desta conexão entre eles, jamais se sentiu ciumenta que outro provesse algo tão necessário àquele que ela amava. Só se sentia grata que houvesse um jeito de manter Butch vivo. Desde que o Ômega o tinha abduzido e infectado, Butch adquirira a habilidade de consumir os *lessers*, destruí-los de um jeito que “matá-los” não fazia: quando Butch os consumia era uma viagem sem volta para fora deste universo.

Mas o custo era tão alto.

Algum tempo depois, a luz começou a se apagar e então os dois só ficaram deitados lá, exaustos. Então Butch entreabriu as pálpebras, seus olhos cor de avelã se voltaram imediatamente para ela, e ele ergueu a mão trêmula.

Com um sorriso gentil, ela tomou sua mão e levou-a até seu rosto, esfregando em sua bochecha.

— Eu te amo, te amo...

— Bem? — ele guinchou. — Você?

— Agora que está em casa a salvo, mil vezes sim.

V abriu os olhos e olhou para ela com olhos revirados. Mesmo que raramente tocasse o Irmão — por que convenhamos, Vishous não era o tipo de cara caloroso e receptivo... ela estendeu a mão e acariciou seu rosto.

Em um raro momento de ternura, ele pressionou um beijo na palma de sua mão.

E então, pouco tempo depois foi hora de colocar o marido no chuveiro. Deixando V caído no sofá, Marissa ajudou Butch a cruzar o corredor para que pudesse colocar as roupas imundas imediatamente na calha da lavanderia.

O banheiro privativo deles era pequeno e confortável, e como sempre fazia nestas ocasiões, fez Butch sentar-se na privada enquanto abria o chuveiro. Quando tudo estava certo, ajudou-o a se levantar, colocou-o sob o chuveiro e o empurrou para o canto.

Tirando o roupão do corpo, entrou com ele.

Ele já estava duro antes dela se revelar. No instante em que viu seu corpo, sua ereção ficou ainda maior.

Haveria tempo para as histórias depois disto. Agora? Só queria aquela aproximação entre eles, os corpos juntos, comunicação sem palavras.

Pegou o sabonete e uma esponja, começou a lavar seu rosto limpando aquelas feições que amava tanto antes de ir para a garganta, o peito, o abdômen rijo. Lavou cada parte dele, mesmo sua ereção, que acariciou com a esponja.

Butch arqueou o corpo sob seu toque. Ele estava fraco demais para fazer qualquer outra coisa, seu peso deslizou até estar sentado no chão de mármore. Com a cabeça baixa, ele a observou limpá-lo.

E então ela largou a esponja.

Ajoelhando-se, sentiu a água quente lavar suas costas ao seu mover por entre as pernas dele.

Ele estava magnífico caído no canto, os braços grandes relaxados, o corpo de guerreiro exausto.

Ainda assim, os olhos estavam ardentes.

Segurando sua ereção com a mão, abriu a boca e abaixou sobre ele engolindo o máximo que pode de sua extensão, sugando pra dentro e pra fora de sua boca.

Em resposta, Butch grunhiu e ondulou os quadris.

Ela demorou bastante ali, provocando-o, aumentando a velocidade e então diminuindo, apertando as bolas dele.

E então olhou para cima.

Ele ainda a observava, as presas alongadas, a boca aberta e arquejando. De vez em quando ele parecia tentar se mover. O máximo que conseguia era mexer a mão.

— Marissa — ele disse roucamente.

— Sim?

Enquanto esperava que ele respondesse, traçou a boca com a cabeça do pau dele. Então correu a língua em círculos ao redor dela.

— Vai até o fim — ele gemeu. — Oh, Deus... até o fim...

O sorriso que ela lhe deu veio de muito fundo.

Então, ansiosamente voltou ao trabalho.

E fez seu trabalho muito, muito bem.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

No anoitecer seguinte, Paradise andava em círculos em seu quarto e closet.

Craeg não tinha ligado. Nem às sete da manhã, quando geralmente ligava. Nem às duas da tarde, quando ele não conseguia dormir. E nem às seis, quando provavelmente já estava de pé e a ponto de comer com Axe na cafeteria.

Obviamente alguma coisa tinha mudado.

E esperava muito que não fosse aquela coisa de uma-noite-e-nada-mais. Alguns machos só queriam o que ainda não tinham, e embora fosse ficar surpresa de descobrir que Craeg era um imbecil destes, não conseguia imaginar o que mais explicaria esta ausência de contato.

Só que... eles foram tão bons juntos. Realmente bons. E ele a tinha tratado tão bem.

E quanto àquela cena horrível no apartamento da garota? Embora o que tivesse acontecido à prima de Peyton fosse trágico, não achava que Craeg pudesse ficar tão afetado a ponto de sofrer um tipo de colapso mental ou emocional...

Quando seu telefone finalmente tocou, ela atravessou o quarto correndo.

Só para praguejar ao ver que era só Peyton.

Quando atendeu, tentou manter a voz normal.

— Ei, como está?

Depois dos dois terminarem aquela tarefa extremamente triste com os pais da fêmea, seguiram caminhos separados durante o dia, mas não sem se falar. Ele enviou uma porção de mensagens incoerentes ao longo das horas, o que a fez achar que ele estava fazendo bom uso daquela garrafa de vodka.

— Então, não temos aula hoje.

— O que?

— Cancelaram por algum motivo, então Anslam e eu vamos ao Restaurante do Sal. Vou chamar os outros também.

Enquanto lutava para se atualizar, uma esmagadora decepção a deixou zozza. Estava contando que veria Craig e...

Peyton não aceitou não como resposta, dizendo a ela para encontrar todo mundo lá em uma hora. Então desligou e ela ficou olhando fixamente para o celular, encarando a tela apagada.

Será que Craig iria? Ela se perguntou.

Está bem, isto era baboseira. Estava farta de ficar esperando como uma garota estúpida.

Respirando fundo, discou o número que havia decorado, um que lhe foi dado depois de três noites trabalhando na casa de audiências. Quando um *doggen* atendeu, ela sorriu profissionalmente — como se o macho pudesse ver seu rosto — como se estivesse fazendo isto por motivos puramente profissionais.

— Alô — disse ela. — Aqui é a filha de Abalone. Sinto muito incomodar, mas poderia fazer a gentileza de transferir a ligação para a clínica do centro de treinamento?

— Oh, mas é claro, senhorita! — veio a resposta alegre. — Quer falar com alguém em particular?

— Na verdade... — talvez isto fosse mais fácil do que pensava. — Estou tentando falar com o primeiro dos quatro quartos lá de baixo.

— Com prazer, por favor aguarde enquanto procuro o ramal — houve um *bip... bip... bip...* — Aqui está, se quiser ligar direto da próxima vez, quer anotar o número?

— Por favor — pegou uma caneta e escreveu o número na lateral da caixa de lenços de papel próxima a ela. — Obrigada.

— Ou pode ligar para cá que nós transferimos, ficaremos felizes em ajudar. Por favor, aguarde.

— Obrigada de novo.

Quando o *bip... bip... bip* veio pela linha, suas mãos explodiram com um jorro de calor e suor, e teve de se sentar por que as pernas começaram a tremer.

Então houve o toque.

— Alô? — disse Craig.

Ela engoliu em seco... e ficou frustrada consigo mesma.

— Pensei que ia me ligar.

Longo silêncio.

— Oi.

— Olha, não tenho paciência para isto. O que diabos está errado?

— Não tem coisas mais importantes pra fazer?

— O que? — disse ela bruscamente.

— Sabe, com o assassinato de sua prima. Sua família deve estar perturbada também.

— Estou mais preocupada com você no momento — naturalmente estava perturbada...

A raiva de Paradise desvaneceu quando as palavras dele se assentaram.

— Oh.

— É, eu te segui até sua casa na noite passada — disse ele. — O que pode até ter sido uma merda de se fazer, mas considerando que você mentiu sobre quem você era e de onde vinha, é uma violação de privacidade até que perdoável. Só de curiosidade... quando é que ia me contar?

Ela levou a mão à cabeça.

— Craeg...

— Eu não te liguei por que não sei na verdade com quem estou falando. Bem, a filha do Primeiro Conselheiro do Rei... Peyton foi gentil o suficiente para me contar.

— Olha, eu...

— Você o que? Quando ia contar, Paradise? — a voz dele ficou mais estridente. — E, a propósito, eu verdadeiramente lamento o que aconteceu àquela fêmea. Como bem sabe, perdi minha família também. Lembra como foi que aconteceu, não é?

Subitamente, a horrível história de seu pai ter sido trancado do lado de fora da segurança enquanto os aristocratas se escondiam dos *lessers* voltou com clareza horripilante.

— Eu não sou como as pessoas daquela casa, Craeg. E me insulta que você me rejeite só por que nasci na minha família. Acha que tive alguma escolha nisto?

— Oh, você não é como eles. Não, não, nem um pouco... você só sentiu vontade de transar a noite passada então deixou um plebeu fazer o serviço, mesmo que isto signifique tecnicamente que posso ser morto por ter desfrutado do prazer de sua companhia. É, você não é nada como eles. Você não mente quando lhe dá na telha, nem nada assim. Não, não você, queridinha.

— Isto é *tão* injusto.

Ele riu em uma explosão dura.

— Espere, espere. Eu sei. Você esperava dar ao seu pai o melhor presente surpresa do mundo. “Ei Pai, adivinhe, estou ficando com o filho de um instalador de assoalhos... *hashtag* Incrível!”

Cerrando os dentes, ela sentiu suas emoções oscilarem entre raiva e pesar, arrependimento e indignação.

— Eu não contei a ninguém quem eu era. Não foi só você.

— Oh, isso faz eu me sentir muito melhor. Obrigado.

— Eu não queria ser tratada diferente! Acha que gosto de ser a filha de Abalone? Acha que gosto de não poder escolher, sem liberdade, sem...

— Então só fui parte de uma fase exploratória sua? Ótimo! Bem, por mim está acabado. Chega de treinar estas versões diferentes de você pra cima de mim... vai precisar procurar outro trouxa. Sabe, Boone deve estar disponível. Ele parecia estar vendo Deus pela primeira vez quando Novo o seduziu ontem.

Paradise levantou-se e começou a andar em círculos pelo quarto.

— Não acredito que esteja sendo tão preconceituoso!

— Preconceit... está brincando? — ele praguejou. — Está bem, vamos pensar nisto hipoteticamente. Aquele baile, que vai acontecer na sua casa na semana que vem... você obviamente ia me chamar para ir com você, certo? Só estava esperando para me contar para que eu pudesse ir como seu... oh, merda. É chamado de acompanhante, não é? É melhor eu aprender estes detalhes antes que você me apresente ao seu pai e eu precise alugar um smoking de cinquenta pratas.

Quando ela não disse nada, ele riu de novo.

— Acho que isso não fazia parte do plano, né? Oh, caso esteja se perguntando, Axe ouviu vocês dois conversando no ônibus. Ele me contou depois de eu voltar ao centro de treinamento e tentou me criticar por estar saindo com você. Expliquei a ele que você e eu não estávamos de fato saindo, mas que eu tinha quase certeza de que se seu carro estivesse precisando ser lavado, você me deixaria usar um balde e esponja.

— Você está passando dos limites.

— E como uma aristocrata, você certamente está em posição de me dizer isto, não é?

— Estou apaixonada por você, seu cuzão — pelo menos isto o calou. — Está bem, eu disse... de onde venho não é permitido dizer isto primeiro por que é de se supor que um macho o fará. Oh, e você quer saber o que mais eu não posso? Não posso estar na presença de nenhum macho sem um acompanhante. Não posso trabalhar ou ter uma carreira... estava naquele emprego de recepcionista unicamente por que meu pai estava desesperadamente precisando de ajuda e eu era a única em quem ele podia confiar. Tive de lutar para conseguir entrar no programa de treinamento... e só deixaram por que menti e disse ao meu pai que nunca lutaria nas ruas. De mim esperavam que eu fizesse bordados, administrasse uma casa e ficasse grávida... e você está de mimimi dizendo que *eu sou* o problema?

— Dá um tempo, ok? — rosnou ele. — Você jamais teve de se preocupar com sua próxima refeição, mora em uma porra de um museu cheio de coisas lindas... e perdoe-me, mas não sabe o que é ter pessoas te esnobando só por que não tirou a sorte grande na loteria do DNA!

— Você está me esnobando! — ela gritou de volta. — É *você* quem só pode estar de brincadeira agora, porra! Você está sendo juiz e júri, já formou sua opinião e eu é que me foda! Você não é nada diferente da *glymera*. Olhe-se no maldito espelho, Craeg. Você está agindo de forma superior e preconceituosa igual a eles.

Quando ela silenciou, respirava com tanta dificuldade, a mão livre estava cerrada em um punho e o coração martelava.

— Isto não vai nos levar a lugar algum — ele murmurou depois de um momento.

— Você está absolutamente certo. Então foda-se. Tenha uma ótima vida... espero que essa sua atitude de superioridade te mantenha aquecido durante o dia!

Paradise desligou o telefone e girou ao redor, erguendo o braço acima da cabeça pronta pra jogar o telefone na parede.

Mas impediu-se. Acalmou-se. Voltou ao foco.

Uau. Perder a virgindade e ter a primeira briga do relacionamento. Oh, e o primeiro rompimento também.

Que ótimas vinte e quatro horas.

Iam tão bem.

Ótimo.

Levou uma boa hora para Paradise se acalmar de tão brava que se sentia. E seu primeiro pensamento coerente foi que não ia ficar a noite toda presa naquele quarto.

Inferno, não. Ela tinha o dia todo para aproveitar aquele tipo de prisão.

Aproximando-se de sua bolsa, remexeu na coisa procurando a carteira. Ia sair para encontrar os outros alunos naquele restaurante italiano e beberia um pouco com eles... mesmo que fosse só refrigerante. E se Craeg estivesse lá? Tudo bem. Tanto faz.

Era melhor se acostumar a tê-lo por perto.

Quando pegou a carteira, estava a ponto de sair... mas parou. Tirando a coisa pra fora, colocou-a de lado em sua mesa estilo francesa. Remexendo na bolsa, procurou em todos os lugares... e até abriu o zíper do bolso frontal para verificar lá dentro.

Franzindo o cenho, entrou em seu *closet* e foi até onde ficavam os casacos. Aquele que tinha usado na noite anterior estava pendurado com os outros e revistou os bolsos laterais dele.

A Polaroid que tinha enfiado lá após achá-la no apartamento estava onde tinha deixado.

Olhando para a imagem, levou a mão à boca.

De volta à bolsa, verificou de novo. Não, a imagem original, a que ela achara no ônibus, tinha sumido.

Lembrou-se de quando tinha revistado a bolsa no centro de treinamento, encontrando o celular no bolso errado.

Alguém tinha mexido em sua bolsa e pegou a fotografia.

Talvez por que ela o ligasse... a um assassinato.

Voltando ao seu telefone, ligou para Peyton.

— Ei — disse quando ele atendeu.

Quando ela ficou em silêncio, ele disse.

— Alô? Paradise?

— Acho...

— A ligação está cortando.

— Não, eu não disse nada.

— Espere — houve um som e então a voz dele ficou distante. — Não, seu maldito idiota. Anslam, eu não vou tomar ácido. Jesus... é, me dê um pouco de ecstasy.

Ela fechou os olhos e se perguntou o que exatamente estava fazendo. Ele estava de luto. E talvez só estivesse sendo paranoica.

— Parry? — houve outro ruído de farfalhar e então ele pegou uma bebida ou algo assim. — O que foi?

— Nada. Sinto muito.

— Ainda vai sair com a gente?

— Agora não — disse. — Vou até o trabalho do meu pai. Eu, ah, fiz uma coisa estúpida a noite passada.

— E o que foi?

— Eu peguei uma coisa do apartamento — olhou para a fotografia e então teve de colocá-la virada para baixo na mesa. Mesmo sem ser muito explícita, era sangrenta demais. — Foi sem querer. Lembra daquela foto que achei?

— A Polaroid? A outra?

— É... preciso entregá-la a Butch e Marissa. Coloquei-a no bolso sem pensar. Imagino que a Irmandade esteja nas ruas e não posso voltar ao centro de treinamento, então vou para a casa de audiência e alguém poderá levar para eles mais tarde.

— É. Bom plano. Então vai nos encontrar?

— Está bem... só vou tomar um banho rápido e me arrumar.

— Você está sempre linda. Te vejo depois.

Desligando, olhou para os pés. Deus, e se um dos alunos estivesse envolvido nesta morte?

Praguejando, Paradise levou o celular com ela para o banheiro, e ao colocá-lo no balcão da pia revirou os olhos pra si mesma. Mas sim, ia atender o telefone se Craeg ligasse. Embora não, ele provavelmente não ligaria. E sim, aquilo era definitivamente uma coisa boa.

De todas as maneiras que eles poderiam ter dado errado... que bagunça.

E francamente, não tinha certeza de querer voltar a trabalhar com ele ou até mesmo que isso fosse possível.

Luxúria, disse a si mesma. Ela sentiu luxúria por ele, não amor. Como era possível se apaixonar por alguém em apenas seis noites, de qualquer jeito?

Deus, queria vomitar, realmente queria.

Vinte minutos depois, vestia um par de calças jeans e um suéter de cashmere. Colocou sapatos confortáveis por que embora estivesse frio não tinha ainda previsão de neve, então pegou o casaco que tinha usado na noite anterior. Colocando a foto no bolso de trás, pegou a carteira, o celular e a...

No criado mudo, o telefone fixo tocou. Aproximando-se, caso seu pai estivesse ligando do trabalho para falar com ela, atendeu.

— Alô?

— Você tem visita.

Ela franziu o cenho para a voz do outro lado.

— Anslam?

— É, sou eu — ele disse tranquilamente. — Peyton me disse para vir te buscar.

— É mesmo? Mas não vou direto para o Sal. Tenho de passar em um lugar antes.

— Então vou com você.

— Não, obrigada. Não vai levar muito...

— Não vai descer?

Oh, pelo amor de Deus. Mas não queria ser rude.

— Está bem. Só um minuto.

— Não precisa se apressar.

Desligando, verificou de novo o cabelo e saiu do quarto. Ao chegar à escada, esperava interceptar Anslam ainda do lado de fora da porta. Sentia-se mal pra caralho por causa da briga com Craeg, e ainda pior por ter esquecido que tinha enfiado aquela fotografia no bolso, retirando-a da cena do crime sem dizer nada a ninguém.

Além de também se sentir mal pela real possibilidade de que a investigação se concentrasse nos alunos.

Descendo a escadaria, viu Anslam em pé lá em baixo sobre o chão de mármore preto e branco, suas roupas da Saks da 5ª Avenida e sua colônia Gucci anunciando a qual classe pertencia, por menos marcantes que fossem suas feições.

Havia algo apenas... sem graça nele, pensou.

Como ele obteve aquela reputação por ser agressivo com fêmeas, não fazia ideia.

Quando um passo guinchou sob seu pé, Anslam se virou para encará-la.

— Ei, garota — disse ele. — Você está bonita.

— Obrigada. Você também.

Quando chegou ao fim da escada e ele abriu os braços, ela foi até ele e deu um beijo em cada lado do seu rosto.

— Olha, sinto muito, mas realmente só vou...

Um som estranho soou no escritório de seu pai e ela franziu o cenho, olhando na naquela direção. Era um tipo de rangido ou um...

— Você disse que ia passar em um lugar? — perguntou Anslam. — Onde?

Ela voltou a olhar para ele.

— Não é nada importante. Eu só... que barulho é este?

Virando-se para longe dele, andou para a frente e olhou por entre o batente ornamentado da entrada da biblioteca.

— Oh, meu Deus!

O mordomo de seu pai, Fedricah, e sua aia, Vuchie, estavam amarrados na frente da mesa, as bocas amordaçadas, os pés unidos.

— Que diabos está acontecendo?

Anslam agarrou-a por trás e virou, empurrando-a e jogando-a ao chão. Quando o choque e a dor momentaneamente a surpreendeu, ele a virou de costas. Colando o rosto no dela, ele pareceu levemente irritado.

— Cadê a fotografia? Que caralho você fez com minha fotografia?

Quando tentou recuperar o controle movendo os braços e pernas, ele rudemente passou a revirar seus bolsos.

— Ah, boa garota — colocou a Polaroid dentro de sua jaqueta de camurça. — Maldição, Paradise... por que caralho você tinha de achar isto? Eu não queria ter de fazer isto com uma fêmea como você. Não faz parte do plano.

Engolindo em seco, ela sentiu gosto de sangue e percebeu que tinha cortado o lábio.

— Você não... precisa fazer isto...

Com um impulso rápido, ele ficou em pé e desapareceu por um momento... e quando voltou trazia uma maleta Louis Vuitton com ele.

— É, tenho que fazer isto. Por que você ia tentar levar aquela Polaroid ao seu pai... é o que disse a Peyton. E você é uma garota tão boazinha, tão conscienciosa, que não ia largar o assunto e ia começar a pensar sobre a conexão... e cedo ou tarde iria bisbilhotar na cafeteria e revirar minhas coisas por que perceberia que alguém no centro de treinamento devia ter tirado aquela foto da sua bolsa. Bela bolsa, a propósito. Adoro Bally. Coisa fina.

Enquanto continuava a falar, Anslam retirou uma seringa.

— Vê, por que sou apegado a meu trabalho preciso manter parte dele comigo sempre, e fotos são a segunda melhor coisa, não acha? São simplesmente fantásticas para aguçar a memória. De qualquer forma, seria quando você juntaria dois e dois quando encontrasse mais delas em minhas coisas. Daí eu estaria fodido... e posso garantir, jamais sou passivo em meus relacionamentos.

Quando ele testou o líquido transparente que esguichou através da agulha fina, seu cérebro ameaçou regredir nela a dor, o choque, a confusão, retorcendo e amarrando suas terminações nervosas, tornando impossível qualquer padrão de pensamento.

Só que então se lembrou do que vinha treinando para fazer nas aulas de luta: era necessário se concentrar, permanecer concentrada. Concentre-se. Permaneça concentrada.

Mas este não era mais um exercício de treinamento... de fato, era precisamente para isto que aquelas lições supostamente a preparavam.

Não era uma aula. Não havia ninguém para salvá-la.

Somente ela mesma.

De repente sua mente ficou superaguçada: estaria morta se ele injetasse o conteúdo daquela seringa nela e só tinha uma chance de escapar.

Fingindo estar indefesa, disfarçadamente olhou ao redor em busca de uma arma, algo, qualquer coisa que pudesse usar...

— Pense nisto como um elogio — disse ele ao abaixar o olhar para ela —, tenho certeza que você eventualmente descobriria que fui eu por que você até que é esperta para uma garota...

Com um impulso poderoso, ela se ergueu e bateu com a cabeça fortemente no rosto dele. Era sua única chance... e atingiu-o em cheio: Anslam rugiu de dor e raiva, e caiu de bunda segurando o nariz. E

então estava em cima dele golpeando-o no peito, arrancando a seringa de sua mão. Apertando o êmbolo até o fim para que a droga esvaziasse no chão, jogou-a de lado.

Não havia tempo a perder.

Anslam gritou e golpeou-a nos ombros, arrancando-a de cima dele. E seu próximo movimento foi dar um soco tão forte no seu queixo que ela literalmente ouviu sinos tocando e a visão falseou. Mas não podia parar para verificar sua situação. Lutando contra a dor e a desorientação, enfiou a mão entre eles e foi direto para as bolas, agarrando-as e então retorcendo seu aperto até ele gritar e se curvar para o lado.

Em pé, ela começou a chutá-lo, mas ele segurou seu tornozelo e girou, derrubando-a.

Eles começaram a rolar, e no fundo de sua mente ouviu Butch dizer que todo combate mão a mão acabava no chão; era só questão de tempo.

Desviando, evitou que ele lhe desse uma chave de braço, mas também falhou em dar uma chave de coxa na cabeça dele. Precisava de uma arma, precisava... da maleta. Se pudesse de alguma forma chegar até lá...

Ele era mais forte do que ela. Era mais rápida do que ele. Seus corpos batiam pesadamente no chão duro, braços e pernas contraídos, punhos golpeando torsos, mais sangue escorrendo pelos seus rostos.

E então aconteceu. Ele de alguma forma conseguiu segurá-la pelo pescoço com ambas as mãos... e então golpeou o chão de mármore com ela uma vez, duas...

— *Foda-se!* — Ela murmurou sem ar.

Levando as mãos aos olhos dele, enfiou os dedos nas órbitas...

Ele desapareceu.

Anslam apenas subiu... e sumiu.

Por um segundo ela se preparou, pronta para que mais golpes a atingissem. Mas então ouviu um grito horrível.

Erguendo o olhar viu Anslam... levitando do chão, o rosto retorcido em uma horrível expressão de terror, sangue escorrendo da boca em um jorro, os pés chutando inutilmente conforme as pernas sofriam espasmos.

Então ele foi jogado de lado, como lixo.

E Craeg revelou-se como o guerreiro que era, os pés firmes, as presas alongadas... uma espada ensanguentada na mão.

Vagamente Paradise percebeu que a arma era a lâmina cerimonial que seu pai devia usar como o Primeiro Conselheiro em ocasiões especiais, a que fora do próprio pai dele antes... a que era mantida pendurada na parede logo acima da porta da frente, como a tradição mandava.

Craeg veio até ela e se abaixou.

— Você precisa de assistência médica. Cadê seu telefone... onde tem um telefone?

— Estou bem, está... tudo bem.

Espere, ela estava chorando. Ou era sangue? Não sabia...

O som de esforço fez sua cabeça voltar.

— Já volto.

Com passos rápidos, ele correu para o escritório com a espada, e momentos depois Vuchie estava ao seu lado e o mordomo estava ao telefone, na mesa.

Foi aí que percebeu que estava vendo em dobro.

— Acho que vou desmaiar — disse para Craeg.

— A Dra. Jane está vindo.

— Não me deixe — disse a ele. — Quero gritar com você um pouco mais.

Ele se ajoelhou.

— Por eu interromper sua briga? Peço desculpas. A propósito, acho que você ia mesmo ganhar... mas não sou homem de apostas. Desculpe.

Ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa... mas apagou.

Seu último pensamento?

Que enquanto algo quente enlaçava sua mão, teve muita certeza de que ele estava segurando sua mão.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Quando Craeg se materializou no gramado de Paradise, não tinha muita certeza se veio para brigar com ela ou para fazer as pazes.

Honestamente não sabia. Pode ter sido qualquer uma das duas coisas.

Depois dela ter batido o telefone na sua cara, tinha vagado pelo centro de treinamento até decidir que, porra, ele ia vê-la pessoalmente. Então chamou um *doggen*, entrou no ônibus e então, assim que chegaram à estrada principal, disse ao cara que não ia esperar até chegarem ao destino.

Eles negociaram uma clareira a oito quilômetros do complexo.

Então ele se foi para o gramado da mansão da família de Paradise.

Onde encontrou a porta da frente totalmente aberta.

No momento em que entrou, viu Paradise embaixo de Anslam tentando arrancar os olhos dele com os dedos.

E foi assim que ele acabou sentado aqui, nesta... biblioteca incrível... com o proverbial sangue nas mãos.

Olhando ao redor, meneou a cabeça na direção da grande pintura a óleo acima da lareira. O macho retratado o encarava diretamente, e Craeg só podia imaginar o que o bom velho garoto teria a dizer se realmente pudesse ver um plebeu de merda como ele sentado em seu sofá de seda. Ou no sofá de seda do seu filho. Ou neto. Que fosse.

— Porra — murmurou ao esfregar o rosto.

É, na verdade ele veio brigar com ela, não pra fazer as pazes. Veio pra provar este ponto: que ela e sua gente eram uma espécie maligna, e estava louca se pensava que ele ia engolir aquela sua merda...

— Só pare — grunhiu.

Voltando a abrir os olhos, olhou para o tapete onde suas botas estavam plantadas. Do saguão vinham vozes. Butch tinha chegado. V. E o mordomo e a aia estavam conversando.

Paradise foi levada lá para cima, e a Dra. Jane estava...

Um macho apareceu na entrada da biblioteca.

Era alto e magro, vestido em um terno impecável que até mesmo Craeg podia dizer que foi costurado a mão por um mestre alfaiate. Com a camisa branca imaculada, a gravata vermelho sangue e o pequeno lenço no bolso do peito, ele era a epítome de um aristocrata.

E sim, tinha até um anel de brasão de ouro no dedo.

E sim, aqueles eram os olhos de Paradise encarando-o do outro lado da sala.

Craeg tirou da cabeça o boné laranja de beisebol ao se levantar. Teve uma vontade absurda de arrumar a camiseta ou tirar o pó dos jeans... ou algo assim. Merda.

O macho aproximou-se dele com uma expressão formidável no rosto.

Preparando-se, Craeg pigarreou.

— Senhor, eu...

O abraço de urso que o atingiu foi tão forte que sentiu que seus ossos se esmagariam e o cara não se afastou, só continuou abraçando.

Quanto a Craeg, ficou em pé lá, como uma estátua.

Por cima dos ombros do pai de Paradise, Butch enfiou a cabeça na sala. Arregalando os olhos, o Irmão fez um gesto para Craeg fazer o seu papel.

Por trás das costas do macho, Craeg ergueu as mãos, tipo “O que eu faço?”

Butch começou a fazer loucos gestos de abraços.

Estremecendo, Craeg de maneira hesitante passou os braços ao redor do cavalheiro. Deu tapinhas naqueles ombros.

— Eu te devo minha vida — o pai dela disse com voz rouca. — Nesta noite você me deu a vida de novo ao salvar a dela.

Finalmente o pai dela deu um passo atrás e pegou aquele lenço para secar os olhos vermelhos.

— Diga, como posso retribuir? O que posso fazer por você? Como posso ser útil a você e aos seus?

Craeg piscou como um retardado. Seu cérebro tinha apagado. E então ele disse:

— Meu nome é Craeg.

Como se o cara tivesse perguntado.

— Craeg. Eu sou Abalone — o macho fez uma reverência. — A seu serviço.

Antes de Craeg poder responder a isso, Peyton entrou e caminhou até ele.

— Fala, cara.

Eeeeeeeeeee, foi hora do segundo abraço.

Quando Peyton lhe deu um aperto que quase quebrou de novo suas costelas, Craeg estava um pouco mais desenvolvido com aquela coisa de retribuir.

— Você fez o trabalho por mim — o cara disse bruscamente.

— Do que está falando?

— Butch disse que foi Anslam quem matou minha prima.

Craeg recuou. O que foi uma coisa boa, pois precisava de um pouco de espaço pessoal. Desde que o perigo tinha passado ao matar o maldito colega de classe, sentia-se como se tivesse entrado em um universo paralelo.

A coisa era, quando ele avançou sobre Anslam como se o fodido fosse um animal, só estava reagindo em defesa de Paradise. A razão pela qual o macho a estava atacando nem lhe passou pela cabeça como relevante naquela hora — e permaneceu não questionada no período confuso que se seguiu.

Peyton contou rapidamente a história e Craeg seguiu a maior parte dela. Pelo menos, achou que seguia.

Anslam e as fotografias instantâneas. Anslam e sua reputação de ser agressivo com as fêmeas. Paradise descobrindo tudo.

Subitamente, Peyton se virou para o pai de Paradise e os dois se abraçaram.

— Então, que tal este cara? — Peyton disse quando se separaram. — Ele é uma espécie de herói, huh?

Está bem, certo, era totalmente desconfortável ter o pai de Paradise olhando-o com uma admiração digna de herói. É, uau... será que ele podia sair agora? Talvez pudesse sair... queria ver Paradise, mas...

— Ele também está apaixonado por Parry, a propósito — anunciou Peyton. — E ela por ele.

Eeeeeee foi quando toda aquela coisa entre ela e ele foi séria, total e fodidamente revelada.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

— Não, estou bem.

Paradise estremeceu ao dizer as palavras. Mas também, a Dra. Jane estava apontando a luz de uma lanterna diretamente dentro seus olhos.

— Você teve uma concussão — a médica anunciou ao se sentar na cama. — Sente-se enjoada?

Bem, Jesus, claro — mas não sabia se era pelo fato de quase ter sido morta por um colega de classe ou totalmente salva pelo macho que tinha mandado se foder há menos de uma hora...

— Qual foi a pergunta? — perguntou. — Espere, sim, sinto um pouco de náusea e minha cabeça lateja um pouco.

A Dra. Jane sorriu.

— Você vai ficar bem. Basta ir com calma. E antes que pergunte, pode ir à aula amanhã à noite, mas não vai poder lutar e vai ter que manejar nos exercícios.

— Oh. Está bem — Deus, não podia imaginar ser impedida de voltar ao centro de treinamento. — Obrigada.

— De nada. Não vou te dar nada além do Motrin que acabou de tomar.

— Oh... está bem. Obrigada.

— E você vai ter de falar com Mary — a Dra. Jane falou ao voltar a ficar de pé. — E não, um “eu estou bem” não vai te tirar desta. É possível que tenha algum tipo de episódio de estresse pós-traumático por conta disso tudo. Seu corpo vai curar mais rápido do que sua mente.

— Quem é Mary?

— Você sabe, é a *shellan* de Rhage. Ela é terapeuta.

— Oh.

Talvez devesse agradecer de novo?

— Estarei por perto se precisar de mim — a médica disse antes de sair.

E então Paradise ficou sozinha.

Era engraçado, mesmo que estivesse a salvo e em seu quarto com os Irmãos lá embaixo... a casa não parecia mais tão segura. E talvez fosse por isto que a conversa com Mary era tão necessária.

Deus... Anslam, um assassino? Talvez até um serial killer?

Ele jamais demonstrara nenhum sinal de desequilíbrio. Parecia relativamente normal, apenas uma pessoa desagradável, igual a qualquer um de sua classe, sua raça.

E pensar que se sentava com ele na aula, treinava ao lado dele, conversava e ria com ele... e enquanto isto ele... brutalizava fêmeas?

Era um pesadelo... antes mesmo de chegar à parte dele tentar matá-la.

Olhando para o relógio ficou ainda mais estressada. Só faltava uma hora para o amanhecer e não sabia onde Craeg estava. Será que ele foi embora?

Ela precisava vê-lo.

Com um gemido, esticou-se em busca do telefone fixo...

— Precisa de ajuda?

Assustando-se, ergueu o olhar para ver o macho em pessoa parado à porta do seu quarto. Ele apontou com o polegar por cima do ombro.

— A Dra. Jane me disse que tudo bem se eu viesse vê-la. Tenho de ir embora e queria ver pessoalmente que ainda estava viva.

Paradise fechou os olhos e teve de virar o rosto para o outro lado. Lágrimas surgiram, velozes e furiosas, mas não queria que ele visse.

Houve um clique suave quando ele fechou a porta, e por um segundo pensou que ele tinha saído. Mas então respirou fundo e detectou seu cheiro.

— Conheci seu pai — ele disse bruscamente.

Voltando a se concentrar, forçou-se a olhar para ele. Ele não se aproximou muito e isto parecia adequado. Seu rosto estava distante, o corpo tenso, a expressão era a de alguém que já tinha saído da casa, mesmo que indiscutivelmente estivesse ali à sua frente.

— Conheceu? — disse baixinho.

— Ele é legal.

— É sim.

Longo silêncio. E então ela decidiu. Foda-se, e pegou um lenço de papel. Assoando o nariz, pegou outro e secou os olhos.

— Desculpe, estou meio emotiva.

— Por que não estaria? Quase morreu.

Amassando os lenços, jogou-os na lixeira perto de sua cama e respirou fundo.

— Me desculpe por ter dito aquelas coisas pra você. Por ter gritado com você.

— Não se preocupe com isto.

— Está bem — Cara, por algum motivo aquela resposta desinteressada, como se nada daquilo tivesse importado particularmente, doeu mais do que sua concussão. — Tudo bem.

— Olha Paradise, você e eu...

— Somos o que? — olhou para ele. — Ou seria mais o que *não somos*? Como em não era pra ser? Esta é a parte em que você diz todas as razões pelas quais não podemos ficar juntos, incluindo, mas não especialmente, por causa de minha classe? Por que se for, tenho quase certeza de que já passamos por isto por telefone.

Quando ele não disse nada e só olhou para o chão como se contasse os pontos em seu tapete bordado, imaginou que ele estava ensaiando o último adeus em sua cabeça. E que seria um ponto final em sua relação, não um “não vou mais te ver de novo”. Por que ela não ia largar o fodido programa; aquilo era certo: nestas únicas noites iniciais — que pareciam doze mil anos, muito obrigada por perguntar — já tinha investido coisas demaaaaaaais para desistir.

— É melhor você ir — disse derrotada. — Só...

— Por que eu?

Ela franziu o cenho.

— Como é?

Ao olhar para ela, os olhos dele estavam mortalmente sérios.

— Acho, não entendo... por que eu? Você podia ter qualquer um da espécie. Digo, linhagens inteiras dariam qualquer coisa para emparelhar um filho com você. Você é literalmente a coisa mais valiosa do planeta... e isto antes de saberem como você é forte, como é inteligente... como é resiliente. Corajosa... e esperta. Eu já disse esperta? — ele olhou de volta para o tapete. — E bonita. E então tem essa sua voz — ele fez um círculo com o dedo perto da cabeça. — Sua voz me deixa louco. Cada dia depois de desligarmos o telefone, eu durmo com a fodida coisa no meu peito. Como se parte de sua voz, parte de você ainda estivesse dentro do telefone.

Está bem, agora estava chorando por um motivo completamente diferente.

Craeg moveu-se pelo quarto.

— Mesmo que você me perdoe por ser um cuzão total... não posso te dar nada disso. O chalé dos meus pais tem, tipo, dois quartos e uma cozinha pequena. Fôrmica nos armários e linóleo no chão, e um tapete muito feio. A madeira é falsa, nada de antiguidades. O móvel mais antigo que tenho é dos anos setenta... e é horrível. Não posso... não posso te comprar joias ou carros...

— Pare.

Ao som de sua voz, ele silenciou.

— Eu não penso assim — sussurrou ela. — E você também não deveria.

— E se isto mudar?

E foi quando percebeu que ele jamais mostrara de verdade a vulnerabilidade que havia nele. E espere, ele estava falando sobre eles ficarem juntos?

— Não vai mudar — ela jurou. — Não me importo com nada disso e isto não vai mudar.

— Como sabe? — disse ele suavemente. — Por que... eu te amo. E se decidir amanhã, na semana que vem... no ano que vem... que era só uma paixonite ou que precisa ficar com outro cara mais classudo do que eu, não vou sobreviver. Esta é a única coisa que vai me fazer cair de joelhos e me impedir de levantar. Então só me deixe ir, está bem? Acabe com meu sofrimento... me deixe ir.

Paradise secou os olhos e teve de sorrir.

— Você acabou de dizer que me ama? — quando ele não respondeu, ela completou: — Eu acho que falou sim.

— Estou falando sério, Paradise.

Subitamente, nada em sua cabeça ou corpo doía e o medo que esteve se espalhando dentro dela como um veneno tóxico em suas veias tinha sumido.

— Eu também — sussurrou ela.

— Então sim, acabei de dizer que te amo. E sinto muito se surtei sobre você e sua família. E também sou um cuzão por te colocar no mesmo patamar que as pessoas que mataram meu pai. Eu não sei... e tudo o que tenho que fazer é lembrar aquela primeira noite quando você não queria me abandonar na trilha. Você fez isto com todo mundo, não só comigo. Você... teria se trancado do lado de fora daquela sala de segurança se isto significasse que caberia mais uma pessoa a salvo lá dentro.

Ele soltou uma respiração entrecortada e secou o rosto com a mão grande, como se lutasse com suas próprias emoções.

— Craeg, só o que posso dizer é isto — esperou até ele olhar para ela de novo. — Eu venci todo mundo naquela noite, não venci? Fui a última a permanecer em pé, certo?

Ele anuiu.

— É. Você foi incrível.

— Bem, eu faria tudo aquilo de novo se isto significasse poder provar o improvável a você... que é meu coração sabe o que quer. É assim simples e descomplicado. Você pode tentar se quiser, adicionar todo o tipo de camadas de explicações do por que eu poderia pensar de forma diferente no futuro, mas meus sentimentos não vão mudar. Eu sabia que você era o cara na primeira vez que te vi, quando apareceu na casa de audiências. Passei semanas me perguntando se voltaria com sua inscrição. Na noite de integração? Esperei e rezei para vê-lo chegar. E quando te vi, só o que podia pensar foi “Graças a Deus ele está aqui.”

Ela estendeu a mão para ele.

— Eu ainda penso isto cada vez que te vejo depois de passar um tempo longe de você. “Graças a Deus... ele está aqui.”

Craeg se aproximou dela suavemente, como se lhe dando chance de mudar de ideia. Mas então, sua mão estava na dela. E então estava sentado ao seu lado na cama. E então estava se inclinando e pressionando um beijo em sua boca.

Só que ele se endireitou e ficou todo sério.

— Eu vou *ahvenge* meu pai. Sei que não concorda, mas não posso mudar isto. Sinto muito.

Ela fechou os olhos como se lhe doesse o peito.

— Por favor... não. E não estou dizendo isto para proteger algum primo distante meu. Já teve morte demais. Estou tentando proteger outra coisa viva.

— Um covarde que matou meu pai.

— Talvez haja outro jeito de fazer justiça — ela apertou sua mão. — Só... vamos pensar nisto. Talvez haja outro jeito. Promete? Por mim. Faça isto por mim.

Houve um longo, longo momento antes dele responder... Mas quando finalmente o fez, pareceu um juramento.

— Tudo bem. Odeio isto... mas tudo bem.

Sentando-se, enlaçou os braços ao redor dele e sentiu-o abraçá-la em retorno.

— Eu te amo.

Eles ficaram assim por um tempo longo, abraçando-se, dizendo coisas pequenas, tocando, sentindo, beijando.

E aí houve uma batida na porta.

E cara, Craeg saiu tão rápido de sua cama que ele praticamente bateu na parede oposta.

Ela riu um pouco.

— Sim?

— É Butch — veio a resposta em voz profunda. — Estou indo embora. Craeg, tem de vir comigo.

— Está bem — Craeg disse indo para a porta.

— Quando vou te ver? — perguntou Paradise. — A aula de amanhã foi cancelada também?

Ele colocou a mão sobre a maçaneta da porta e olhou para ela com olhos semicerrados.

— Atenda seu telefone às sete e vamos falar a respeito.

Com isto e uma piscadela muito sacana, ele se esgueirou para fora e fechou silenciosamente a porta.

Ao se recostar de novo contra os travesseiros, Paradise sorria tanto que as bochechas doíam

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Uma semana depois...

— Espere, então onde o *cuperbatch*¹ está?

Quando Craeg parou na frente do espelho de corpo inteiro no Pit, estava em pânico até Butch postar-se ao seu lado. Naturalmente, o Irmão sorriu para ele como se ele fosse um idiota. O que era mesmo.

— É *cummerbund*² — Butch tirou a faixa e colocou-a ao redor da cintura de Craeg. — Maldição, filho. Você vai ficar bonito.

— Quanto custou tudo isso?

— Quinze mil — houve alguns ajustes e puxões enquanto as coisas eram ajustadas e alinhadas na parte baixa de suas costas. — E as boas novas são que você e eu temos o mesmo porte, então te serviu como uma luva.

Craeg piscou algumas vezes.

— Quinze mil? Dólares?

— Não, pirulitos — Vishous disse da cama. — E se isto faz suas bolas encolherem, multiplique pela quantidade que há naqueles cabides ali.

Craeg olhou para os cabides de roupas no quarto, que de outra forma seria arrumado e organizado.

— Oh, meu Deus.

¹ Homem mulherengo, galinha, mas gostoso.

² Cinto ou faixa.

— É, a Saks o ama — V acendeu outro cigarro enrolado a mão. — E a Neiman Marcus também.

— Vá se foder, V — Butch inclinou para o lado e escolheu um paletó com cauda. — Caras como eu e Craig gostamos de nos enfeitar para nossas damas. É assim que somos.

Pessoalmente Craig preferia estar de jeans. Mas tinha de admitir que a camisa branca impecável com o elegante nó branco na garganta, e os suspensórios vermelho brilhantes com a calça preta risca de giz não eram nada feias.

E então colocou o paletó.

Olhando para seu reflexo, escovou seu cabelo recém-cortado para trás.

— Estou parecendo...

— O homem de quinze mil pratas — Butch deu um tapinha no seu ombro. — Agora dá a porra do fora daqui pra que eu também possa me vestir. O misantropo ali vai ficar em casa por que é bom demais para este tipo de merda, mas você e eu vamos nos divertir pra caralho.

V grunhiu e saiu da cama.

— Mas me ligue se não se divertir. Sempre estou pronto para uma luta corporal e gosto de bater em garotos bonitos.

— Você só está amargurado por que não tem um *smoking*.

Vishous parou na porta e olhou de volta para Craig. Anuindo uma vez, ele disse.

— Ele tem razão. Você está bem. Ela vai ficar orgulhosa de tê-lo como acompanhante. Não deixe nenhum daqueles fodidos idiotas te fazerem sentir como de segunda classe... ela podia ter escolhido qualquer pessoa no mundo e escolheu você. Além disto, nunca ofereça sua mão primeiro a alguém. Vai dar a chance deles te esnobarem. Eles que cumprimentem você e não o contrario, está bem?

— Obrigado — Craig disse bruscamente.

V anuiu e foi para o corredor curto, adicionando:

— Vou bater no Lassiter e depois talvez jogar um pouco de bilhar com ele.

— Divirta-se, querido — Butch zombou. Então voltou a atenção para Craig no espelho. — Deixa eu te levar pelo túnel. Espere por mim no estacionamento. Vou te levar de carro.

— Está bem. Ei... obrigado.

Deus, ele parecia um retardado.

Butch sorriu, exibindo uma fileira de dentes um pouco tortos.

— Eu também emparelhei. Sei o que é estar com uma fêmea que...

Naquele momento Marissa saiu do segundo quarto e...

Craeg recuou. O vestido... os diamantes... o vestido...

Os fodidos diamantes.

A fêmea literalmente cintilava em branco da cabeça aos pés, um estonteante show de beleza e elegância em seu traje de gala.

A Dra. Jane saiu para o corredor.

— Então! Como estamos? Hein? Como estamos?

Craeg olhou por cima do ombro para Butch... que estava parado lá, imóvel como um boi, parecendo estar diante da própria Virgem Escriba.

— Saia, garoto — o Irmão disse em voz gutural. — Tipo *agora*. Estarei lá em dez minutos... não, espere... vinte.

Quando Marissa sorriu para Craeg e disse que estava bonito, ela se maravilhou com o quanto alguém poderia estar totalmente vestido e sentir-se completamente nu ao mesmo tempo.

Mas também, do jeito que Butch olhava para ela, estava muito ciente do que ele estava pensando.

— Vamos, Craeg, eu te levo pelo túnel — a Dra. Jane disse. — E divirtam-se, vocês dois.

— Vá, vá, vá, vá — Butch murmurou para a companheira de V. — Antes que veja mais do que o necessário.

Os dois saíram e a porta para o túnel fechou-se com um clique e trancou. Marissa deu uma voltinha na frente de seu companheiro.

— Gostou?

A resposta de Butch foi cair de joelhos. Tipo, realmente... cair de joelhos com tanta força que ela não soube se o som de estalo foi por ele ter quebrado os ossos ou o assoalho.

Juntando a saia de seu vestido Reem Acra, ela foi até ele.

— Você está...

Ele a pegou pelos ombros, os olhos cor de avelã devorando todo o seu rosto.

— Quero beijá-la, mas não quero arruinar sua maquiagem.

— Então me beije com cuidado.

E ele fez, esfregando sua boca com uma carícia gentil.

— Está de tirar o fôlego, Marissa. Você vai tirar o fôlego de todo mundo.

Ela acariciou o cabelo dele.

— Veremos...

— É, veremos.

Marissa ficou séria.

— Havers não vai. Fiquei meio surpresa. Foi ele quem me indicou para organizar essa coisa.

— Talvez seja o jeito dele de erguer o ramo de oliveira. Permitir que você brilhe sem a complicação de um monte de fofoca.

— É... — pensou no irmão à cabeceira daquela fêmea que fora assassinada. — É quase mais fácil demonizá-lo.

— Sabe, quando se trata de Havers, se quiser e puder perdoá-lo... bem, jamais irei perdoar o que ele fez com você, mas não vou matá-lo se o vir. Está bem assim?

Ela riu.

— Combinado. E não sei. Acho que ainda tenho de ver o que o futuro reserva.

— Eu sei de uma coisa que está para acontecer — ele murmurou, os olhos semicerrados.

— E o que seria, hein?

Seu companheiro levantou-se do chão e circulou sua cintura com as mãos quentes. Inclinando-se, ele sussurrou.

— Serei eu que irei ajudá-la a tirar este vestido mais tarde.

Rindo, ela passou os braços ao redor de seu pescoço e arqueou o corpo para ele.

— Isto significa que terei de tirar suas calças no fim da noite?

— Oh, Deus... — ele gemeu. — *Siiim...*

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Conforme descia a escadaria de sua casa, Paradise mantinha erguida a saia de seu vestido azul claro. A cada passo que dava, pensava na noite uma semana atrás quando encontrou Anslam ali sobre o mármore esperando por ela como se não tivesse acontecido nada, nada errado, nada ameaçador.

Por um momento, sua estrutura mental entrou em pane e um jorro de adrenalina desceu pela sua espinha.

A Dra. Jane tinha razão: a concussão sarou e os hematomas também, mas seu cérebro tinha uma nova trilha, uma que foi forjada muito rapidamente, mas de forma permanente. Mas aquela resposta condicionada ao medo não seria uma prisão. Mary a estava ajudando com isto.

Ao chegar ao último degrau, seu pai saiu da biblioteca.

— Oh... Paradise.

Abaixando a cabeça e o corpo suavemente, ela fez uma reverência leve para ele.

— Pai.

— Você está parecida com sua mãe.

Quando ele estendeu as mãos, ela foi até ele.

— Este é o melhor elogio do mundo.

— Bem, é verdade — guiando-a em um giro à sua frente, ele sorriu. — E tenho algo pra você.

— Oh?

— Venha.

Puxando-a para seu escritório e para a mesa, ele lhe entregou uma caixa pequena e vermelha com a borda dourada.

— Eram dela.

— Pai...

— Não, vá em frente. Pode abrir.

As mãos de Paradise começaram a tremer demais ao aceitar a caixa e abrir a tampa. Quando ofegou, ele deu um passo à frente e tirou a gargantilha antiga de diamantes de seu estojo de cetim.

— Tem quarenta e oito diamantes, um para cada um dos anos que passei com sua amada *mahmen*. Nesta noite, eu te dou de livre e espontânea vontade do mesmo jeito que te ofereço meu amor e respeito. Eu não poderia...

— Espere — ela o interrompeu. Meneou a cabeça. — Não posso aceitar.

— Por que não?

Quando a expressão dele desmontou, ela fechou os olhos.

— Tenho que te dizer uma coisa. É...

Incapaz de permanecer parada começou a andar em um pequeno círculo. Só em que podia pensar era na conversa que tiveram sobre amor e classe, e como ele queria que ela tivesse um emparelhamento aristocrata igual ao que ele e sua mãe tiveram.

Mas diferente de antes de entrar no programa de treinamento, sabia muito melhor quem realmente era agora. E mesmo que lhe partisse o coração, ela ia amar quem quisesse sem levar em consideração classe, raça ou riqueza.

— Pai. Estou apaixonada por um macho. Ele é plebeu e eu não ligo. Na verdade, não acredito que isto o torne menos valoroso do que qualquer outra pessoa. Craeg é...

— Finalmente — exclamou ele. — Finalmente! — puxou-a e beijou em ambas as bochechas. — Estou esperando a semana inteira por isto!

— Pelo que... espere, o que?

— Peyton contou.

— *O que?*

— E concordo com você. Craeg é um macho de valor... e aprovo completamente. Vocês tem minha bênção.

Paradise franziu o cenho e meneou a cabeça.

— Pai... não entendo. Semana passada você estava falando que eu precisava me emparelhar a um aristocrata. Eu sei que Craeg salvou minha vida, mas não é possível que mude tanto de opinião assim e espere que eu acredite.

— Minha querida — ele disse recuando —, quando foi que eu disse que você devia se emparelhar com alguém da *glymera*?

— Estávamos jantando antes de eu sair... e você estava dizendo que eu tinha de ter um emparelhamento igual ao de você e *mahmen*. Dois aristocratas arranjados por suas famílias.

— Não, eu disse que sua *mahmen* e eu conhecemos o verdadeiro amor. É o que quero para você. A parte do amor verdadeiro... contanto que o macho seja bom para você, não me importo com suas origens. Observei longamente nossa classe e não achei sumariamente nada impressionante. Bailes e festas são legais, mas uma pessoa tem de voltar para casa, para quem é emparelhado. Isto é muito mais significativo do que qualquer linhagem... e eu jamais perdoarei se alguém falar...

Paradise se jogou para o pai e apertou-o fortemente.

— Eu te amo tanto. Vou chorar!

Seu pai, seu querido, maravilhoso e perfeito pai riu e devolveu o abraço.

— Vai me permitir colocar este colar em seu pescoço agora? E vai finalmente admitir que Craeg será seu acompanhante esta noite?

— Sim, sim, ele está vindo! Oh, ele é! Mal posso esperar para apresentá-lo adequadamente.

— Nem eu, meu amor... nem eu.

Trinta minutos depois, com filas de brilhantes convidados chegando através da porta de entrada e sendo direcionados até o salão de baile, Paradise pensou... bem, pelo menos ela *achava* que Craeg estava a caminho.

Ele disse que viria.

Realmente disse.

Parada no mezanino do salão de baile, no alto da escadaria que levava os convidados à pista de dança, buscou por entre a multidão. Não achava possível que perdesse a chegada dele. Certamente não com o mordomo anunciando todo mundo que chegava antes que eles descessem para a festa mais abaixo.

Estava bem consciente de que ele pareceu um pouco desconfortável com a ideia de acompanhá-la no baile, mas ele não era o tipo de cara que desistia. Especialmente não até onde ela sabia.

— Ei, bonita.

— Peyton — murmurou ao se virar para o amigo.

Quando se abraçaram, olhou para trás dele esperando ver... não, nada de Craeg.

— Uau, que belo colar — Peyton se inclinou e checou a gargantilha. — Cadê seu homem?

— Não sei — franziu o cenho. — E achei que você traria aquela fêmea, qual é mesmo o nome dela?

— Oh, ela. É. Não. O pai dela ligou para o meu para saber quais eram minhas intenções. Não quero me comprometer, nem nada disto.

— Então por que não chamou Novo?

— Não sei de onde tirou esta ideia?! — ele olhou a multidão. — Bem, hora de achar uma companheira. Tem gente da nossa idade aqui ou só este bando de velhotes caquéticos?... Espere, ouça, acho que aquela fêmea ali ainda tem todos os dentes.

— Peyton. Você devia ter chamado a Novo.

— Quem? — ele a beijou no rosto. — Até mais.

Enquanto ele descia os degraus cobertos pelo tapete vermelho até a multidão, atraiu todo tipo de atenção, um lembrete que seu melhor amigo era um ativo muito valioso para a *glymera*.

O pobrezinho.

E havia outra razão para se preocupar com ele, por ele. Desde aquela noite em sua casa com Anslam, Peyton tinha se fechado. Na superfície ainda era o mesmo, mas o conhecia em um nível que outras pessoas não conheciam.

Algo tinha mudado nele, e ele não ia falar a respeito. Mas também, um amigo dele tinha matado alguém de sua família. Ele tinha muito o que superar ali.

Deus, queria que ele tivesse desabafado com ela. Com alguém.

Enquanto a música tocava e os casais começavam a se dirigir ao centro do salão de baile, afofou suas saias um pouco e percebeu que queria dividir isto com Craeg — mas isto poderia ser esperar demais dele. A maioria dos machos acharia muito chato — ou pior, um castigo.

Bem, tudo bem. Ela não tinha de pensar nisto. E podia usar os malditos diamantes em seu roupão de banho e ficaria perfeitamente feliz. Afinal, o que fazia o colar importante era que tinha sido de sua mãe e agora era dela.

É, seu pai estava tão certo. Por mais elegante que esta multidão fosse com seus vestidos e joias e pose, era uma experiência vazia estar entre eles. Mesmo que pertencesse àquele meio por direito de nascença, estava totalmente distanciada e realmente desinteressada...

— Vai ter alguma banda mais tarde?

Girando, ela sorriu que nem doida... e então parou. Colocou a mão na boca. Deu um passo atrás.

Craeg meneou a cabeça e abaixou o olhar para si mesmo em horror.

— Maldição, Butch jurou que essa parafernália ia funcionar. Ele *jurou*.

— Você está...

Seu macho estava maravilhosamente lindo, estilo 007 de gravata branca e paletó com cauda e sapatos de couro, parecendo tão alto e distinto quanto qualquer um naquele local. Embora fosse engraçado... gostava tanto dele de jeans e boné de beisebol.

Ou vestindo nada. Ainda melhor.

— Espere, esta é... a espada cerimonial do meu pai? — exclamou piscando por entre lágrimas súbitas.

Craeg acariciou a empunhadura dourada que se dependurava de seu quadril esquerdo.

— Ele esperava por mim quando cheguei. Insistiu para que eu a usasse esta noite. Disse que não a confiaria à mão de mais ninguém quando sua filha fosse apresentada à sociedade com um acompanhante macho pela primeira vez.

Paradise teve de pigarrear.

— Isto é... uma honra imensa.

— Eu sei.

— E você cortou o cabelo — disse ela. Embora assim que falou, quis chutar a própria bunda. — Digo...

— Estava meio desleixado...

Ela pulou e o abraçou.

— Muito obrigada por ter vindo...

Craeg riu naquele grande barítono que tinha começado a usar e abraçou-a naquele grande jeito que ele fazia, bem perto de seu corpo para que ela sentisse sua força.

— Eu teria chegado mais cedo, mas meu carona atrasou.

— Você veio. É só o que importa... e oh meu Deus, você está *gostoso*.

— E você está... — ele colocou um pouco de espaço entre eles e pareceu olhá-la direito pela primeira vez. — Uau. Que vestido e... são verdadeiros? São verdadeiros... esse do meio é do tamanho do meu dedão.

— Era da minha *mahmen*.

— É quase tão lindo quanto você.

Enquanto conversavam, ela ficou bem ciente de estar sendo vista e de estarem comentando, e que seria um escândalo, sim, seria.

Foda-se, pensou ao enlaçar o braço no dele.

— Vem comigo?

— Para qualquer lugar que quiser me levar, hoje e sempre.

Guiando seu macho para o topo da escada, anuiu para Fedricah que imediatamente fez uma reverência respeitosa para Craeg.

— Senhor. É uma honra vê-lo esta noite.

E então o *doggen* virou-se para a multidão e em sua melhor e mais formal voz anunciou no Antigo Idioma *Senhorita Paradise, filha de sangue de Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, e o honorável Craeg, filho de Bahl, o mais Jovem, nomeado para a Medalha de Valor do Rei na noite passada pelos serviços prestados à corte real.*

Um silêncio pesou sobre a multidão, e então um fio de conversa sobrepuxou até mesmo a orquestra.

Enquanto isto, Craeg recuou.

— O que foi isto? Eu ganhei o que? Eles fizeram quem?

Paradise deu tapinha na mão dele.

— Meu pai disse a Wrath que você salvou minha vida e o Rei lhe deu um título. Mas eu te amo tanto quanto amava antes. Era pra você descobrir amanhã à noite... acho que nosso mordomo ficou um pouco excitado demais.

— O que?

— Tecnicamente você é um aristocrata agora.

— O QUE?

— Esqueça isto — ela olhou-o nos olhos. — Não muda nada... bem, exceto que tacitamente manda o pessoal do contra se foder.

Craeg piscou e então riu ao olhar para o amontoado de gente.

— Vamos, minha Paradise. E então talvez a gente possa encontrar um lugar mais privado?

Ela se inclinou.

— Já tenho um em mente.

— Esta é minha fêmea, oh sim.

Caminhando com ele, não olhou para a multidão. Pelo que lhe constava, o salão bem podia estar vazio.

Não, ela olhava para seu belo macho.

— Sabe de uma coisa... — disse ela com amor ao descerem para o salão de dança de mármore preto e branco.

— O que?

— Eu sou a fêmea mais sortuda do planeta. Aqui e agora.

É, ela pensou quando o peito dele estufou de orgulho. Ela sabia exatamente quem era... e com quem estava... e eles formavam um puta casal.

— Eu te amo — ele sussurrou ao tomá-la nos braços. — Dance comigo.

